

THE INTERNATIONAL SENSATION



*Beautiful
Malice*

A SEARING STORY OF FRIENDSHIP AND BETRAYAL

REBECCA
JAMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Um segredo devastador
Uma vida destruída
Uma nova amiga que ajuda a esquecer
E se ela não for quem aparenta?
“Esta trama sobre rivalidade leva
a crueldade a novos limites.”

The Independent

“Sentimentos tão eternos quanto universais
com os quais todos se identificarão.”

L'Express

“Esta narrativa impactante sobre a
manipulação psicológica e suas conseqüentes
tragédias apresenta um talento promissor
na literatura de suspense.”

Publishers Weekly

CONVERSÃO E FORMATAÇÃO

<https://www.facebook.com/julioCWmaciel>

Índice

Capa

Aba da frente:

Abas de trás:

Creditos

Parte Um

 Íncio

 Capítulo 1

 Capítulo 2

 Capítulo 3

 Capítulo 4

 Capítulo 5

 Capítulo 6

 Capítulo 7

 Capítulo 8

 Capítulo 9

 Capítulo 10

 Capítulo 11

 Capítulo 12

 Capítulo 13

 Capítulo 14

 Capítulo 15

 Capítulo 16

 Capítulo 17

 Capítulo 18

 Capítulo 19

 Capítulo 20

 Capítulo 21

 Capítulo 22

 Capítulo 23

 Capítulo 24

Parte Dois

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Agradecimientos

Aba da frente:

Após uma horrível tragédia que deixou sua família, antes perfeita, devastada, Katherine Patterson se muda para uma nova cidade e inicia uma nova vida em um tranquilo anonimato.

Mas seu plano de viver solitária e discretamente se torna difícil quando ela conhece a linda e sociável Alice Parrie. Incapaz de resistir à atenção que Alice lhe dedica, Katherine fica encantada com aquele entusiasmo contagiante, e logo as duas começam uma intensa amizade. No entanto, conviver com Alice é complicado. Quando Katherine passa conhecê-la melhor, percebe que, embora possa ser encantadora, a amiga também tem um lado sombrio. E, por vezes, cruel. Ao se perguntar se Alice é realmente o tipo de pessoa que deseja ter por perto, Katherine descobre mais uma coisa sobre a nova amiga. Alice não gosta de ser rejeitada...

Abas de trás:

Rebecca James nasceu em Sydney, Austrália, em 1970. Antes de ter os direitos deste livro vendidos em 35 países, trabalhou como garçone, projetista de cozinha, professora de inglês na Indonésia e no Japão, e como operadora telefônica de uma empresa em Londres. Atualmente, mora na Austrália com o marido e quatro filhos.

Copyright © 2010 Rebecca James

TITULO ORIGINAL

Beautiful Malice

PREPARAÇÃO

Anna Távora

REVISÃO

Clarissa Peixoto

Alice Bicalho

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PROJETO DE CAPA

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29B James, Rebecca, 1970-

Bela maldade/ Rebecca James ; tradução de Maria Luiza Borges, - Rio de Janeiro ; Intrínseca, 2011

Tradução de: Beautiful malice

ISBN 978-85-8057-081-6

1. Aflição – Ficção, 2. segredos – Ficção, 3. Amizade – Ficção, 4. Romance australiano. I. Borges, Maria Luiza X. de A. (Maria Luiza Xavier de

Almeida), 1950-. II. Título.

11-4850. CDD: 828.99343

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./ Fax: (21) 3206-7400



Parteum

Não fui ao enterro de Alice.

Eu estava grávida na época, enlouquecida e desesperada de dor. Mas não era por Alice que sofria. Não, eu a odiava naquele momento e estava satisfeita com a morte dela. Era Alice quem tinha arruinado a minha vida, tomado a melhor coisa que eu já tivera, para estilhaçá-la irreparavelmente em um milhão de pedaços. Eu não chorava por ela, mas por causa dela. No entanto, agora, quatro anos depois e infinitamente mais feliz, enfim acomodada numa vida confortável e rotineira com minha filha Sarah (minha doce e muito séria Sarah), de vez em quando sinto que, afinal de contas, eu deveria ter ido ao enterro de Alice.

O problema é que às vezes eu a vejo – no supermercado, no portão de entrada do jardim de infância de Sarah, no clube ao qual ocasionalmente eu e Sarah vamos para uma refeição barata. Com o canto do olho, capturo vislumbres do cabelo brilhante, cor de milho, de Alice, do corpo de modelo, das roupas chamativas, e paro para olhar, com o coração aos pulos. Levo apenas um instante para lembrar que ela está morta e enterrada, que não pode ser ela, mas tenho de me forçar a chegar mais perto, a me certificar de que seu fantasma não está me assombrando. De perto, estas mulheres de vez em quando se parecem, se bem que nunca, nunca são tão bonitas quanto Alice. O mais comum, porém, é que elas tenham qualquer semelhança com ela.

Aliviada, afasto-me e retomo o que estava fazendo antes, mas todo o calor terá se esvaído do meu rosto, de meus lábios; as pontas de meus dedos estarão formigando desagradavelmente, devido à adrenalina. Sempre é a ruína de meu dia.

Eu deveria ter ido ao enterro. Não teria precisado chorar nem fingir desespero. Poderia ter rido amargamente ou cuspidido na cova. Quem se importaria? Se eu ao menos tivesse visto baixarem o caixão à sepultura, jogarem terra no tumulo, teria mais certeza de que ela realmente está morta e enterrada.

Eu saberia, no meu íntimo, que Alice desapareceu para sempre.

Capítulo 1

- Você que ir? – Alice Parrie olha para baixo, sorrindo. É hora do almoço e estou sentada sob uma árvore, sozinha, absorta em um livro. - Perdão – levanto a cabeça, a mão protegendo os olhos. – Ir aonde? Alice me entrega uma folha de papel.

Eu a pego e leio. É uma cópia vistosamente colorida de um convite para festa de aniversário de 18 anos dela. *Venha você e venham todos! Tragam seus amigos!*, está escrito. *Champanhe de graça! Comida de graça!* Só uma pessoa tão popular e autoconfiante como Alice distribuiria um convite assim; outra mais comum teria a impressão de estar mendigando convidados. Por que eu?, pergunto-me. Sei quem é Alice, todo mundo sabe quem ela é, mas nunca tínhamos nos falado. É uma dessas meninas bonitas, populares, inesquecíveis.

Dobro o convite ao meio e inclino a cabeça.

- Vou tentar. Parece que vai ser divertido – minto. Alice me olha por alguns segundos. Depois dá um suspiro e se deixa cair abruptamente junto de mim, tão perto, que apóia um joelho pesadamente contra o meu.

- Você não vai – diz, sorrindo.

Sinto minhas bochechas corarem. Embora toda a minha vida às vezes pareça uma fachada, uma caixa cheia de segredos, não sou boa em mentir. Baixo os olhos para o meu colo.

- Provavelmente não.

- Mas eu quero que você vá, Katherine – diz ela. – Isso realmente significa muito para mim.

Estou surpresa até mesmo de Alice saber meu nome, mas é ainda mais surpreendente – na verdade, quase inacreditável – que queira que eu vá a sua festa. Sou praticamente desconhecida no

colégio Drummond e não tenho amigos. Vou e venho em silêncio, sozinha, e cuido de meus estudos. Tento evitar chamar a atenção. Sou uma aluna nova razoável, mas minhas notas não são excepcionais. Não pratico nenhum esporte, não me associei a clube algum. E, embora saiba que não posso fazer isso para sempre – viver minha vida inteira como se fosse uma sombra -, por enquanto isso me convém. Estou me escondendo, sei disso, estou sendo covarde, mas neste exato momento preciso ser invisível, ser o tipo de pessoa que não desperta nenhuma curiosidade. De modo que eles nunca precisem descobrir quem eu realmente sou – nem o que aconteceu em Melbourne.

Fecho meu livro e começo a guardar o que sobrou do meu almoço. - Espere. – Alice põe a mão no meu joelho. Encaro-a o mais friamente que posso, e ela tira. – Estou falando sério. Quero mesmo que você vá. E acho que o que você disse para Dan na semana passada foi fantástico. Gostaria muito de ser capaz de pensar em coisas desse tipo para dizer, mas nunca consigo. Não sou tão ágil assim. Sabe, eu nunca teria pensado nos sentimentos daquela mulher daquele jeito. Não antes de ouvir você dar aquela bronca em Dan. Sério, você foi ótima, o que disse estava muito certo, e você realmente mostrou a ele o idiota que ele é.

Sei imediatamente a que Alice está se referindo – a única vez que eu tinha baixado a guarda e me esquecido de mim mesma por um momento. Não costumo mais enfrentar as pessoas. Na verdade, essa é uma coisa que me esforço muito para evitar em minha vida diária. Mas o modo como Dan Johnson e seus amigos haviam se comportado duas semanas antes tinha me repugnado tanto, que não consegui me conter. A escola convidara uma pessoa para nos falar sobre planejamento de carreira e ingresso na universidade. Sem dúvida a palestra foi chata, já tínhamos ouvido aquilo um bilhão de vezes e a mulher que falava, por estar muito nervosa, gaguejava, hesitava e fazia rodeios confusos, o que só ia piorando à medida que a platéia ficava mais ruidosa, mais agitada. E Dan Johnson e seu grupo de amigos medonhos tinham se aproveitado dela. Foram tão cruéis e deliberadamente destrutivos, que a mulher acabou saindo

da sala aos prantos, humilhada. Depois que tudo terminou, parei atrás de Dan no corredor e dei-lhe um tapinha no ombro. Ele se virou com um olhar presunçoso, convencido, claramente prevendo algum tipo de aprovação ao seu comportamento. - Alguma vez já passou por sua cabeça – comecei, minha voz surpreendentemente forte, inflamada de raiva – quanto você feriu aquela mulher? Essa é a vida dela, Daniel, a carreira, a reputação profissional dela. Sua patética tentativa de chamar a atenção significa uma enorme humilhação para ela. Tenho pena de você, Daniel, que deve ser muito triste e pequeno por dentro para precisar derrubar uma pessoa daquele jeito... alguém que você nem conhece.

- Você foi maravilhosa – continua Alice. – E, para ser franca, eu fiquei surpresa. Bem, acho que todo mundo ficou. Ninguém fala com Dan daquele jeito. – Ela balança a cabeça. – Ninguém.

“Bem eu falo”, penso comigo o mesma. Pelo menos meu eu verdadeiro fala.

- Aquilo foi admirável. Corajoso.

E foi esta a palavra que me mobilizou: “Corajoso”. Quero muito ser corajosa. Quero tanto que a covarde em mim seja apagada, despedaçada e destruída, que não consigo mais resistir a ela.

Levanto-me e penduro a bolsa no ombro.

- Ok – digo, para minha própria surpresa. – Ok, eu vou.

Capítulo 2

Alice insiste em que nos arrumemos juntas para a festa. No dia marcado, pouco depois da hora do almoço, apanha-me em seu carro, um fusca velho e castigado, e me leva para sua casa. Ela mora sozinha – conta-me enquanto segue a toda velocidade, costurando entre as faixas muito mais depressa que qualquer motorista com carteira está autorizado a fazer – num apartamento de quarto e sala no centro da cidade. Fico surpresa com isso; na verdade fico atônita. Tinha imaginado que uma pessoa como Alice moraria com os pais devotados numa casa confortável, num bairro residencial. Tinha imaginado que ela fosse mimada, cuidada, paparicada (exatamente como eu era), e o fato de morar sozinha fez com que ela de repente pareça mais interessante, mais complexa do que eu havia imaginado. Fica claro que eu e Alice temos mais em comum do que eu pensava.

Tenho vontade de fazer um milhão de perguntas – Onde estão seus pais? Como consegue pagar um apartamento? Nunca sente medo? Não se sente sozinha? -, mas fico quieta. Tenho meus segredos e aprendi que fazer perguntas só serve para me expor ao risco de ser interrogada também. É mais seguro não ser muito curiosa em relação aos outros, é mais seguro não perguntar. O apartamento dela fica num prédio de tijolos de aparência muito comum. O vão da escada é escuro e pouco convidativo, mas, quando chegamos ao apartamento, ofegantes depois de subir quatro lances de escada, ela abre a porta para uma sala muito colorida e acolhedora. As paredes são de um laranja escuro e estão decoradas com grandes e brilhantes telas abstratas. Dois enormes sofás, de aspecto muito macio, estão forrados de tecido vinho e cobertos de almofadas coloridas com motivos étnicos. Velas apagadas cobrem cada superfície horizontal. - *Voilà!* Minha humilde morada. – Alice me arrasta para dentro e observa meu rosto, cheia de expectativa, enquanto passo os olhos pela sala. – O que acha? Fiz tudo sozinha,

sabe? Você precisava ter visto isto quando me mudei para cá: era muito sem graça e feiosa. Mas é impressionante o que um pouquinho de cor pode fazer por uma sala. É preciso só um pouquinho de criatividade e um pouco de tinta colorida.

-É muito bacana – digo. E não posso evitar sentir uma pontinha de inveja. O apartamento de Alice é tão expressivo e original, tão mais jovial que o apartamento minimalista e moderno em que moro. -É mesmo? Gosta mesmo dele?

-É – respondo rindo. – Gosto mesmo

-Fico tão contente! Quero que você goste dele tanto quanto eu, porque, pelos meus planos, vamos ter muito tempo juntas. E posso ver a gente passando muito tempo aqui mesmo, nesta sala, conversando, conversando e conversando, compartilhando nossos preciosos segredos até altas horas da noite. Já ouvi dizer que as pessoas encantadoras, poderosas, têm o dom de nos fazer sentir como se fôssemos a única criatura no mundo, e agora sei exatamente o que isso significa. Não sei bem o que ela faz, ou como faz – outra pessoa teria parecido excessivamente ávida, até obsequiosa -, mas, quando Alice me dá atenção dessa maneira, eu me sinto radiante, reconfortada pela certeza de ser plenamente compreendida. Por um breve e insano momento, imagino que conto a ela meu segredo. Vejo a cena claramente. Alice e eu nessa sala; as duas um pouco bêbadas, dando risadinhas, felizes e ligeiramente acanhadas com o sentimento de ter feito uma nova amiga, uma amiga especial; ponho a mão no joelho dela para que fique quieta e calada, para que saiba que estou prestes a dizer uma coisa importante, e então lhe conto. Falo depressa, sem fazer pausas, sem a olhar nos olhos. E, quando termino, ela se mostra afetuosa, pronta a perdoar e compreender, como eu havia esperado. Ela me abraça. Está tudo bem, e sinto-me mais leve por contado. Estou livre.

Mas tudo isso é só um sonho. Uma fantasia louca. Não lhe conto nada.

Estou usando meu traje usual, jeans, camiseta e botas, e trouxe um pouco de maquiagem comigo para aplicar antes de irmos para a festa, mas Alice insiste para que eu use um vestido. O closet dela está abarrotado deles, de todos os comprimentos, cores e estilos. Deve haver pelo menos cem, e alguns ainda estão com a etiqueta. Pergunto a mim mesma onde ela consegue o dinheiro, como tem condições de comprar tanta roupa e, mais uma vez, fico tentada a perguntar.

- Tenho um pequeno vício por roupas – diz ela, sorrindo. - É mesmo? – respondo brincando. – Eu nunca teria adivinhado. Alice se enfia no closet e começa a tirar vestidos. Joga-os na cama. - Aqui. Escolha um. Nunca usei a maioria destes. – Ela levanta um azul. – Gosta?

O vestido é bonito, mas eu já bati o olho no que eu realmente gostaria de usar. É vermelho com estampas em *Paisley*, um vestido-envelope amarrado na cintura, feito de algum tipo de tecido stretch. Parece algo que minha mãe poderia ter usado nos anos 1970, e combinaria lindamente com as botas de cano alto que estou usando. Alice está me observando. Ela ri e pega o vestido vermelho. - Este?

Faço que sim com a cabeça.

- É lindo não é? – Ela o aperta contra si e olha no espelho. – Caro também. É um Pakbelle and Kanon. Você tem bom gosto. - É bonito. Por que você não vai com ele? Ainda está com a etiqueta, nunca foi usado. Provavelmente você estava guardando... - Não. Vou usar outra coisa. Algo especial. – Ela segura o vestido na minha frente. – Experimente.

O vestido serve perfeitamente e, como eu suspeitava, combina com minhas botas. O vermelho realça minha pele morena e meu cabelo escuro, e abro um sorriso feliz para Alice no reflexo do espelho. Sinto-me empolgada agora, contente por ter concordado em vir.

Alice vai à cozinha e pega uma garrafa na geladeira. É champanhe. E *rose*.

- Delícia – diz ela, beijando a garrafa. – Meu único e verdadeiro amor. E, ei, na verdade, desde ontem tenho o direito de beber. Ela abre a garrafa, apontando a rolha para o teto, e, sem perguntar se quero, serve uma taça para cada uma de nós. Leva a dela para o banheiro para tomar uma chuveirada e se vestir, e quando sai eu levanto minha taça e tomo um golinho. Não bebo nada desde a noite em que minha família foi destruída. Nem uma gota. Mas, afinal, também não me divirto com uma amiga desde então, de modo que levo novamente a taça à boca e deixo-me deliciar com a sensação das bolhas nos lábios, sobre a língua. Deixo mais um golinho escorregar pela garganta e imagino que posso sentir o efeito imediatamente, o álcool correndo por minhas veias, fazendo meus lábios formigarem, deixando minha cabeça leve. O champanhe é doce e fácil de beber, como um licor, e tenho de me conter para não tomar tudo rápido demais. Saboreio a cada gole, desfrutando a maneira como meu corpo relaxa pouco a pouco enquanto bebo. Quando a taça fica vazia, estou mais feliz, mais despreocupada – *uma menina de 17 anos normal* – e me deixo cair no sofá colorido de Alice, rindo de absolutamente nada, sorrindo, apreciando o peso confortável do meu corpo na cadeira, quando ela volta à sala. - Uau, Alice! Você está... – dou de ombros, incapaz de encontrar uma palavra adequada. – Você está deslumbrante!

Ela ergue os braços e gira na ponta dos pés.

- Ora, muito obrigada, Senhorita Katherine – diz. Alice é bonita; extraordinariamente bonita. É alta, tem seios fartos, pernas longas e bem-torneadas, e o rosto é uma imagem da perfeição: olhos de um azul intenso e glorioso, pele dourada e luminosa. Não sou propriamente feia, mas ao lado dela sinto-me completamente comum.

Enquanto esperamos nosso táxi, Alice leva nossas taças vazias para a cozinha e volta enchê-las de champanhe. Quando me levanto para pegar minha taça, minha cabeça gira um pouco. Não é uma sensação desagradável – na verdade, sinto-me à vontade, solta e relaxada. E essa sensação, essa felicidade estonteante, essa

impressão de que o mundo é um lugar bom e amistoso de repente parece muito familiar, e percebo quanto ela me assusta. É a peça que o álcool prega em nossa mente – convencendo-nos a baixar a guarda, a encarregar o mundo de tomar conta de nós -, mas sei que essa sensação de segurança é apenas uma perigosa ilusão. O álcool nos estimula a correr riscos que normalmente não correríamos – significa que fazemos escolhas estúpidas. E, mais que qualquer pessoa, eu sei como as conseqüências de uma única má escolha podem ser devastadoras. Vivo com elas todos os dias.

Aceito a taça, mas só finjo beber, mal deixando o líquido molhar meus lábios, e, quando o táxi chega, despejo o restante na pia. Alice alugou o salão de baile na cobertura do Hotel Lion. É imenso e grandioso, com enormes janelas de madeira e vistas magníficas da cidade. Há balões brancos, toalhas de mesa brancas, uma banda. Há garçons polindo taças de champanhe e travessas de canapés que parecem ter sido caras. E, sendo essa uma festa privada, ninguém nos pede identidade quando Alice pega champanhe para nós duas.

- Isso é fantástico. – Olho para Alice, curiosa. – Sua mãe e seu pai fizeram tudo isto para você?

- Não – responde ela com um risinho de desdém. – Eles não saberiam nem como oferecer um churrasco, muito menos uma festa assim., - Eles moram em Sydney?

- Quem? – pergunta ela, franzindo a testa.

- Seus pais.

- Não. Graças a Deus, não. Eles vivem no Norte. Pergunto a mim mesma como Alice tem condições de morar em Sydney, como paga o aluguel, eu tinha pensado que os pais a sustentavam, mas agora isso parece improvável.

- Seja como for – digo. – É muita delicadeza sua dar uma grande festa como esta para seus amigos. Acho que nunca seria capaz de ser tão generosa. Iria preferir gastar o dinheiro comigo mesma. Uma viagem pelo mundo ou alguma curtidão desse tipo.

- Generosa? Você acha? - Alice dá de ombros. – Na verdade, não é isso. Gosto de festas. Principalmente quando giram em torno de mim. Não poderia pensar em nada melhor. E, de todo modo, não estou interessada em viajar para o interior.

- Não?

- Não conheço ninguém em outros países, ninguém me conhece. Para que iria?

- Ah. – Sorrio. Pergunto a mim mesma se ela está brincando. – Posso pensar em algumas coisas boas que isso permitiria. Nadar no Mediterrâneo, ver a Torre Eiffel, a Grande Muralha da China, a Estátua da Liberdade... e sem conhecer ninguém. Imagine como deve ser libertador. – Noto que Alice me olha com ceticismo. – Você realmente não tem interesse? - Não. Gosto daqui. Gosto dos meus amigos. Gosto da minha vida. Por que iria querer ir embora?

- Porque... – estou prestes a lhe falar sobre minha intensa curiosidade em relação ao mundo inteiro, a fascinação que sinto por idiomas e estilos de vida diferentes, pela história da humanidade, mas somos interrompidas pela chegada dos primeiros convidados.

- Alice, Alice! – exclamam eles, e vejo-a subitamente cercada por pessoas, algumas que reconheço da escola, outras, mais velhas, que nunca tinha visto antes. Algumas estão vestidas muito formalmente, de vestido longo e terno e gravata; outras, informalmente, de jeans e camiseta, mas todas têm uma coisa em comum: querem um pedaço de Alice, uma fração de seu tempo; querem ser o foco de sua atenção, fazê-la rir. Todas, sem exceção, querem que ela as aprecie.

E Alice se espalha por toda parte, faz com que todos os convidados se sintam bem-vindos e à vontade, mas por alguma razão é comigo que escolhe passar a maior parte da noite. Sempre de braço dado comigo, me arrasta de grupo em grupo e me envolve em todas as conversas. Dançamos juntas e observamos o que diferentes pessoas estão vestindo, quem estão azarando, quem parece estar atraído por quem. Passo horas maravilhosas. Não me

divertia assim havia anos. E, enquanto estou lá, não penso em minha irmã nem uma única vez, nem em meus pais arruinados. Danço, rio e flerto. Temporariamente esqueço tudo o que o que tem relação com a noite em que descobri a covarde imunda e vergonhosa no âmago da minha alma.

Capítulo 3

Depois da festa de Alice, as pessoas são visivelmente mais simpáticas comigo na escola. Nos corredores, recebo sorrisos e acenos de estudantes que não reconheço, e alguns chegam a dizer *Oi, Katherine!*, surpreendendo-me por saberem meu nome e me fazem rir com histórias sobre os outros estudantes, casos e mexericos sobre gente que mal conheço. É divertido e fico encantada com a companhia dela, feliz por não estar mais sozinha. Não questiono por que ela iria querer passar seu tempo comigo. Afinal, eu já fui popular e estou acostumada a ser querida. Alice diz que quer ser minha amiga, parece gostar de minha companhia, ouve atentamente tudo o que tenho a dizer. Isso me deixa grata, lisonjeada e satisfeita. E, pela primeira vez desde que Rachel morreu, sinto algo parecido com felicidade. Na quinta-feira depois da festa, telefono para Alice e a convido para ir à minha casa no sábado à noite. Moro com minha tia Vivien, irmã de meu pai. Gosto de morar com Vivien; ela é afetuosa e gente boa, e sou grata por não estar mais em Melbourne, por poder terminar o ensino médio num lugar onde ninguém ouviu falar de Rachel ou das irmãs Boydell. Passo muito tempo sozinha, pois Vivien viaja muito a trabalho – e, quando está livre nos fins de semana, ela sai com os amigos. Vivien está sempre me estimulando à convidar pessoas para irem ao apartamento e, claramente, acha esquisito que eu nunca participe de atividades sociais, mas acostumei-me à minha companhia e gosto de poder escolher exatamente o que comer, ao que assistir, que música ouvir. - Eu vou fazer o jantar – digo.

- Fabuloso – diz Alice. – Espero que seja uma boa cozinheira. - Sou. Esse é um dos meus muitos talentos secretos. - Hum, segredos? – Ela se cala por um minuto. – Você tem uma porção deles, não é?

Rio, como se a simples idéia fosse absurda.

Passo o sábado nos mercados, comprando comida. Como estava sempre cozinhando antes de Rachel morrer, quando ainda éramos uma família, sei o que estou fazendo e do que vou precisar. Compro todos os ingredientes – *coxas de frango, sementes de cardamomo, iogurte, cominho, coentro moído, arroz basmati* – para fazer um de meus pratos com *Curry* favoritos. Assim posso prepará-lo cedo, antes que Alice chegue, e, quando ela estiver lá, posso deixá-lo cozinhando em fogo brando, apurando o gosto, enquanto conversamos.

Acostumei-me tanto a manter tudo protegido e íntimo, tornei-me tão relutante em deixar qualquer pessoa se aproximar, que me surpreendo ao perceber como estou ansiosa pela companhia de Alice. Não sei quando nem como a idéia de amizade e intimidade se tornou tão atraente, mas de repente a perspectiva de me divertir e conhecer uma nova pessoa é completamente irresistível. E embora eu ainda esteja com medo de revelar coisas demais, ainda consciente de que amizade pode ser algo arriscado, não consigo reprimir essa sensação de alvoroçada expectativa. Volto para casa, preparo o curry, depois tomo uma ducha e me visto. Ainda tenho uma boa hora antes de Alice chegar, e telefono para meus pais. Mamãe, papai e eu deixamos Melbourne cerca de um ano atrás. Havia gente demais que nos conhecia ali, pessoas demais que sabiam o que havia acontecido com Rachel. Era impossível agüentar os olhares curiosos e os cochichos evidentes aonde quer que fôssemos. Vim morar com Vivien para poder terminar o ensino médio no colégio Drummond, uma das maiores escolas em Nova Gales do Sul, um lugar tão grande, que ali eu poderia me isolar, permanecer anônima. Meus pais compraram uma casa poucas horas ao norte, em Newcastle, perto da praia. Queriam que eu fosse morar com eles, é claro, e disseram que eu era jovem demais para ficar longe de casa. Mas a tristeza dos dois começara a me parecer esmagadora; sua simples presença, sufocante, e então eu os convenci de que minha felicidade dependia disso, e eles acabaram por ceder.

- Residência dos Boydell – diz minha mãe, atendendo ao telefone. Mudei meu sobrenome quando vim para Sydney e agora uso o sobrenome de solteira de minha avó, Patterson. Foi surpreendentemente fácil me desvincular de meu antigo nome; fácilimo, ao menos no papel, virar uma nova pessoa. Sinto falta dele, mas ele combina com o meu velho eu, aquele eu feliz, despreocupado e sociável. Katherine condiz com a nova versão, mais sossegada. Katie Boydell não existe mais. Rachel e Katie Boydell, as famigeradas irmãs Boydell... Ambas desapareceram. - Mãe.

- Querida. Eu já ia ligar para você. Seu pai e eu estávamos conversando sobre seu carro.

- Ah é?

- É. Não discuta, meu bem, por favor. Mas decidimos comprar um novo carro para você. Eles são muito mais seguros ultimamente, com esses air bags e tudo mais. Temos dinheiro e parece realmente absurdo deixar você dirigir aquela lata-velha por aí.

- Ele só tem oito anos mamãe. – Eu dirijo o velho Volvo dela, que já é um carro muito novo e conservador para uma pessoa da minha idade. Ela continua, como se eu tivesse falado.

- e nós achamos esse lindo Peugeot. É bem compacto, uma graça de carro, realmente, mas o melhor foi que teve ótimas notas em todos os testes de segurança. Será perfeito para você na cidade. Não adianta nada discutir. Não quero contrariá-la nem criar caso. Desde a morte de Rachel meus pais ficaram totalmente obcecados pela minha segurança, empenhados em fazer tudo o que é humanamente possível para assegurar que eu permaneça viva, e não tenho escolha a não ser aceitar os presentes, a preocupação deles.

- Parece ótimo, mamãe. Obrigada.

- Como vai a escola? Suas notas melhoraram um pouco? - Melhoraram – minto. – Estou me saindo muito melhor. - Estive lendo sobre o curso de medicina na Universidade de Newcastle. É realmente muito progressista, sabe, e tem fama de ser tão boa

quanto o de Sydney. Na verdade, parece mesmo ser o lugar para o estudo de medicina hoje em dia. E, há muitos médicos notáveis que lecionam lá. Isso é algo que eu gostaria que você considerasse, meu bem. Por mim. Você poderia morar conosco... e sabe como isso deixaria seu pai satisfeito... e poderia realmente se concentrar nos estudos sem se preocupar com aluguel, contas ou comida. Nós poderíamos cuidar de você, tornar tudo mais fácil. - Não sei, mamãe, não sei. Neste momento estou gostando de inglês e, na verdade, de história, o saber... ciências não é... seja como for, pensei que eu poderia fazer artes ou coisa parecida. E, mãe, eu realmente gosto de morar em Sydney.

- Ah, claro, que você gosta. O apartamento de Vivien é perfeito, e sei que ela gostaria muito que você continuasse aí. E um diploma de artes é um começo maravilhoso para sua educação. Mas é só um começo, querida. Você vai precisar voltar aos trilhos. Um dia. Quando estiver pronta. Voltar aos trilhos. Quando estiver pronta. Isso é o mais perto que mamãe consegue chegar de mencionar o que aconteceu com Rachel, reconhecendo nossa perda, a vida que tínhamos antes de ela morrer. Eu estava na décima série e me saindo muito bem - era a melhor de minha classe. Esperava ter um desempenho suficientemente bom na décima segunda série para, finalmente, entrar para a faculdade de medicina. Obstetrícia era meu objetivo; eu tinha tudo planejado. Mas, quando Rachel morreu, meus planos foram por água abaixo, as coisas saíram completamente dos trilhos. Os próprios trilhos foram arrancados debaixo de mim, despregados do chão, destruídos.

E descobri, durante esse tempo horrendo, que ciência e matemática, todas essas coisas concretas que antes eu tanto amava, eram completamente inúteis quando se tratava de compreender a dor, de lidar com a culpa. E agora duvido que algum dia eu vá estar pronta para voltar aos trilhos. Estou em outro trilho, só ganhando impulso devagar, muito devagar, e não creio que possa - ou queira - saltar.

- Vou pensar nisso.

- Bom. Vou mandar alguns desses folhetos para você. – Nesse momento ela ri, mas ouço um pequeno engasgo, o sinal de que a conversa lhe deu vontade de chorar. – Juntei uma boa porção deles. Toco o fone, como se assim pudesse lhe dar algum conforto. Mas não há conforto a ser dado. Ela vive sua vida somente em graus de sofrimento. - Sei que juntou – digo, o mais afetuosamente que posso. - Ora. – Sua voz está firme de novo, prática, toda a emoção sob controle. – Vejam só como estou espichando esta conversa. Com certeza você quer falar com seu pai, não é? Ele não está, querida, mas peço a ele para ligar depois. - Tudo bem. Na verdade, uma amiga vem jantar comigo. Eu ligo amanhã.

- Ah, fico muito feliz por você estar se divertindo um pouco. – Sua voz fica embargada de novo, em seguida ela dá uma rápida tossidela para pô-la de novo sob controle. – Tenha uma ótima noite. Vou dizer a seu pai para ligar para você amanhã. Não ligue. É nossa vez de gastar. Quando desligo, estou desalentada; todo o entusiasmo com a noite que tenho pela frente dissipou-se. Arrependo-me de ter telefonado. Não me deixou feliz – e tenho certeza de que só deixou minha mãe mais triste. É sempre assim com mamãe atualmente. Ela está sempre falando, sempre planejando, sempre cheia de idéias e conversas pragmáticas. É como se não suportasse ficar quieta ou não pudesse se permitir um momento de silêncio. Dessa maneira, não dá a si mesma nenhum espaço para lembrar, nenhum espaço para pensar no que perdeu. Isso também impede a pessoa com quem ela está falando de introduzir uma palavra, de falar algo que ela preferia não abordar, de mencionar Rachel.

A maneira moderna de sofrer, a maneira supostamente correta, é falar sobre isso, permitir-se chorar, gritar e lamentar. Meu terapeuta disse que devemos falar. E eu tentei, naquele longo primeiro ano depois que a Rachel foi morta, falar sobre o que aconteceu, expressar minha tristeza, verbalizar nossa perda, confessar meu desespero. Mas papai se recusava a ouvir, e mamãe me interrompia, mudava o assunto, se eu insistisse, ela começava a chorar e saía da sala.

Desisti. Senti-me como se a estivesse torturando e fiquei completamente farta de mim mesma, de minha carência. Ao falar sobre aquilo, eu estivera procurando absolvição, querendo me reassegurar de que os meus pais não me culpavam do que tinha acontecido. Mas eu estava pedindo o impossível, logo percebi. Claro que eles me culpavam – por minha covardia, por minha fuga, pelo fato de eu ter vivido. Claro que, se uma de suas filhas tivesse de morrer, deveria ter sido eu.

E eu não acredito mais que haja alguma maneira melhor de lidar com a perda.. há apenas uma tonelada de dor para carregar – um fardo permanente medonho -, e falar sobre essa carga não a remove nem a torna mais leve. Rachel morreu da maneira mais horrenda que se possa imaginar. Palavras são inúteis contra a crua verdade desse fato. Rachel está morta. Ela desapareceu para sempre, e nunca mais veremos seu rosto encantador, nunca mais ouviremos sua música. Ela está morta.

Por que deveríamos chafurdar nessa realidade, revisá-la incontáveis vezes, cutucá-la, aguilhoá-la e examiná-las, até que nossos olhos sangrassem e nosso coração fosse esmagado com o horror e a inacreditável tristeza desse fato, está além da minha compreensão. Isso não pode ajudar. Nada pode ajudar. Se mamãe precisa ser estóica, fingir que está bem, esconder seu desespero por trás de um véu transparente de decidida eficiência e conversa prática, então tudo bem para mim. Parece uma maneira tão boa quanto qualquer outra de levar adiante sua vida diminuída. Aperto o dedo indicador na pequena cicatriz circular acima do meu joelho. É a única evidência física que tenho da noite em que Rachel foi morta, o único ferimento físico que sofri. A menina errada morreu naquele dia pavoroso em Melbourne. E embora eu não consiga realmente desejar ter sido morta no lugar de Rachel – não sou nem de longe corajosa o bastante para ser mártir -, tenho plena consciência de que a melhor irmã morreu,.

Capítulo 4

Rachel subiu ao palco, e a multidão imediatamente ficou em silêncio. Ela parecia bonita, alta e admirável; o vestido de veludo vermelho – pelo qual meus pais tinham pagado uma pequena fortuna – acentuava sua altura e seu porte. Tinha só 14 anos, mas no palco poderia ter passado por uma mulher de aproximadamente vinte.

Mamãe apertou minha mão, emocionada, e me virei de lado para lhe sorrir. Enlevada, ela fixava Rachel no palco, os lábios franzidos na expressão engraçada que fazia quando se esforçava muito para não abrir um enorme sorriso, os olhos úmidos com lágrimas felizes, devotadas. Do outro lado de mamãe, papai se virou para trocar um olhar com ela, mas o que encontrou foram os meus olhos; sorrimos um para o outro – divertidos com a expressão de mamãe -, explodindo, ambos, de orgulho familiar. Rachel sentou-se ao piano com a saia do vestido elegantemente drapeada sobre as pernas e pôs-se a tocar. Começou o recital com uma sonata de Mozart – uma peça bonita e delicada, cuja melodia me era tão familiar, que eu podia antecipar cada nota, cada fortíssimo e cada crescendo. Observai-a, hipnotizada, como eu sempre ficava pela música que ela criava, mas também pela transformação que ela sofria quando tocava. No palco, toda a timidez e a falta de jeito da minha irmã desapareciam. No palco era majestosa e imponente, tão absorta na execução e na música, que se esquecia de si mesma. Quando estava tocando, era impossível imaginar que ela pudesse ser tímida e insegura, que ainda fosse apenas uma menina. Durante todo o recital, que se prolongou por mais de uma hora, mamãe não despregou os olhos de Rachel nem um segundo sequer. Sempre que ouvia a filha tocar, mamãe parecia se perder, ficar inconsciente do tempo, do lugar e de quem quer que estivesse com ela; mergulhava num estado de quase transe. Eu também tocava piano. Tecnicamente, era bastante competente, tendo passado no exame

para a sétima série no ano anterior, e freqüentemente vencida as competições da escola e os concursos locais. Mas era Rachel que tinha talento genuíno; e já haviam lhe oferecido três diferentes bolsas de estudos internacionais. Se ela deveria aceitar um lugar em Berlim, Londres ou Boston para estudar – a fim de perseguir seu sonho de se tornar uma concertista - , havia sido o principal assunto das conversas em nossa casa durante semanas. Para mim o piano era apenas um hobby agradável, e eu não tinha nenhum desejo de praticar o dia todo, todos os dias. Mas para Rachel o piano era um grande amor, uma paixão, e ela se dedicava incansavelmente a ele.

Rachel era um ano e meio mais nova que eu, e embora as pessoas digam que o filho mais velho é o que alcança mais sucesso, em nossa família acontecia o oposto. Ela era motivada e ambiciosa. Eu estava muito mais interessada em meninos, em festas e em estar sempre com meus amigos do que em alcançar qualquer brilhantismo acadêmico ou musical. Meus pais falavam interminavelmente sobre o futuro de Rachel como concertista. Eles eram devotados à carreira dela. Sei que as pessoas às vezes ficavam chocadas com o que podia parecer favoritismo por parte deles; sua idolatria apaixonada por Rachel ao lado de um interesse aparentemente menor por mim. Tenho certeza de que as pessoas até mesmo se condoíam de mim, na crença equivocada de que eu devia me sentir negligenciada. Mas eu não me sentia. Rachel e eu sempre quisemos coisas muito diferentes. eu estava felicíssima por ela ser a irmã brilhante. Eu sabia quanto ela se esforçava para ser um prodígio, e isso não me atraía. Eu gostava demais de meus amigos e de minha vida social. Rachel podia ser um gênio, mas eu me divertia muito mais – e, a despeito do que alguém de fora pudesse pensar, sempre senti que tinha a melhor parte.

Ela era diferente. Não parecia que precisasse de amigos, como a maioria das pessoas. Isso não quer dizer que fosse fria ou que não gostasse das pessoas, porque não era e gostava. Amava profundamente e generosamente e era ferozmente leal àqueles de quem gostava. Mas era tímida; eventos sócias só a deixavam sem jeito, constrangida, e ela simplesmente não sabia jogar conversa

fora. Podia ser tão silenciosa e reservada que, para os que não a conheciam bem, talvez parecesse distante ou indiferente. Mas, se você conseguisse envolvê-la numa conversa, ficaria surpreso com seu grau de percepção de tudo quanto se passava. Tinha uma sabedoria bondosa e compassiva que não correspondia à sua idade, e quase todos os que faziam o esforço de chegar a conhecê-la passavam a admirá-la. Ela foi a única pessoa completamente sem maldade, inveja ou cobiça que conheci; a única pessoa que eu chegaria a comparar a um anjo.

Assim, apesar do que os jornais disseram quando ela foi morta – todas aquelas especulações penosas e conjeturas equivocadas sobre nossa relação -, nunca perdi de vista o que eu realmente sentia. Eu adorava Rachel, tanto quando ela estava viva quanto depois de sua morte. Eu era – e sempre serei – sua fã número um.

Capítulo 5

Alice chega pontualmente para o jantar e está tão alegre e cheia de energia, que assim que entra e começa a falar eu me sinto melhor. - Meu Deus – diz ela baixinho, correndo os olhos pelo apartamento de Vivien. – Mas isto é um luxo! Seus pais devem ser superestilosos. - Não, não. Esta não é a casa dos meus pais. Moro com minha tia. Ela está passando o fim de semana fora.

- Então estamos só nós aqui?

Faço que som com a cabeça, e Alice salta no ar e grita de alegria. - Puxa! Meu Deus, Katherine, estou tão contente. Pensei que sua mãe e seu pai estivessem aqui. Pensei que ia ser uma coisa solene, do tipo “venha conhecer meus pais”. – Ela revira os olhos. – Como se fôssemos nos casar ou coisa parecida. Graças a Deus. – Alice chuta os sapatos para longe e começa a perambular pela sala, olhando as coisas, apreciando a vista. Estou pronta para explicar a ela por que moro com a minha tia e não com meus pais, alguma coisa sobre a reputação e a qualidade do colégio Drummond se comparada às escolas de Newcastle, o que não é de todo falso. Mas ela está muito mais interessada no apartamento do que em como ou por que eu moro ali.

- Deve ser fantástico morar com tanto estilo – diz, entrando corredor adentro, espiando os quartos. Sua voz é alta e ecoa pelo apartamento quando grita. – Você já deu uma festa aqui? Aposto que não. Vamos dar uma. Este lugar seria um espetáculo. Conheço um monte de pessoas que poderíamos convidar. – Ohh – exclama ela de repente. – Vejam só! – Esticando-se, pega uma garrafa vistosa. – Uísque irlandês. Delícia. Adoro isto. Vamos tomar um pouco.

- Não é meu – digo. – É de Vivien.

- Não faz mal. Vamos repor a garrafa. Sua tia nem vão notar. – Ela leva a garrafa para a cozinha, acha os copos e serve doses

generosas em dois deles. – Tem Coca-Cola aí?

- Infelizmente não.

- Água serve.

Ela vai até a pia, enche os copos de água e me dá um. Dou um golinho. O uísque tem cheiro ruim e gosto ainda pior – amargo, seco e muito forte – e sei que não vou conseguir tomar tudo.

Beber não estava nos meus planos para aquela noite, não tinha nem pensado nisso. Mas a ânsia de Alice por beber me faz compreender como estou fora da realidade. Nem todas as pessoas estão tão aterrorizadas com o mundo como eu – nem todas as pessoas se queimaram. Levamos nossos copos para a varanda e contemplamos a vista da cidade. Alice é quem mais fala, mas sinto-me feliz apenas em ouvir e desfrutar sua energia, sua joie de vivre. E estou ocupada relembando como é me divertir com alguém da minha idade, ocupada em me familiarizar de novo com uma versão diferente de mim – uma versão mais jovem, mais feliz -, a menina que tinha certeza de que a vida poderia ser assim, deveria ser assim: livre, iluminada e cheia de alegria.

- Alô, mundo! – Alice se debruça no parapeito e grita, a voz ecoando á nossa volta. – Alô, mundo!

Dando as costas para mim, ela se apóia na balaustrada, a cabeça inclinada para dentro.

- Quando eu for mais velha, vou ter uma casa exatamente como esta. Só que ainda maior. Mais bonita. Todos os meus amigos poderão me visitar e se hospedar em minha casa. Vou ter um batalhão de empregados também. – Ela empina o nariz e fala com uma voz afetada. – Vou ter criadagem, staff, queridinha. Governantas. Personal Trainers. Mordomos. Tudo isso. Vou ter uma pessoa que aparece todas as noites só para servir champanhe. - É claro – digo. – Do contrário você poderia quebrar uma unha. Ou ficar com os dedos melados.

- Quelle horreur! – Ela arregala os olhos, fingindo alarme, e olha para as mãos. – Ocupar-se de trivialidades envolve tanto perigo... Pretendo me elevar acima disso.

Rio.

- Você vai precisar de um personal barista também. Para fazer seu café da manhã.

- E de um chef para fazer minha comida.

- De um massoterapeuta só para você.

- Um cabeleireiro.

- Um estilista para escolher suas roupas.

- Um jardineiro.

- Um motorista.

- Isso mesmo. – Ela se senta na cadeira próxima à minha e suspira, de modo sonhador. – Nunca vou precisar fazer nada. Nunca serei apanhada reclamando do serviço doméstico o dia todo, todos os dias, como minha mãe. Simplesmente não vou fazer nada. Não vou precisar nem encher a banheira para o banho.

- E se você ficar enjoada disso? Toda essa gente à sua volta o tempo todo. Talvez comece a desejar loucamente ter algum tempo sozinha. - Nada disso – diz ela. – Por que ficaria? Ficar sozinha é um tédio. Odeio ficar sozinha. Odeio. Minha vida não vai ser séria nem chata. Vai ser divertida. Uma festa. Uma festa enorme, interminável, perpétua. Penso, Alice é exatamente o tipo de pessoa com quem devo conviver. Ela vive para o presente e, muito convenientemente, tem uma assombrosa falta de curiosidade pelo passado.

Depois de tomar vários copos de uísque – enquanto eu ainda beberico, lenta e prudentemente, o meu primeiro -, ela anuncia que está faminta, e entramos. Ela serve-se mais um drinque e me oferece um, mas ergo meu copo ainda cheio e sacudo a cabeça. Ela franze o cenho. - Não está gostando?

- Está ótimo, eu acho. – sorrio e tomo um golinho minúsculo, tentando não fazer uma careta. Eu poderia explicar meu medo de álcool, usá-lo como uma desculpa, mas com isso só ficaria parecendo uma mãe ranzinza, uma espécie de puritana excêntrica.

Alice olha para mim por um instante, como se tentasse decifrar alguma coisa, mais depois pousa a garrafa e dá de ombros. - Mais para mim, então – diz.

Servimo-nos do frango ao curry e levamos nossos pratos transbordantes para a mesa da cozinha. O entusiasmo dela pela comida é gratificante. - Delicioso! – diz, sacudindo a cabeça com incredulidade. – Você é fenomenal. Poderia abrir um restaurante indiano. Contesto, mas me sinto lisonjeada e não consigo evitar um sorriso. Meu humor melhorou enormemente. O abatimento que senti depois de conversar com minha mãe desapareceu por completo.

- E agora? – Alice bate o garfo no prato. – Que vamos fazer depois disto?

- Poderíamos jogar alguma coisa. Tenho Palavras Cruzadas. E Perfil. Ela sacode a cabeça.

- Maçante. Não consigo me concentrar em Palavras Cruzadas por mais de um segundo. É quase um dever de escola. Que tal Imagem e Ação ou Mímica? Alguma coisa divertida.

- Mas precisamos de mais gente para esses jogos. Alice fica calada por um minuto, pensativa, depois olha para mim e sorri.

- Conheço uma pessoa que poderia vir para cá. Distrair a gente um pouquinho.

- Mesmo? – Obrigó-me a sorrir, mas estou desapontada. Estava me divertindo imensamente e não acho que precisemos de nenhuma distração. O fato de ela querer convidar outra pessoa faz com que eu me sinta entediante. – A esta hora da noite?

- São só 9 horas de uma noite de sábado! As boates ainda nem abriram. Dou de ombros.

- Quem?
- Robbie.
- E?
- E o quê?
- Quem é Robbie?
- É um amigo meu. Trabalha como garçom num restaurante muito chique. É engraçadíssimo. Você vai gostar dele.

Ela pega seu celular e começa a discar antes que eu tenha a chance de fazer qualquer outra pergunta. Ouço-a convidando-o – a voz confiante, grave e sedutora – e me pergunto se alguma vez ela já se sentiu tímida ou insegura. É difícil imaginar.

- Logo, logo ele estará aqui. – Ela se levanta, se estica e esfrega a barriga, satisfeita. – Foi uma idéia muito boa, Katie. Comida maravilhosa, boa companhia e muita diversão ainda por vir.

- Katherine – digo. – Não sou Katie. Sou Katherine. Alice inclina a cabeça de lado e me lança um olhar zombeteiro. - Mas você tem cara de Katie. Realmente tem. Você não foi sempre chamada de Katherine, foi? Quando era mais nova? Um nome tão imponente, tão adulto, para uma garotinha. E Katie é lindo. Uma graça. Combina com você.

- Não – respondo. – Sou Katherine. Apenas Katherine. – Tento manter a voz alegre e amistosa, mas ela sai áspera, uma reação exagerada. Sinto-me como uma dessas pessoas irascíveis, afetadas.

Nunca tive o costume de me importar com o modo como as pessoas me chamavam – Kat, Katie, Kathy, Kate, gostava de todos esses apelidos - , porem não consigo mais suportar nenhuma das versões abreviadas do meu nome. Essa garota breve, cuca fresca, não existe mais. Agora sou Katherine Paterson até a medula.

Uma sombra de irritação passa pelo semblante da Alice, e ela olha para mim quase friamente, mas um instante depois seu rosto se desanuvia, ela dá de ombros, sorri e assente com a cabeça.

- Certamente. Afinal, Katherine é mais distinto. Como aquela velha atriz. Como é o nome dela, você sabe, eles fizeram um filme... Katherine Hepburn. E um nome mais longo condiz com seu ar de mistério. - Ar de mistério? – Dou uma risadinha, contente por ter uma desculpa para mudar de assunto. – Não acho isso.

- Mas você tem. – Alice se inclina para a frente. – Todo mundo na escola fica intrigado com você. Tão bonita e inteligente. Tão calada, discreta e reservada, mas não por ser tímida ou medrosa, nada disso. É como se você simplesmente não quisesse se envolver. Como se tivesse, ah, sei lá, uma espécie de segredo grande e soturno e não quisesse fazer amizades para que ninguém descobrisse. Você deixa todo mundo curioso e intimidado. Algumas pessoas até mesmo acham você esnobe.

- Esnobe? É mesmo? Bem, estão erradas. Não sou. – Levanto-me e começo a tirar a mesa, evitando o olhar de Alice. A conversa começa a me deixar incomodada; está chegando perto demais da verdade. Tenho um segredo. Um segredo grande, soturno, como ela disse. E embora eu não seja esnobe, é verdade que não quero me envolver com ninguém e evito fazer amigos, exatamente por esse motivo. Claramente não consegui me apagar tanto quanto havia desejado.

Mas Alice ri.

- Ei, não fique aborrecida. Vamos, estou só provocando. É legal ser misteriosa assim. Gosto disso. Você é distante. Provavelmente eu estou só com inveja. Gostaria de ser um pouco mais desse jeito. – Ela põe a mão no peito e fecha os olhos. – Uma mulher misteriosa com um passado trágico. Estou espantada com o quanto Alice chegou perto de descobrir a verdade. Sinto-me exposta e constrangida e tenho de reprimir um impulso de sair correndo e me esconder. Manter meu segredo em segurança. Tenho medo de que Alice leve essa conversa adiante, me interrogue até descobrir tudo, mas ela dá de ombros, passeia os olhos pela sala e sacode a cabeça. - Meu Deus este apartamento é deslumbrante. Precisamos organizar uma festa de qualquer maneira. – Ela se levante e tira os pratos de

minhas mãos. – Você cozinhou. Eu lavo a louça. Sente-se. Tome mais... – olha para o meu copo e sacode a cabeça – um ou dois milésimos de gole da sua bebida. Ela enche a pia de água quente com sabão, começa a lavar os pratos, depois volta à mesa para conversar mais um pouco, me contar outra história. Ouvimos uma batida à porta.

- É Robbie! – ela bate palmas, radiante, e sai correndo pelo corredor. Ouço-a cumprimentando alguém, rindo e fazendo exclamações. Ouço o som grave da resposta do rapaz. E logo ele aparece na cozinha. É alto, louro e muito bonitão, um tipo atlético, saudável. Sorri para mim e estendo a mão.

- Katherine. Olá. Eu sou Robbie.

- Olá.

O aperto de mão é firme, cálido e seco. O sorriso é franco e encantador, e, pela primeira vez no que parece ser uma centena de anos, sinto um leve mais inconfundível sentimento de atração. Percebo que começo a corar. Afasto-me e ocupo-me dos pratos; a maioria continua suja e empilhada ao lado da pia.

- Vou só acabar estes. Não levo mais que um minuto. - Não, não. – Alice me pega pelos ombros e me puxa. – Eu cuido deles mais tarde. Prometo. Agora vamos nos divertir.

Sobrou muito frango ao curry e ela insiste para que Robbie experimente um pouco.

- Isso está bom? – Ele olha para mim, constrangido, enquanto ela lhe serve um prato enorme.

- Está ótimo. Sinceramente – digo com convicção. Fiz comida de mais. O suficiente para seis.

Alice pergunta a Robbie se ele gostaria de beber alguma coisa, mas ele sacode a cabeça, fala algo sobre treino de futebol e se serve de um copo d'água. Observa Alice se servir de mais um drinque. - Uísque? – pergunta. – Isso é um pouquinho hard-core, não é? - É – responde ela com uma piscadela sugestiva. – Hard-core. Como eu.

Nós três saímos de novo para a varanda, e Robbie come com entusiasmo. De início me sinto um pouco acanhada com ele, mas é tão simpático e tão agradável com relação à minha comida, e sua conversa é tão divertida, que logo me cativa. Ele tem 20 anos e trabalha como garçom num restaurante caro, e num instante estou rindo à solta das histórias que conta sobre todos os clientes irritantes com os quais tem de lidar. Quando começamos a sentir frio, passamos para dentro de casa e nos sentamos no chão da sala de estar. Todo o uísque que Alice tomou está começando a fazer efeito. Ela está com as faces ruborizadas, os olhos injetados. A voz está sensivelmente enrolada e ela está falando alto, interrompendo Robbie a todo instante para concluir suas histórias por ele. O amigo não parece se importar, contenta-se em sorrir com indulgência quando ela o interrompe e a deixa falar.

Ele a ama, concluo comigo mesma. A maneira como olha para ela, a maneira como atendeu a um chamado tão de última hora numa noite de sábado. Ele está completamente apaixonado por ela. Alice se levanta e vai examinar a coleção de CDs de Vivien no aparador. - Meu Deus! – exclama. – Eu devia ter trazido meu iPod. Isto tudo é tão velho. Tão anos 1980! – Mas acaba escolhendo um álbum do Prince e o coloca no aparelho.

- Minha mãe adora esta música – diz. – Quando a ouve, dança o tempo todo. Você devia vê-la dançando, Katherine. Ela é inacreditável. Parece uma artista de cinema. Fica surpreendentemente linda quando dança. – Ela aumenta o volume e começa a balançar os quadris de forma sedutora. Alice está sorrindo, de olhos fechados, e não consigo deixar de me espantar com essa inesperada admissão de admiração e de afeição pela mãe. Nas poucas vezes que a ouvira falar sobre os pais anteriormente, ela fora desdenhosa, quase como se os odiasse.

Robbie e eu continuamos sentados, vendo Alice dançar. Ela dança bem, é graciosa e sexy, e Robbie, com os olhos levantados fixos nela, sorri. Ele parece completamente fascinado, e penso comigo mesma como seria bom ser amada, como seria emocionante

ter alguém interessado em mim dessa maneira. E, pela primeira vez desde que Rachel morreu, desde Will, permito-me imaginar que um dia eu talvez venha a ter alguém como Robbie para amar. Alguém bonito, gentil e inteligente. Alguém que também me amará – apesar de quem sou e do que fiz.

Capítulo 6

Quando a primeira musica termina, começa outra com uma batida mais rápida, e Robbie se levanta de um salto e me puxa. E então dançamos, os três, soltos e a vontade uns com os outros. Dançamos bem juntos, nossos corpos se tocando, nossos quadris e coxas se chocando, abraçados. Robbie enlaça Alice pela cintura. Beija-a, e eu os observo, os corpos muito colados. São ambos muito bonitos, combinam perfeitamente. Alice nota que estou olhando e sorri, depois cochicha no ouvido de Robbie. Ele a solta e me abraça, me aperta com força, depois se inclina para trás, põe as mãos nas minhas, se curva e pressiona os lábios contra os meus. É um beijo casto, quase fraternal, mas não deixa de ser emocionante. Alice sorri, me dá uma cotovelada, solta risadinhas. Em seguida nós três nos abraçamos e rimos, e eu me sinto delirantemente feliz. Sinto-me querida. Sinto-me atraente. Sinto-me jovem de novo. E quando a vozinha começa na minha cabeça - a voz que me diz que não mereço a felicidade, que não devo me apoderar do que Rachel não pode ter -, recuso-me a ouvi-la. Decido, ao menos por esta noite, ignorar aquela parte de mim que desaprova tudo o que quero. Estou atordoada e despreocupada. Sou Katie Boydell. Só por uma noite. Jovem, feliz e impetuosa. Engraçada e audaciosa. Katie. Apenas por uma noite, Katherine desapareceu e posso ser eu.

Então rimos, dançamos e nos abraçamos ao som de musica após musica, nossos rostos brilhando de suor. Ficamos com sede e precisamos ir à cozinha pegar água. Quando paramos de dançar, tiramos as almofadas do sofá, improvisamos uma cama com travesseiros e cobertores e desabamos no chão. Conversamos sem parar até 3 da manhã – e nosso sono é o sono dos exaustos, pesado, profundo e tranqüilo, uns perto dos outros, as pernas entrelaçadas, de bruços.

Quando acordo, Alice está enroscada perto de mim. De lado, em posição fetal, tem os punhos fechados diante do rosto. Parece um

anjo adormecido preparando-se para lutar, um boxeador de ar estranhamente inocente. Respira rápido e superficialmente, e posso ouvir um guincho agudo produzido por seu nariz conforme o ar entra e sai. As pestanas tremulam e percebo seus globos oculares se agitar sob as pálpebras. Sono REM. Sonhos. Desvencilho-me devagar e o mais silenciosamente que posso. Ainda estou com minha saia e minha camiseta. Vou direto para o banheiro, tiro a roupa e entro debaixo do chuveiro.

Depois do banho, visto-me e vou para a cozinha. Robbie está junto à pia, lavando pratos, e quase terminou a pilha que ficara da noite anterior – a bagunça que Alice prometera limpar. - Olá – digo. – Muito obrigada. Mas você não devia fazer isso. - Bom-dia. – Ele levanta os olhos, sorri e, apesar do cabelo despenteado e dos olhos injetados, ainda parece incrível. – Não se preocupe. Não me incomodo de lavar louça. Para falar a verdade, até gosto. Lembro-me de quando era criança e ficava olhando minha mãe fazer isso. Sempre achei que parecia divertido. Todas as bolhas. A água. – Ele suspende uma bolha na palma da mão e a sopra, fazendo-a cair de volta na pia. – Como está? Cansada? Só tivemos umas quatro horas de sono.

- É, eu sei. Estou um pouco quebrada. E você?

- Estou ótimo. Pronto para um dia jogando futebol e uma longa noite servindo pentelhos no restaurante.

- Coitado. Você devia voltar para a cama. Durma um pouco mais. - Não. – Ele dá de ombros. – Estou acostumado. Quer uma xícara de chá? Vou aquecer a água.

- Adoraria. Mas eu mesma faço. Sou muito meticulosa com relação ao meu chá.

- Ah, é?

- Só tomo a coisa muito bem-feita, sabe, a folha de chá inteira, o bule. As pessoas acham que sou maluca. Meu perfeccionismo irrita todo mundo. É sempre mais fácil eu mesma fazê-lo.

- Isso é legal. Eu também prefiro a bebida bem-feita. Tem um gosto muito melhor. Minha mãe detestava saquinhos de chá. - Detestava?

- Antes de morrer. – Ele baixa os olhos para as mãos, mergulhadas na água. – Pouco mais de um ano atrás.

- Oh, Robbie, sinto muito. Eu não sabia.

- Não – diz ele. – Claro que não.

Eu podia deixar as coisas assim, mudar de assunto e falar sobre algo mais feliz, algo menos intenso, mas lembro o que as pessoas costumavam fazer quando Rachel morreu. Lembro como parecia estranho e penoso ter o assunto de sua morte posto de lado e descartado como se não tivesse mais importância do que uma conversa sobre o tempo. Por isso não mudo de assunto.

- Você deve sentir muita falta dela, não é?

- Sim. – Ele levanta a cabeça, e seus olhos estão marejados de lágrimas. Abre um sorriso triste. – Sim, eu sinto.

- E seu pai? Como ele está?

- Está bem, eu acho. Mas é difícil saber ao certo, não é? Porque não quero simplesmente chegar e perguntar a ele.

- Por que não?

- Porque... e se ele não estiver bem? Como vai ser? Afinal, o que eu poderia fazer diante disso?

Sei que é melhor não lhe dizer banalidades sem sentido, mentir que palavras podem curar. Porque sei que não curam, não podem. Palavras são só palavras, ajuntamentos de sons impotentes contra a força da verdadeira dor, do verdadeiro sofrimento.

- Nada. Você não poderia fazer nada. Realmente nada. - Isso mesmo. E quando a gente diz a verdade um para o outro, como a gente se sente, isso só aumenta nosso mal-estar, porque depois temos de nos preocupar com o sofrimento do outro pobre coitado, além de lidar com nossa própria merda.

- É. – Dou de ombros. – Provavelmente é melhor lidar apenas com nosso sofrimento do nosso modo. E por fim, se Deus quiser, ele ficará menos intenso. Ocupará menos espaço em nossa cabeça a cada dia. Robbie concorda. Depois ficamos em silêncio por um minuto. Espero, dando a ele a escolha entre continuar a conversa ou falar sobre outra coisa. Suas próximas palavras saem depressa, num fôlego só. - Eu estava pronto para sair de casa quando ela ficou muito doente, então fiquei porque queria ajudar e porque queria ficar com ela, sabe, passar o máximo de tempo possível com ela antes que morresse... porque a essa altura nós já sabíamos que certamente ela iria morrer, era só questão de tempo. Mas isso foi há mais de dois anos. E ainda estou lá. Tenho 20 anos e ainda moro na casa dos meus pais porque sinto muita pena do meu pai para me mudar. Mas a coisa realmente estúpida é que nem sei se ele de fato me quer lá. Provavelmente deseja que eu caia fora para que ele possa ficar sozinho, para que possa se espojar em paz. Certamente ele acha que quero a companhia dele. Está tudo... está tudo muito atrapalhado. - Então seu pai continua muito triste?

- Em geral ele está bem. Ou, pelo menos, age como se estivesse. Normalmente é forte e muito a fim de levar as coisas adiante, e de garantir que a casa esteja feliz, limpa, cheia de comida e todas essas coisas. Você sabe, estamos sempre recebendo amigos à noite para uma pizza e uma cerveja, como se tudo estivesse ótimo, como se a vida não pudesse estar melhor, mesmo sem uma mulher em casa. Mas certa noite, cerca de uma semana atrás, eu estava indo para o quarto dele, ia lhe contar alguma coisa. E parei um minuto junto à porta, não sei por que, talvez... enfim... parei e o ouvi chorando. Chorando mesmo, sabe? Aquele tipo de choro ruidoso, soluçado. Foi horrível. Quer dizer, claro, eu sei que ele realmente amava minha mãe, sei que sente falta dela, mas ele pareceu tão... tão desamparado. Como uma criança. Como se não tivesse nenhum controle sobre si mesmo. Como se toda essa felicidade, toda essa merda, fosse apenas tolice. Só uma fachada em atenção a mim. Fiquei sem saber o que fazer, por isso continuei simplesmente plantado ali por um tempo, desejando que ele

parasse, que calasse a boca. Foi estranho. O pior foi que não senti nenhuma compaixão; só o odiei por aquilo, por me deixar ouvir aquilo, por não continuar fingindo que estava bem. - Sei o que está querendo dizer. Ver nossos pais assim realmente nos faz crescer, nos faz compreender que o mundo é apenas um lugar aterrador sobre o qual eles não têm nenhum controle. E se eles podem sofrer tanto, se não conseguem controlar as coisas, que esperança há para nós? – As palavras são ditas antes de eu perceber o que estava dizendo, o que estava revelando. - Exatamente. – Robbie olha para mim, subitamente alarmado. – Droga. Sua mãe morreu ou algo assim, não é?

- Oh, não. – Balanço a cabeça e rio, como se a idéia de estar familiarizada com a morte fosse absurda. – Ela está bem e cheia de vida. Eu só pensei um pouco sobre esse tipo de coisa. E li alguns livros do meu pai sobre perda e essas coisas. Mórbida, eu. Maluca. - Bem, você realmente acertou na mosca. A maioria das pessoas amarela quando digo que minha mãe morre. A maioria fica muito perturbada ou embaraçada e muda de assunto. E minha terapeuta é inútil. Ela sempre me pergunta o que estou sentindo e como me sinto com relação ao que estou sentindo. Depois me diz que meus sentimentos são perfeitamente válidos, mas ao mesmo tempo há uma mensagem subjacente de que eu realmente deveria tentar sentir algo completamente diferente. Conversar com um rolo de papel higiênico seria igualmente esclarecedor. Estou prestes a responder quando Alice chama do outro cômodo. - Bom-dia? – diz ela, a voz áspera e grave da noitada. – Pessoal? Onde estão vocês? Estou me sentindo muito sozinha aqui. Robbie e eu trocamos um sorriso, damos de ombros e deixamos a conversa acabar. Levando o bule, o leite, o açúcar e as xícaras, vamos nos juntar a ela na sala.

Capítulo 7

Pego Sarah na creche mais cedo que de costume. Observo-a pela janela por um momento antes que me veja, e fico satisfeita ao constatar que ela parece perfeitamente feliz. Está brincando com massa de modelar verde- brilhante, completamente absorta, transformando a massinha, com palmadas e socos, em uma gororoba pegajosa e colorida. Sarah é uma menininha solitária, pouco à vontade com estranhos – exatamente como Rachel -, e, embora eu goste de ver que é cautelosa, também tenho receio que isso torne as coisas difíceis para ela. Afinal, vai precisar conviver com as pessoas, quer queira, quer não.

É engraçado porque eu nunca vi a timidez de Rachel como um tipo de desvantagem. Na verdade, era um traço que me parecia cativante. Mas pára minha filha quero que a vida seja perfeita. Quero que todos gostem dela. Quero que tudo seja tão fácil e tranqüilo quanto possível. As pessoas dizem que sou superprotetora, que preciso soltar Sarah, dar a ela espaço para abri o próprio caminho no mundo, mas creio que não existe proteção em excesso quando se trata daqueles que amamos. Tenho vontade agarrar essas pessoas pelo braço e gritar: Há perigo em toda parte, seus idiotas! Vocês pensam que estão seguros, pensam que as pessoas são confiáveis? Que são boas? Abram os olhos e olhem a vida! Mas elas só iriam pensar que sou louca. São ingênuas, têm memória curta, não percebem que o mundo está cheio de pessoas que nos querem mal, e fico pasmada por poderem ser tão cegas.

Ser mãe é difícil, contraditório, impossível. Quero que Sarah seja feliz, que faça amigos, que ria e se sinta alegre. Não quero que fique paralisada pelo medo e pela ansiedade. Mas também quero que seja cuidadosa. Que entre neste mundo perigoso com os olhos bastante abertos. Quando abro a porta e entro na sala de brinquedos, paro atrás dela e espero que sinta minha presença e se vire. Adoro o primeiro instante depois que me vê, a expressão de puro deleite que

cruza seu rosto, o modo como imediatamente esquece o que quer que esteja fazendo e corre para meus braços. Ela só passa duas tardes por semana na creche, quarta e sexta – tardes longas e enfadonhas para mim - , e sempre fico aliviada quando a apanho na tarde de sexta-feira, contente por mais uma semana ter terminado, por podermos ficar juntas durante quatro dias seguidos antes que chegue a hora de trazê-la de volta.

Vim apanhá-la cedo hoje para nossa viagem anual. Vou levá-la para Jindabyne, e estou empolgada como uma criança com a perspectiva do indubitável encantamento de Sarah quando vir a neve. Vamos fazer um boneco de neve, guerra de bolas de neve, talvez andar de trenó. Vamos tomar chocolate quente ao lado da lareira e desfrutar também um pouco de tempo só para nós, longe de meus pais.

- Mamãe! – exclama ela quando me vê. – levanta-se e corre, derrubando seu tamborete, na afobação, e abraça meu pescoço. – Estamos prontas para ir?

- Eu estou. E você?

- Você fez a minha mala?

- Fiz.

- Meu ursinho?

- É claro.

- E o vovô e a vovó? – Ela sabe quanto meus pais dependem dela, e me entristece que, tão novinha, já se preocupe com eles. - Eles vão se divertir muito neste fim de semana também. Vão receber amigos para jantar e tudo.

Seu rosto se ilumina.

- Eles estão empolgados?

- Muito. Quase tão empolgados quanto nós.

Abaixo-me e a pego no colo, reúno suas bolsas, assino o registro de saída e vamos para o carro. Sair da cidade de Sydney é

rápido e sem problemas, já que está cedo demais para a hora do rush de sexta-feira. Sarah está quieta no carro. Ela olha pela janela, o polegar na boca, relaxada como se estivesse em transe. Sempre é assim quando está no carro. Quando ela era bebê, passear um pouco de carro sempre foi a melhor maneira de fazê-la dormir ou parar de chorar.

Dirijo com cuidado na estrada, mantendo meu carro o mais longe possível dos outros, lembrando as aulas de direção defensiva de papai. Ele tentou me dissuadir de fazer essa viagem. As estradas estarão terríveis, disse, todos os piores motoristas, os maníacos idiotas vão para lá nos fins de semana. E você não está acostumada a dirigir nessas condições. Foi rude. Não seja tão idiota. Mas percebi as lágrimas em seus olhos, o tremor em suas mãos.

Entendo seu horror – pessoas morrem nas estradas todos os dias. Uma pequena falha, um erro de avaliação, um lapso na concentração – qualquer uma dessas coisas nos põe no caminho das muitas carretas que lotam essa rodovia. Mais duas vidas perdidas num instante. Uma família já dilacerada, destruída. Meu pai sabe, melhor que a maioria das pessoas, que o impensável acontece. Sabe que pesadelos podem virar realidade. Assim, é por amor a ele que mantenho os olhos grudados na estrada, as mãos firmemente agarradas ao volante, a mente alerta. É o medo do meu pai que me impede de pisar mais no acelerador.

Capítulo 8

- Não, não, não. Nada de Coffs Harbour. Nem pensar. – Alice sacode a cabeça. – Aquilo lá é horrível, cheio de gente gorda. E não tem um restaurante que preste.

- Cheio de gente gorda? – Robbie sacode a cabeça. – Você às vezes pode ser uma cretina, Alice.

- É a pura verdade. É um buraco. E, afinal, para um fim de semana na praia, Coffs não é a melhor opção. Não há realmente um único lugar para ficar à beira-mar, vocês sabem. Passa uma estrada de ferro entre a cidade e a praia. É uma merda. Acreditem em mim. Coffs Harbour está cheia de idiotas, cheia do tipo de gente que come margarina, em vez de manteiga, e faz vinco a ferro em calça jeans. Meus pais gostavam muito de lá. O que é quase a pior condenação que um lugar pode sofrer.

Alice não me contou muita coisa realmente substancial sobre os pais dela, e eu gostaria de saber como é a relação que tem com eles. Às vezes ela fala da mãe com um amor e uma admiração quase palpáveis; outras vezes é desdenhosa, quase cruel. Quando zomba deles – de sua pobreza, seu mau gosto, sua estupidez -, choca-me que ela possa ser tão insensível com relação a pessoas do próprio sangue.

Nós três estamos tentando organizar uma viagem juntos. Estou entusiasmada e imagino um delicioso fim de semana nadando, comendo e conversando. Mas não conseguimos chegar a um acordo quanto ao melhor lugar para ir - e temos um orçamento apertado, o que dificulta as coisas, porque Alice é exigente.

Sinto um pouco de culpa porque meus pais têm uma casa em Blue Mountains, que usam ocasionalmente nos fins de semana. É uma casa linda, moderna, toda de madeira clara e aço inoxidável, com poucas paredes internas e vistas espetaculares para as montanhas. Meu pai a projetou, incorporando tudo de que gosta

numa casa: conforto e estilo, linhas simples e retas, e, o mais importante, muita luz e ar. Há também uma piscina e uma quadra de tênis; portanto, não falta o que fazer, e a casa fica em dois hectares de terra, discretamente aconchegada atrás de uma densa parede de pinheiros.

Meus pais ficariam muito satisfeitos em me emprestar a casa. Eles estão sempre sugerindo que eu leve amigos para passar o fim de semana lá, e sei que ficariam encantados em pensar que estou me divertindo. Mas acho que eu não seria capaz de suportar isso. Só estive lá uma vez depois que Rachel morreu - alguns meses após sua morte, quando mamãe, papai e eu ainda estávamos em choque, ainda nos comportando como um grupo de almas penadas, perdidas. E foi tão incrivelmente difícil estar lá sem Rachel - sua ausência era uma espécie de vácuo maligno que sugava toda a alegria e toda a beleza do lugar -, que nunca mais voltei.

Costumávamos ir de carro de Melbourne até lá durante as férias escolares e ficávamos por uma semana, às vezes até duas. Era um lugar bom, tranquilo para Rachel praticar. O piano de cauda era o ponto central da sala de estar, e, quando ela ainda estava viva, mamãe, papai e eu costumávamos nos sentar no deque, tomando chá e ouvindo-a tocar. Afora a música da Rachel, eram férias muito silenciosas - como não havia televisão, nem rádio, nem qualquer outra fonte externa de diversão, passávamos os dias caminhando e nadando, e as noites jogando baralho ou xadrez.

Agora é muito difícil acreditar que eu freqüentemente ficava entediada nessas viagens. É penoso lembrar que às vezes sofria por estar ali: sentia falta dos meus amigos, de minha vida social, do menino por quem tinha uma paixão na época e, em geral, ficava impaciente para voltar para casa. Como gostaria agora de ter prestado mais atenção, de ter estado mais presente. Como gostaria de ter sabido como aquilo era frágil. Se naquela época eu soubesse a facilidade com que as coisas podem ser destruídas, não teria dado tudo por garantido.

Olhando para trás, posso ver com muita clareza como éramos privilegiados. Olhando para trás, envergonho-me do fato de que não tinha a menor idéia disso.

Assim, apesar de sua óbvia conveniência, não menciono a casa da serra. Em vez disso, sugiro irmos para o sul.

- Mas no sul a água é mais fria. Quero ir para o norte, onde é mais quente - objeta Alice.

- Você não vai notar a porcaria da diferença. E é mais calmo no sul. E mais barato. - Robbie olha para mim e sorri, arregalando os olhos um pouquinho com a graça que está achando de Alice. - Excelente idéia, Katherine.

- Ei. - Alice olha para mim, depois para Robbie. - Vi esse olhar de vocês. Agora andam trocando sinaizinhos secretos, é? E, ainda por cima, sobre mim? - Ela está sorrindo, mas há uma rispidez em sua voz, um lampejo frio em seu olhar. - Mas lembrem-se de que a pessoa importante nesta história sou eu. Vocês dois não têm exatamente um caso. Vocês nem se conheceriam se não fosse eu.

- Cale a boca, Alice. - Robbie revira os olhos e ergue sua xícara vazia. - Quero mais um pouco de café. Seja uma boa anfitriã e sirva-nos de mais.

Alice quase encosta o rosto no de Robbie por um momento. Não sei ao certo o que ela vai fazer. Parece irritada e me pergunto se vai gritar ou mandá-lo embora; por um instante chego a pensar que poderia mordê-lo. Mas o que ela faz é apertar os lábios com força contra os dele, abrir a boca e meter-lhe a língua à força entre os lábios. De maneira igualmente súbita, ela recua, pega nossas canecas vazias e se levanta.

- Mais um café? Mais chá, Katherine? - Olha para nós e sorri alegremente.

- Seria bom. Obrigada.

Robbie a observa sair da sala.

- Ela estava falando sério? - pergunto.

Ele se vira para mim, uma expressão sobressaltada no rosto, como se tivesse esquecido que eu estava ali.

- Sério? - E assente com a cabeça. - Ah, estava. Você se refere àquilo de a pessoa importante nesta história ser ela? Muito sério. Ela é uma narcisista de marca maior. Só se importa realmente consigo mesma.

Na ocasião, penso apenas que Robbie estava exagerando. Afinal, ele a ama. Portanto, não poderia estar dizendo isso muito a sério. Alice é um pouquinho egoísta, um pouco egocêntrica, certamente já notei isso. Mas, e daí? Também pode ser maravilhosamente generosa e boa. Tem uma notável capacidade de ouvir e de fazer os outros se sentirem especiais.

- Mas você a ama mesmo assim?

- Ela é como uma droga. Nunca tomo o bastante. – Ele parece triste de repente. - Sei que ela me faz mal, sei que nunca serei feliz com ela, mas não consigo me controlar. Não importa o que faça comigo, eu simplesmente volto pedindo mais. - Ele dá de ombros e desvia o olhar. - Tenho um vício. Sou viciado em Alice.

- Mas o que ... ? - Estou prestes a lhe perguntar o que ela fez exatamente, por que ele acha que ela lhe faz mal, quando Alice volta à sala trazendo nossas canecas fumegantes.

- Obrigado. - Robbie estende a mão para pegar uma, e Alice se inclina para beijá-lo ternamente.

- Você é um anjo, Robbie. Uma estrela - diz ela. Robbie revira os olhos, mas fica feliz com essa demonstração de afeto, o que fica óbvio em seu semblante.

Ela me entrega minha caneca.

- E você, senhorita Katherine. Você é um portento. Sorrio e tomo um gole de chá.

Alice se senta, inclina-se para a frente, sua fisionomia está animada. - Eu estava justamente pensando lá na cozinha. Estava justamente

pensando em como é bacana que nós três tenhamos nos encontrado. Assim, sei que é um pouco piegas dizer isso, mas nós realmente nos damos bem, não é? Parece que nós nos encaixamos, como ... ah, sei lá... como as peças de um quebra-cabeça. Nós nos compreendemos muito bem. - E ela sorri, baixa os olhos, subitamente acanhada. - Eu só queria dizer isso. Só queria dizer que vocês dois são realmente importantes para mim. Meus melhores amigos no mundo.

Há um breve momento de silêncio antes que Robbie bata a mão no joelho e caia na gargalhada.

-As peças de um quebra-cabeça? Será que eu ouvi direito? Você realmente disse isso? - Ele olha para mim, seu rosto transformado por deleitada alegria, todos os sinais de sua preocupação anterior desaparecidos. - Ela disse mesmo?

- Disse - confirmo. - Acho que disse.

- Meu Deus! - Alice cobre seu sorriso com a mão. - Está certo, eu disse. Mas, em minha defesa, fui criada por uma mulher que tomava *Days of Our Lives** no café da manhã, no almoço e no jantar. Não posso deixar de ser um clichê ambulante. Você está sendo preconceituoso e mau, rindo de mim, Robbie, e está sempre me criticando por ser assim. Seu hipócrita!

- Que seja! - Robbie sacode a cabeça. - Não há desculpa para ser tão cafona. Nenhuma desculpa.

- OK - Alice ri. - OK, você descobriu meu segredo sórdido. Sou uma perfeita menina de Coffs. Não posso negar. É por isso que não quero ir para lá. Estou tentando escapar do poder daquele lugar sobre mim.

- Eu sabia. Você é uma apreciadora secreta de margarina, não é? - diz Robbie.

E nós três rimos, seguramos a barriga, rimos mais. - Para ser sincera - diz Alice, baixando a cabeça, fingindo embaraço -,

gosto de fazer vincos a ferro nos meus jeans também. Preciso me controlar para não fazer isso. É difícil. Mas vou conseguir. Vou superar isso pouco a pouco.

E caçamos uns dos outros, rimos e fazemos planos para o nosso fim de semana fora. Esqueço de cismar sobre o que Robbie disse a respeito de Alice, não penso em voltar a perguntar a ele mais tarde. Então Alice tem algumas pequenas esquisitices. Todos nós temos, não é? Estou simplesmente feliz demais para deixar isso me incomodar. Estou me divertindo demais para dar ouvidos à vizinha de advertência que começa a soar em minha cabeça.

Capítulo 9

- E o que aconteceu depois? - Carly inclinou-se para a frente, seus olhos arregalados de interesse. - Vamos, você não pode parar aí.

Mas vi Rachel postada no vão da porta. Seu pijama estava amarrotado e seu rosto, vermelho e manchado. Tive certeza de que estivera chorando.

- Rach? - Estendi o braço. - Que houve?

- Tive outro sonho ruim.

- Oh. Venha cá. Venha e sente-se conosco. - Sorri para Carly, pedindo desculpas. Estava lhe contando tudo sobre a noite anterior, uma noite que eu passara com meu namorado, Will. Tínhamos nos beijado, nos tocado e quase termináramos fazendo sexo. Carly tinha insistido em saber tudo, tim-tim por tim-tim.

Carly era a minha melhor amiga. Ela era ruidosa, franca e engraçada. Assim que entrou na escola, despertou em mim uma antipatia instantânea. Pensei que fosse uma exibida e achei suas piadas óbvias. Ela também não gostou de mim de início, e mais tarde me contou que acreditou que eu fosse, em suas palavras, uma *patricinha arrogante e presunçosa*.

Carly e eu tínhamos nos tornado grandes amigas na sétima série, no acampamento da escola; sete dias torturantes de frio, umidade, fome e desconforto, cuja finalidade era nos ajudar a "nos encontrar". Nós duas fomos incumbidas de cozinhar e construímos uma forte amizade ao batalharmos cada noite para fazer algo comível com ingredientes muito limitados - e lidar com as constantes e veementes queixas de nossas colegas de classe. Fiquei impressionada com a capacidade que Carly tinha de fazer piada de tudo, e mais tarde ela me contou que admirou minha feroz

determinação de fazer o melhor com muito pouco. Viramos amigas inseparáveis desde então.

Rachel sentou-se no chão perto de mim e coloquei meu braço em volta de seus ombros.

- O mesmo sonho de novo? - perguntei.

- Foi.

- Rachel vem tendo um sonho realmente horrível – expliquei para Carly. - Vê uma menina que lhe parece muito familiar, e, como essa menina está sorrindo, ela caminha em sua direção.

- Depois, quanto mais perto eu chego - continuou Rachel - mais familiar o rosto dessa menina parece. E a princípio fico realmente feliz e emocionada por vê-la, tenho um sentimento muito forte de amor, como se a conhecesse de algum lugar. Mas quando chego mais perto começo a pensar que talvez ela não seja tão amiga quanto parece... que há nela algo de realmente mau. Depois, quando estou parada bem diante dela, vejo que, na verdade, ela, sou eu, que ela tem o meu rosto, e então, de repente, eu simplesmente sei o que isso significa. Ver meu próprio rosto daquele jeito. Significa que vou morrer, e fico muito apavorada de repente... tento me virar, tento me afastar dessa menina... mas ela começa a sorrir, um sorriso realmente horrível, cruel. Eu tento correr, e ela começa a rir e a rir, e, claro, não consigo me afastar. Então eu acordo. Rachel olhou para Carly. - É realmente medonho. Sei que não parece tão ruim, mas é aterrorizante. Essa menina, essa menina-eu, é uma espécie de mensageira da morte.

- Nossa, é de arrepiar. - Carly deu de ombros. – Não admira que você fique em pânico.

- Por que não se deita aqui um pouco? - perguntei a Rachel. - Tente dormir de novo. Você tem aquele ensaio puxado amanhã. Precisa descansar.

Rachel se deitou em minha cama. Puxei as cobertas sobre ela e me sentei de novo no chão junto de Carly.

- E aí? - Carly cutucou-me. - Continue, por favor. Sacudi a cabeça .

- Não - cochichei. - Espere até Rachel dormir.

- Sei do que estão falando - disse Rachel da cama. - Sei que estão falando sobre meninos, essas coisas. Ouvi vocês quando cheguei. Não parem por minha causa. Eu não ligo. Sinceramente. Não vou nem ouvir.

Carly ergueu as sobrancelhas, como se dissesse: *Está vendo? Não é nada tão importante.*

- Você promete? - perguntei. - Promete que não vai ouvir, Rach?
- Mal consigo ficar de olhos abertos - respondeu ela. - Vou cair no sono

antes que vocês digam duas palavras. E não quero saber o que você e Will fazem, acredite. É nojento.

Assim, contei a Carly o que tinha acontecido entre mim e Will. Contei quase tudo baixinho e depressa, para que Rachel não pudesse ouvir. Pelo menos, contei as coisas físicas, mas deixei de fora o que havíamos dito um ao outro. Não lhe contei como rimos de encantamento e alegria, como cochichamos palavras ternas e prometemos ser fiéis. As palavras de amor que tínhamos trocado eram sagradas, e eu as guardei para mim.

No dia seguinte, Carly e eu fomos encontrar Rachel depois do ensaio de piano. Tínhamos acabado de começar a tomar café, e não havia nada de que gostássemos tanto quanto ir a um café e tomar um *cappuccino* pelo tempo mais longo possível observando os outros fregueses, fofocando sobre nossos amigos. Parecia uma coisa de adulto, mas, diferentemente de uma porção de outras atividades de que estávamos começando a gostar - festas, álcool e todas aquelas coisas com meninos -, também era algo seguro e confortável. Não havia nada de secreto ou de dissimulado naquilo, e não estávamos tentando impressionar ninguém, podíamos ser apenas nós mesmas.

Levamos Rachel ao café conosco, e ela falou de seu entusiasmo com o próximo concerto. Os outros músicos eram fantásticos, disse, e todos concordavam completamente quanto à maneira de interpretar a peça. Eu gostava de conversar sobre música, e, como conhecia as pessoas sobre as quais Rachel estava falando, fiquei interessada. Após algum tempo, porém, percebi que Carly estava ficando entediada; seu olhar estava divagando, e ela começou a tamborilar com impaciência.

- Carly - disse eu. - E aí? Está morrendo de tédio? - Desculpe-me. - Rachel levou as mãos às bochechas ruborizadas. - Não

paro de falar sobre essa história, não é? Estou tão empolgada ... Perdão. Vamos falar de alguma outra coisa.

Carly dispensou o perdão de Rachel com uma sacudidela de cabeça. - A que horas vocês têm de chegar em casa? - perguntou. - Não tenho hora certa para chegar. - Olhei para Rachel. - Mas você tem de ir para casa ensaiar.

Rachel consultou o relógio.

- É, mas são só quatro e pouco. Tenho tempo de sobra. - Você conhece Jake, Ross e aqueles caras? - Carly olhou para mim, e

percebi pelo seu sorriso que ela tinha um plano do qual eu não gostaria que Rachel participasse.

- Sim. - Eu os conhecia vagamente. Eram da escola exclusiva para rapazes e estavam um ano à frente de nós. Tocavam numa banda e eram conhecidos por ser muito baderneiros e populares.

- Eles vão ensaiar esta tarde. No celeiro velho. Bem, eu acho que ia ser um ensaio, mas a coisa se transformou numa festa. Parece que muita gente vai ouvir a banda. A galera toda da décima primeira e da décima segunda séries. Vocês sabem como é: música, umas cervejinhas, essas coisas. Vai ser divertido.

- Parece que vai ser bárbaro - falei.

- Ensaio de banda? - perguntou Rachel. - Que máximo. Eu adoraria ir. *Posso?*

- Eles são mais velhos, Rach. Vão beber, essas coisas. Você vai se sentir completamente deslocada.

- Não. Se a música for boa, não vou.

- Não. De jeito nenhum. Não seja boba. Você tem de ir para casa ensaiar.

- Ah, vamos, Katie. *Por favor.* Não posso só olhar um pouco e depois ir para casa? Sei que você pensa que não passo de um bebezão, mas não é verdade. E preciso de um pouco de distração. Vou passar cada minuto de cada dia ensaiando nas próximas semanas. A música vai me inspirar. Por favor.

- Inspirar? - Reviro os olhos. - Com certeza. *Rock grunge* amador? Muito provável.

- Por favor, Katie! Por favor! Só por uma hora?

- Não.

- Ah, pelo amor de Deus - interveio Carly, parecendo irritada. - Deixe a menina ir. Que mal há nisso? Não temos tempo para ficar aqui sentadas discutindo isso.

Eu não tinha nenhum motivo para continuar negando - podíamos ir por uma hora, chegar em casa antes de nossos pais, e Rachel ainda teria tempo de sobra para ensaiar. Eu simplesmente não queria que ela ficasse no meu pé. Mas não podia dizer isso sem magoa-la, e se ela começasse a chorar agora estragaria tudo - eu teria de leva-la para casa, paparica-la, limpar seu nariz ranhoso. Apesar do que dizia, ela realmente se comportava como um bebezão às vezes.

- Tudo bem, então. - Mantive a voz deliberadamente fria. - Pode ir. Mas não me culpe se mamãe e papai derem um ataque.

Capítulo 10

Vivien tenta disfarçar, mas fica surpresa quando anuncio que vou passar o fim de semana fora com Alice e Robbie. Ela me dá um abraço apertado antes de sair para o trabalho.

- Divirta-se, mocinha - diz.

Decidimos ir para o sul e vamos no meu carro, o Peugeot novo, porque é o mais veloz e confortável. Deixamos Sydney na sexta-feira de manhã. Tanto Alice quanto eu deveríamos estar na escola, mas os professores são bastante lenientes com os alunos do último ano, e provavelmente nem comentarão nossa ausência. Em todo caso, estou levando meu exemplar de *Hamlet*, que planejo ler lagartando ao sol. Robbie tirou um raro fim de semana de folga no restaurante e está na direção do carro, porque é o único de nós que não está restrito à velocidade máxima de 80 quilômetros por hora. Nós três, alvoroçados e de bom humor, passamos a maior parte das quatro horas de viagem até Merimbula rindo e fazendo piadas. Quando chegamos, vamos ao supermercado local nos abastecer de mantimentos para os próximos dias. Alice enche o carrinho de chocolates e pirulitos, Robbie e eu pegamos os itens mais práticos - ovos, leite, pão e papel higiênico. Depois de pôr as compras no porta-malas e de checar nosso mapa, rumamos para leste pela estradinha que nos leva à praia.

Alugamos uma velha cabana de madeira de dois quartos. Achamos a casa pela internet, e, embora houvesse lá umas duas fotos do interior - a cozinha e a sala de jantar -, não sabíamos muito bem o que iríamos encontrar. Assim, quando chegamos e vemos uma encantadora cabana caiada com uma varanda de madeira com vista para a praia, ficamos ao mesmo tempo encantados e aliviados.

Entramos depressa e corremos pela casa, rindo e falando alto. - Isto é perfeito!

- Oh, Deus. Vejam aquela enorme banheira antiga. - E olhem só a vista. Dá para ouvir o mar de todos os cômodos. É realmente esplêndido!

- Ei, venham dar uma olhada nos quartos. Estas camas. Elas são inacreditáveis!

Vestimos nossas roupas de banho e corremos para a praia. Corremos todos direto para a água, sem nos dar o trabalho de experimentar a temperatura, e mergulhamos. A água está gelada, mas estou feliz demais, embriagada demais de vida, de amizade e de certeza de que três dias inteiros de divertimento nos esperam, para me preocupar com o frio. Alice e Robbie jogam água um no outro, abraçam-se e riem. Ela corre dele, rindo e tropeçando. Ele a agarra, mas ela se afasta, e uma alça de seu biquíni cai, deixando um seio à mostra. Isso a faz rir mais ainda; e rodopiando e guinchando como uma criança excitada, ela puxa a outra alça para baixo, e os dois seios ficam livres. Em seguida ela os segura, suspende e aperta, de modo que os mamilos ficam apontados para o Robbie.

- Bum, bum! Você está morto! - exclama.

- Oh! Aaaaah ... - Robbi eleva a mão ao peito e cai de costas na água. Alice se vira para mim, os mamilos apontados.

- Não, não! - digo, rindo. - Por favor. Tenha misericórdia! Percebendo algum movimento pelo canto do olho, viro-me e avisto um

homem e uma mulher de meia-idade. Estão passando, olhando, ambos com o rosto exibindo desaprovação e aversão.

Alice acompanha meu olhar e os vê. Observo sua expressão se transformar, o risonho divertimento substituído pela raiva. De repente ela se vira de modo a encarar o casal. Levando a mão às costas, desata o laço do sutiã, que balança solto em sua mão; em seguida pega a calcinha do biquíni, baixa-a, desvencilha-se dela e se

endireita. Olha para o casal, nua e desafiante, e abre um sorriso frio, provocativo.

O homem e a mulher se afastam depressa, ruborizados, murmurando e sacudindo a cabeça.

Alice fica olhando para eles enquanto se afastam, depois joga a cabeça para trás e ri.

Banqueteamo-nos à noite com peixe e batatas fritas pedidos por telefone. As batatas estão crocantes, o peixe está fresco e saboroso, e nós três comemos até nos fartar. Quando terminamos, nos esticamos nos sofás da sala e conversamos preguiçosamente sobre coisa nenhuma.

- Meu Deus, eu odeio gente assim - diz Alice sem mais nem menos. - Assim como?

- Assim como aqueles caipiras interioranos, intolerantes e conservadores que vimos hoje na praia.

- Intolerantes? Tem certeza? Já fez uma análise completa deles? - Robbie olha para ela, curioso. - Depois de vê-los por um total de cinco segundos?

- Sim, acho que realmente fiz - responde Alice. - Vidas tacanhas, cabelos malcortados e roupas horríveis. Gordos e feios, ainda por cima. O tipo de gente que vota nos políticos conservadores e odeia gays. O tipo de gente que diz coisas do tipo... - e imitando um sotaque australiano carregado, diz: *Ela é uma boa moça, apesar de ser preta. Se bem que não chegaria a convidá-la para jantar.*

Rio da sátira maldosa de Alice, supondo que ela está apenas brincando. Mas Robbie não ri. Olha para ela e sacode a cabeça.

- Você consegue ser tão sórdida às vezes.

- Pode ser. Mas provavelmente estou certa a respeito deles. - Ela aponta para ele. - Você é bonzinho demais apenas visando seu próprio bem.

- Não sou bonzinho. Você é realmente injusta. Você realmente...
Alice abre um sonoro bocejo, interrompendo-o, e estica os braços
acima

da cabeça.

- Talvez eu seja injusta. Mas, e daí? O mundo todo é injusto, Robbie. E acredite: conheço esse tipo de gente. Conheço essa raça. Eles são exatamente como meus pais. Tristes. Amargos. Feios. E estão sempre preocupados com o que todos os outros estão fazendo porque a vida patética deles mesmos é um tédio. Posso ver isso nos olhos deles. Posso sentir o fedor deles a quilômetros de distância. - Ela se levanta e se estica de novo, exibindo o abdome bronzeado e o piercing no umbigo quando a camiseta sobe. - Seja como for, esta conversa está ficando chata. Nós já falamos demais sobre o assunto e só nos resta concordar em discordar. Estou me sentindo de repente muito, muito cansada. - Joga um beijo para nós dois e sai da sala.

Robbie e eu trocamos um sorriso, ouvimos Alice murmurar algo consigo mesma ao tirar a roupa e escutamos a cama ranger quando ela se deita.

- Não se levantem para fazer nenhuma travessura sem mim - grita ela do quarto. - Boa noite, crianças. Comportem-se.

- Boa noite, Alice.

- Quer ir se sentar lá fora? Na varanda? - pergunta Robbie após algum tempo.

- Claro.

Pela expressão de seu rosto ao arranjar nossas cadeiras e pelo modo como espera que eu me sente antes de falar, percebo que ele tem alguma coisa em mente.

- Quero fazer uma pergunta para você - diz.

- Certo.

Ele suspira.

- Detesto perguntar esse tipo de coisa. E vou entender se você não quiser responder. Sinta-se livre para me mandar cair fora.

- OK - rio. - Caia fora.

- Ao menos me deixe fazer a pergunta primeiro.

- Perdão. Pergunte.

Antes de falar, ele se vira para olhar a casa.

- Alguma vez Alice fez confidências a você? Sobre mim? Você sabe, contou como se sente?

- Não, não mesmo.

- Não mesmo? - Robbie me olha com expectativa, como se esperasse que eu me estendesse.

Mas a verdade é que, quando estamos sozinhas, Alice raramente o menciona. É claro que, quando temos planos de fazer alguma coisa juntos, ela fala sobre ele num sentido prático, mas nunca exprimiu de fato os sentimentos que nutre por ele. Uma vez lhe perguntei se o amava, se o considerava seu namorado, mas ela só deu uma risada de desdém, sacudiu a cabeça e disse que não era do tipo que namora. E embora seja óbvio que Robbie não é tão displicente em relação a ela - ele está muito claramente apaixonado por Alice -, sempre supus que houvesse algum tipo de entendimento entre os dois.

Mas Robbie não estaria me fazendo essas perguntas se soubesse exatamente a posição dele. Era claro que ele esperava mais de sua relação com Alice do que ela estava disposta a dar. Tenho um súbito impulso de lhe dizer para se proteger, para fortalecer seu coração, para procurar outra namorada, se quiser algo sério. Mas não digo; não posso. Na verdade, não sei o que Alice pensa de sua relação com Robbie - talvez o ame, mas relute em admitir, talvez tenha medo de se ferir -, e não me sinto no direito de dar conselho ou fazer advertências quando estou tão no escuro quanto ele.

- Faz só três meses que a conheço, Robbie.

- Mas vocês duas se tornaram muito próximas, passam bastante tempo juntas. Você deve fazer alguma idéia do que ela pensa. Mesmo que ela não diga nada diretamente.

- Mas ela não disse nada. Sinceramente. E, portanto, não, não sei nada além do que você sabe. - E olho para ele, confusa. - Mas, afinal, você não me disse que Alice fazia mal para você? Até a comparou com algum tipo de vício pernicioso. Pensei que você estivesse... - hesito, tentando encontrar a palavra certa - hum, sei lá, que estivesse nisso com os olhos bem abertos...

- Na verdade, estou é com o coração bem aberto, eu acho. - Ele dá um sorriso triste. - Às vezes consigo ser racional em relação a isso e me contentar com o que ela está oferecendo. Às vezes sou capaz de me concentrar em todas coisas ruins de nossa relação e me convencer de que qualquer coisa séria com Alice só vai servir para me deixar infeliz. Ou ao menos consigo fingir isso para mim mesmo bastante bem. Mas a realidade é que quero mais.

Ele suspira.

- Desculpe-me. Eu não devia ter interrogado você assim. É muito desagradável quando alguém tenta falar sobre suas relações com. uma terceira pessoa, não é? Detesto quando fazem isso comigo.

- Não se preocupe. Não estou chateada. Nem um pouco. Só não tenho nenhuma resposta.

- Talvez eu deva procurar uma dessas pessoas que conseguem prever o futuro. Como se chamam?

- Um vidente?

- É isso. Um vidente.

- Por que você simplesmente não pergunta a ela? Converse seriamente com ela e pergunte o que ela quer.

- Já tentei. Pergunto o que ela sente, o que quer, o tempo todo. Ela é uma mestra em evitar perguntas, você já deve ter notado, não é? Digo que a amo, e ela ri e muda de assunto. Se fico sério demais, ela se irrita e me diz para ficar quieto.

- Quem sabe não é preciso que você seja mais direto? – sorrio e ponho a mão em seu joelho, apertando-o afetuosamente. - Pergunte se ela quer se casar com você, ter filhos e viver feliz para sempre - brinco.

- Eu *me casaria* com ela, esse é o lado triste da história. A verdade é que gostaria de me casar com ela, de engravidá-la e de ter seis lindos filhos, de comprar uma casa e arranjar um emprego enfadonho para sustentar todos eles para sempre. O pacote todo. Faria isso num piscar de olhos. Adoraria. - Ele suspira de novo. - Eu a amo. Simplesmente não existe ninguém como Alice, não é? Ela é bonita, engraçada, inteligente ... e tem tanta energia, tanto entusiasmo. É capaz de fazer a coisa mais chata do mundo parecer divertida. Consegue transformar um dia comum numa festa. Comparadas com ela, todas as outras pessoas parecem realmente tão, bem, tão sem vida ...

- Puxa! Muito obrigada.

- Foi mal. Não estava me referindo a você.

- Tudo bem. Estou só brincando - rio. - Mas certamente a impressão que passa é de que você está apaixonado.

- É. Patético, ridiculamente apaixonado. Por uma menina que tem medo de compromisso.

Pergunto a mim mesma se ele está certo. Sempre acreditei que quando alguém diz que tem medo de compromisso, na realidade está apenas usando uma maneira conveniente de cair fora de uma relação indesejada. Uma maneira delicada de dar o fora em alguém, sem destruir o ego da pobre criatura que está sendo descartada. O *problema é comigo, não com você, realmente não sou capaz de me comprometer* de fato é uma pílula menos amarga de engolir que *Ei, simplesmente não gosto de você o bastante para me amarrar.*

Tchauzinho. Mas ele pode estar certo com relação a Alice - sem dúvida ela tem alguma coisa diferente, algo secreto e fechado, e, apesar de sua aparente cordialidade e abertura, uma parte dela permanece escondida, intocável.

- Ela disse isso? - pergunto.

Robbie está olhando a praia, imerso em pensamentos. - Robbie?

- Perdão - diz ele. - Ela disse o quê?

- Alice disse mesmo que tem medo de compromisso? Ou isso é apenas o que você pensa?

- Não disse com essas palavras. Meu Deus. - Ele ri. Você imagina Alice dizendo uma coisa assim? Não. Ela não disse, mas é bastante óbvio, e faria sentido, não acha?

- Não sei. Não sei como você pode perceber essas coisas. - Acho que é por causa da mãe dela, dessas coisas - diz ele. - A mãe de

verdade dela. Toda aquela rejeição. Ela só pode ser um pouco desconfiada em relação ao amor.

- A mãe *de verdade* dela? O que você quer dizer? - Ah, merda. - Ele olha para mim. - Ela não contou para você? - Não. Não me contou nada. O quê? Ela é adotada ou algo assim? - Isso mesmo. Droga. Não era para eu dizer mais nada. Eu deveria esperar que ela mesma lhe contasse.

- Você praticamente já contou! A verdadeira mãe de Alice a rejeitou, e ela foi adotada. Já sei que ela não gosta das pessoas que a adotaram. Ao menos suponho que sejam eles que ela chama de pais, é isso? - É. Ela detesta os pais adotivos.

- Agora tudo faz um pouco mais de sentido. Antes eu não entendia. Perguntava a mim mesma como ela podia dizer aquelas coisas horríveis sobre os pais, chamá-los de gordos, estúpidos e do diabo a quatro e depois, no fôlego seguinte, mudar completamente e dizer algo realmente legal sobre a mãe. É porque são duas

pessoas diferentes. Ela tem duas mães. - Isso. A mãe verdadeira, a mãe biológica, se chama Jo- Jo.

-Jo-Jo?

- É. Um apelido *hippie* para Joanne. É uma velha irremediavelmente drogada. A mulher mais egoísta, mais egocêntrica que já se viu.

- Mas Alice ...

- Ama perdidamente essa mãe - interrompe ele. -Adora-a. E Joanne é obscenamente rica. Herdou uma montanha de dinheiro dos pais. Ela o derrama sobre Alice agora. Satisfaz todos os desejos dela. E há um esnobismo estranho nessa história: apesar de ser uma viciada, Jo- Jo se faz de superior às pessoas que adotaram a filha. E Alice acredita nisso totalmente.

- Então é por isso que ela tem todas aquelas roupas caras, por isso que não precisa trabalhar. Jo-Jo dá dinheiro para ela.

- É. Algum lance de culpa, acredito. Ela estava atrapalhada demais para cuidar de Alice e do irmão mais novo dela quando eles eram pequenos, por isso os enche de dinheiro, para compensar.

- Irmão? Alice tem um irmão?

- Tem.

- Um irmão. - Balanço a cabeça, pasmada. - Uau, não tinha a menor idéia. Ela nunca o mencionou, nem uma única vez! Qual é o nome dele?

Robbie fecha a cara.

- Na verdade, não sei. Alice fica estranha quando fala sobre ele. Fica toda perturbada. Só o chama de irmão mais novo. Sei que ele andou tendo algum tipo de problema com a polícia, alguma coisa grave, mas não sei exatamente o quê. Drogas, provavelmente, como a mãe.

Estou atônita por saber que Alice tem um irmão, que foi adotada, que tem segredos quase tão devastadores quanto os meus.

Alice e eu temos mais em comum do que eu imaginava, e de repente me convengo de que tudo isso constitui uma coincidência tão extraordinária, que só é possível explicá-la como uma espécie de sinal: um sinal de que nós duas estávamos destinadas a nos encontrar, que estava em nosso destino ficarmos amigas.

- Que confusão! - digo.

-É mesmo.

- A vida realmente pode ser uma porcaria às vezes - digo. - Coitada da Alice. - Mas o que realmente penso é coitados de *nós*. Nós três passamos por coisas terríveis: assassinato, câncer, abandono. E pela primeira vez fico tentada a contar a Robbie sobre RacheI. Não é compaixão que eu quero, mas a credibilidade que vem do fato de ter enfrentado e vivido algo trágico. Posso dizer que compreendo, e é verdade, mas para Robbie e Alice, que não conhecem nada de meu passado, minhas palavras devem parecer vazias. As palavras consoladoras de quem não sabe o que é sofrimento.

Mas tenho medo de me arrepender de uma indiscrição como essa amanhã de manhã. Não digo nada.

Acordo cedo no dia seguinte e, apesar de ter dormido tarde, sinto-me revigorada e feliz. Da janela, o sol jorra em minha cama, e fico deitada por algum tempo sob o lençol, apreciando aquele calor na pele. Posso ouvir o ruído surdo do mar e Robbie e Alice conversando sossegadamente no quarto ao lado.

Levanto-me, visto o robe e vou para a cozinha. Faço uma xícara de chá e a levo para a varanda. Debruço-me no para-peito e contemplo a praia. O mar está bonito, turquesa-claro, e as ondas se quebram suavemente na praia. Com a caneca aninhada nas mãos, desço da varanda e caminho em direção à água. Termino meu chá, pouso a caneca vazia na areia, olho para a casa atrás mim, para um lado e para outro da praia a fim de verificar se alguém me observa. Desabotoo o robe e deixo-o escorregar para o chão. Corro para a água, e, quando há profundidade suficiente, mergulho.

O mar está tão calmo, que consigo boiar confortavelmente de costas e nadar num crawl tranquilo e agradável para lá e para cá. Depois de um bom tempo nadando, cansada e renovada ao mesmo tempo, visto de novo o robe e volto para a casa.

- Katherine? - Ouço Alice chamar quando entro. – O que você está fazendo?

Vou até o quarto deles e paro no vão da porta. Robbie e Alice estão sentados na cama, as pernas entrelaçadas. Ao me ver, Robbie puxa o lençol para se cobrir e abre um sorriso envergonhado. Sorrio para eles, contente.

- Está uma linda manhã - digo. - *Linda*. Eu estava nadando e a água está perfeita. Vocês dois deviam ir. Vou preparar um café da manhã para nós. Ovos beneditinos, se vocês quiserem.

- Você vai me deixar gorda com toda essa comida maravilhosa. - Alice boceja e estica os braços acima da cabeça. - Gorda como meus monstruosos pais adotivos. - Ela olha para mim e arqueia as sobrancelhas. - Por falar nisso ...

- Sim - digo, e por alguma razão fico constrangida, como se tivesse sido surpreendida fazendo alguma coisa que não devia. Acho que é o modo como Alice me olha: como uma mãe zangada à espera de que o filho admita uma travessura da qual ela já sabe. - Robbie me contou sobre ... que você é adotada. Que tem um irmão. Espero que não se importe.

Mas a expressão fria desapareceu do rosto de Alice e não sei mais se foi imaginação minha. Ela dá de ombros com indiferença e boceja de novo.

- Não que seja um grande segredo. Só me faltou oportunidade de contar. Mas, no fim das contas, não é realmente segredo. Quase não vale a pena falar sobre isso.

Noto que o semblante de Robbie se turva por um instante, seus lábios se franzem quase imperceptivelmente. Ele suspira e revira os olhos.

- É claro. Não é nada. Como tudo o mais para você, não é, Alice? Nada. Nada, nada, nada. Sua palavra favorita.

- Alto lá, Robbie! - exclama Alice, a voz dura e fria, uma expressão de raiva no rosto. - Se você não gosta do modo como levo minha vida, se desaprova minha maneira de pensar sobre tudo, o que está fazendo aqui? Hein, Robbie? O que exatamente você está fazendo aqui?

- Não desaprovo sua maneira de pensar. Não disse isso. Só acho uma bosta que você elimine tudo o que é emocional, como se isso não significasse nada. É uma espécie de bravata. Vive na defensiva ... e acho isso doentio.

- O quê? - Ela o fita com incredulidade, escorregando da cama e ficando de pé. Põe as mãos na cintura. Está usando uma camisola branca, um robe recatado e bonito, quase infantil, e uma mancha colorida apareceu em cada uma de suas bochechas. Seus olhos brilham de raiva. Ela parece ao mesmo tempo inocente, linda e perigosa, e é difícil desviar os olhos dela. Alice sacode a cabeça e dá um sorriso amargo. - O que você quer dizer, Robbie? Do que você está *falando*?

- Estou falando sobre você, Alice. Sua família. Sua mãe e seu irmão. Não sei nem o nome de seu irmão. Katherine nem mesmo sabia da *existência* de um irmão. Não acha que isso é um pouquinho esquisito? Você nunca fala sobre ele. Nunca fala sobre seus pais ou sua infância. Você nunca fala sobre nada.

- E por que eu deveria falar, Robbie? Só porque você acha que é o certo? Afinal, o que você está desesperado para saber? Qual é o detalhezinho sórdido que interessa a você? Hein? Você já sabe que Jo-Jo é viciada em heroína. Já sabe que eu fui adotada. Não falo sobre o meu irmão porque quase nunca o vejo. Porque ele não está exatamente disponível, não é? Não falo sobre ele porque não crescemos juntos, porque ele foi adotado por uns idiotas nojentos, teve uma vida de porcaria e agora está na cadeia, certo? Não falo

sobre ele porque gente como você não seria capaz de entender o que ele já sofreu.

Fico lá plantada, olhando para eles. É difícil me afastar, difícil não ouvir. Alice tem segredos. Eu também. Por que não deveríamos ter? Quero dizer a Robbie para deixá-la em paz, para deixar todo aquele assunto de lado, mas aquela briga não é minha. Dou meia-volta e rumo para a cozinha. Alice grita meu nome.

- Não fuja! - diz ela.

Seu tom frio e imperativo me irrita. Ao responder, sou igualmente fria: - Não estou fugindo. Estou indo fazer o café da manhã. Estou com fome. - Quero apenas sua opinião - continua ela, como se eu não tivesse

falado. - Você não acha que eu tenho o direito de decidir sobre o que quero ou não quero falar? Ou é errado de minha parte guardar coisas para mim mesma? - Ela fuzila Robbie com os olhos, depois se vira para mim e levanta as sobrancelhas. - Ou será que amigos devem conversar sobre todas as coisas? Tudo o que aconteceu algum dia?

- Não - respondo calmamente. - Claro que não. - *Claro que você pode ter segredos, penso, eu tenho os meus. Vamos enterrá-los bem fundo, fazer força para esquecê-los e nunca falar sobre eles. Nunca.*

Mas não tenho chance de dizer mais nada, porque Robbie interrompe. - Vamos deixar Katherine fora disso. Essa briga não é dela. - É, mas ela está aí parada nos escutando como se fosse. - Não estou - digo, subitamente embaraçada e na defensiva. - Quis ir

embora. Você pediu minha opinião. - E decido parar por aí, antes de começar a parecer uma criança petulante. - Seja como for - dou de ombros -, estou faminta. Vou fazer o café da manhã.

Viro-me e caminho para a cozinha. A porta bate ruidosamente atrás de mim. Ouço Robbie exclamar alguma coisa e Alice retrucar com irritação. Dói em mim que Alice tenha sido capaz de ser tão

indelicada, e sinto-me um pouco humilhada com a idéia de ser vista como uma espécie de abelhuda. Tiro os ingredientes da geladeira - ovos, bacon, limão, cebolinha, manteiga -, coloco-os na bancada e bato a porta com raiva.

Primeiro faço o molho holandês. Quebro os ovos e separo as gemas das claras com cuidado. Ainda posso escutar o zumbido das vozes de Robbie e Alice vindo do quarto. Eles estão bem mais quietos agora, e suas vozes soam mais calmas, como se estivessem fazendo as pazes. E, quando estou batendo as gemas, um braço sustentando a tigela contra o meu abdome, o outro se agitando energicamente, me pego sorrindo. Tivemos uma briga, penso, uma briga de verdade. Nossa primeira briga.

Como costuma acontecer com os amigos.

Capítulo 11

Sarah e eu temos de sair para Jindabyne antes das cinco. Gosto muito de Jindabyne; o ritmo lento e relaxado de lá, o ar fresco, frio, e o belo lago artificial. O lugar se tornou mais cosmopolita desde a época em que íamos com freqüência quando éramos crianças, com cafés e restaurantes modernos na rua principal, mas ainda mantém uma atmosfera rústica, indolente. Acho que é por causa das ruas largas, do ritmo lento do tráfego, do ar ligeiramente abandonado da cidadezinha após a alta temporada de inverno.

Reservei acomodações independentes em um lugar com o nome pouco criativo de Cabanas do Lago, mas, quando chegamos e damos uma olhada, fico satisfeita com nossa cabana. Já está quentinha, pois o proprietário teve a delicadeza de ligar o aquecimento antes de nossa chegada, e tem uma varandinha de madeira que dá vista para o lago.

- Mas onde está a neve? - Sarah corre até a janela e olha para fora. - Não há neve aqui, meu bem. Mas amanhã vamos pegar o trem especial

para o alto da montanha e vamos ver muita, muita neve. - É um trem mágico?

- Acho que é.

- O trem mágico da *neve*?

- Exatamente.

- Posso brincar lá fora?

- Só um pouquinho - respondo. - Já está escurecendo. Ajudo minha filha a vestir o casaco e a calçar as galochas, ela corre para

fora, dando gritinhos alvoroçados por estar num lugar novo. - Não chegue perto da água sem a mamãe - lembro-a. Pego a caixa de mantimentos - leite, chá, biscoitos - no porta-malas e a

levo para dentro. Posso ver Sarah da cozinha, e, enquanto desembrulho as compras e começo a fazer a refeição da noite, observo-a cavando o chão com um graveto, falando sozinha, numa alegre cantilena. Eu trouxe manjeriço, alho, pinhole e os demais ingredientes de que preciso para preparar um espaguete ao *pesto* para o jantar. Também trouxe alface e abacate para uma salada verde, além de um pouco de vinagre balsâmico para o tempero.

Depois de preparar o *pesto*, fazer a salada e pôr uma grande panela de água no fogo para ferver, visto o casaco e saio de casa. Sento-me na varanda e fico olhando Sarah brincar.

- Mamãe? - chama ela após algum tempo, sem tirar os olhos de sua brincadeira.

- Sim.

- Mamãe. Você é feliz?

- Claro que sou. - Fico surpresa com a seriedade de sua voz. - Tenho você, por isso sou muito, muito feliz. Sou a mamãe mais sortuda do mundo. Você sabe disso.

- Eu sei. - Ela assente seriamente com a cabeça. - Sei que você é feliz nessa parte. Mas você fica triste por não ter um papai?

- Mas eu tenho um papai, *sim*. O vovô é meu papai. Ela faz uma pausa, pensando. Depois levanta os olhos para mim, a testa franzida.

- Quero dizer um papai para mim, é isso o que eu quero dizer. Você está triste porque não tem um papai para mim?

- Um pouquinho triste. - Meu instinto é me aproximar, agarrá-Ia, abraçá-Ia, fazer-lhe cócegas e sufocá-Ia com beijos. Teria preferido de longe evitar essas conversas sérias; são intensas demais, penosas demais, creio, para uma menina tão pequena. Mas sei por experiência que ela quer essas perguntas respondidas e vai ficar perguntando, até se sentir satisfeita. - Tenho saudade de seu pai e

gostaria que ele não tivesse morrido. Mas você me faz tão feliz, que me sinto muito mais feliz que triste.

Ela sorri, um sorrisinho hesitante de alívio.

E eu me pergunto se o que eu disse é verdade. A felicidade é um sentimento tão difícil de quantificar. Há momentos em que sou feliz, certamente, momentos com Sarah em que esqueço quem sou e o que aconteceu, momentos em que esquecer completamente o passado e desfrutar o presente. Mas há um peso em mim, uma tristeza profunda, um sentimento de decepção com os caprichos da vida, que é difícil sacudir, difícil ignorar. Há ocasiões em que percebo que dias e semanas se passaram sem que eu os registrasse, como se tivesse estado ausente ou vivendo a vida numa espécie de piloto automático. Às vezes tenho a impressão de ser um robô programado apenas para assegurar que Sarah seja bem-cuidada, de ser responsável apenas pelo fluxo suave de sua vida, sem qualquer capacidade de desejar algo para mim mesma. Minha principal esperança de felicidade agora reside em Sarah. Se ela estiver bem, se ela puder viver uma vida livre de tragédias e mágoas, posso me dar por satisfeita. Mas isto é o máximo que me disponho a esperar para mim mesma agora: o contentamento de Sarah; amá-la é o único investimento emocional que estou disposta a fazer na vida.

Capítulo 12

- Então nós a veremos sexta-feira à noite? - diz mamãe. - Isso.

Estou quase dizendo até logo e desligando o telefone quando ela pergunta:

- Por que não traz sua nova amiga? Por que não traz Alice? Adoraríamos conhecê-la.

Duvido que meus pais queiram realmente que Alice vá; eles não parecem mais apreciar nenhum tipo de interação social. É um esforço rir, sorrir e conversar quando a única coisa em que você pensa de verdade é na morte de sua filha; um assunto que é impossível trazer à baila sem afugentar as pessoas. Mas reconheço que ela está fazendo um grande esforço por mim, pois deseja que minha vida seja o mais normal possível.

Já pensei em apresentar Alice aos meus pais, mas sempre decidi o contrário disso. Mamãe e papai são tão tristes, tão quietos, que às vezes as pessoas têm dificuldade em saber como lidar com eles. E ainda não contei a Alice sobre RacheI. Sem dúvida ela acharia a intensa seriedade dos dois, sua incapacidade de rir com facilidade, muito desconcertante.

- Não sei, mamãe - respondo. - Provavelmente ela estará ocupada. - Oh, por favor, querida. Por favor, convide-a pelo menos. Sei que somos

insossos, sei que provavelmente será uma chatice, mas seria tão bom ver um rosto novo. E faria um bem enorme a seu pai ver você feliz e se divertindo um pouco com uma amiga de sua idade.

É tão raro que mamãe me peça alguma coisa, e ela parece tão genuinamente empenhada em que eu leve minha amiga, que concordo em fazer o convite. Prometo informá-la no dia seguinte se Alice irá ou não. Ela quer tempo para providenciar mais comida.

Alice diz que sim, que adoraria ir, e, rindo, acrescenta que estava esperando esse convite.

Como era inevitável, o nome de Rachel é mencionado na primeira noite que passamos lá. Mas consigo mudar de assunto rapidamente, evitando o constrangimento de ter de contar a Alice o que acontecera sob os olhares curiosos de meus pais. Eles certamente se perguntariam por que eu nunca lhe contara.

Mas sei que vou ter de falar com Alice. Será impossível atravessar todo um fim de semana sem que o nome de Rachel volte à tona. Assim, depois que Alice e eu desejamos boa-noite aos meus pais e subimos para dormir, eu peço a ela que venha ao meu quarto por um minuto.

- Por quê? - cochicha ela, dando uma risadinha. – Você tem um depósito secreto de drogas lá?

- Quero só contar uma coisa pra você.

Alice arregala os olhos, obviamente surpresa pela seriedade de minha voz.

- Certo - diz. - Deixe eu fazer um xixi primeiro. Num segundo. Quando ela volta, sentamo-nos na minha cama, uma de frente para a

outra, de pernas cruzadas.

- Tive uma irmã - digo num tom prosaico. - Rachel. Ela foi assassinada. Alice inclina-se para a frente, franze a testa.

- O quê?

Espero. Sei que ela me ouviu e só precisa de tempo para processar a informação. É sempre assim quando você conta para alguém. De início é sempre difícil acreditar.

- Conte-me - diz ela por fim.

E começo a falar... e enquanto falo soluço baixinho. Conto tudo a Alice. A história toda, a começar pelo momento em que Carly, Rachel e eu tomávamos café tantos anos antes, o momento em que

decidi que iríamos à festa. E choro com o horror revivido, mas também com o alívio de finalmente estar contando para alguém, e falo, falo e choro mais um pouco. E Alice, por sua vez, apenas escuta. Não diz nada nem faz perguntas, mas mantém a mão em meu joelho o tempo todo.

- Oh, meu Deus! - diz ela, quando finalmente termino. - Coitada de você! Coitada de sua família! Por que não me contou antes? Oh, meu Deus! Coitada da Rachel!

- Sim - concordo com a cabeça. - Coitada da Rachel. E de mamãe e papai. É simplesmente horrível. Arruinou tudo.

E Alice me abraça e me segura enquanto choro. Depois, quando estou completamente exausta e minha cabeça dói, quando o relógio na mesa de cabeceira marca 2 horas da manhã, ela me ajuda a me deitar e se deita a meu lado, fazendo café até eu adormecer.

Quando acordo na manhã seguinte, ela está de pé ao lado de minha cama, uma xícara de chá fumegante na mão.

- Trouxe isto para você. - Põe a xícara na mesa de cabeceira. - Dormiu o suficiente?

Ela está vestida. O cabelo está úmido nas pontas, e sinto o cheiro cítrico de seu xampu. Sento-me, sentindo-me amarrada e fatigada. Pego a xícara e tomo meu chá aos golinhos. Está quente, forte e doce, delicioso em minha boca seca.

- Como você está? - pergunto depois que tomei a metade da xícara e me sinto lúcida o bastante para falar. - A que horas se levantou? Deve estar exausta.

- Não. Estou ótima. Eu acordei cedo e tomei café com Helen na varanda. Pergunto a mim mesma por que Alice começou a se referir a mamãe

pelo primeiro nome. Meus pais em geral fazem o tipo Sr. e Sra. - Conversamos sobre Rachel - diz ela.

- Ah. - Estou chocada. Não posso imaginar o que teriam dito uma à outra. Mãe em geral reluta tanto em conversar sobre Rachei com estranhos, é tão temerosa de reduzir a vida e a morte da filha a uma história. - Isso foi... Quero dizer, como mãe se mostrou? Ela... ela chegou mesmo a dizer alguma coisa?

- Dizer alguma coisa? Meu Deus, Katherine, sua mãe tomou fôlego. Acho que era realmente disso que ela precisava. Foi... hum, como se diz mesmo... *catártico* para ela, eu acho. Helen é uma mulher encantadora, forte corajosa, mas precisa, não sei... realmente precisa dar vazão a tudo isso de algum modo. É óbvio que vem só segurando tudo dentro dela, reprimindo toda a sua fúria e infelicidade por todo esse tempo. Quer dizer, não me entenda mal, essa manhã foi completamente exaustiva, emocionalmente carregada para nós duas. Nós rimos, choramos e nos abraçamos. Chegamos até a batizar nosso café com um pouco de rum; estávamos ficando muito emocionadas. Sabe, ela simplesmente se abriu por completo essa manhã, contou-me aquela coisa toda... coisas que não tinha contado para ninguém antes, eu acho. - Alice inclina a cabeça de lado e abre um sorriso sonhador. - E eu abri algumas perspectivas diferentes para ela. Uma nova maneira de ver as coisas. Uma visão mais compassiva e tolerante de toda a situação. Acho que eu realmente a ajudei, sabe? Realmente ajudei sua mãe a se livrar de parte da porcaria que vem guardando dentro de si.

- Porcaria? - pergunto. Estou irritada, mas não sei bem por quê.
- Que porcaria é essa exatamente?

- Ah. - Alice pestaneja, depois me olha um pouco desconfiada. - Você está bem? Não está aborrecida nem nada, está? Isso simplesmente aconteceu. Nem sei ao certo o que trouxe Rachel à baila. Isto é, acho que de início fui eu... mas não podia ficar ali sentada com Helen e não dizer nada sobre ela. Acho que me sentiria um pouco falsa ou como se estivesse mentindo, alguma coisa assim. Mas, nossa! Depois que mencionei o nome de Rachel, pronto: a Helen simplesmente não conseguiu *parar* de falar.

A maneira como Alice está chamando minha mãe de "He llen" está me deixando furiosa, e cada vez que ela repete o nome tenho de controlar o impulso de mandá-Ia calar a boca.

- Tenho de ir ver se mamãe está mesmo bem - digo com um suspiro. Sacudo os cobertores das pernas e me levanto, evitando o olhar de Alice enquanto visto o robe. - Ela se tornou muito boa em esconder seus verdadeiros sentimentos desde que Rachel morreu. A pessoa não consegue saber o que da está pensando de fato, a menos que a conheça muito bem. E às vezes ela é capaz de ser ridiculamente polida. Chega às raias da autodestrutividade, de verdade.

Saio do quarto sem dar a Alice a chance de dizer mais nada. Sei que estou sendo grosseira e provavelmente dramática demais, mas tenho certeza de que Alice interpretou tudo errado - tenho certeza de que, se as duas estiveram conversando sobre Rachel, mamãe deve estar se sentindo triste e perturbada. E algo na atitude de Alice em relação a tudo aquilo parece estranhamente auto-elogioso. Irritantemente presunçoso.

Encontro mamãe na cozinha. Ela está parada junto à bancada central, sovando uma massa. Há farinha de trigo sobre toda a bancada, uma mancha dela em sua bochecha. Ela está cantarolando.

- Ah, querida! - Ela sorri, e leva a mão ao peito. - Você me assustou. - Como você está? - Olho para ela atentamente.

- Ah! Sinto-me muito ... - Ela toca vagamente os lábios, deixando neles uma mancha de farinha. Seus olhos ficam marejados, e acho que ela está prestes a chorar, mas depois sorri. - Estou me sentindo realmente bem, na verdade. Alice e eu tivemos uma conversa encantadora essa manhã. Uma conversa realmente boa e franca sobre RacheI. Foi, bem, foi muito ... *libertador* pôr tudo aquilo para fora. - Em seguida mamãe ri e balança a cabeça. - Eu falei palavrões como um marinheiro, querida. E bebi rum como um marinheiro também.

- Rum? Já? - Olho para o relógio da cozinha. – Mal passa das dez! - Eu sei. Viu que travessura? Sua amiga Alice – mamãe balança a cabeça

e sorri afetuosamente - é uma pessoa e tanto, não é? Tão *divertida ...* - Acho que sim. - Abro a geladeira e ocupo-me examinando seu interior.

- Embora seja difícil imaginar você xingando. - Não consigo me conter: soa inesperado e censurável.

- Bem, pois xinguei. - Se ela percebeu meu mau humor, não demonstra. Continua alegre e animada. - Coitados daqueles homens. Ainda devem estar com as orelhas ardendo.

- Coitados? Que homens? - Fecho a geladeira e a encaro. - Bem, na verdade, rapazes; não homens. Os rapazes que mataram

RacheI.

- Coitados? Não acho. Ao menos ainda estão vivos. - De fato. Estão. E vão ter de viver com o que fizeram para sempre. - Bom - digo maldosamente -, quero mais é que se danem. - Isso mesmo. - Mamãe olha para mim e sorri. – Está certo. Ponha tudo

para fora. Xingue, se quiser.

- Meu Deus, mamãe, já fiz tudo isso!

- Bom. Bem, isso é bom. Isso me deixa satisfeita – diz ela, rindo. - Faz bem ficar com raiva, não faz? Faz bem se comportar mal de vez em quando.

- Eu não chamaria isso de se comportar mal. Eu diria que isso é se comportar como um ser humano normal.

- É claro. Tem toda a razão. Alice chamou minha atenção para isso. - E você está bem? - Não sei por que não me sinto aliviada. Mas há uma

parte estranha e vergonhosa de mim que está desapontada por vê-la parecendo tão feliz. Acho que estou um pouco enciumada pelo

fato de ter sido a conversa com Alice, e não comigo, que a fez se sentir assim. - Não está perturbada?

- Perturbada? Bem, claro que estou perturbada, meu amor. Minha filha foi assassinada. Mas parece tão bom ter ... ter reconhecido como estou realmente muito *puta da vida*. Botar um pouco da raiva para fora. - Ela dá de ombros e volta a sovar a massa, esmagando-a furiosamente. - Dá uma sensação tão boa expressar isso ... Eu alimentava sentimentos tão ruins com relação àqueles homens, àqueles rapazes, àqueles *filhos da puta*, estou quase começando a sentir pena deles.

- Ah, bem. Isso é... - Paro, me viro para pegar a chaleira, ocupo-me procurando o açúcar, uma xícara, pondo folhas no bule.

Nunca ouvi minha mãe falar um palavrão antes. Nunca. Em quase 18 anos. E longe de me sentir feliz por vê-la finalmente extravasando um pouco dessa raiva natural, longe de gostar de vê-la se soltar um pouco, estou prestes a cair no choro. Sinto-me ferida. Tantas vezes tentei fazê-la falar sobre Rachel, expressar um pouco de sua raiva, gritar, chorar e esbravejar contra a injustiça daquilo tudo, mas ela sempre se mostrou impassível e estoica, totalmente contida, avessa a se deixar dominar pela emoção.

Ali onde eu sempre fracassei, Alice teve sucesso - e muito fácil e rapidamente!

Termino de fazer meu chá em silêncio, e, quando estou prestes a sair da cozinha e voltar para meu quarto para tomá-lo em magoada solidão, mamãe se aproxima. Ela para bem diante de mim, põe a mão em meu ombro e o aperta.

- Ela é uma menina encantadora, sua amiga Alice. Que bom que você a trouxe neste fim de semana!

Concordo com a cabeça e me forço a sorrir.

- E ela claramente acha você o máximo – acrescenta mamãe. - Não conseguia encontrar elogios suficientes para você. Fico muito feliz por vocês terem se tornado amigas.

Em seguida ela se inclina e me beija no rosto. Sorri, e é o sorriso mais feliz, mais genuíno que vejo em seu rosto desde que Rachel morreu. Depois abre largamente os braços, eu pousei meu chá e a envolvo com os meus. Abraçamo-nos, apertando-nos com força por um longo tempo, e, quando nos soltamos, toda a raiva que eu vinha sentindo de Alice desaparecera. Ela havia feito minha mãe feliz, e, em vez de me sentir infantilmente enciumada, eu deveria estar agradecida. Eu havia sido irracional, egocêntrica e mesquinha. Ao voltar para o andar de cima, prometo a mim mesma que serei muito mais generosa e compreensiva em relação a Alice no futuro. Afinal, ela tem as melhores intenções. É uma boa amiga, uma amiga devotada e generosa, e seu coração está sempre no lugar certo.

Capítulo 13

A caminho da festa, Rachel e eu passamos com Carly na casa dela. Lá Carly tirou o uniforme e trocou-o por uma calça jeans, uma camiseta regata cor-de-rosa justa e um par de sandálias douradas rasteirinhas. Ofereceu-se para nos emprestar alguma coisa para vestir também, e escolhi uma calça jeans e uma camiseta listrada, mas todas as roupas eram grandes demais para Rachel.

- O jeito é você ficar de uniforme - falei.

- Vou parecer tão desmazelada - queixou-se Rachel, olhando para si mesma. E embora ela já tivesse tirado a gravata da escola e posto a blusa para fora da saia, deixando o uniforme tão informal quanto possível, não havia nada que pudesse fazer quanto ao comprimento da saia, que mais parecia um *kilt* verde-escuro e bem abaixo dos joelhos, um indício óbvio de status da escola particular. - Vou me sentir um peixe fora d'água.

- Que importância tem isso? - respondi. - Você vai ficar deslocada de qualquer maneira. Será a pessoa mais nova lá, a única menina de 14 anos num raio de 100 quilômetros.

- Mas eu ...

- Rach - interrompi. - Pare de se queixar. Você não devia nem ir, lembre-se. Essas pessoas são minhas amigas, não suas.

Rachei e eu soltamos o cabelo e o deixamos cair livre – o cabelo dourado, longo e liso dela, e o meu, castanho, rebelde e encaracolado. Passamos um pouco do gloss da Carly nos lábios e pintamos os olhos com rímel e delineador.

Carly tirou o telefone celular da mochila, desligou-o e deixou-o sobre a cama.

- Se não querem seus pais telefonando - disse -, deixem os de vocês aqui também. Devolvo amanhã na escola.

Rachel olhou para mim, hesitante, esperando que eu tomasse a decisão. Dei de ombros, tirei meu celular da mochila, desliguei-o e joguei-o na cama da Carly. Rachel rapidamente fez o mesmo.

Depois de nos borrifarmos com um pouco de um perfume da mãe da Carly que parecia caro - um dos muitos frascos que literalmente cobriam toda a penteadeira dela -, saímos. Como não tínhamos dinheiro suficiente para um táxi, decidimos ir a pé. Depois de andarmos por uns cinco minutos, discutindo ociosamente pelo caminho de quais casas gostávamos ou não, Carly enfiou a mão na bolsa a tiracolo e tirou uma garrafa d'água de plástico.

- Esperem um minuto - disse. Parou, abriu a tampa da garrafa e tomou um grande gole. O modo como seus olhos ficaram molhados e a forma como ela arfou ao baixar a garrafa indicaram que aquilo não era água. - Vodca. - Ela estendeu a garrafa para mim. - Com um pouquinho de limonada. Quer um gole?

Sacudi a cabeça, entre divertida e incrédula, mas peguei a garrafa. Eu já devia saber que Carly não iria para a festa sem um trago. Ela foi a primeira menina da escola a começar a beber, e era ela que conseguia que alguém mais velho comprasse bebida para nós sempre que precisávamos.

Levei a garrafa à boca e tomei um golinho hesitante. Estava forte. Muito mais vodca que limonada.

- Meu Deus, Carly, isto é letal - disse eu, devolvendo-a. - Rach?
- Carly estendeu a garrafa para Rachel, levantando as

sobrancelhas de modo indagador. Minha irmã olhou para mim, como se pedisse permissão.

- Tome também - dei de ombros. - Mas você não vai gostar. Tem gosto de gasolina, na primeira vez que a gente prova.

Rachel tomou um golinho e, como eu previa, franziu os lábios e contorceu o rosto com repugnância.

- Eca! Isto é *nojento!* - disse ela.

- É só um meio para um fim. - Carly sacudiu a cabeça quando Rachel tentou lhe devolver a garrafa, empurrando-a de volta. - Tente de novo. Quanto mais beber, mais fácil vai ficar. Isso ajudará você a relaxar, a se divertir.

Acatando a sugestão, Rachel levou a garrafa aos lábios e tomou outro gole.

- Não foi tão ruim - disse com uma careta. - Mas eu ainda prefiro limonada normal.

Carly riu.

- Mas limonada normal não vai ajudar você a se divertir como isto. Acredite em mim.

Não sei bem por que não me preocupei com o que Rachel estava bebendo. Não sei por que não tomei conta dela melhor, não controlei o que bebia e assegurei que permanecesse relativamente sóbria. Acho que a vodca teve um efeito quase imediato sobre mim - sobre todas nós. Partilhamos a garrafa caminho afora, cada uma tomando goles freqüentes, e, à medida que nossos sentidos foram ficando mais acostumados ao álcool, o gosto começou a melhorar e começamos a tomar tragos maiores.

Quando a garrafa ficou vazia, Carly parou.

- Esperem. - Ela pôs a bolsa no chão e tirou uma grande garrafa de vidro, virando-a para que pudéssemos ver o rótulo: Stolichnaya. - Vocês não pensaram que eu nos deixaria querendo mais, não é? - Ela levantou os olhos e sorriu. - Bem, agora vamos ter de tomar vodca pura. Não há mais limonada. - Encheu de novo a garrafa de plástico, levantou-se e ofereceu-a à Rachel. - Pode tomar primeiro. Vai ter gosto de fogo de novo. Mas depois você se acostuma.

Rachel segurou a garrafa e tomou um grande gole. A expressão de seu rosto ao engolir nos fez rir.

A caminhada durou quase quarenta minutos, e, quando chegamos, estávamos as três completamente bêbadas. Rachel tinha

um círculo de pele afogueada em cada bochecha e um enorme sorriso no rosto. Parecia bonita, inocente e muito jovem.

- Como você está? - Segurei a mão dela e sorri. A vodca havia dissolvido toda a minha irritação anterior, suavizado todas as minhas asperezas. Eu não estava mais tão furiosa por ela ter vindo conosco. *Isso* não tinha mais importância. - Você está bem?

Ainda não tínhamos entrado no celeiro, mas podíamos ouvir a música, o *dum-dum-dum* do baixo, o som de Vozes e risos, jovens se divertindo. Jovens sem adultos por perto. Rachel ficou olhando para mim, ainda sorrindo, e assentiu com a cabeça. Começou a balançar o corpo no ritmo da música. Levantou as sobrancelhas e virou a cabeça de lado, com se quisesse ouvir melhor as notas.

- *Vamos!* - Carly, atrás de nós, nos empurrou suavemente para a frente. - Não vamos ficar paradas a tarde inteira. Por mais que eu goste de vocês, não andei até aqui só para ficarmos as três fazendo ponto.

Quando caminhávamos para a entrada, ocorreu-me que eu não tinha realmente analisado nada daquilo com muito cuidado. Tínhamos planejado ficar na festa apenas uma hora. Tínhamos planejado levar Rachel para casa antes das 17 horas, com tempo suficiente para ela ensaiar no piano. Mas tínhamos passado uns bons dez minutos na casa da Carly, e a caminhada tomara mais quarenta. E ao ver Rachel rumar para a festa, os passos animados, no ritmo da música, compreendi que inevitavelmente voltaríamos tarde. Se Rachel tivesse simplesmente ido para casa, tudo estaria bem. Eu poderia telefonar para meus pais mais tarde e dar alguma desculpa para minha ausência, dizer que estava fazendo um trabalho escolar na casa de Carly. Eles ficariam aborrecidos, mas não tão zangados quanto iriam ficar agora, com Rachel envolvida na história. Rachel chegar tarde seria um deus nos acuda; ela tinha só 14 anos e estava deixando de estudar piano - e isso era sempre um crime capitai. E eu não tinha a menor idéia de como poderíamos esconder o cheiro de vodca. Uma coisa era certa: íamos nos meter numa enrascada, uma *grande* enrascada.

O *melhor que eu faço é aproveitar isto ao máximo*, pensei, seguindo RacheI.

Capítulo 14

Alice caminha a nossa frente. Está só um pouquinho adiante, menos de dois passos, mas é o bastante para que não consigamos incluí-la numa conversa, para deixar claro que ela não está a fim de falar. Não me parece que esteja triste, zangada ou contrariada; longe disso: está de bom humor, irradiando energia e beleza, claramente satisfeita por sair numa noite tão bonita de outono e desfrutar o final do tempo quente.

Mas às vezes ela fica assim: preocupada e pouco comunicativa. Robbie e eu a conhecemos suficientemente bem para não temermos que esteja amuada ou ofendida com alguma coisa, e compreendemos que, em alguns momentos, ela se sente melhor não participando. Certa vez Robbie até brincou a respeito disso. Ele e eu conversávamos animadamente sobre nosso amor comum pela música - do rock à opera, passando pelo pop -, quando descobrimos que Alice caíra no sono num sofá. Não tínhamos ideia de quanto tempo fazia que ela estava dormindo. Falávamos sem parar, absortos, por horas. *Acho que ela está cansada de nossa tagarelice constante, Katherine*, dissera Robbie, rindo, quando a encontramos. *Acho que falamos demais. Matamos Alice de tédio*. E provavelmente ele tinha razão. Robbie e eu nunca ficamos sem assunto, nossas conversas podem se prolongar por horas a fio.

Na verdade, nós dois conversamos tanto, e nos damos tão bem, que comecei a temer que isso estivesse aborrecendo Alice. Perguntei a mim mesma se ela não estaria com ciúme. Mas quando lhe perguntei se a incomodava que eu conversasse tanto com Robbie, se queria que eu me afastasse, ela sacudiu a cabeça e olhou para mim, perplexa.

- Por quê? Gosto muito que vocês se deem bem. As duas pessoas de que mais gosto no mundo. Adoro que tenham tanto o que conversar.

- Oh, que bom. Tive medo de que você pudesse... bem, pensei que eu poderia estar pisando em seus calos, que você poderia estar enciumada.

- Enciumada? - Ela balançou a cabeça, pareceu pensativa. - Nunca senti ciúme. De ninguém. De nada. Posso dizer sinceramente que essa não é uma emoção que eu conheça. - E depois deu de ombros. - Parece-me um sentimentozinho bobo, fútil, se você quer saber.

É noite de sexta-feira, as provas para o diploma de conclusão do ensino médio vão começar em algumas semanas, e provavelmente eu deveria estar em casa, revendo as matérias. Mas estudei muito durante a semana, e tanto Robbie quanto Alice suplicaram para que eu saísse. O diploma é importante, eu sei, mas neste exato momento minha amizade com Alice e Robbie é ainda mais importante. Neste exato momento, me distrair, viver a vida que neguei a mim mesma por tanto tempo parece mais que importante. É crucial.

Robbie e eu falamos sobre esqui. Ele adora esqui e sugere que nós três poderíamos ir para uma estação de esqui no próximo inverno...

- Mas eu não sou lá muito boa - digo. - Provavelmente vou atrapalhar vocês, estragar o passeio.

- Vou ensinar para você - diz Robbie. - Você vai estar no ponto quando formos.

- Quanta presunção! - digo, rindo. - Você nem sabe como eu sou ruim. Sabe, me fazer esqui bem seria quase um milagre .

- Ele *me* ensinou. - Alice se vira e atrasa o passo para andar a nosso lado. Introduz-se entre nós, obrigando-nos a nos separar, para que ela possa andar no meio. - Eu não conseguia nem ficar de pé sobre os esquis quando fomos para a neve, no ano passado, mas uma semana depois estava esquiando como uma campeã profissional. - Ela se pendura no braço do Robbie e sorri para ele. - E você fica tão irresistivelmente sexy quando está esquiando... - Olha

para mim. - Ele parece tão autoconfiante e responsável quando esquia. Tão absolutamente adorável...

De repente Robbie para e olha para Alice. Está de cara fechada.
- Adorável, é? Falando assim, você poderia me enganar. Não foi essa a

impressão que tive quando estávamos lá.

Alice ri e se aconchega mais a ele.

- Seu bobo - diz. - Então você obviamente não me entende. Em vez de reagir da maneira usual à demonstração de afeto de Alice,

Robbie balança a cabeça num gesto de irritação. - Chegamos - diz, desvencilhando o braço de Alice e dando um passo à

frente. Aponta com o queixo para a fachada de um bar em que se lê o nome Out of Africa. - É aqui.

Ele abre a porta e se afasta para que Alice e eu possamos entrar primeiro. Sorrio-lhe ao passar, e, embora sua boca se curve para cima, seu sorriso não transparece no olhar. Pela rigidez de sua postura, percebo que está perturbado ou irritado – ou ambas as coisas.

O bar está na penumbra, iluminado apenas por pequenas lâmpadas nas paredes e velas nas mesas. Meus olhos levam um momento para se adaptar, mas depois vejo que as paredes são de um vermelho carregado e que há almofadas que parecem marroquinas, vivamente coloridas, sobre todas as cadeiras.

- Vou ao bar pegar bebidas para nós - diz Robbie. - Excelente idéia - diz Alice. - Vou tomar uma garrafa de champanhe. - Uma garrafa inteira? - Robbie a encara. - Não acha que isso é um pouco ...

- Não - interrompe Alice. - Acho que é perfeito. Uma garrafa. Obrigada. Robbie concorda com a cabeça e olha para mim. - Katherine?

- Lima, limão e soda, obrigada.

Alice revira os olhos.

- *Lima, limão e soda, obrigada.* - Imita-me com uma aguda, zombeteira. - Nada de álcool para a Senhorita impecável.

- Não posso, Alice. Sou menor. Não tenho carteira de identidade. - Você não precisa se explicar, Katherine - diz Robbie. - Eu também vou

tomar só um refrigerante. Vou jogar futebol amanhã. Alice vai beber sozinha. - Uau! - suspira Alice. - Como vocês dois são divertidos! Que sorte a

minha!

Robbie fecha a cara para ela, a boca cerrada, os olhos frios, antes de dar meia-volta e rumar para o bar.

Alice o vê afastar-se.

- Acho que ele está uma onça comigo - diz, dando de ombros. E corre os olhos pela sala, visivelmente encarando os outros clientes.

Viro-me para olhar para Robbie, parado junto ao bar, esperando as bebidas. Tem os olhos fixos à frente, o rosto sem expressão. Parece infeliz.

- O que aconteceu exatamente? - pergunto. - Por que ele ficou tão zangado de repente?

- Oh! Eu o fiz lembrar uma coisa quando falei sobre a nossa viagem para esquiar. Ele ficou um pouco contrariado quando estávamos lá. Passei algum tempo com um dos instrutores de esqui. Só uma noite. Robbie não gostou.

- Algum *tempo?* Uma *noite?* O que você quer dizer? Alice não olha para mim. Está de olho num casal na mesa ao lado. - Quero dizer exatamente o que disse. - Ela suspira e fala numa voz mais

clara, explicada, como se eu estivesse tendo dificuldade para ouvir ou entender. - Apenas uma noite. Com outro homem. No quarto dele. Você não quer os detalhes, não é? Robbie não gostou. Ele

parece ter algum tipo indevido de sentimento de posse em relação a mim.

Fico tão chocada com o que ouvi, que não consigo encontrar nada para dizer, de modo que fico lá parada estupidamente por um instante, com a mão na boca. Eu sabia que Alice levava muito pouco a sério a relação com Robbie, sabia que ela estava muito menos envolvida que ele. Mas que ela tivesse chegado a passar uma noite com outro homem durante uma viagem com Robbie era de estarrecer. Ou havia sido um ato de execrável e deliberada crueldade ou, o que era igualmente chocante, provava que ela tinha uma estranha incapacidade de imaginar como um comportamento daquele tipo iria afetar Robbie.

Antes que eu tivesse a chance de ordenar meus pensamentos e dar alguma espécie de resposta inteligente, Alice pula de sua cadeira e começa a agitar os braços.

- Ben! - chama ela, saindo de nossa mesa e se aproximando do casal que estivera observando nos últimos minutos. - Ben Dewberry! É *você*. Achei que fosse você. Fiquei olhando, e então ouvi seu sotaque. Soube que era você, com certeza, assim que ouvi sua voz.

Alice está falando tão alto, que se faz um momento de silêncio no restaurante, porque as pessoas param de falar para ouvi-la. Ben e a moça sentada à sua frente - uma moça alta, com um longo cabelo ruivo e pele clara - observam-na em silêncio enquanto ela se aproxima. O rapaz parece chocado, quase assustado.

- Alice. - Ele se levanta e estende a mão, como se para apertar a de Alice, mas ela ignora esse gesto e se aproxima para abraçá-lo. Dá-lhe um beijo, forte prolongado, nos lábios. Quando ela recua, as bochechas do rapaz estão coradas e ele parece indeciso e embaraçado. - Uau! O que você está fazendo aqui? - Ele tem um sotaque americano.

- Jantando, é claro, seu bobo. O mesmo que você. - *Ali* ce segura a mão do rapaz e se vira de frente para nossa mesa exatamente quando Robbie chega com as bebidas. - Robbie,

Katherine. Este é Ben. Ben Dewberry, o primeiro amor verdadeiro da minha vida.

Ben lança um olhar resignado para sua companheira por sobre o ombro de Alice; depois começa a dizer alguma coisa, mas Alice, que está de costas para a moça, puxa o braço dele.

- Venha se sentar conosco - diz. - Vamos. Podemos nos sentar todos juntos.

- Oh. Não creio que... - Ben olha para a amiga. - Philippa e eu ... Alice gira sobre os calcanhares e encara Philippa. - Olá. Eu sou Alice. - Ela solta Ben e estende o braço para Philippa. Elas

trocam um aperto de mãos. Alice sorri e Philippa inclina a cabeça, dando um sorriso constrangido. - Vocês vão se sentar conosco, não vão? - pergunta Alice. - Ao menos sentem-se conosco durante algum tempo. Ben e eu não nos vemos há anos. Temos muitos assuntos para pôr em dia.

Philippa e Ben concordam em se sentar conosco, e, enquanto eles pegam as coisas deles, Robbie olha para mim, com uma expressão de profunda irritação e incredulidade no rosto, e revira os olhos. A garçonete nos ajuda a puxar uma das mesas e a juntá-la com a nossa, para criar espaço suficiente para nós cinco. Com exceção de Alice, que parece cega para o desconforto de todos os demais e tagarela alegremente, ficamos muito quietos e inibidos enquanto tomamos nossos drinques. Alice fala sobre o verão em que saiu com Ben. Este, parecendo constrangido e embaraçado, sorri para Philippa como se pedisse desculpa a cada vez que Alice menciona como gostou de ter um namorado americano e como adorava o sotaque dele.

- Vamos pedir alguma coisa para comer - diz Alice subitamente. - Estou quase morrendo de fome. Você vai pedir comida para nós, não vai, Robbs? Você já esteve aqui antes, sabe o que é bom, não é?

- Oh! - Philippa sacode a cabeça e olha para Ben com uma expressão de pânico. - Não, nós preferimos voltar para nossa mesa

agora.

- Não seja boba. - Alice estica o braço sobre a mesa e pega a mão de Philippa. - Todos nós estamos gostando tanto da companhia de vocês. Por favor, fiquem e comam conosco. Nós três estávamos totalmente entediados e irritadiços antes desse encontro. Estamos realmente enjoados uns dos outros. - Ela joga a cabeça para trás e ri. - Passamos tanto tempo juntos ultimamente, que quase não conseguimos mais suportar nos vermos.

Alice continua rindo, mas todos os outros estão em silêncio. Baixo os olhos para o guardanapo em meu colo, tentando esconder meu rosto afogueado. Sinto-me humilhada e perturbada. Eu estava gostando tanto da companhia de Alice e Robbie, sentindo-me tão feliz por ter amigos tão íntimos como eles novamente, que o comentário dela - seu óbvio desdém por algo que passei a valorizar tanto - faz com que me sinta ridícula, magoada.

Tenho certeza de que Robbie se sente igualmente perturbado - e por isso não consigo olhar para ele. Ver minha humilhação refletida em seus olhos seria insuportável.

- É claro que vamos comer com vocês. Estamos nos divertindo muito - diz Ben. Ele fala alto, com excessivo entusiasmo. - Não estamos, Philippa?

- Excelente! Graças a Deus! - Alice bate a mão na mesa, triunfante. Sua garrafa de champanhe está vazia, e ela, que parece ligeiramente embriagada, as bochechas estão vermelhas, os olhos brilham, ignora por completo a tensão que reina entre todos os outros. - Vamos buscar mais bebidas para esta mesa - diz. - Estamos morrendo de sede aqui, Robbie. O que você recomenda agora?

Robbie limpa a garganta.

- Eu ia mesmo tomar mais uma Coca-Cola. - Ele sorri para Philippa e Ben de uma maneira forçada, artificial. - E Vocês? O que querem?

- Mais água? - Philippa ergue uma jarra vazia. - Pode ser? - Ben vai tomar uma cerveja - diz Alice, dando uma cotovelada nele,

sorrindo. - Não vai, Ben? Hein? Você não é um desmancha-prazeres. - Claro - diz ele. - Por que não? Seria ótimo tomar uma cerveja. - E mais champanhe - diz Alice, jogando uma nota de 100 dólares para o

Robbie. - Mais uma garrafa.

- Você poderia me dar uma ajuda, Katherine? – pergunta Robbie ao pegar o dinheiro. Sua voz está tensa e controlada. Ele parece furioso.

- Claro. - Olho para Alice ao me levantar. Ela está tão estranhamente belicosa desde que chegamos, que tenho medo de incitar outro comentário agressivo indo até o bar com Robbie. Mas da está inclinada em direção a Philippa, as sobrancelhas levantadas, e não dá nem uma olhadela para nós quando nos afastamos.

Robbie e eu vamos até o bar calados. Chegando lá, ele se vira e olha para nossa mesa.

- Maldita Alice - diz. - Ela tem alguma espécie de plano esta noite. Isto vai acabar em lágrimas.

- O que você quer dizer? - Sinto um frio na barriga. Não quero que nada de desagradável aconteça. Não quero que Alice se comporte mal, que seja cruel. Não quero que ela e Robbie briguem, nem que ela faça alguma coisa tão horrível que me obrigue a questionar nossa amizade. É horrível demais pensar que tudo isso poderia acabar, e tenho de controlar uma crescente sensação de pânico diante da idéia de um futuro sem minha amizade com Robbie e Alice, um futuro solitário, tedioso e triste demais para suportar. - Vamos jantar e sair daqui. Deixá-la em casa para dormir.

Robbie olha para mim.

- Você nunca a viu assim antes, não é?

- Assim? Não sei. Nunca a vi tão deliberadamente grosseira, se é isso o que quer dizer.

Ele sacode a cabeça.

- Isto é diferente. Já vi Alice assim algumas vezes. É realmente esquisito. E assustador. Ela está numa missão de autodestruição. Não vamos conseguir nos comunicar com ela de jeito nenhum esta noite. Ela não ouvirá. Nem a você, nem a mim, nem a Ben, nem a Philippa. E aposto um milhão de dólares que ela vai querer transformar isto numa grande noitada. E vai arrastar Philippa e Ben para a aventura, você vai ver. - Ele solta um riso amargo. - Ela é extremamente persistente quando quer.

Não sei bem do que o Robbie tem tanto medo, o que está dizendo não faz muito sentido, mas mesmo assim fico apreensiva.

- Então vamos só sair e nos divertir um pouco. Dançar, algo assim. Podemos tomar conta dela, não é? Podemos assegurar que nada de mal aconteça.

- Se eu fosse você, daria o fora enquanto é possível. Eu mesmo iria para casa, mas alguém tem de cuidar para que ela volte viva. Está bêbada ou drogada, sei lá. - Ele olha para a mesa de novo. - Ou em algum tipo de estado psicótico.

Alice conversa animadamente com Philippa. A moça tem os braços defensivamente cruzados sobre o peito e está inclinada para trás, afastando-se de Alice. Não sorri.

Pegamos as bebidas e quando voltamos para a mesa, Philippa se levanta de um salto. Anda depressa, a cabeça baixa, em direção ao banheiro.

- Philippa está bem? - pergunto a Ben quando pousamos as bebidas na mesa.

- Eu ... - Ele olha para Alice. - Acho que talvez ela esteja... - Ela está uma arara porque lhe contei algumas coisas sobre mim e Ben -

diz Alice, rindo. - Por Jesus, Ben! Você pegou uma nervosinha dessa vez. Se queria encontrar alguém completamente diferente de mim, com certeza conseguiu.

O rapaz ri sem muita convicção. Não posso acreditar que ele vá simplesmente continuar sentado ali e estou prestes a perguntar se quer que eu veja como está Philippa quando Robbie se levanta.

- Esqueci a água - diz, e se dirige para o bar.

E então vejo por que Ben não tem pressa de ir atrás da Philippa. Quando Robbie se afasta, a mão da Alice desaparece debaixo da mesa. Ela pega na coxa de Ben, muito no alto, depois escorrega a mão, de modo a pousá-la exatamente sobre a virilha.

Levanto-me no mesmo instante. Alice está sorrindo para mim; um sorriso completamente destituído de qualquer calor, e tenho certeza de que ela sabe o que acabei de ver e está contente com isso.

- Vou só dar um pulo no banheiro. - Tento me espremer entre a mesa e minha cadeira de forma tão desajeitada, que quase derrubo a cadeira. - Merda - digo, agarrando-a pelo espaldar antes que caia. - *Merda.*

- Calma, Katherine - diz Alice. - O que há com você? Parece que viu assombração.

Paro e olho para ela, depois olho para Ben, que pelo menos tem a decência de parecer constrangido. - Vou ao banheiro - digo o mais fria e calmamente que posso. - Ver se Philippa está bem.

Alice dá de ombros desdenhosamente, dou meia-volta e caminho para o banheiro. Enquanto me afasto, pergunto a mim mesma se Robbie vai voltar para a mesa e ver o que acabo de ver ou, mesmo que não veja, sentir que há algo de muito estranho acontecendo. Não desejo particularmente que ele veja mão de Alice entre as pernas de Ben - aflige-me imaginar seu sofrimento e humilhação, e não quero que a noite acabe em lágrimas e recriminações penosas. Mas Alice está humilhando Robbie, e ele

merece coisa melhor, e parte de mim certamente deseja que ela seja punida, deseja ver Robbie dar uma bofetada no rosto dela e dispensá-la para sempre. Apesar disso, ainda tenho uma débil e absurda (mas persistente) esperança de que tudo milagrosamente acabe dando certo - que Alice caia em si, pare de agir de maneira tão maluca e peça desculpas, de modo que nós três possamos ir para casa felizes e rindo, e tudo volte ao normal.

Mas mesmo que Robbie veja Alice tocando Ben, isso não precisa ser necessariamente o fim da relação dos dois. Afinal, acabo de saber que Alice fez sexo com outra pessoa quando eles estavam de férias, e Robbie continua querendo ficar ao lado dela. Realmente não tenho idéia de quanta coisa ele suportaria da parte de Alice, mas me deixa preocupada - e muito triste - pensar que minha amizade com ela talvez tenha mudado irremediavelmente. Ela foi tão grosseira esta noite, tão deliberadamente cruel tanto comigo quanto com Robbie e Philippa, que acho que não vou conseguir confiar nela de novo. Ao menos não tão cegamente. Neste momento, nem sei mais se ainda gosto dela.

No banheiro, a porta de uma cabine está fechada e suponho que Philippa esteja escondida lá dentro.

- Philippa? - dou uma batidinha na porta.

Não há qualquer resposta, mas percebo que a pessoa fica mais imóvel, mais quieta.

- Philippa, sou eu, Katherine. Queria só ver se você está bem. - Katherine? - Vejo sua sombra se mover sob a porta, e, em seguida, ela

a destranca e abre. - Graças a Deus que é você. Pensei que pudesse ser Alice. Ela tem os olhos injetados e círculos de um vermelho vivo nas

bochechas. Parece que esteve chorando.

- Você está bem?

- Estou. - Ela cobre a boca com a mão e olha para baixo. Depois de se recompor, levanta os olhos e sorri. – Estou muito bem. Obrigada.

Vai até a pia e, enquanto lava as mãos, percebe meu olhar no espelho. - Então, o que estão fazendo lá? - pergunta.

- Oh. - Desvio os olhos. - Só conversando, esperando a comida ... - Não sei ao certo o que ela viu, não sei quanto está perturbada.

Ela ignora minhas palavras.

- Então Alice e Ben ainda não estão se agarrando na mesa? - O quê?

Ela dá um risinho curto, verifica o rosto no espelho, arruma o cabelo. - Não me importa que estejam, sabe? Não poderia me importar menos.

Ben é um porre. Eu mal o conheço. É só a segunda vez que saímos juntos. - É mesmo? - Olho para ela. - Então vocês não estão namorando? - Nem pensar. - Ela sacode a cabeça. - Meu Deus, não. Faça uma idéia

melhor de mim.

Sorrio agora, aliviada e achando graça.

Ela sorri de volta para mim e depois, jogando a cabeça para trás, ri com gosto para o teto. Seu riso é ruidoso e alegre, e ela parece aliviada, como se o estivesse segurando, e me dou conta de que ela não estava chorando na cabine coisa nenhuma.

- Alice pôs a mão na coxa de Ben. Ele pensou que eu não veria. Ela sabia que eu veria. Você não imagina como foi *embaraçoso* ficar sentada lá, participando daquele joguinho esquisito, maluco. Completamente surreal... Gostaria de ter dito alguma coisa. Mas nunca sou suficientemente rápida, nunca consigo pensar em algo espirituoso ou inteligente para dizer, quando estou numa situação como essa. Isso requer certo tipo de personalidade, certo sarcasmo que eu simplesmente não tenho. - Ela faz uma pausa, depois olha

para mim com mais seriedade. - O que há com ela? Com Alice? Sinto muito, sei que é sua amiga, mas por que ela está com a mão na perna de um cara medonho que saiu para jantar com outra garota? E por que cargas-d'água faz uma coisa dessas, quando tem ao lado uma pessoa tão encantadora quanto Robbie? Eles estão juntos, não estão? É difícil saber. Especialmente quando ela está tão ocupada dando em cima de Ben. Mas ele parece realmente simpático. Quer dizer, Robbie, não Ben. Ben é tão agradável quanto uma banheira cheia de sapos viscosos.

- Robbie é simpático. Ele é adorável - apresso-me em dizer. - E eu não sei. Não sei o que há de errado com Alice esta noite. Mas, de verdade, normalmente ela não é assim. Geralmente não é tão horrível. - Quando digo isso, porém, sinto que minhas palavras soam ocas e falsas. Nunca vi Alice se comportar tão mal antes, mas, de certo modo, parece que ela está ficando cada vez pior desde que a conheci. Quanto mais a vejo, mais enxergo coisas de que não gosto. Dou de ombros. - Sinto muito. Ela foi realmente desagradável. Não há desculpa.

- Desagradável? - Philippa olha para mim, incrédula. - Desagradável? Desculpe-me, mas aquilo não foi desagradável. Desagradável é um vento encanado ou alguém de mau humor. Eu não usaria exatamente essa palavra. Uma melhor seria cruel. Ou perversa. Ou maldosa. Ou tudo isso.

Embora eu esteja começando a me perguntar se Philippa não está certa, também sinto uma pontada de indignação. Alice é minha amiga, afinal de contas, e não é justo que Philippa a julgue com tanta severidade, tão rapidamente.

- Ela não é tão má assim - digo. - Tem algumas qualidades fantásticas. Pode ser incrivelmente generosa e encantadora quando quer. E muito divertida.

- Adolf Hitler também podia - responde ela. - Veja bem, não quero ofendê-la. E não deveria dizer essas coisas, eu sei, vivo me metendo em dificuldades por falar demais. Não tenho papas na

língua. Não consigo me conter. Seja como for, essa sua amiga é simplesmente uma cachorra. E não acho que isso tenha cura.

- O quê? - Pareço mais surpresa e ofendida que de fato estou. - É isso. E sei perfeitamente do que estou falando. Estudo psicologia na

universidade. - Ela dá de ombros. - Estou quase me formando, por isso sou totalmente qualificada para fazer um diagnóstico. Alice é uma megera. Na verdade, acho que é provável que ela tenha problemas mentais. E parece que você ainda não percebeu isso.

Contento-me em ficar ali plantada, calada, aturdida. Philippa examina meu rosto e cai na gargalhada. - Tudo bem. Desculpe-me. Isso foi só uma piada de mau gosto. Isto é,

sem sombra de dúvida Alice é uma megera e eu *estudo* psicologia, isso é verdade, mas só estava brincando *so bre* ser qualificada para diagnosticar isso. Quer dizer, qualquer um poderia perceber que ela não é uma boa pessoa. Só tentei dizer isso de uma maneira engraçada. Alegrá-Ia. Você parece muito séria e perturbada.

Eu me viro e começo a me olhar no espelho, arrumando o cabelo. *Estou* perturbada. Philippa está certa, mas não quero que saiba como estou me sentindo mal - e certamente não quero chorar na frente dela. Eu deveria estar zangada, ofendida por Alice, mas ela se comportou de modo tão horrível esta noite, que realmente não posso censurar Philippa por pensar mal dela dessa forma.

- Duvido muito que você possa compreender de verdade uma pessoa que conheceu há apenas meia hora - digo de maneira pouco convincente. - Alice só está num dia ruim.

- Na verdade, faz quase uma hora e meia que a conheci. - Ela se inclina para o espelho logo à minha direita, obrigando-me a olhá-Ia nos olhos. - Já tive muitos dias ruins e nunca me comportei dessa forma. E aposto milhões de dólares que você também não.

Estou prestes a dizer a Philippa que ela está sendo absurda, que Alice pode ser extravagante e um pouco egocêntrica, mas não é uma pessoa terrível, não é *doente*. E Robbie e eu não somos um par de idiotas crédulos. Mas nesse instante ouvimos a porta do toalete ranger ao ser aberta, e de repente Alice está parada ali na nossa frente.

- O que vocês duas estão fazendo? - pergunta ela, entrando numa cabine. Deixa a porta aberta enquanto puxa a saia para cima, abaixa a calcinha, senta-se no vaso sanitário e se põe a fazer xixi ruidosamente. - A comida chegou. E está tão divina, que, se vocês não se apressarem, vai acabar tudo antes que voltem para a mesa. - Ela se levanta e dá a descarga, anda até a pia para lavar as mãos e, pelo espelho, olha primeiro para Philippa e depois para mim. - E sabem do que mais? Vamos todos para a minha casa quando sairmos daqui. Para fazer margaritas. E vamos todos beber. Até você, Katherine. Está tudo decidido.

Voltamos para a mesa e jantamos, e a comida, como Alice dissera, está divina. Alice dedica toda sua atenção a Philippa, interessando-se subitamente em lhe fazer perguntas. Philippa é educada e responde às perguntas de Alice com a maior brevidade possível, sem entrar em detalhes ou estimular a conversa, mas vez por outra me lança uma olhadela furtiva, com uma expressão divertida no rosto.

Afora a óbvia frieza com que Philippa trata Ben, o jantar transcorre calmamente e sem mais incidentes, e, quando saímos do restaurante e começamos a subir a rua em direção à casa da Alice, surpreendo-me ao ver que minha ansiedade se dissipou. Na verdade, sinto-me bastante relaxada, estou quase me divertindo. Há muitas pessoas nas ruas, que caminham rindo e conversando, e há uma vibração contagiosa no ar. É noite de sexta-feira, e todos estão alvoroçados, cheios de expectativa e animação, as pessoas parecem felizes em toda parte, com roupas extravagantes, barulho e risos. Então Alice está um pouquinho embriagada e foi um pouco sórdida.

E daí? Coisas piores já aconteceram. Isso certamente não é o fim do mundo.

No caminho, paramos numa loja de bebidas e abastecemos-nos de tequila para as margaritas; depois, num pequeno armazém na esquina da rua de Alice, compramos muitos limões. E, quando chegamos à casa dela, ficamos todos alegremente atarefados; procurando os copos de coquetel, espremendo limões, preparando a mistura agri-doce. Alice põe música, e cantamos alto enquanto trabalhamos em sua cozinha quente e apinhada. E de repente estamos todos nos divertindo, apreciando a companhia uns dos outros, e durante algum tempo esqueço o comportamento anterior de Alice, esqueço meus temores de que a noite pudesse acabar em desastre.

- Vamos jogar alguma coisa - diz Alice quando cada um de nós está com um coquetel enorme e gelado na mão. Não pretendo tomar o meu; só vou dar uns golinhos para deixar Alice feliz e derramar na pia quando ela não estiver olhando. Vou permanecer completamente sóbria. Vigilante.

- Vamos. - Concorde, e olho para Robbie, sorrindo, e é um sorriso que diz: *Veja, tudo está indo bem. Estamos nos divertindo muito.*

E Robbie sorri de volta com certa hesitação, ainda em dúvida. - Verdade ou consequência. - Alice esfrega as mãos, entusiasmada, e

ruma para a sala. - Vamos. Eu *adoro* esse jogo. É a melhor maneira de conhecer as pessoas.

Todos nós a seguimos e nos sentamos no chão, de pernas cruzadas, em torno da mesa de centro. Alguém baixa o volume da música.

- Eu primeiro? - Alice mostra a língua para Robbie. - E você pode me fazer uma pergunta. Já que pensa que me conhece tão bem. Talvez descubra algo surpreendente.

- Verdade ou consequência? - pergunta Robbie.

- Verdade.

- OK, vamos lá. - Robbie dá um gole em sua bebida e parece pensativo por um momento. Depois olha seriamente para Alice. - Você já se arrependeu de coisas? Coisas que tenha dito ou feito?

Alice o encara por um instante. Depois revira os olhos. - Meu Deus, Robbie! Era para isso ser divertido. – Ela suspira. -

Arrependimento de coisas ... hum, deixe-me refletir sobre isso por um momento. - Depois ela sacode firmemente a cabeça: - Não. Nunca. Não me arrependo de nada. O arrependimento é para os incompetentes e os inseguros. Não sou nenhuma dessas coisas. Certo, obrigada por sua aborrecida contribuição, Robbie. - Olha para todos à volta, sorrindo. - Quem devo escolher agora? - E em seguida olha diretamente para Ben. - Jovem Ben. Você poderia me ajudar a manter esse jogo nos trilhos. Mantê-lo indecente e divertido como deve ser? Verdade ou consequência? E responda depressa, antes que eu caia no sono.

- Verdade.

- Ótimo. Exatamente o que eu esperava que dissesse. E tenho uma pergunta pronta para você. - Ela ergue as sobrancelhas e se inclina para a frente. - Então, jovem Ben, qual foi o lugar mais interessante em que você já fez sexo? E trate de responder, ou terá de enfrentar um desafio. E não será agradável.

Ben ri nervosamente e baixa os olhos para sua bebida. - Hum, acho que foi uma vez, bem, foi uns dois anos atrás. Na primeira

vez que vim à Austrália. Conheci uma garota muito impetuosa. E ela não aceitava um não. Nem pensar. Não essa garota. E, meu Deus, o corpo dela era tão deslumbrante, que eu mesmo não tinha vontade de dizer não. Seja como for, naquela noite estávamos na casa de um amigo, e essa garota me arrastou para o quarto dos pais dele. E, vocês sabem, estávamos lá na cama quando os pais chegaram, então corremos para o armário, um *closet* enorme, e, bem, estava agradável e escurinho lá dentro, muito aconchegante, de modo que... sabem como é... simplesmente continuamos o que

estávamos fazendo antes. - Ele se cala por um momento, olha para a Alice e sorri. Alice olha de volta para ele, sorrindo, incentivando, e de repente fica muito óbvio que a garota sobre a qual ele está falando é ela. E os olhos de Robbie estão fixos em Ben, seu rosto, desprovido de expressão, mas noto que seu punho está fortemente cerrado no colo. E novamente tenho aquela sensação de pânico, um desejo avassalador de que tudo pare. De rebobinar a fita. De retomar ao começo. Afinal, a noite vai mesmo terminar de maneira horrível. Robbie estava certo:

Mas Ben não percebe nada, e eu me pergunto se terá ao menos notado que Alice e Robbie têm algo. Sem dúvida ela tem demonstrado muito convincentemente que Robbie não significa nada para ela.

- Mas não foi só isso - continua Ben. - A parte realmente despuorada foi quando...

- Obrigado, Ben - atalha Robbie, sua voz alta, fria e sarcástica. - Muito obrigado. Mas acho que já ouvimos o bastante. E obrigado, Alice, por fazer uma pergunta tão inteligente. Porque isso foi extremamente interessante, *extremamente* agradável de ouvir. Eu não percebia, mas agora percebo, como historinhas sexuais vergonhosas são o que torna um jogo divertido. Ótimo. Muito obrigado, Ben. Vou tentar ser tão... bem, tão grosseiro quanto você quando for minha vez.

Rubro de raiva, Ben sorve furiosamente seu coquetel, enquanto Philippa tenta abafar com a mão uma risada horrorizada, embaraçada.

- Minha vez, minha vez - exclamo, com falsa alegria. Viro-me para Philippa com expectativa, na esperança de que ela me ajude a pôr panos quentes na situação. - Philippa, verdade ou consequência?

- Verdade - responde ela cordialmente. - Amo verdades. Você também? Acho que elas são simplesmente hilariantes. A gente consegue descobrir segredos incríveis das pessoas. E, realmente, também amo ouvir as perguntas que as pessoas fazem.

Freqüentemente elas revelam muito mais sobre quem pergunta do que sobre quem é interrogado, você não acha?

Sorrio para Philippa, grata por sua tagarelice. Mas como é difícil pensar numa pergunta para lhe fazer, fico em silêncio por um momento, pensando.

- Katherine - diz Alice, rindo. - Você não tem uma boa pergunta, tem? Ceda-me a vez. Vamos. Só mais uma. Vou fazer uma pergunta para você.

- Mas você já teve sua vez - diz Robbie. - Deixe Katherine ter a dela. - Nós não estamos seguindo estritamente as regras do jogo, de qualquer

maneira. Na verdade, agora seria a vez do Ben. Portanto, não tem importância, não é? - diz Alice. E agora é óbvio que ela está bêbada. Está falando devagar, com cuidado, fazendo esforço para pronunciar cada palavra, mas a voz está evidentemente pastosa. - E desde quando você virou um defensor tão intransigente e aborrecido das regras, Robbie? Desde quando virou um desmancha-prazeres tão chato?

- Desmancha-prazeres? - pergunta Robbie, rindo. - Não estou vendo muito prazer aqui para desmanchar, Alice.

Alice o ignora e olha para mim.

- Verdade ou consequência? - pergunta.

Eu hesito. Tenho tantos segredos, tantas coisas que não quero revelar, mas isso é só um jogo, só um passatempo. E sei que o desafio de Alice não será uma coisa fácil ou leal.

- Verdade - digo finalmente. - Posso imaginar um de seus desafios e não estou disposta a correr nua pela Oxford Street esta noite.

- Verdade - repete Alice lentamente, alongando o som das vogais como se saboreasse a palavra. - Tem certeza? Tem certeza de que é capaz de ser absolutamente franca?

- Acho que sim. Ponha-me à prova.

- OK - Em seguida ela olha para mim com curiosidade. - Pois bem. No fundo, você ficou contente? Ficou contente por se livrar dela? De sua irmã perfeita? Ficou secretamente feliz quando ela foi morta?

E de repente é como se tudo estivesse se aproximando de mim em câmera lenta através de um denso nevoeiro. Ouço Robbie suspirar, irritado, e dizer a Alice que pare de ser idiota. Percebo Philippa olhando para mim, perguntando a si mesma o que está se passando, se é possível que Alice esteja falando sério. Sinto a mão de Philippa em meu braço, a solicitude em seu toque.

Mas só consigo olhar para os olhos de Alice. Eles são frios, avaliadores, e as pupilas, tão dilatadas, que tudo o que posso ver é escuridão. Dura e inflexível. Profunda. Implacável. Ali, só há trevas.

Capítulo 15

Acordo cedo, ainda está escuro. Sarah saiu de sua cama e pulou para a minha enquanto eu dormia, e seu corpinho quente está bem apertado contra o meu. Sua cabeça pousa sobre meu travesseiro, e estou bem na beirada da cama, de modo que o outro lado dela, mais da metade, está vazio.

Escorrego devagar e suavemente da cama para não acordá-la e puxo meu pesado blusão de lã da cadeira onde o joguei na noite anterior. Está frio, e vou direto para a sala e ligo o aquecedor a gás. Ele enche o pequeno cômodo com uma confortável luz dourada e o aquece imediatamente. Faço um bule de chá e o levo para a sala, onde me sento no canto do sofá, com as pernas aconchegadas sob mim.

Comecei a acordar cedo assim quando Sarah era pequena, e desde então não consigo mais acordar tarde. Às vezes fico limpando a casa ou adiantando trabalho do dia enquanto Sarah dorme - fazendo seu almoço, preparando suas roupas -, mas em geral fico sentada, tomando chá, desfrutando o momento de paz. Não penso em nada em particular. Tornei-me muito boa em não pensar. Evito fazer planos fúteis para um futuro incerto e, principalmente, quero evitar relembrar o passado. Por isso entro num estado quase meditativo, com o cérebro vazio, os pensamentos concentrados unicamente no gosto do chá ou no ritmo regular com que inspiro e expiro. E muitas vezes, por volta das 7 horas, quando Sarah acorda e aparece, amarrotada, quente e cheirando a sono, fico surpresa ao constatar que duas horas ou mais se passaram tão rapidamente.

Nesta manhã, porém, tomo meu chá e me sento por menos de uma hora. Estou alvoroçada com o dia que temos pela frente e ansiosa para que Sarah veja a neve, ansiosa por ouvir seus gritinhos entusiasmados ao andar de trenó, ao fazer um boneco de neve. Quero vê-la desperta e aproveitando a expectativa comigo; por isso

às 6 horas me levanto e faço o café da manhã predileto de minha filha: rabanadas com banana fatiada, regadas com xarope de bordo e acompanhadas por uma grande caneca de chocolate quente. Ponho nossos pratos e canecas na mesa e vou para o quarto acordá-la.

- Vamos para a neve agora, mamãe? - pergunta Sarah assim que abre os olhos. Ela se senta, imediatamente animada e alerta. - Está na hora de ir?

- Ainda não. - Sento-me na cama e a abraço. - Mas fiz rabanadas, uma pilha grande, enorme, delas, e chocolate quente. Espero que você esteja com muita fome.

- Que delícia! - Ela afasta os cobertores das pernas, levanta-se e sai do quarto correndo, deixando-me lá, sorrindo, sozinha na cama.

Sigo atrás dela para a sala e a encontro já ajoelhada na cadeira, se fartando.

- Vai comer algumas, mamãe? - pergunta, com a boca cheia. - Dá para você também.

- Eu diria que sim. - Sento-me diante dela, pego uma rabanada na travessa que está no meio da mesa e a ponho no meu prato. - Na verdade, acho que daria para dez.

- Acho que não - diz Sarah, sacudindo a cabeça, com uma expressão séria. - Estou com muita fome. Preciso de dez hoje. Rabanada é minha comida favoritíssima.

E ela consegue de fato comer uma quantidade extraordinária - tomando goles de seu chocolate quente entre um bocado e outro. Assim que termina, desce da cadeira.

- Agora vou me aprontar - diz. - Acho que temos um dia bem cheio pela frente.

Ri-o do modo como ela se apropriou de uma de minhas frases, de sua tentativa de parecer adulta.

- Temos mesmo. Um dia realmente cheio. Mas ainda temos tempo de sobra. O sol só está começando a nascer.

- Quero ficar pronta primeiro - diz ela. - Quero ficar pronta antes do sol.

Capítulo 16

Ouço de novo. A batida - suave, mas insistente. Quem quer que seja está batendo há mais de dez minutos, e estou cansada de ignorar isso, de fingir que não estou aqui.

Vou até a porta, mas não a abro.

- Vá embora - digo. - É madrugada. *Vá embora.*

- Katherine, sou eu, Robbie. - E sua voz é tão familiar e confortadora, tão cheia de bondade, que quase começo a chorar de novo. - E Philippa está aqui também. Por favor, deixe-nos entrar.

- Alice está aí?

- Não.

Suspiro e destranco a porta. Viro-me e atravesso o vestíbulo sem os cumprimentar, deixando que eles mesmos abram a porta. Sei que têm boa intenção, que estão preocupados comigo, mas estou exausta com os acontecimentos da noite, exausta de chorar, e quero que me deixem sozinha. Não para dormir - não vou conseguir dormir -, mas para ser infeliz quieta no meu canto.

Vou para a sala de estar e sento-me no sofá, onde passei a última hora encolhida. Philippa e Robbie me acompanham e se sentam no sofá em frente ao meu.

- Alice nos contou - diz Robbie delicadamente. - Sobre sua irmã. Assinto com um gesto de cabeça. Se eu falar, vou começar a chorar de

novo, por isso permaneço em silêncio.

- Você prefere que eu saia? - Philippa lança um olhar para Robbie, depois para mim. - Eu só queria me assegurar de que você está bem. Queria ter certeza de que Robbie a havia encontrado. Mas não quero impor minha presença.

Olho para Philippa e dou de ombros - ela está com um aspecto horrível. Está muito pálida e tem olheiras profundas sob os olhos, como se os acontecimentos da noite a tivessem deixado em estado de choque.

- Então vou ficar, se você não se importa - diz ela com um suspiro. - Na verdade, estou cansada demais para ir a qualquer lugar agora.

Para mim não faz diferença que ela fique ou não, mas de repente penso que é muito bom que Vivien esteja passando o fim de semana fora, que não esteja aqui para testemunhar tudo isso.

- Será que eu deveria fazer um chá? - pergunta Philippa subitamente, parecendo satisfeita por ter pensado em algo de útil para fazer.

- Eu gostaria. - Robbie sorri para ela, agradecido.- Katherine? - Certamente - respondo. - Mas eu ...

- Ela gosta do chá feito da maneira correta, Philippa - explica Robbie. - O bule e as folhas de chá estão na prateleira acima da chaleira.

- Você está bem? - Ele põe a mão em meu joelho depois que Philippa sai da sala.

Faço que sim com a cabeça e tento um sorriso.

- Que merda de noite. Eu devia ter seguido seu conselho. Devia ter voltado cedo para casa, como você disse. - Inclino-me para a frente e cochicho. - Philippa acha que Alice é absoluta e completamente mau-caráter. Acha que ela tem problemas mentais. Ela disse isso para você também?

- Não a culpo - diz Robbie, dando de ombros. - Alice foi extremamente perversa esta noite. E talvez haja alguma coisa errada com ela. Quem sabe? Mas que diferença faz? Esse tipo de coisa não tem conserto mesmo. Talvez ela seja só uma pessoa que não presta.

Ele se reclina e suspira, baixa os olhos para os joelhos e pega um fio solto de seu jeans. Parece cansado, derrotado e muito, muito triste.

- E você, Robbie? *Você* está bem? - pergunto-lhe. - Não parece muito bem.

- Não, não estou. - Seus olhos, que já estão vermelhos, se enchem de lágrimas de repente, e ele sacode a cabeça com irritação, como se quisesse se livrar delas. - Foi uma noite pavorosa do começo ao fim, não foi? - diz com um riso amargo.

- Foi. - E não há mais nada a dizer. Philippa volta, e tomamos chá em silêncio, cada um imerso nos próprios pensamentos, na própria fadiga e tristeza.

Quando terminamos o chá, são 4 horas da manhã, e convenço Robbie e Philippa a dormirem um pouco em minha casa. Dou um cobertor e um travesseiro para Robbie, para que ele se ajeite no sofá, e pergunto a Philippa se ela se importa de partilhar minha cama. A noite foi tão emocionalmente extenuante, e nós duas ficamos tão exaustas, que conseguimos dormir lado a lado, sob o mesmo cobertor, sem nenhum constrangimento. Na verdade, sinto-me confortada pela presença dela. E, antes que eu feche os olhos para dormir, Philippa me dá um sorriso, pega minha mão e aperta-a.

- Durma bem - diz.

- Obrigada - respondo, fechando os olhos. - Acho que vou. Quando acordo, o sol está brilhando em meu quarto, e Philippa não está

mais a meu lado. Mas posso ouvir um suave rumor de vozes, a dela e a de Robbie, vindo de outro cômodo, e fico contente por ainda estarem aqui, por não ter de enfrentar o dia sozinha. Fecho os olhos de novo.

Quando volto a acordar, o sol não bate mais em minha janela, e percebo pela qualidade da luz que já é de tarde. Não consigo mais

ouvir Robbie nem Philippa, mas ouço o riso enlatado e a música estridente da televisão. Levanto-me e vou até a sala.

Philippa está sentada no sofá, assistindo a um velho filme preto e branco, e levanta os olhos quando me aproximo.

- Bom dia! Ou boa tarde, na verdade. Estava só esperando você acordar. Assisti a este filme antigo, *A malvada*. É magnífico! Acho que você gostaria dele; deveria consegui-lo em DVD um dia. Robbie e eu não sabíamos se você iria querer ficar sozinha ou não. E ele teve de ir trabalhar. Mas disse que volta mais tarde. - Ela se cala por um instante para tomar fôlego e me dá um sorriso afetuoso. - Como você *está*?

- Estou bem. - Sento-me no sofá ao lado dela. - Muito obrigada por ficar. - Ah, não é nada. - Ela pega o controle remoto e tira o som da televisão. -

Está com fome?

- Estou. Na verdade, eu ...

- Ótimo. Comprei os ingredientes para fazer uma salada. É uma salada substancial, uma verdadeira refeição: tomates, presunto cru, aspargos, ovos cozidos e outras coisas. Comprei uns pães frescos também. É uma delícia. Minha salada preferida no mundo. Acha que gostaria de comer um pouco? Devo fazê-la agora?

- Ah, que maravilha. Sim, por favor. Mas só se estiver com vontade. Você não precisa fazer tudo isso, eu estou bem de verdade. Sinceramente. Mas, sim, se quiser fazer, vai ser fantástico.

- Excelente – diz ela, levantando-se de um salto. – Porque eu estou faminta.

Ofereço-me para ajudá-la a preparar a comida, mas Philippa diz que não suporta cozinhar com outras pessoas. Assim, subo num banquinho da cozinha e observo-a, e quando a salada fica pronta nós a levamos para a varanda. Não falamos sobre Alice, felizmente, nem sobre Rachel ou os acontecimentos da véspera, mas Philippa é tão falante, que praticamente não há um momento de silêncio, ela

tem 23 anos e está fazendo mestrado em psicologia. Philippa me conta sobre seu curso, como é fascinante aprender o modo como as pessoas pensam e quanto ainda não compreendemos a mente humana.

- Não posso acreditar que você só tenha 17 anos – diz ela. – Parece muito mais velha, muita mais séria que a maioria das pessoas de sua idade. - Todo mundo diz isso – respondo, sorrindo. – Não sei se devo tomar isso como um elogio ou como algo ruim.

Philippa fala sobre seu irmão mais novo, Mick, e conta que ele toca bateria numa banda que está começando a ser respeitada na cena musical de Sydney.

- Eles vão tocar no Basement sexta-feira à noite. São brilhantes. Realmente talentosos. Você quer ir vê-los? Comigo? Eu adoraria que fosse. Gosto de exibi-los para as pessoas. Eles realmente são fantásticos. Mas antes que eu possa responder, antes mesmo que possa pensar se vou querer sair e ver uma banda mais tarde nesta semana, ouço uma batida à porta.

- É Robbie. – Philippa pousa o garfo e olha para dentro de casa. – Ele disse que voltaria depois do trabalho.

Vou até a porta. Quando estou prestes a abri-la, assim que ponho a mão na maçaneta, a batida recomeça, mais alta e mais insistente. E subitamente sei que não é Robbie. Ele nunca seria tão impaciente. Mas é tarde demais para me esconder, para fingir que não estou em casa; já girei a maçaneta, e a porta está sendo empurrada. É Alice. Ela segura um enorme buquê de rosas vermelhas e usa uma camiseta branca impecável e jeans. Está com o rosto lavado e o cabelo puxado para trás, amarrado num rabo de cavalo. As bordas dos olhos estão vermelhas, como se ela tivesse chorado, mas afora isso parece tão jovem, vigorosa e inocente, que é difícil aceitar que seja a mesma Alice com quem estive noite passada. Vendo-a agora, assim, é quase impossível acreditar que pôde ser maldosa, que foi capaz de causar tanto sofrimento. - Sinto muito, Katherine. – Seu lábio começa a tremer e seus olhos se

enchem de lágrimas. – Estou tão. Tão arrependida... Simplesmente não sei o que deu em mim.

Ela me entrega as rosas e eu as pego, mas não digo nem uma palavra. - Eu simplesmente... às vezes eu simplesmente... não sei. – Está soluçando agora, as mãos no rosto, os ombros se sacudindo, a voz grossa e embargada. – Uma coisa toma conta de mim, e eu perco... sinto só tanta... tanta raiva. Como se todo mundo estivesse, sei lá, me julgando, algo assim. Mas sei que isso é maluquice, porque acho que estão me julgando por algo que vou fazer... pelo que sei que vou fazer... antes mesmo que eu faça ... e depois sinto que *tenho* de fazer isso para *testar* as pessoas, para ver se elas realmente gostam de mim. E sei que isso não é justo, sei que não posso realmente esperar que as pessoas, você sabe, tolerem isso, mas não consigo... isto é, sei que vou fazer ou dizer uma coisa realmente horrível, mas não consigo, não consigo parar, e depois quero fazer. É como se eu tivesse uma compulsão auto-destrutiva de atacar violentamente as pessoas ... as pessoas que me amam.

Sinto a essência de minha raiva começar a se dissolver. - Vamos. - Eu a seguro pelo braço e a empurro delicadamente para dentro.

Pego um prato para Alice, e ela se senta com Philippa e comigo na varanda, e partilhamos nossa comida. A princípio Philippa está cautelosa e observa a recém-chegada com desconfiança. Mas Alice exhibe sua personalidade aberta, cordial e envolvente de costume e se desculpa profusamente pela noite anterior. Ri de si mesma e zomba do próprio comportamento com tanta franqueza, deprecia-se com tanto bom humor - mostra-se ao mesmo tempo arrependida, envergonhada e engraçada -, que é impossível não perdoá-la. E após algum tempo percebo que Philippa está relaxando, que, apesar de sua desconfiança, está sucumbindo ao encanto de Alice. Nós três ficamos conversando e rindo na varanda por muito tempo depois que a comida acaba e só voltamos a entrar quando o sol desaparece e o ar da tarde fica frio demais para ser confortável.

- Vamos assistir a um filme. Pedir uma pizza – propõe Alice. - Ah, não sei - digo. - Amanhã é segunda-feira. Escola. Preciso dormir um pouco.

- Não vamos ficar até tarde - diz Alice. - Apenas não quero que este dia termine ainda. Estamos nos divertindo! Não quero ir para casa e ficar sozinha esta noite. - Ela se aproxima de Philippa e segura seu braço com as duas mãos. - Por favor, Philippa! Deixe-me provar que não sou aquela megera horrível que você conheceu ontem à noite. Eu vou sair e pegar os filmes. E alguma coisa para comer. Vocês duas não precisam fazer nada. Nem gastar um centavo. Eu banco tudo. Por favor! Olha de uma para a outra, implorando. - Por mim? Por favor!

Philippa olha para mim.

- Depende de Katherine. É a casa dela. Ela provavelmente cansou de nós.

- Por mim, tudo bem. - Dou de ombros. - Na verdade, estou com fome de novo, se é que vocês podem acreditar. E relaxar na frente de um filme é uma boa idéia.

Encontramos o cardápio de uma das pizzarias próximas e escolhemos o que queremos. Tanto Philippa quanto eu nos oferecemos para ir com Alice, para ajudá-la a carregar tudo, para contribuir com algum dinheiro, mas ela rejeita e insiste em que deixemos tudo por conta dela, e sai sozinha.

Quando ela sai, Philippa e eu vamos para a cozinha lavar a louça do almoço.

- Ela não é tão louca como você pensou, não é? - pergunto. Philippa, que está com as mãos na água, mantém os olhos baixos enquanto fala.

- Ela pode ser muito agradável. Muito simpática. - Sim. - Dou-lhe uma cotovelada, rindo. - Mas você não está

respondendo à minha pergunta. Mencionei a palavra louca. Senti-me um pouco desleal por estar falando sobre Alice, que considero

uma amiga muito íntima, com alguém que acabo de conhecer. Mas Philippa é tão realista e sincera, que preciso saber o que ela pensa. Ela é obviamente muito inteligente, mas também é afetuosa, boa e singular de uma maneira muito interessante, e tenho muita esperança de que venhamos a ser amigas. Já confio em seu bom senso e valorizo sua opinião.

Philippa suspira, tira as mãos da água, enxuga-as na calça jeans. Olha para mim e dá de ombros.

- Ainda penso que ela pode ser um pouco louca. Você sabe, uma dessas pessoas muito radicais. O tipo de gente que, como diz meu pai, é de difícil trato.

- Mas essa é a perspectiva de um pai. - Rio delicadamente para suavizar o impacto do que estou para dizer. - E é um pouco fria, não? Um pouco ... bem, ela é uma pessoa. E não age assim o tempo todo. Nunca a vi daquele jeito. E é minha amiga. E sob muitos aspectos é uma excelente amiga. Sinceramente, você não viu como ela pode ser boa e generosa. Será que eu deveria simplesmente rejeitá-la? Rejeitá-la e fugir, só porque é um transtorno ter uma amiga assim? Acho que é um pouco... bem, um pouco *incorreto* tratar as pessoas dessa maneira.

- Oh. - Philippa olha para mim e sorri. Parece surpresa e triste ao mesmo tempo. - Provavelmente você tem razão. Mas essa é uma maneira muito bondosa de ver isso. Claramente não sou tão bondosa quanto você, porque é quase certo que eu a descartaria. Certamente eu a descartaria e correria o mais depressa que pudesse na direção oposta.

Um tanto embaraçada com seu olhar penetrante, ocupo-me em guardar os pratos e as xícaras.

- Acontece que eu sei como é sentir ... sentir que as pessoas não querem estar com você só porque é difícil demais. Depois que

Rachel foi morta, tive essa sensação muitas vezes. E provocada por meus melhores amigos também. Mostraram-se todos tão preocupados, tão afáveis, e fizeram tanto esforço... mas todas as outras pessoas estavam se divertindo tanto! Era o final do ensino médio, e havia bailes, festas e tudo o mais. Todos os outros garotos estavam simplesmente curtindo um baile. Ninguém queria ficar sentado comigo em meu quarto, chorando. Ninguém queria que eu fosse à festa, porque eles teriam de se preocupar comigo, sabe? Cuidar de mim e tentar me alegrar. Eu era simplesmente um estorvo. E eu não podia culpá-Ios. Eu sabia que, com minha tristeza, eu puxava as pessoas para baixo. Sabia que ninguém queria pensar sobre morte, assassinato e tragédia ... mas *não podia* escapar disso. Era a minha vida. - Dou de ombros, surpresa com minhas próprias palavras. Nunca tinha de fato pensado tudo isso, essas idéias estão mais ou menos se formando à medida que falo. Mas parecem reais. Parecem *certas*. - Eu acho que, se você é um verdadeiro amigo, tem de aceitar as pessoas como são. As coisas divertidas e as chatas. O que é bom e o que é ruim.

- Entendo o que quer dizer. Entendo perfeitamente. - Philippa puxa a tampa do ralo para escoar a água e começa a passar um pano em volta da pia. - Mesmo assim, não acho que devemos ser amigos de pessoas que trazem um monte de porcaria negativa para nossa vida. Eu não seria. De jeito nenhum. Mas isso não significa que você deva fazer o que eu faria, na é? Somos todos diferentes, não somos? Cada um de nós tem de encontrar o próprio caminho neste mundo louco. - Percebo que ela está se esforçando para manter um tom cordial, não confrontador. Ela quer que sejamos amigas tanto quanto eu.

Finalmente Alice volta, e nos sentamos em volta da mesa da cozinha para saborear a comida. Robbie chega quando estamos limpando tudo, nós três rindo e animadas. De início ele fica um pouco frio, arredio em relação a Alice e um pouco contrariado com Philippa e comigo. Mas nós lhe damos o que sobrou da pizza, continuamos a conversar, e por fim ele começa a baixar a guarda, a se deixar envolver na conversa, até a sorrir. E Alice se mostra tão

gentilmente solícita, tão carinhosa e atenciosa com ele, que lhe é visivelmente impossível manter a raiva.

Terminamos na sala de estar, à meia-luz, os quatro quietos e relaxados com a comida e o cansaço. Alice escolhe um DVD e se dirige ao aparelho para inseri-lo. Antes de apertar o botão, porém, vira-se para nós.

- Quero só dizer uma coisa primeiro. Antes que caiamos todos no sono. - Sorri com acanhamento. - Antes de mais nada quero que todos vocês saibam... - Fixa os olhos em Philippa e depois em Robbie - que não aconteceu nada entre mim e o Ben ontem à noite. Ele saiu um pouco depois de vocês. E essa é a pura verdade.

Robbie baixa os olhos para o colo e tenta reprimir um sorriso, mas é perfeitamente claro que o anúncio de Alice o deixou muito feliz.

Alice continua.

- O mais importante, porém, é que fui horrível ontem à noite e quero pedir desculpas. A vocês três. A Philippa, a Robbie, mas especialmente a você, Katherine. - Ela olha para mim, os olhos bem abertos, suplicantes. - Eu não tinha o direito de dizer o que disse ontem à noite. Nenhum direito. E não acho realmente que aquilo seja verdade nem por um segundo. Só porque eu teria tido pensamentos horrendos, perversos, como aqueles, se estivesse em seu lugar, não significa que você algum dia os tenha tido. Eu estava, como é que se diz, projetando? Sim. Eu estava me projetando em você, o que é injusto e absurdo, e estou incrivelmente arrependida. Você nunca, nunca saberá quanto eu me odeio por ter ferido você. Sempre foi muito boa para mim, e sei que não mereço seu perdão, mas, se estiver disposta a dá-lo a mim, eu o aceitarei com muita alegria e gratidão.

- Ah! Pelo amor de Deus - digo, esperando que a penumbra disfarce meu rubor. - Sente-se e fique quieta.

- Vou me sentar - diz ela, olhando para os pés. Ouço um tremor em sua voz e me pergunto se está chorando. - Mas primeiro eu

queria dizer quanto valorizo sua amizade. Você não imagina como ela é importante para mim. Quanto você é especial. Você não tem idéia.

Capítulo 17

Estava muito mais escuro lá dentro que do lado de fora. Não havia propriamente uma iluminação, exceto por cordões com mini-lâmpadas coloridas pendurados no teto, que praticamente não surtiam efeito algum sobre a densa escuridão. Era difícil enxergar, e as paredes de folha de flandres do enorme galpão faziam o barulho ecoar e vibrar - havia uma cacofonia tão atordoante de música, risos, gritos e pessoas, que andar lá dentro era desorientador, até um pouco amedrontador. Rachel e eu ficamos muito juntas, uma agarrada ao braço da outra.

Carly andava na frente, confiante e segura, completamente à vontade. Nós a seguimos em direção a uma grande e velha banheira cheia de gelo, latas de cerveja e de Coca-Cola. Carly pescou três latas de cerveja e deu uma para a Rachel e outra para mim.

- De quem é isso? - perguntei-lhe.

Ela sacudiu a cabeça, indicando que não conseguia me ouvir. - A gente pode simplesmente pegar?

Ela deu de ombros e olhou em torno.

- Não vejo ninguém nos impedindo - gritou de volta, sorrindo. - Vamos. Em seguida entrou direto no meio da multidão de pessoas que dançava

diante do palco e começou a bater os pés, sacudindo a cabeça e se mexendo no ritmo da música. Levantou sua lata de cerveja em nossa direção, piscou e tomou um grande gole, depois levantou o outro braço e acenou, chamando-nos.

Rachel me lançou um olhar questionador, mas sacudi a cabeça. Eu ainda não queria dançar. Era muito possível que meu namorado, Will, estivesse ali, e eu queria procurá-lo. Mas estendi o braço e peguei a cerveja dela, para que ficasse com as mãos livres, e indiquei, com um aceno de cabeça, que devia ir.

Tal como quando tocava piano, Rachel se esquecia de si mesma quando dançava. Toda sua inibição desaparecia, e ela se mexia de maneira suave e rítmica, em perfeita harmonia com a música. Ela olhou para mim com um enorme sorriso estampado no rosto, e eu ri. Estava me sentindo agradavelmente alta com o álcool, atordoada com a multidão e a música, embriagada com a atmosfera contagiante de excitação que me cercava. Estava alvoroçada pela possibilidade de ver Will. E bastante segura de que ele ficaria tão satisfeito por me ver quanto eu por vê-lo.

Encostei as costas na parede, bebi lentamente minha cerveja - que na verdade não gostava - e fiquei observando Rachel e Carly. Estava prestes a dar uma volta pelo galpão para ver se conseguia encontrar Will, quando ele apareceu bem na minha frente.

Sorria seu sorriso maravilhoso, com seu dente quebrado, e sacudia a cabeça em fingida reprovação à minha presença ali. Sorri de volta para ele, mas nenhum de nós disse nenhuma palavra, apenas nos movemos ao mesmo tempo, até que ficamos apertados um contra o outro, e pude sentir seu cheiro - condimentos, um quê de chocolate e um pouquinho de suor -, seus lábios contra os meus, e nossas bocas abertas, explorando-se avidamente.

Beijamo-nos, abraçamo-nos e jogamos o corpo para trás, de modo a podermos olhar um para o outro, rimos e unimos nossos corpos novamente. Estávamos ambos tão encantados por termos nos encontrado, ambos tão eletrizados pela atmosfera e por nosso desejo mútuo, que não conseguíamos parar de sorrir. Até quando nos beijávamos, eu podia perceber que os lábios de Will se curvavam para cima em um sorriso.

E, quando ele se apertava contra mim, eu podia sentir que estava tendo uma ereção - e era inebriante saber que eu provocava isso nele tão rapidamente, que bastava ele me ver e me tocar, para que seu corpo reagisse assim. E eu sentia uma palpitação correspondente na virilha e sabia que queria ir até o fim com ele. Fazer amor. Não hoje, mas em breve. Muito em breve. E me apertava contra ele em resposta. Uma promessa.

E como agora eu estava com Will, o gosto da cerveja ficou bom, e de repente me senti muito feliz com a escuridão ela era reconfortante e romântica. Fazia eu me sentir dentro de um casulo, e, apesar da multidão, como se nós dois estivéssemos a *sós*.

Capítulo 18

No dia seguinte àquele em que Alice se desculpou, estou assistindo à televisão de pijama, à noite, encolhida no sofá, zapeando entre os canais, quando alguém bate à porta.

Imediatamente penso que pode ser Alice e me pergunto se deveria me esconder, desligar a televisão, me enfiar debaixo das cobertas e fingir que não estou em casa. Não que eu ainda esteja zangada com ela, estou só cansada, e a mera ideia de sua infundável energia é exaustiva. Mas não me escondo. Suspiro, desligo a televisão e vou até a porta.

Não é Alice, é Robbie. Com um sorriso, ele estende uma caixa de sorvete de chocolate, outra de chocolate com creme e um pacote de biscoitos de chocolate.

- Trouxe presentes - diz ele. - Chocolate, chocolate e mais chocolate. Ri-o e abro a porta, dando um passo atrás para ele poder entrar. - Queria conversar com você. - Robbie hesita à porta e me lança um

olhar encabulado. - Espero que não se importe. Não ficamos nem um minuto sozinhos ontem. E há tanta coisa para falarmos. Isto é, eu realmente queria conversar com você sobre sua irmã e tudo isso. E sobre Alice, é claro. - Ele sacode a cabeça e fala num fôlego só: - Mas sei que provavelmente você está exausta e pronta para se deitar; assim, se estiver cansada demais para conversar, pensei que eu poderia pelo menos fazer um chocolate quente para você, depois colocá-la na cama e deixá-la em paz, e voltar outra hora. - Então ele olha para meu pijama. - Já estava indo para cama, não é? Desculpe-me. Vou só...

- Robbie - interrompo. - Pare. Entre. Não estou tão cansada assim. Não me transformei numa velhinha frágil de repente. De qualquer forma, eu também queria conversar com você. - Tiro a

caixa de sorvete da mão dele, viro-me e atravesso o vestíbulo. - E quero um pouco disto. Agora mesmo.

Vamos para a cozinha, sirvo-me de duas generosas bolas de sorvete e as levo para a sala de estar.

O sorvete é delicioso - tem forte sabor de chocolate, entremeado com muita calda de um chocolate ainda mais forte. Lambuzo meus lábios de propósito com ele e abro um sorriso de palhaço.

- Está uma gostosura - digo.

Robbie ri.

- Muito engraçado. - Mas o sorriso abandona seu rosto depressa demais, e ele contempla sua tigelinha, rodando a colher sem comer nada.

Limpo o rosto com lambidas, enxugo-o com as costas da mão. - Está tudo bem com você?

- Está. - Ele dá de ombros. - Não vim aqui pra falar sobre mim. Sinceramente. - Ele olha para mim, arqueia as sobrancelhas. - E você? *Você* está bem?

- Estou, está tudo bem.

- Você nunca me contou sobre sua irmã. Sempre foi muito valente em relação a isso. E eu estou sempre lhe contando todos os meus problemas. Você deve... quer dizer... - Robbie olha para mim, magoado e irritado de repente, e bate a mão no joelho. - Por que *não* me contou?

Pouso minha tigelinha na mesa de centro, agacho-me bem pertinho dele e ponho as mãos em seus joelhos.

- Sinto tanto. Sei que feri seus sentimentos não lhe contando. Dá a impressão de que não confiava o bastante em você, algo assim, mas não foi isso. Juro.

Robbie baixa os olhos para mim, calado, esperando. - Quando Rachel morreu, a mídia fez um grande, não, um *enorme*

estardalhaço. Fui acoossada pela imprensa, basicamente. Minha mãe e meu pai também. E foi pavoroso. E eles disseram coisas realmente horríveis, horríveis sobre nossa família e sobre mim, coisas que eles simplesmente inventaram ou distorceram. - Só lembrar aquele tempo me faz chorar, e limpo os olhos e fungo, tentando deter o fluxo de lágrimas.

Robbie senta-se ao meu lado no chão e me envolve com os braços. - Tudo bem. - Parece chocado, e sei que o fiz se sentir mal, que ele vai se

culpar por minhas lágrimas. - Você não precisa me contar. Não faz mal. Eu não me dei conta. Meu Deus, Katherine, sou um completo idiota e simplesmente não paro de meter os pés pelas mãos.

Essa é uma descrição tão inexata da maneira de ser de Robbie, que me faz rir. Olho para ele e enxugo os olhos.

- Você não me fez chorar. Eu choro toda vez que me lembro daquele tempo. E me lembro dele a toda a hora. Só quero explicar por que não lhe contei.

- Está tudo bem, mesmo, você não precisa explicar. Tiro seu braço dos meus ombros e deslizo para o lado, de modo a ficar frente a frente com ele.

- Mas eu quero e vou explicar. Fique quieto e ouça. Por favor. Ele concorda, movendo a cabeça.

- Meu sobrenome na verdade não é Patterson - digo. - É Boydell. Robbie arregala os olhos, reconhecendo o nome. Já ouviu falar de nós, é

claro, lembra-se das irmãs Boydell.

- Está vendo? Você sabe sobre nós. Ou pelo menos o que os jornais disseram sobre nós.

- Lembro-me do nome. - Ele sacode a cabeça. - Não consigo me lembrar de muito mais, ah, exceto que sua irmã era uma espécie

de prodígio. Isso é verdade, não é?

- É. É, ela era.

- Que merda, Katherine! - Ele sacode a cabeça. – Não posso acreditar nisso. É tão difícil de entender!

- Eu sei.

- Ela era sua irmã? Meu Deus! O que aconteceu com ela foi tão louco. Aqueles patifes malucos que fizeram aquilo. Foi inacreditável.

- Foi. E a mídia fez o que pôde para nos tornar famosos depois. Famosos de uma maneira muito ruim. Foi tudo muito destrutivo e evasivo, o que tornou todos nós... o que nos tornou ainda mais infelizes... como se aquilo já não fosse suficientemente insuportável. E apareceram psicólogos e todo tipo de gente fazendo comentários sobre nós, sobre nossa vida familiar. Era revoltante. Eu me sentia completamente... invadida, violada. - Que tipo de coisa? O que eles diziam?

- Todo tipo de baixeza. Muitos artigos disseram que mamãe e papai eram sôfregos e ambiciosos em relação a Rachel. E é claro que eram, em certa medida. Mas Rachel era um gênio, um prodígio. Você sabe, não há como alguém chegar a ser um músico de elite sem ter ambição, sem dar duro. E os jornais gostavam tanto dessas histórias, sempre tiravam proveito delas quando Rachel estava viva. Isto é, viviam publicando matérias intituladas *nosso prodígio local*, essas coisas. Adoravam tudo isso quando ela estava viva. Mas depois, quando ela foi assassinada, tudo mudou. Foi como se tivessem se virado contra nós, se tornado nossos inimigos. Nós nos transformamos da "família orgulho de Melbourne" em uma família ambiciosa, horrível e egoísta que todos estavam dispostos a execrar. Entenda, não é que mentissem exatamente, mas faziam tudo soar muito mal. Diziam, por exemplo, que Rachel tinha de estudar piano de três a quatro horas por dia; e ela fazia isso, claro que fazia. Mas eles davam a impressão de que mamãe e papai a forçavam. Eles simplesmente faziam isso parecer muito feio, muito horrível. E estava tudo errado. Rachel adorava o piano, queria estudar, queria

ser a melhor do mundo, vivia dizendo isso. E meus pais *eram* ambiciosos em relação a ela, é verdade, mas eles a amavam mais que tudo. Eram bons para ela. Eram bons para nós duas. Éramos uma família feliz. - Minha voz está trêmula agora, tento evitar perder o controle. - Éramos felizes.

- Claro que eram.

- Foi isso - digo, respirando fundo. - Foi por isso que mudei de nome e me tornei Katherine Patterson, em vez de Katie Boydell. E foi por isso que me mudei para Sydney. E foi por isso que mamãe e papai também se mudaram. Não contei para você; na verdade não contei para ninguém, exceto para Alice, porque simplesmente não queria mais ser Katie Boydell. Não queria ser aquela menina. Não queria que você soubesse coisas a meu respeito antes de realmente me conhecer. Será que isso faz algum sentido?

Robbie faz que sim com a cabeça, pega minha mão e a aperta. - Mas eu tive vontade de contar para você, Robbie. Realmente tive.

Muitas vezes. Especialmente quando você estava me contando sobre sua mãe... e estava sendo tão verdadeiro sobre tudo aquilo... eu quis, quis mesmo mostrar a você que compreendia como me sentia.

- Achei que você parecia entender tudo aquilo muito bem. Mais ou menos como se já tivesse refletido profundamente a respeito. - Ele sorri, provocando. - Concluí simplesmente que você era superinteligente, supersensível, mas que, na verdade, o caso era de alguém que já esteve lá, já passou por isso. Já esteve lá, já passou por coisa ainda pior e mais difícil que qualquer outra pessoa.

Terminamos nosso sorvete, já mole e derretido, e conto a Robbie sobre a noite em que Rachel foi assassinada. E, tal como ao contar para Alice, soluço, soluço e bato no chão com irritada frustração. Robbie me abraça, ouve atentamente e sacode a cabeça com uma incredulidade horrorizada. Traz mais sorvete para mim, segura minha mão e me faz mil perguntas delicadas. Chora comigo e

enxugamos as lágrimas um do outro, rimos de nosso infortúnio comum, de nossos narizes ranhosos e olhos vermelhos.

À meia-noite digo a Robbie que estou exausta e preciso dormir. Mas, quando ele se dispõe a ir embora, peço-lhe que fique, por favor. Que durma a meu lado. Não para fazer sexo, mas como amigo. Porque não quero ficar sozinha, porque preciso de consolo e aconchego. E ele diz que sim, que gostaria muito, que está feliz por eu ter pedido.

Dou a Robbie uma escova de dentes e escovamos nossos dentes lado a lado no banheiro, revezando-nos para cuspir na pia. De certa forma, o fato de termos chorado juntos e revelado tanto de nós nos tornou imediatamente mais próximos, nos deixou mais à vontade um com o outro. Deitamos de costas, lado a lado, sob os cobertores. Meu quarto está escuro, ouço o som da respiração de Robbie e aprecio o calor reconfortante de seu corpo a meu lado.

- Normalmente eu não dormiria com o namorado de outra menina - digo. - Mesmo que na realidade não estejamos fazendo nada, é um pouco esquisito, não é? Mas de certa forma, por alguma razão, todas essas regras não parecem se aplicar a Alice.

- É porque a própria Alice não segue nenhuma dessas regras ditas normais. Ela não respeita nenhum desses limites, então por que outra pessoa haveria de respeitá-Ios, em se tratando dela? É o fenômeno Alice. Fique ao lado dela por tempo suficiente, e você vai começar a se comportar mal. Ora, vamos falar a verdade. - Ele ri. - Que tal aquela noite com Ben e Philippa? E a pergunta de Alice sobre sua irmã, e o modo como dava em cima de Ben? Ela dificilmente trata alguém com respeito, não é? Estamos no direito de nos comportarmos mal um pouquinho também, não estamos?

- Estamos. Não. Não sei. Afinal, não tenho certeza de que estamos nos comportando mal. Isto é, por estarmos aqui juntos esta noite. Se não estamos fazendo mal a ninguém, provavelmente isso não tem importância. - Sacudo a cabeça no escuro. - Não. Não pode ter importância. Porque somos amigos, estamos cuidando um do

outro e não estamos magoando Alice. Mesmo que ela soubesse, provavelmente não se incomodaria de fato.

- Alice se incomodaria, sim. Mas não por razões normais. Não porque me ama tanto, que não suporta que eu me aproxime a esse ponto de outra pessoa. Ela ficaria incomodada porque não está envolvida. Ficaria incomodada por não ser o manipulador nessa situação.

Não respondo, porque a sugestão de que Alice tem tanto controle sobre mim quanto sobre ele não me agrada. Posso compreender que ele sinta que ela o controla, afinal está apaixonado e engole muito sapo. Consente em estar sempre disponível quando ela o quer. Mas eu sou só amiga de Alice, e minha percepção não está distorcida pelo desejo, não estou loucamente apaixonada por ela. Mas não quero ressaltar esse ponto esta noite. Não quero dizer nada que deixe Robbie mais triste.

- Em todo caso - continua ele -, você usou a palavra namorado. Disse que eu era *namorado* da Alice. - Ele ri, e é um riso seco, amargo, infeliz. - Mas não sou realmente, não é? Sou apenas alguém que ela usa quando lhe dá na telha. Sou apenas um cãozinho leal de que ela pode abusar quando e como bem entende.

- Se é assim que você se sente, Robbie...

- É - interrompe ele. - É claro que é assim que eu me sinto. - Parece irritado e infeliz. - É assim que as coisas são. E digo a mim mesmo vezes sem conta que ela é má, que preciso parar de vê-la. Mas depois ouço a voz dela, vejo o rosto dela e... - Sua voz falha, e ele fica quieto por um momento, respirando, tentando controlar as emoções. Suspira. - Sabe de uma coisa? - cochicha. - Sabe o que há de realmente esquisito em tudo isso?

- O quê?

- Meu pai anda saindo com alguém. Uma mulher que conheceu numa festa certa noite. Que merda - diz ele de repente -, você não vai acreditar, mas o nome dela é RacheI.

- O que há de esquisito nisso? É um nome comum. Conheci muitas mulheres com esse nome desde que minha irmã morreu.

- Não, não é isso que é esquisito. Acabei de me lembrar disso de repente. Mas, ouça, meu pai está feliz desde que a conheceu. *Realmente* feliz. Como costumava ser antes que mamãe adoecesse.

- Mas isso é muito bom, Robbie. Você a conheceu? Ela é legal? - Não. Não a conheci. Não *quero* conhecê-la. Não quero saber dela. - Oh. - Fico quieta por um minuto. - Sente que ele está traindo sua mãe,

alguma coisa assim?

- Não. De jeito nenhum. Minha mãe está morta. Ela gostaria que meu pai fosse feliz.

- Então? - Estou confusa. - Por que você não está feliz por ele? Qual é o problema?

- Estou com inveja. - Fala com ódio de si mesmo. - Sou tão patético, que estou com inveja. Sei que deveria estar feliz por ele, ele certamente estaria feliz por mim. Mas só consigo pensar em como ele consegue estar amando e ter essa relação fantástica enquanto eu tenho meu coração esfrangalhado por Alice. Como ele consegue ser tão feliz? Ele é um homem velho. Sou eu que deveria ter uma excelente vida amorosa. Não ele. É humilhante. Não suporto olhar para ele e ver a expressão ridícula de alguém que está perdido de amor.

- Oh! Robbie. - Estou feliz por ele não poder ver o sorriso em meu rosto. - Está vendo? Sou um patife. Sou mau. Mereço tudo o que recebo de

Alice.

E não consigo evitar... caio na gargalhada. Robbie fica quieto, e seu silêncio, a idéia de que eu não deveria estar rindo, só me faz rir ainda mais. Tento parar, tento abafar o som de minha risada, mas depois isso deixa de ter importância, pois de repente Robbie está rindo também. Rimos tanto, que a cama sacode, chutamos as

cobertas e nos contorcemos. Rimos até sentir dor no estômago e ter dificuldade para respirar, quase sufocamos em nossa hilaridade. Quando paramos, meu rosto está molhado de lágrimas.

- Em todo caso - sussurro com cuidado, fazendo muito esforço para não rir de novo. - Se você não for mau, não pode ser bom.

- O quê? A gente tem de ser mau para ser bom? Que bobagem. Isso não faz o menor sentido.

- Não. - Abafo uma risadinha. - Não faz, não é? O que eu quis dizer foi que se você vê um sentimento mau em si mesmo, não gosta dele e tenta não senti-lo, então isso é bom. Ninguém é de fato inteiramente bom. Pelo menos é o que eu acho. Tentar ser bom, ou ao menos tentar não ser mau, provavelmente é o mais perto que conseguimos chegar.

- Talvez você tenha razão - diz ele.

- Talvez eu tenha.

Agora ficamos calados, calados e imóveis. Ouço a respiração de Robbie tornar-se mais regular. Fecho os olhos.

- Você é bacana, Katherine. - A voz de Robbie está mole, sonolenta. - Você também é bacana, Robbie.

- Se eu tivesse conhecido você antes ... Antes de conhecer a Alice - diz ele, pegando minha mão no escuro e apertando-a com força. - Nós poderíamos... poderíamos... - Ele não termina a frase.

- Sim - respondo, grogue de sono. - Eu sei.

Capítulo 19

- Eles são ótimos, não são? - Philippa observa a banda do irmão. Radiante de orgulho, bate o pé no ritmo da música.

- São fantásticos - concordo, e sorrio com todo o entusiasmo que consigo reunir. E eles são. São todos músicos consumados, e têm um repertório bem-ensaiado, fluente. É o tipo de rock suave, fácil de ouvir, que normalmente aprecio numa banda ao vivo, mas estou com uma dor de cabeça pavorosa e realmente quero voltar para casa, ir para a cama. Philippa fora me buscar mais cedo naquela noite. Ela estava tão alvoroçada com o programa que tínhamos pela frente, que eu não quis desapontá-la. Tinha esperança de que a dor de cabeça acabasse passando, mas só piorou. E como Philippa tinha conseguido a mesa mais próxima do palco para nós, a música estava alta demais, martelando, penosa.

O irmão de Philippa, Mick, está na bateria. É um cara boa-pinta e tem um jeito calmo, retraído - não o vi dar nem um sorriso sequer a noite toda. Tem a pele clara como Philippa, e seu cabelo preto e um tanto longo lhe cai sobre os olhos. Volta e meia eu o pego olhando para nossa mesa com ar intrigado, sem dúvida querendo saber quem é a desconhecida que está com a irmã dele.

E embora a música seja boa fico aliviada quando a banda faz um intervalo. Com o súbito silêncio, minha dor de cabeça melhora um pouquinho. Mick conversa com os outros integrantes da banda durante algum tempo, depois se aproxima e para ao lado de nossa mesa.

- Oi, Pip - diz, tocando a irmã no ombro. Olha para mim com uma expressão vazia e nada amigável. Sorrio, mas seu olhar volta para a Philippa.

- Oi. - Philippa pega-lhe a mão. - Esta é Katherine. Falei com você sobre ela, lembra?

Mick faz que sim com a cabeça, ainda sem sorrir, e olha para mim pelo mais breve dos instantes.

- Olá.

Não estou disposta a tolerar tanta frieza e não sinto nenhum desejo de tentar encantá-lo.

- Olá - respondo com igual frieza, e desvio a cabeça, olhando para o bar. - Katherine está com dor de cabeça - diz Philippa. Viro-me para ela e

franzo a testa, surpresa. Como não lhe contei que estou com dor de cabeça, não sei bem como sabe, e também estou um pouco irritada por ela achar que minha frieza precisa de explicação. É o irmão dela que está sendo grosseiro. Estou apenas respondendo na mesma moeda. Philippa se inclina para a frente e pega em minha mão. - Mick pode acabar com ela.

- Acabar com o quê?

- Com sua dor de cabeça - diz Mick, olhando para mim. - Se você quiser. - O quê? - Sacudo a cabeça, subitamente certa de que ele pretende me

oferecer drogas. - Ah, não, obrigada. - Ergo meu copo de limonada. - Preciso estudar amanhã. Diploma de conclusão do ensino médio.

- Ele não está falando em drogas, boba, se é isso que você está pensando. - Philippa ri, lendo meus pensamentos. - Ele pode fazer essa dor ir embora com uma massagem. Realmente funciona. É totalmente assombroso. Vá por mim. Experimente.

Imagino esse homem estranhamente hostil massageando meus ombros, tocando minha pele, e quase rio, tão absurdo é o pensamento. Sacudo a cabeça.

- Não. Vou ficar bem. Em todo caso, obrigada.

Mas antes que eu me dê conta do que está acontecendo ou tenha tempo de reagir, Mick está sentado na cadeira em frente a

mim e segura minha mão direita entre as dele. Ele a mantém parada e, com os dedos da outra mão, aperta o ponto macio e carnudo entre o indicador e o polegar, movendo-os em círculos pequenos, firmes. Corre seu polegar para cima até meu punho, depois volta pela palma da minha mão e o dedo médio.

Estou a ponto de rir e puxar minha mão, expressar meu cinismo em relação a métodos desse tipo, quando Mick aperta minha mão com mais força ainda e diz:

- Ainda não. Dê à massagem uma chance de funcionar. - E em seguida sorri.

É o sorriso mais transformador que eu já vi. Anima seu rosto inteiro; o que antes parecia carrancudo, sombrio e fechado, agora é cordial, aberto, bondoso. Seu sorriso é largo, os dentes são alinhados e brancos, e seus olhos, fundos e castanhos, são emoldurados por cílios incrivelmente longos. Ele é bonito. Extraordinariamente bonito. E de repente tenho absoluta certeza de que é o homem mais bonito que eu já vi.

Espantosamente, a tensão em minhas têmporas está cedendo. É como se, com cada pequeno círculo que pressiona na pele de minha mão, ele estivesse extraíndo minha dor de cabeça, apagando-a. Observo seu rosto enquanto ele se concentra no que está fazendo. Ele não olha mais para mim, não sorri, mas tem os olhos fixos em minha mão com uma expressão atenta no rosto.

De repente ele belisca a pele entre o polegar e o indicador com tanta força que chega a doer.

- Ai! - Ele solta minha mão, e eu a recolho depressa. Isso doeu. Ele fica só olhando para mim, intrigado, esperando. - Desapareceu. - Ponho a mão na têmpora e sacudo a cabeça, incrédula.

- Desapareceu por completo.

- Maravilhoso, não é? Eu não disse que iria funcionar? Meu brilhante irmãozinho. - Philippa olha para Mick com orgulho, mas ele continua de olho em mim. Ainda não sorri, mas agora posso ver que

há uma inequívoca cordialidade em sua expressão, um vestígio de diversão. Ele olha fixamente para mim por tanto tempo, que começo a ficar ligeiramente embaraçada, sinto meu coração bater mais depressa, meu rosto corar. - É. É, sim. Muito obrigada. - Desvio-me de seu olhar e me volto para Philippa. - Vamos tomar mais alguma coisa? - pergunto, levando meu copo aos lábios e bebendo rapidamente o líquido restante. Levanto-me. - Mais um, Philippa? Quer alguma coisa, Mick?

- Não, obrigada - responde Philippa.

- Vou tomar uma cerveja - diz Mick.

- Certo - digo, e saio em direção ao bar.

- Espere - chama ele. Viro-me. Ele me dá um sorriso, e fico contente por não estarmos perto demais, por ele não ter como ouvir as batidas de meu coração, sentir o ligeiro tremor que começou em minhas mãos. - Basta dizer que é para a banda. É de graça.

- OK.

- Espere - diz ele de novo, e agora está rindo. - Vou tomar uma cerveja VB, OK?

- Certo - digo. E vou para o bar. Andando depressa. Ansiosa para escapar de seu escrutínio.

Depois de pedir as bebidas, dou uma olhada para ele por cima do ombro. Ele e Philippa estão inclinados, muito perto um do outro, conversando. Ele assente com a cabeça e faz gestos em direção ao palco, move os braços energicamente, como se estivesse tocando bateria. Fico aliviada - estão claramente falando sobre música, e não sentados conversando sobre meu comportamento bizarro.

Conheço essa sensação em meu peito. Estou familiarizada com meu estômago revirando, o nervosismo que sinto quando Mick olha para mim. Faz muito tempo desde que senti alguma coisa parecida. Desde WilI, desde a noite da morte de Rachel, nunca me permiti pensar num rapaz assim. E não posso deixar de me espantar com minha reação física a essa atração; o coração batendo, as mãos

trêmulas e o calor no rosto que traem meus sentimentos antes mesmo que eu os reconheça, conscientemente, para mim mesma. É como se meu corpo me conhecesse mais que eu própria.

Tomo a metade do meu copo de limonada assim que chega. Está muito gelada e machuca minha garganta, mas estou com sede. E respiro fundo, forçando-me a ficar calma, a não tremer, a não corar nem gaguejar. Em seguida, o mais serena que posso, volto para a mesa.

- Falando sobre música. - Philippa olha para mim, como se se desculpasse, quando entrego a Mick a cerveja. - Perdão.

- Tudo bem. - Sacudo a cabeça e me sento. - Gosto de falar sobre música. Minha família ... isto é, nós costumávamos falar. - Paro, as palavras me faltam de repente. A morte da Rachel, minha história, isso não é mais segredo, mas é quase impossível trazê-la à tona *en passant*, dizer: *Ah!, sim. Minha família costumava falar sobre música. Isto é, antes que minha irmã fosse assassinada. A morte dela arruinou as coisas para nós e quase não falamos sobre música desde então. Mas conheço a linguagem, partilho o amor. Continuem. Falem.*

Percebendo meu desconforto, Philippa muda de assunto delicadamente. - Meu Deus! - exclama, pegando o braço de Mick. - Você nunca vai adivinhar quem eu vi outro dia! Caroline! - continua.

- Caroline Handel. E, sinceramente, Mick, você não acreditaria em como ela mudou. Se a visse, ficaria absolutamente pasmado. Parece outra pessoa, toda bem-vestida e elegante. Está ocupando um alto cargo numa grande empresa qualquer. A

mudança é fenomenal.

- É mesmo? - Ele dá de ombros, indiferente.

E embora Philippa faça o possível - suponho que por minha causa - para fazê-lo falar sobre alguma outra coisa, Mick não parece interessado no encontro da irmã com a tal moça chamada Caroline, e, assim que Philippa termina a história, ele se vira para mim.

- Então sua família costumava conversar sobre música. Como assim, *costumava*? O que mudou?

- Mick! - A voz de Philippa é cortante. - Não seja tão grosseiro. Você não pode fazer perguntas como essa.

- O quê? - Mick parece perplexo. - Perguntas como o quê? - Ele olha para mim e ergue sua garrafa de cerveja. - Minha pergunta foi grosseira? Espero que não. Sinto muito se foi. Não estou nem bêbado ou coisa parecida. Só tomei um gole disto.

- Não - digo. - Philippa, não se preocupe. Está tudo bem. - E no mesmo instante tomo uma decisão. Vou lhes contar tudo sobre Rachel; pode não ser o lugar mais apropriado, ou a hora, ou a circunstância, não há lugar certo para falar sobre a morte. Mas é uma parte de minha história; um capítulo não encerrado de minha vida que colore quase tudo. Se eu não falar sobre isso, e assim relegá-lo de algum modo ao seu legítimo lugar no passado, ele simplesmente vai ficar lá para sempre, uma sombra, me perseguindo.

- Minha irmã foi assassinada.

Philippa confirma com a cabeça.

- Pode parecer estranho eu lhes contar isso agora – digo rapidamente, levantando e pousando meu copo, fazendo círculos superpostos de água na mesa. - Mas de repente me parece realmente importante dizer alguma coisa, contar às pessoas. Sabem, estive tentando esconder isso de todo mundo por muito tempo. Desde que saí de Melbourne. E agora que isso apareceu, bem, agora que vocês sabem, sinto simplesmente que tenho de contar... - Olho para Philippa e sorrio. - Isto é, para os meus amigos. Sinto que tenho de contar para meus amigos o que aconteceu. Porque não é apenas uma coisa que aconteceu. É uma espécie de, e não quero que isso soe estranho, mas é uma coisa muito definidora. Ela me mudou. Completamente. - Olho para Mick. - E entendo se você não quiser ouvir isso. Mas gostaria de contar para Philippa. Você é bem-vindo para ficar e ouvir também.

Ele assente com a cabeça, sem dizer nada.

- Fomos a uma festa. - Pousei meu copo, ponho minhas mãos no colo, respiro fundo e começo.

E dessa vez não choro nem gemo. Algumas lágrimas molham meu rosto, mas eu as limpo com impaciência. Philippa e Mick escutam, silenciosamente, nenhum dos dois diz nem uma palavra. E, quando termino, Philippa se levanta, contorna a mesa e me abraça com força.

- Obrigada por nos contar.

Olho para Mick. Seus olhos estão úmidos com as lágrimas não derramadas. Ele olha para mim e sorri - um leve meio sorriso, um sorriso de comiseração e tristeza, um sorriso que mostra que ele está confuso e indeciso e não tem idéia do que dizer. É a resposta perfeita, e sorrio debilmente de volta, agradecida.

Capítulo 20

- Pare - disse eu. - Espere aí. Não agora, não aqui. Não quero que seja assim.

- Tudo bem. - Will rolou de cima de mim e se sentou. Puxou minha camiseta para baixo delicadamente e suspirou. - Eu também não quero, Katie. Desculpe-me.

Sentei-me, enlacei seu pescoço e lhe dei um beijo na boca. - Não se desculpe. Você não tem do que se desculpar. Olhei à nossa

volta. Estávamos sob uma árvore. O chão sob nós era nodoso e áspero, com velhas raízes de árvore, seixos e areia. Eu me sentia suja e cansada com os efeitos colaterais de muito álcool. - Realmente eu preferiria perder minha virgindade numa cama. Uma boa cama, limpa e macia. E acho que preferiria estar sóbria.

- Eu também. Sinceramente. - Ele sorriu. - Você está me deixando louco, mas eu preferiria que fosse agradável. E acredito que seria melhor nós dois estarmos sóbrios o bastante para nos lembrarmos depois.

- Merda. Que horas são? - Peguei o pulso de Will e virei-o para ver o relógio. Mas estava escuro demais para enxergar direito. - Essa coisa tem luz?

- Tem. - Ele aproximou o pulso do rosto e apertou um botão. - Passa das 8 da noite. Quase 8h30.

- Merda. - Levantei-me e me limpei com as mãos. Merda. Merda. *Putá merda*. Está tarde. A gente só pretendia ficar uma hora. Vamos nos meter numa grande enrascada quando voltarmos para casa. Vamos embora. - Peguei a mão de Will e ajudei-o a se levantar. - Tenho de achar Rachei. Temos de ir embora. Agora.

Mas não consegui encontrá-la lá dentro. Procuramos entre as pessoas que dançavam e não a vimos em lugar algum. Examinamos

os grupos amontoados contra as paredes. Encontramos Carly e perguntamos se ela tinha visto Rachel, mas ela sacudiu a cabeça, deu de ombros e correu os olhos pelo galpão com indiferença. Estava obviamente bêbada e agarrada num menino que não reconheci. Encontrar Rachel não estava entre suas prioridades.

- Lá fora. - Will tocou meu braço. - Lá na frente. Perto dos carros, talvez. - OK. Vou olhar na frente e você olha nos fundos. Vai ser mais rápido.

Depois nos encontramos aqui.

Eu estava começando a ficar preocupada. Era tarde, e meus pais certamente já estavam em casa. Deviam estar se perguntando onde estávamos, deviam estar ansiosos. Íamos nos meter numa bela encrenca. E se Rachel estivesse bêbada, se eles conseguissem sentir cheiro de álcool nela ou saber de algum outro modo que ela andara bebendo, ficariam furiosos. Estaríamos ambas fritas.

Como muitos dos garotos na festa eram mais velhos e tinham carteira de motorista, havia uma porção de carros parados em frente ao galpão. Estavam estacionados em fileiras, de modo que toda a área parecia um estacionamento organizado.

Ao chegar lá, não consegui ver nem ouvir nada, mas depois ouvi vozes de homem. Risos. O tinido de copo contra copo. Andei em direção ao barulho e cheguei a um grupinho reunido em torno de um carro. Como todas as portas estavam abertas, a luz interna iluminava o entorno. Dois rapazes estavam encostados nas portas do carro. Um terceiro estava sentado no assento da frente. Outro estava no banco de trás, com Rachel.

Rachel tinha um copo de cerveja na mão, que segurava tão frouxamente, que ele parecia prestes a cair, sua mão mole do pulso para baixo. Estava deitada de costas sobre o estofado, os olhos semicerrados.

- Olá - disse o rapaz sentado no banco do motorista quando eu me aproximei. - Como podemos ajudá-la?

Sorri.

- Vim só buscar minha irmã. - Inclinei-me, enfiando o corpo no carro, e peguei no joelho dela. - Rach. Temos de ir. Está realmente tarde.

- Katie. - Rachel abriu os olhos e sorriu. O movimento fez sua cerveja entornar do copo, molhando-lhe a perna. Ela pareceu não notar. - Katie, Katie. Estou me divertindo tanto Estava contando pra eles sobre minha ... minha ... minha *méquechama?* Deu uma risadinha, tocando piano com os dedos na perna. Minha ... minha ... *música!* É isso! Minha música! - Sua voz estava enrolada, seus gestos eram lentos e exagerados. - Eles querem ir ao meu recital. Você acredita?

Passei os olhos pelos rapazes. Estavam todos vestidos no estilo que as meninas de nossa escola chamavam de brega camisas de flanela abertas sobre camisetas regatas apertadas. O único que me olhou de volta foi o que estava sentado na frente, no banco do motorista. Era bem mais velho que os outros, tinha pelo menos 20 anos, e não deixava de ser bonito, de uma maneira rude. Um homem, não um menino. Não acreditei nem por um minuto que ele ou os outros estivessem interessados em música clássica.

- Ótimo - respondi, tirando o copo de cerveja de sua mão. - E é por isso que temos de ir. Não vai haver nenhum recital se não formos agora.

Segurei Rachel pela mão e tentei puxá-la do carro. Mas estava difícil; ela era um peso morto, não cooperava, e senti que, se a puxasse com mais força, faria com que caísse do carro e acabaria sendo obrigada a arrastá-la.

- Como vai levar a menina para casa? - perguntou o homem do banco da frente. Ele olhava para mim, intrigado, um cigarro entre os lábios.

- Andando. Não é longe - menti.

O homem riu.

- Meu nome é Grant. É sim, é longe pra cacete. Isto aqui é longe de tudo. De noite. No escuro. - Indicou Rachel com a cabeça.
-- Quando a pessoa está zozna.

Dei de ombros.

- Rachel! - chamei bem alto. - *Vamos*. Precisamos ir. Está ficando tarde. Ela deu só uma risadinha e escorregou um pouco de lado, sem fazer

nenhum esforço real para se mexer. Sorriu sonhadora e fechou os olhos, como se fosse dormir.

- Jesus! - disse eu, lançando um olhar acusador para Grant, embora soubesse que, se havia um culpado, era eu. Para começar, eu nunca deveria tê-la trazido para cá. Nunca deveria tê-la deixado sozinha. - Quanta cerveja ela tomou?

Grant sacudiu a cabeça e arqueou as sobrancelhas numa expressão de inocência.

- Não sei. Pelo que eu vi, só um copo. Provavelmente não está acostumada, só isso. Sean? - Virou-se para um garoto grandalhão de rosto suado que estava sentado no banco de trás do outro lado da Rachel. - Sabe quanta cerveja ela tomou?

- Não. - Sean riu, um som sibilante e feio que fez sua barriga subir, e respondeu direto para Grant, sem se dar o trabalho de olhar em minha direção. - Como eu poderia saber? Ela já estava mamada quando entrou no carro.

- Que pesadelo. - Pus as mãos na cabeça. - Como vou levá-la pra casa? Eu estava falando mais comigo mesma que com qualquer outra pessoa,

mas Grant respondeu.

- Foi o que eu perguntei, cara. - A gente poderia levar vocês de carro. Numa boa.

- Ah, não - respondi. - Obrigada, de qualquer maneira. - Como queira - disse ele. - Mas vocês vão levar pelo menos uma hora

para chegar a qualquer lugar se forem a pé. E está escuro pra cacete. E um táxi vai custar pelo menos 100 dólares. - Ele deu de ombros. - Sei o que eu faria se fosse você.

Fiquei olhando para ele enquanto pensava. Ir a pé para casa com Rachel naquele momento estava claramente fora de questão. Eu teria de esperar que ela melhorasse do porre – o que poderia levar horas -, e mamãe e papai entrariam em pânico. Provavelmente até chamariam a polícia. Eu não podia deixá-Ios ansiosos em casa, tinha de pedir o telefone celular de alguém emprestado, avisá-Ios que estávamos em segurança. Mas eles fariam uma porção de perguntas, insistiriam em vir nos pegar. E isso era algo que eu queria evitar. Se eles vissem onde estávamos, se vissem todos os garotos bêbados, o estado do galpão, todo o álcool, os cigarros e as drogas, ficariam passados. E provavelmente fariam alguma coisa devastadora, como tentar acabar com a festa, mandar as pessoas para casa. Talvez até ligassem para a polícia, fazendo-a vir e arrebentar todo mundo.

Era inevitável que descobrissem que tínhamos bebido, mas era melhor irmos para casa e enfrentar a barra, era melhor evitar a possibilidade mais pavorosa de eles aparecerem ali.

- Certo - respondi finalmente. - Seria ótimo. Muito obrigada. Eu não pediria, mas não sei o que mais poderia fazer. Você se importaria? Moramos em Toorak.

- Toorak, é? - perguntou Grant com desdém. Jogou o cigarro pela janela, pôs outro na boca, acendeu-o e deu uma tragada profunda. Deixou a fumaça sair aos pouquinhos pelo nariz enquanto falava, os olhos no cigarro entre os dedos. - Toorak. É isso aí. Lugar muito bacana aquele. Muito bacana. - Olhou para mim, e balançou a cabeça concordando. - Acho que isso não vai ser um problema. Não me importo de dirigir até lá. A gente já estava de saída mesmo. Não estava, Sean?

- É, sim - Sean riu de novo, uma gargalhada abobalhada que fez sua barriga sacudir. - A gente já ia mesmo dar o fora dessa porcaria

de festa.

- Certo - digo. - OK. Posso só dar uma corrida e avisar a meu namorado? - Tive uma idéia de repente. - Será que ele pode ir conosco? Vocês se importam? Vocês podem deixá-lo na minha casa mesmo. De lá ele se vira.

- Negativo. Sinto muito, mas não dá, camaradinha. - Grant sacudiu a cabeça. - Ele não vai caber no carro. Tem eu, Sean, Jerry e Chris. E vocês duas. São três na frente e três atrás. Lotação esgotada.

- A menos que ela queira ser deixada para trás. A gente leva o namorado dela e a irmã, e ela fica aqui - disse Sean, rindo, desta vez conseguindo evitar meu olhar e falar sobre mim ao mesmo tempo, como se eu não estivesse presente.

- Cale a boca, Sean. Seu babaca balofo - disse Grant num tom tão ríspido e desdenhoso, que esperei algum tipo de retaliação de Sean. Mas ele riu estupidamente, pôs a mão no ombro de Grant e apertou-o. Foi um gesto estranhamente afetuoso.

- Passa um cigarro pra nós, mano? - pediu.

Grant jogou um maço de cigarros no colo de Sean. - Vou só dar um pulo lá e dizer para ele que estamos indo. Não demoro.

- Peguei na perna de Rachel e dei-lhe uma sacudida. - Rach? Volto num minuto. Estes rapazes vão nos levar para casa. Certo? Rach?

- Levar pra casa? - Ela abriu os olhos e projetou o lábio inferior, fazendo beicinho. Agora sua voz estava ainda mais enrolada, e ela não conseguiu manter os olhos abertos enquanto falava. - Já temos de ir? Que pena. Estou me divertindo tanto ...

- Certo? - Olhei para Grant. - Volto num segundo. - Não se preocupe. - Ele sorriu e deu mais uma tragada no cigarro. - Não vamos a lugar nenhum sem você.

Corri de volta até o galpão e achei Will quase imediatamente. Ele estava conversando com um grupo de pessoas perto da porta dos fundos.

- Não tive sorte - disse quando me viu. - Acabei de perguntar a estes caras se eles a viram.

- Está tudo bem - disse eu. - Eu a encontrei. Está muito, muito bêbada. Tenho de levá-la para casa. Conseguimos uma carona.

- Carona? Com quem?

- Um cara chamado Grant. Está tudo bem. Verdade. Ela está no carro e não consigo tirá-la. Está bêbada demais para se mover. - Acenei a mão com impaciência e dei-lhe um beijo no rosto. - Tenho de ir. Estou com medo de que ela vomite, desmaie, tenha um troço.

- Vou até lá com você.

- Não. Não. Está tudo bem. Não se preocupe. - Sorri, apertei a mão dele fiquei na ponta dos pés para lhe dar um beijo nos lábios. - Fique aqui com seus amigos. Tome mais uma bebida por mim.

Dei meia-volta e corri depressa para o carro.

Quando cheguei os rapazes já estavam dentro do carro, me esperando. Enfiei-me no banco de trás ao lado da Rachel e fechei a porta. Ela estava com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados, a boca ligeiramente aberta. Estendi a mão e fechei os lábios dela, toquei-lhe a face.

- Rach? - chamei. - Vamos para casa agora. - Passei o braço sobre ela e afivelei seu cinto de segurança.

Ela abriu os olhos por um instante, pestanejando, e tentou sorrir. - Tudo bem - disse.

- Quer uma cerveja? - Sean passou o braço sobre o colo de Rachel, uma lata aberta de VB na mão. Manteve os olhos baixos, evitando os meus.

- Ah, não, obrigada. Já bebi muito.

- Merda - disse ele, chegando a lata mais perto de mim. - Pelo menos segure a lata, OK? Abri especialmente.

Peguei a lata e, levando-a cuidadosamente à boca, deixei o líquido frio molhar meus lábios, sem engolir. Não queria beber mais nada. Estava com sede e cansada, ansiando por um copo d'água e o conforto da minha cama. - Obrigada. – Tentei sorrir para Sean, mas ele já se virara para outro lado.

- Muito obrigada por isto - disse a Grant.

- Tudo bem. Hum... não sei seu...

- Oh, meu Deus, desculpe-me. Que grosseria a minha. Sou Katie. Katie Boydell.

- Katie. Certo. Bom.

Ele não me apresentou aos outros rapazes, e por um instante pensei em me apresentar eu mesma; dar-Ihes um tapinha no ombro e dizer olá, oferecendo-Ihes minha mão. Mas toda a

atmosfera era tão embaraçosa, e eles mesmos estavam fazendo tão pouco esforço para ser amigáveis - todos mantinham a cabeça imóvel e olhavam direto para a frente -, que não me dei o trabalho.

Preferi não dizer nada e fiquei olhando pela janela, observando a paisagem passar por mim num borrão. Pensei no que diria a meus pais. Teria de dizer a verdade, ser completamente sincera. Eles perceberiam na hora que Rachel estava bêbada, provavelmente até teriam de me ajudar a levá-Ia para dentro. Ouviriam o carro assim que parássemos - eu podia vê-Ios saindo afobados - mamãe, o rosto a princípio enrugado de preocupação, mudando rapidamente para sua expressão dura e fixa de raiva, seu silêncio frio, mais condenatório que quaisquer palavras; e papai, decepcionado, balançando a cabeça, aturdido. *Mas Katherine, diria ele, como pôde fazer isso? Eu confiava em você.*

Seria horrível, passaríamos todos um fim de semana abominável, e Rachel e eu certamente pagaríamos por nosso mau comportamento. Apesar disso, eu não me arrependia. Mesmo

naquela hora, quando toda a diversão terminara e só nos *so* bravam recriminações e sermões, eu tinha dentro de mim uma alegria que nada nem ninguém poderia me roubar. Eu amava Will. Ele me amava. E ele era tão maravilhoso, tão meigo e bondoso. E eu conservaria essa certeza, o tesouro de meu amor por ele, e ele me manteria aquecida e feliz independentemente do que acontecesse. Quando eu estivesse em casa, sozinha em meu quarto - de castigo (como sabia que iria ficar) -, a imagem de Will, a lembrança do tempo que tínhamos passado juntos esta noite e a promessa do que estava por vir seriam suficientes para tornar aquilo suportável - até mesmo para fazer aquilo valer a pena.

Eu estava tão entretida pensando em Will, lembrando o toque dele, e relembando muitas vezes cada palavra que me dissera, que levei algum tempo para perceber que a paisagem que via pela janela era completamente desconhecida. Olhei bem aquelas árvores e prédios, tentando localizá-Ios, tentando reconhecer alguma coisa. Foi inútil. Eu não tinha a menor idéia de onde estávamos.

- Hum ... Grant? - chamei. - Nós moramos em Toorak, lembra? Não sei se este é o melhor caminho.

- *Nós moramos em Toorak lembra?*

Levei um momento para entender o que Grant tinha dito, para perceber que estava me imitando, zombando de mim. Antes que eu tivesse tempo de me perguntar por que ele de repente estava sendo indelicado, Grant riu e repetiu:

- *Nós moramos em Toorak, lembra?* - Sua voz era ridiculamente aguda, as vogais, engolidas e cortantes. - Que sorte a nossa, hein? Tem gente que não pode morar em Toorak. - Deu uma risada maldosa. - Mas alguém tem de morar nos buracos, hein? Alguém tem de morar no cu do mundo, lá perto do lixão, das valas abertas, da prisão. Alguns podem sentir cheiro de rosas enquanto outros têm de esfregar a cara na merda, hein? É assim mesmo que é. Concorda, Sean? É assim que a porcaria deste mundo é.

Sean soltou uma risada curta, nervosa e muito artificial. Virei-me para lhe lançar um olhar, lhe dar um sorriso, mas ele se recusou a me olhar de volta. Olhou direto para a frente e levou uma lata de cerveja aos lábios. Percebi, ao observá-lo, que, debaixo da gordura, ele, na verdade, tinha um rosto muito atraente - olhos azuis admiráveis, uma pele linda. Seria bonito se emagrecesse. E então pensei como era estranho que ele estivesse com a mão tremendo - e tremendo tanto, que não conseguia acertar a boca e pingava cerveja pelo queixo. Sean tinha a testa molhada de suor, e de repente me ocorreu que ele estava assustado. Por um momento, senti pena dele e perguntei a mim mesma o que, exatamente, o estaria assustando.

Foi aí que me dei conta de que Rachel e eu estávamos em perigo. O medo tomou conta de mim imediatamente. Minha garganta ficou tão

apertada, que passou a ser difícil engolir. Senti uma contorção dolorosa no estômago, minhas mãos começaram a tremer, meu coração começou a bater com força. O ar hostil de todos os rapazes no carro - o jeito deles de não olharem para mim ou de não reconhecerem minha presença de repente ficou tão óbvio, quase palpável. Perguntei a mim mesma como pudera não ter notado antes. Em meu desespero para levar Rachel para casa eu tinha sido imprudente, estúpida. Tinha pensado que eles eram só grosseiros, mas agora percebia que sua frieza era muito mais sinistra.

Eles *sabiam* o tempo todo que isso ia acontecer. Eu não sabia o que tinham planejado, ou para onde nos levavam, mas eles sabiam. Estavam todos na jogada. E podiam fazer o que bem entendessem.

Eles drogaram a Rachel, pensei. E assim que isso me ocorreu, soube que era verdade. Tinham tentado me drogar também. Era por isso que queriam que eu bebesse um pouco de sua cerveja. *Rohypnol*. Eu tinha ouvido falar disso, sido advertida sobre isso por policiais na escola. Comprem sempre a própria bebida, diziam eles. Nunca, nunca bebam algo sem ter absoluta certeza do que é.

Mas Rachel era tão confiante, tão ingênua. Ela nunca teria imaginado. Eles não queriam olhar para mim nem falar comigo para não correrem o

risco de se apiedarem. Estava claro que Grant era o cabeça. Ele estava relaxado e confiante, dirigia cantarolando, o braço apoiado na janela. Todos outros rapazes pareciam nervosos, rígidos, mas não Grant. Talvez eles soubessem que o que estavam fazendo era errado. Talvez fossem ter compaixão de nós.

- Por favor. Poderiam apenas nos levar para casa? - pedi, tentando manter a voz firme.

- *Estou* levando vocês pra casa. Santo Deus, que ingratidão! Vamos só fazer um pequeno desvio antes. Resolver uns negócios. - Olhando-me por sobre seu ombro, sorriu e me deu uma piscadela numa cruel paródia de um gesto tranquilizador.

Talvez Grant simplesmente gostasse de assustar as pessoas, e essa volta de carro fosse uma espécie de jogo. Depois que tivesse feito sua brincadeira maldosa, talvez planejasse nos levar para casa... ou nos abandonar em algum lugar - sãs e salvas. Isso era o melhor que eu podia esperar, o melhor que podia imaginar. Mas havia várias cenas em minha cabeça, possibilidades mais apavorantes, alternativas que pareciam mais prováveis - estupro, tortura -, e de repente elas todas eram tão petrificamente possíveis, que comecei a chorar. Soluços extensos e profundos fizeram meu corpo estremecer, arfadas ásperas tornaram minha inspiração ruidosa. Pus a mão na boca na tentativa de me silenciar - não queria irritar ninguém, dar-lhes motivo para antipatizarem comigo -, mas Grant virou-se para trás e olhou para mim, sacudindo a cabeça como se estivesse desapontado.

- Qual é o problema, princesa? - perguntou. - As coisas não estão como esperava? Não estão como a menininha do papai desejava?

- Desculpe-me - murmurei, de maneira completamente irracional, apertando a boca com mais força e me virando para olhar

a paisagem desconhecida pela janela. - Desculpe-me.

Grant deu uma risada asquerosa e bateu a mão no volante. - Desculpe-me? - disse alto, agressivamente. – Que modos perfeitos ela

tem! - Virou-se para mim e zombou. - Sua mãe ficaria orgulhosa. Ao se virar de volta para a estrada, ele precisou ajustar a direção, pois o

carro tinha se desviado para o outro lado da rua, e por um instante ficamos ofuscados por faróis que vinham na direção contrária. Quando o carro passou, sua buzina *soou* longa e alta.

- Vá se foder! - gritou Grant, apontando o dedo do meio para a escuridão. - Vá se foder!

E por um instante desejei que tivéssemos batido - os passageiros da frente teriam corrido mais perigo. Depois considerei a possibilidade de distrair Grant para darmos uma batida. Numa colisão de frente com outro carro ou com uma árvore, Rachel e eu teríamos uma boa chance de sobreviver. Poderia ser uma alternativa melhor que ficar à mercê de Grant, que claramente tinha uma cabeça doentia.

Mas não, isso era de execução difícil demais. Arriscado demais. E se eu falhasse, o que era provável, as coisas só iriam piorar para mim e para Rachel. A única coisa que eu podia fazer era esperar. Esperar e ver aonde eles iriam nos levar, o que tinham planejado. Esperar e tentar escapar na primeira oportunidade. E isso não teria parecido tão difícil, tão aterrorizantemente impossível, se Rachel estivesse acordada. Mas ela estava profundamente adormecida - ou inconsciente -, respirando lenta e pesadamente, e quando segurei seu joelho e apertei com toda a força que pude, beliscando-lhe a pele,

ela nem sequer se mexeu.

Capítulo 21

Mick tocou por mais uma hora e, enquanto ele está no palco, aproveito a oportunidade para observá-lo. Reparo como seus ombros se movem ritmadamente enquanto ele toca, a óbvia força das mãos e dos punhos quando percute com as baquetas. Volta e meia ele me pega olhando e sorri, mas, como está se apresentando, é perfeitamente normal que eu fique de olho nele, e sinto-me segura o bastante para sorrir de volta abertamente. Assim que a banda termina, ele se aproxima e para ao lado de nossa mesa.

- O que vocês vão fazer depois? - pergunta.

- Vamos para casa - responde Philippa. - Para a cama. Katherine tem aula amanhã.

Está ficando tarde e Philippa tem razão: eu realmente deveria ir para casa me deitar, mas não estou com nenhuma vontade de fazer isso.

- Oh. - Sacudo a cabeça. - Não se preocupe comigo. Estou bem. Sinto-me tão melhor, estou de ânimo novo, e de todo modo...

- A gente deveria ir a algum lugar - interrompe Mick. Ele está olhando fixamente para mim, e percebo que quer tanto que esta noite continue quanto eu. - Vamos comer alguma coisa. Sei de alguns bons lugares onde ainda conseguiremos jantar.

- Certo - digo com entusiasmo. - Ótima idéia. Estou morrendo de fome. Philippa olha para o relógio e depois para mim. Franze a testa. - É quase meia-noite. Pensei que você quisesse ir cedo para casa ... - Não. - Balanço a cabeça. - Na verdade, não.

- Sinto muito, mas estou completamente moída – diz Philippa, pendurando a bolsa no ombro. - Fica para a próxima. Realmente preciso ir para casa dormir. Estou prestes a virar uma abóbora. E vocês ficariam assustados, acreditem em mim.

Ela se levanta, beija o irmão no rosto e lhe dá boa-noite. Depois espera, certa de que vou me preparar para acompanhá-la, e há um momento embaraçoso, durante o qual não sei o que dizer, o que fazer, como deixar claro que não quero ir. Mas Mick me salva de ter de dizer qualquer coisa.

- Você e eu ainda podemos ir - diz ele, falando diretamente comigo, o rosto sério e compenetrado de novo. – Se você quiser. Prometo que chegará em casa em segurança.

- OK, sim, boa idéia - respondo depressa, nervosa e embaraçada de repente, com medo do que Philippa pudesse pensar. Levanto-me e pego minha bolsa. - Eu gostaria muito.

Philippa franze a testa, parecendo intrigada e exasperada ao mesmo tempo.

- O que vocês... - diz, e em seguida arregala os olhos, e um lento e sagaz sorriso de reconhecimento se abre em seu rosto. Ela olha para Mick e depois para mim, e posso sentir minhas bochechas ficarem afogueadas. De repente ela ri, jogando a cabeça para trás, e diz: - Eu sabia que vocês iriam gostar um do outro. Eu sabia.

Aflita, espero que Mick negue isso, que ria à sugestão de que gosta de mim, mas ele me olha nos olhos e sorri timidamente; sorrio de volta e sei que é verdade, sei que por meio de nossos sorrisos estamos ambos dizendo um milhão de coisas indizíveis. Por um momento ficamos os três ali, parados, silenciosos e sorridentes, envergonhados e felizes ao mesmo tempo.

- Pois bem - diz Philippa por fim. - É melhor eu ir. - Ela se vira para Mick: - Trate de deixar Katherine em casa com segurança. Ou eu mato você.

- Cale a boca, Pip - diz ele.

- Você sabe que ele anda de moto? - pergunta-me ela, com as sobrancelhas arqueadas.

Eu não entendi, mas isso não me surpreende.

- Nenhum problema - digo alegremente, tentando não pensar em meus pais e no horror indubitável que sentiriam ao pensarem em mim na garupa de uma motocicleta. – Gosto de motos - minto.

Philippa dá um abraço em Mick e outro em mim, dando-me um apertão extra antes de me soltar. Tomo isso como um sinal de que aprova tudo e sinto uma onda de ternura em relação a ela. É tão generosa, afetuosa e aberta ... Uma amiga muito boa.

- Só preciso ajudar um pouco a guardar as coisas – diz Mick, depois que ela se afasta. - Não demoro. Quer esperar aqui?

Ofereço-me para ajudá-lo. Ele me leva para o palco, me apresenta aos outros integrantes da banda, e passo os dez minutos seguintes ajudando-os na arrumação; guardando fios elétricos e levando copos vazios de volta para o bar. Depois que o palco foi limpo e os instrumentos foram levados para a van do vocalista da banda, Mick vai ao camarim e volta com dois capacetes e uma jaqueta de couro.

Pega minha mão com sua mão livre - aperta-a com força, sua palma grande, firme e cálida contra a minha. Depois sorri, um sorriso largo, feliz e natural, e eu rio.

- Vamos - diz ele.

Caminhamos sem falar. Não sei para onde ele está me levando e não me importo. Sinto-me estranhamente à vontade sozinha com ele, esse homem que acabo de conhecer, mas cuja mão me parece natural segurar. Totalmente. Nossas mãos se encaixam à perfeição. Há algo fácil entre nós, algo quase mágico, e quando olho nos olhos dele tenho uma sensação que só posso descrever como familiaridade. É seguro estar com ele. Como voltar para casa.

- Tome - diz ele, quando chegamos à moto. Põe os dois capacetes no assento e me entrega a jaqueta - Você pode usar isto.

A jaqueta é um pouco grande, mas é macia, cheira bem e usá-la me dá a impressão de ser uma menina completamente diferente - uma pessoa impetuosa e arrojada, uma pessoa corajosa. E depois

que colocamos nossos capacetes e estou sentada na moto atrás de Mick - meus braços em volta de sua cintura, a frente de meu corpo muito apertada contra as costas dele -, e ele avança pela noite, fácil e rapidamente pelas ruas, acredito que realmente posso ser essa menina.

Capítulo 22

Grant saiu da estrada e enfiou o carro numa área de mato cerrado. - Pronto - disse, desafivelando o cinto e se virando para mim com um

sorriso. - Cá estamos. Hora de uma brincadeirinha, hein? Está pronta, Katie? Pronta, minha camaradinha?

Não respondi, só olhei de volta para ele, petrificada. Não havia nada que eu pudesse lhe dizer, e agora meu medo era tão grande, e meu ódio por Grant, tão gigantesco, que eu mal era capaz de falar. Estava tremendo - braços, mãos, pernas, e até minha cabeça. Não parava de bater os dentes e tive de fechar os lábios com força e cerrá-los para que parassem de fazer um ruído horrível. O esforço que isso exigiu me deu algo em que me concentrar, algo em que focalizar minha energia, em vez de gritar, pular sobre o outro assento e atacar Grant, o que era tudo o que a adrenalina em meu corpo estava me impelindo a fazer - e que, eu tinha certeza, só iria tornar as coisas muito piores.

E, apesar de meus freqüentes cutucões e beliscões, Rachel não se mexera, nem piscara, nem dera qualquer outro sinal desde que saíramos da festa. De certo modo, tive inveja de sua inconsciência.

- Vamos! - Grant deu uma cotovelada no rapaz sentado a seu lado, revirou os olhos, irritado, depois se debruçou por cima dele e gritou para o que estava sentado junto da porta: - Quer tratar de dar o fora? Vai passar a noite inteira aí sentado esperando que eu diga o que tem de fazer?

- Tudo bem. - O rapaz abriu a porta e saiu, seguido de perto pelo outro. Grant saltou, batendo a porta com tanta força, que o carro se sacudiu.

Depois Sean, tão pesado e tão nervoso, que pude ouvir o chiado de sua respiração, saiu e também bateu a porta. Rachel e eu

ficamos sozinhas no carro. Presas, cercadas.

- Rach. - Peguei no joelho dela e a sacudi com toda minha força. - Acorde, Rachel! Acorde! - Minha voz soou histérica. - Por favor, Rach. - Falei mais alto, não me importando que eles me ouvissem. – *Por favor.*

A porta a meu lado foi aberta e senti uma lufada do ar frio da noite. Em seguida Grant me lançou um olhar malicioso:

- Ela não pode escutar, minha camaradinha. Está perdendo seu tempo. - Olhou para seu pulso nu como se consultasse as horas. - Ah. Eu diria que falta uma hora, pelo menos, para ela chegar perto de acordar. - Em seguida pegou em meu joelho e deu-lhe um aperto suave, num gesto falsamente afetuoso que deixou minha pele arrepiada e me repugnou tanto quanto se eu tivesse tocado uma aranha venenosa. Eu quis gritar, espernear e dar-lhe uma bofetada. Mas mordi os lábios e baixei os olhos para meu colo, fazendo força para manter as mãos imóveis.

- O que você quer, Grant? - perguntei. Minha voz estava calma, serena. - O que você quer de nós?

Ele pareceu pensativo. Deu uma tragada em seu cigarro e soprou a fumaça em meu rosto. Desviei o rosto e tossi em minha mão.

- Ah, merda! Desculpe-me, parceira. Você não fuma? - Não.

- Talvez devesse começar. Gosto de mulher que fuma. É sexy. Não acha? Sofisticado. Ele deu mais uma tragada no cigarro e, novamente, soprou a fumaça fétida de seus pulmões em meu rosto.

Fechei os olhos, prendi a respiração. Mas em seguida senti a ponta do cigarro contra minha boca, seus dedos empurrando-a rudemente entre meus lábios. Virei o rosto.

De repente, para meu susto, minha cabeça deu uma guinada e senti uma dor pungente no couro cabeludo. Ele tinha puxado meu cabelo, virado minha cabeça à força, de modo que eu estava olhando para ele quase de cabeça para baixo.

- Escute aqui, sua vadia - disse-me, o rosto tão perto do meu, que pude sentir sua barba espetada. - Não desvie essa porra dessa sua cara de mim, está ligada? Não gosto disso. Está ligada? - Ele soltou minha cabeça e fiz que sim. Comecei a chorar. - Ah - disse ele, suspirando. - Isso de novo, não. Ouça. - Abriu mais a porta do carro e se empoleirou no banco a meu lado, uma perna para dentro, a outra apoiada no chão. - As coisas vão ser muito mais fáceis se você cooperar, OK? Se fizer o que eu mandar, quando eu mandar. Certo?

Seu ar de arrogância presunçosa, só possível porque tinha vantagem em força e em número - o poder do valentão-, me deu vontade de rir dele, de lhe cuspir na cara. Mas minha relutância em ser machucada de novo - meu desejo de continuar viva e tão incólume quanto possível - foi mais forte que o de espernear.

- Certo - respondi. - Certo.

- Muito bem. Agora dê uma fumadinha. Não vou machucar você. Aqui. - Apertou o cigarro contra meus lábios de novo. - Agora chupe.

Puxei o mínimo de ar possível, enchendo a boca de fumaça, e comecei imediatamente a tossir fazendo muito barulho. Grant riu, sacudindo a cabeça como se achasse graça das bobagens de uma criança, e pôs o cigarro de volta entre os próprios lábios. Levantou-se.

- Vamos - disse. - Está na hora de sair.

- Para onde vamos? - perguntei, olhando aflita para Rachel. - E Rachel? Não quero deixar minha irmã sozinha.

Grant deu uma olhada dentro do carro e suspirou, balançando habilmente o cigarro num canto da boca enquanto falava.

- O que eu disse, Katie? Você não está escutando, cara. Faça o que o eu mando, *quando* eu mando, e dará tudo certo. - Em seguida parou, pegou o cigarro entre o polegar e o dedo indicador, virou-o e olhou pensativamente para a brasa em sua ponta.

Entendi o que ele ia fazer um segundo antes que fizesse. E, ato contínuo, eu estava gritando, a pele de minha perna, logo acima do joelho, consumida por uma dor lancinante. Ele segurou a brasa do cigarro deliberadamente contra mim e gritei. Meus braços moveram-se involuntariamente, empurrando, batendo, esmurrando a esmo.

Ele agarrou meus braços com ambas as mãos e segurou-os com tanta força, que doeu. Era tão mais forte, que eu não podia nem resistir nem me desvencilhar, mal conseguia mexer os braços sob seu controle.

- Cale a boca - disse ele, com tanta ferocidade, que a saliva se acumulou entre seus lábios e salpicou meu rosto. – Não me pergunte nada. Não me pergunte mais porra nenhuma. Faça. Só. A porra. Do. Que. Estou. Mandando.

E meu medo, minha raiva e meu ódio - porque eu o odiei naquele instante, e se tivesse podido matá-lo, teria feito isso com prazer - eram tão fortes, que me esqueci da dor na perna, mal podia senti-la. Queria gritar para ele e pude sentir meu lábio superior se crispar com a força de minha aversão, com o esforço para não demonstrá-la. *Como se atreve?*, eu queria dizer. *Seu verme estúpido, babaca, ignorante. Como se atreve? Você vai se arrepender disso. Você vai pagar. E, se eu tiver a oportunidade, se você me der as costas, se eu tiver a chance, eu vou matar você. Vou socar sua cabeça com uma pedra, socar, socar, socar até seu cérebro virar uma polpa líquida. Vou esmagar você até não sobrar nada desse seu rosto idiota e covarde, não sobrar nada de sua cabecinha patética, má e deplorável.*

- Vamos! - gritou ele para mim de repente, fazendo-me pular e levar as mãos ao rosto defensivamente. - Caia fora da porra desse carro. Já!

Escorreguei pelo banco e saí. Sean e os outros rapazes estavam parados, próximo ao carro. Eu podia ouvi-los murmurando e rindo. Suas risadas soavam forçadas, artificiais. Estavam nervosos, era óbvio, e suas vozes, cheias de um desafio fingido. Os três

seguravam cigarros que traçavam arcos de um laranja candente quando eles gesticulavam ou os levavam à boca.

Grant segurou meu antebraço com torça e me arrastou para além dos outros.

Estava escuro e volta e meia eu tropeçava; a cada vez ele dava um puxão em meu braço e fazia um grunhido de irritação. Fiz o que pude para andar com firmeza, mas estava tão aterrorizada, que minhas pernas tremiam, e eu não conseguia me equilibrar. Num esforço enorme para não cair no chão e começar a gritar, eu apenas soluçava silenciosamente, as lágrimas escorrendo pelas faces e respingando na gola da blusa.

Então apareceu uma construção diante de nós. Uma espécie de barracão pequeno. Pude ver as ondulações das paredes de ferro corrugado no reflexo do cigarro de Grant. Ele empurrou a porta, que produziu um rangido alto, e me jogou lá dentro. Depois ouvi o estalo de um ferrolho e me vi trancada lá.

Estava escuro como breu. Senti cheiro de umidade e poeira, um cheiro que me fez lembrar a adega da casa de meu avô, um lugar que sempre me amedrontara. Quando ouvi os passos de Grant se afastando, caí de joelhos e comecei a gemer, apavorada.

- Oh, meu Deus! - sussurrei para a escuridão. – Por favor, por favor, não me deixe aqui. Por favor.

Meu instinto era gritar - gritar, urrar, esmurrar a parede; protestar o mais ruidosa e violentamente possível. Mas eu sabia que isso não adiantaria nada, que ninguém me ouviria. Isso só deixaria Grant mais irritado e o incitaria a me machucar de novo. Ou a ferir RacheI. Precisei de todo meu esforço, de toda minha energia e auto controle para abafar meus soluços, ficar o mais quieta possível.

Pus as mãos no chão e senti a terra batida, úmida e fria. Fiquei agachada e deixei a cabeça pender por um momento. Respirei fundo, inspirando e expirando, inspirando e expirando, tentando me acalmar. Seria tão fácil me pôr a berrar, tão fácil e, de certo modo, um alívio tão grande me deixar sucumbir a uma histeria irracional.

Mas eu não podia perder a cabeça, precisava pensar. Afinal, eu ainda estava viva, Rachel ainda estava viva, nada de irreversível acontecera ainda. E a melhor, não, a *única* defesa que eu tinha era meu cérebro. Grant e seus amigos eram mais fortes, mas eu tinha de acreditar que era mais inteligente, e, se ficasse calma, eu tinha uma chance de levar a melhor sobre eles e de encontrar uma maneira de escapar.

Corri as mãos pelo chão, tentando sentir as extremidades do barracão, descobrir de que tamanho ele era e onde ficavam as paredes. Queria ver se havia alguma fonte possível de luz, algum lugar por onde eu pudesse fugir.

Mantendo uma das mãos contra a parede, rastejei pelo chão. Avançava devagar pela escuridão, com medo de passar sobre alguma coisa cortante ou de bater a cabeça. Mas era melhor estar me mexendo, fazendo alguma coisa. Era muito melhor ter um plano, por mais frágil e improvável que fosse.

O barracão parecia maior por dentro que visto de fora. Quando transpus um canto no fim da segunda parede, minhas mãos tocaram algo. Era macio e tinha uma textura estranha. Recuei horrorizada e pus as mãos na boca para sufocar um soluço.

Meu primeiro pensamento foi que aquilo era algum tipo de animal, mas não ouvi nem senti nenhum movimento, nenhum som de respiração. Bem devagar, estiquei a mão para tocar na coisa de novo.

Era macia, mas áspera. Não um animal, de jeito nenhum, mas algum tipo de saca. Aniagem. Provavelmente sacas cheias de sementes ou de feno. Rastejei um pouco mais e descobri que havia uma grande quantidade dessas sacas empilhadas contra uma parede inteira.

Arrastei-me pelo resto do barracão e não encontrei nenhum buraco ou fenda entre as paredes e a terra, nenhuma maneira óbvia de escapar. Sentei-me e tentei pensar - e, enquanto olhava à minha volta, percebi que meus olhos haviam se adaptado à escuridão.

Afora as sacas, o barracão estava completamente vazio. A única fonte de luz eram as fendas em torno do vão da porta. Mas eu sabia que esta estava firmemente trancada, havia escutado Grant empurrar vários ferrolhos ao sair.

Eu conseguia mover as sacas. Sabia que as chances eram exíguas, mas poderia haver algum tipo de buraco ou maneira de escapar atrás delas. Ferro corrugado podia ser vergado; eu só precisava de uma pequena fenda entre a parede e o chão, e seria capaz de me espremer e sair por ali.

As sacas eram pesadas, era difícil movê-las, mas o medo e a raiva me deram uma força que normalmente eu não teria. Não me importei com a dor que senti nos braços e nas costas; a necessidade de fugir, de *viver*, me mantinha em movimento. Não desloquei muito as sacas, apenas as empilhei ordenadamente como estavam a cerca de um metro da parede. Por mais que quisesse empurrá-las rapidamente para fora do meu caminho, jogá-las e qualquer lugar, não queria que Grant notasse que tinham sido movidas quando voltasse.

E fui recompensada. Quando finalmente cheguei à última fileira, vi um reflexo prateado vindo do chão. Luz. Comecei a trabalhar muito mais depressa, subitamente com mais ansiedade e medo que momentos antes. Senti meu estômago se contorcer e tive uma súbita e irresistível necessidade ir ao banheiro. A possibilidade de fugir só intensificou meu medo, me tornou consciente de quanto eu estava em perigo, de quanto estava aterrorizada. Mas contraí meus músculos e resisti; não tinha tempo para parar.

Depois de mover todas as sacas o suficiente para me enfiar entre elas e a parede, fiquei abaixada e examinei a fenda. A base da parede estava ligeiramente curvada para cima e para fora, o que deixava um espaço de cerca de dez centímetros de altura e quase um metro de largura. Se conseguisse curvá-la apenas um pouco mais, a fenda ficaria grande o suficiente para que eu me espremesse por baixo, enfiando a cabeça e depois o corpo.

Levantei-me, coloquei o pé contra o ferro e empurrei o mais que pude. Ele não se mexeu. Eu precisava pôr toda a força de meu corpo naquilo. Deitei-me de costas no chão, a cabeça contra as sacas e, usando os pés, empurrei com toda a força que consegui reunir. O ferro se curvou para cima. Um pouquinho.

Mais uma vez, à idéia de que poderia fugir, senti o pânico tomando conta de mim. Sufoquei um soluço, sacudi a cabeça e me concentrei. Empurrei novamente. Empurrei com tanta força, que doeu. A parede se curvou um pouco mais para cima.

Agora a fenda parecia grande o bastante para me dar passagem. Deitei de bruços e primeiro passei minha cabeça através dela, de lado, de modo que minha bochecha ralou na terra e senti a ponta afiada de seixos contra a pele. Foi mais difícil enfiar os ombros pelo buraco, mas puxei com as mãos e empurrei com os pés, forçando-me a me apertar por ele. o resto do corpo passou com facilidade e me arrastei pelo chão, não me importando com a borda áspera do ferro que arranhava minhas costas, rasgava minhas roupas e machucava minha pele, até me ver livre. Levantei-me.

E, agora que estava de fora, era ainda mais difícil controlar minha crescente histeria. Eu estava livre, ao menos por enquanto, e queria tão desesperadamente que Grant não me encontrasse, que fiquei momentaneamente paralisada pelo terror. Mas obriguei-me a respirar, forcei minhas pernas a se mexerem, caminhei até o canto do barracão e dei uma olhada em volta.

Como as portas do carro estavam abertas e a luz interna estava acesa, pude ver que Rachel estava deitada no chão ao lado dele. Ela estava de costas, a saia embolada em volta da cintura. Grant estava de joelhos entre suas pernas abertas. Movia-se para trás e para a frente, enfiando-se nela. Rachel gemia baixinho a cada vez. Os outros rapazes estavam encostados no carro, olhando.

Os filhos da puta estavam estuprando minha irmã. Minha irmãzinha. Tive de me dobrar em duas e apertar a mão contra a boca para sufocar

um grito. Quis correr para eles, socá-los, arranhá-los, quis matar, aleijar e ferir. Mas tive de me obrigar a ficar quieta, a pensar. Eu não tinha nenhuma possibilidade de dominá-los, nenhuma possibilidade de machucá-los.

Um ódio tão forte que pude sentir seu gosto, pungente e amargo, subiu por minha garganta. Curvei-me na terra e peguei uma pedra, apertando-a na mão com tanta força, que ela penetrou na superfície de minha pele. Mas gostei da dor, gostei daquela aspereza.

Olhei à minha volta, procurando desesperadamente alguma coisa, qualquer coisa; não sei bem o que esperava encontrar, mas através das árvores, a distância, enxerguei luz.

Olhei para trás, na direção de Rachel, e nesse exato momento Sean levantou a cabeça. Pareceu olhar direto para mim. Não sei se realmente me viu - nunca saberei. Como eu estava num lugar escuro, talvez não tenha me visto, mas não fiquei esperando para descobrir. Entrei em pânico.

Dei meia-volta e corri. Em direção à luz.

Capítulo 23

Seguimos em direção ao Circular Quay e depois para os Rocks. Mick me leva a um pub no qual, segundo ele, servem uma boa comida até tarde da noite. Estamos ambos famintos. Pedimos enormes refeições - bife com batatas fritas e salada - e comemos com entusiasmo, sorrindo um para o outro sempre que nossos olhares se encontram.

Depois que terminamos o jantar e nossa mesa foi limpa, enquanto bebericamos uma Coca-Cola, Mick me beija. É surpreendente e inesperado, mas, ao mesmo tempo, maravilhoso. Ele se levanta, debruça-se sobre a mesa e põe os lábios nos meus. Não é um beijo apaixonado, sua boca permanece fechada, mas é terno e suave e dura muito mais que um selinho fraternal. É um beijo que torna tudo mais certo, um beijo que deixa claro que ele está tão atraído por mim quanto estou por ele.

- Por que você fez cara feia para mim assim que me conheceu?
- perguntei. - Pensei que devia estar me detestando. Na verdade, eu o achei horrível. Hostil e rude.

- Porque me senti estranho. Logo que vi você. Assim que bati o olho em você, soube que alguma coisa iria acontecer entre nós. Eu soube. Imediatamente. - Ele sorri. Parece tímido pela primeira vez. - Você me deixou nervoso.

Estamos ambos gloriosamente felizes, ambos surpresos com o inesperado prazer de encontrarmos um ao outro, e, quando saímos do pub e caminhamos em direção à moto, Mick me pergunta onde moro.

- Não quero ir para casa - digo.
- Não?
- Não.

Vamos para a casa dele. Ele divide um apartamento com um estudante chamado Simon, que está passando a noite fora. Fazemos chá e levamos nossas canecas para o quarto dele. A cama é um simples colchão no chão - mas a colcha está bem esticada, os travesseiros, sobrepostos na cabeceira. Há livros empilhados contra a parede ao lado da cama e uma guitarra apoiada.

Sentamo-nos na cama lado a lado, as costas contra os travesseiros, as pernas cruzadas, os joelhos se tocando. Conversamos sobre música, nossas bandas favoritas, nossas canções favoritas. Tomamos três xícaras de chá cada um e dividimos uma barra de chocolate da geladeira quase vazia. Quase às 3 horas da manhã, Mick muda de posição na cama, de modo a ficar deitado de lado, de frente para mim, com a cabeça no travesseiro.

- Deite-se - diz. - Você deve estar ficando cansada. Eu me ajeito na cama de modo que ficamos lado a lado, e nossos rostos estão muito próximos.

Mick toca meu rosto com a ponta do dedo, traça uma linha por minha face, desce pelo queixo e vai até o pescoço.

- Você é bonita - diz.

Beijamo-nos, nossas bocas e nossos corpos colados, apertados. Nossos corpos se encaixam tão bem, tão naturalmente ... e logo estamos ofegantes e tensos de calor e de desejo.

Afasto-me, subitamente tomada por uma forte e intempestiva necessidade de falar, de contar minha história.

- Não faço isso há ... a última vez que beijei um rapaz... a última vez - faço uma pausa, respiro fundo. - Ele se chamava Will. William Holloway. Foi na noite em que Rachel foi assassinada.

Mick está imóvel. Ele faz que sim com a cabeça, ouve. - Não fizemos nada naquela noite - digo, e lembro-me do rosto do Will,

de como eu o amara, de como fora difícil e penoso vê-la mais tarde. - Mas nós íamos fazer. Tínhamos grandes planos para perder

nossa virgindade juntos. Mas, depois daquela noite, tudo ficou uma merda. Ficávamos realmente constrangidos perto um do outro. Acho que ficávamos embaraçados. O que parece um sentimento absurdo quando o fato é que houve um assassinato. Mas não conseguíamos nos olhar direito. Ele continuou aparecendo para me ver e ficava sentado lá, rígido e infeliz, enquanto eu chorava. Acabei dizendo a ele para não voltar mais. Ele ficou muito aliviado. - Rio com tristeza. - Você devia ter visto a cara dele. Fingiu ficar triste por termos rompido. Mas saiu porta afora o mais rápido que pôde.

- Deve ter sido uma cena bastante pesada para uma menina de 16 anos. - Demais. - digo. - Mas realmente não pus a culpa nele. Fiquei aliviada

também. Era horrível ver como ele tinha pena de mim. Mas ele era educado e bondoso demais para me dar o fora.

- E desde então?

- Nada - respondo. - Ninguém.

- Sorte minha, então. - Ele sorri e me dá um beijo na testa. - Mas podemos ir mais devagar. Não há pressa. Posso esperar. Não quero pressionar você.

Mas sei o que quero, e a idéia de esperar mais é tão frustrante, que só me dá mais certeza. Balanço a cabeça e sorrio timidamente. Pego sua mão, ponho seu braço em volta de mim, movo-me para a frente de modo que nossos corpos se colemb e aperto meus lábios contra os dele.

- Katherine - diz ele quando acabamos. Estamos respirando o ar um do outro, deitados lado a lado, face a face.

- Mick - digo.

- Gosto do seu nome. Combina perfeitamente com você. Katherine. Katherine. Katherine e Mick.

E, quando ele diz meu nome assim, perto do dele, tudo fica diferente. Jamais gostei realmente de ser chamada de Katherine -

durante todo esse tempo senti falta de ser chamada de Katie.

Mas não sou mais Katie, sou Katherine - e esta noite, pela primeira vez na minha vida, não desejo ser nenhuma outra pessoa.

Capítulo 24

Você corre, corre, corre. Corre mais depressa que nunca. Tropeça, se esborracha de quatro no chão, se levanta imediatamente, continua correndo.

- Por favor, por favor - soluça. - Por favor, me ajude. Por favor. Alguém. Socorro.

Está aterrorizada com a idéia de que eles estejam atrás de você, perseguindo-a, chegando mais perto a cada passo. Sua respiração áspera é alta a seus ouvidos, ensurdecadora, e você imagina que eles também possam ouvi-la, e por isso corre mais depressa. Você não se vira para verificar, está aterrorizada demais para fazer qualquer coisa que não seja correr. Apesar da dor no Banco, da fadiga, das pernas pesadas, você se força, se força a não esmorecer, a não se virar, a não desabar como um amontoado histérico no chão.

E quando você se aproxima da luz fica claro que ela vem de uma casa, como você esperava. E quando chega ainda mais perto vê que as janelas estão abertas para a brisa da noite, a luz da varanda da frente está acesa, há um carro estacionado na entrada da garagem. Tem gente em casa.

Você entra correndo, se estatela na varanda, levanta-se do chão e corre para a porta. Bate à porta, soca-a com os punhos. Chuta. Tenta gritar.

Um momento depois a porta se abre. Você vê uma mulher postada lá; parece irritada com a invasão grosseira. Mas, quando ela percebe sua aparência, seu medo evidente, a urgência da situação, sua expressão passa a ser de alarme e preocupação. Ela abre a boca, leva uma das mãos ao peito, a outra a seu braço.

- O que está havendo? - pergunta. - O que aconteceu? Quando a polícia chega e organiza uma busca, os rapazes já fugiram.

Deixaram-na lá, de costas na terra como um animal. Um dos policiais lhe garante que ela parecia tranqüila, uma expressão de serenidade e calma na face fria, morta.

- Acho que podemos acreditar - diz ele - que ela não soube realmente o que estava acontecendo.

Ela não soube que você a deixou lá. Sozinha com eles.



Parte dois

Capítulo 25

Quando chego, Alice já está sentada à mesa no canto do bar. Bebe aos golinhos uma caneca de café.

- Olá - sento-me diante dela. Sorrio.

Alice revira os olhos.

- Passei o fim de semana inteiro tentando ligar para você. Por que você nunca sai com o celular? - Ela está irritada, mas não consegue alterar meu humor. Nada conseguiria. Estou feliz demais

- Que foi? O que você queria? - pergunto amavelmente, ignorando sua irritação. Não me dou o trabalho de explicar o que aconteceu. Onde estive. Não digo uma palavra sobre Mick. Isso ainda é muito novo, muito lindo, e quero guardá-lo só para mim.

- Só queria contar para você. Estou com um cara novo. - Ela se debruça sobre a mesa, suas sobrancelhas estão arqueadas, o mau humor aparentemente esquecido por um momento.

O que me vem imediatamente à cabeça é Robbie. Como ele ficará arrasado...

- Ah. - Pego o cardápio, contemplo a cartolina laminada mas não leio nada. - É sério?

- *É sério?* Meu Deus, você não me parece muito feliz com a notícia. Pouse o cardápio e olho para ela.

- Desculpe-me. E Robbie? Ele ao menos já sabe disso? Vai ficar arrasado. Ele realmente...

- Robbie, Robbie - interrompe ela. - A verdade é que nunca prometi coisa alguma a ele. Sinceramente, Katherine. Não prometi nada. Nunca. Na realidade, deixei perfeitamente claro que não havia nada sério entre nós. É tudo invenção da cabeça dele. Seja como for, Robbie vai ter de enfrentar isso. Não tem escolha. Ele não é meu dono.

- Acho que não. - E dou-me conta de que, a longo prazo, provavelmente esse é o melhor desfecho. De certo modo, só posso me sentir feliz por Robbie. Isso o obrigará a encarar a realidade: Alice simplesmente não gosta dele. Ele vai ficar mal, mas precisa esquecê-la e encontrar outra pessoa, alguém que valorize o sujeito fabuloso que ele é.

- E então? - pergunto. - Quem é ele? Como ele é? - É o máximo. Maravilhoso, bonito, sexy. Estou no céu. Penso nele a cada minuto do dia.

Sorriso. Sei exatamente como ela se sente.

- Qual é o nome dele?

Mas Alice não responde. Em vez disso, leva sua xícara à boca e me dá uma espiada sobre a borda.

- Quarenta e oito.

- Cruzes, Alice. Isso é muito. Ele é um ancião. Isso não o incomoda? Que você ainda esteja na escola?

Alice sorri.

- Talvez ele pense que tenho 27.

- Você está mentindo para ele?

Ela dá de ombros.

- Esticando a verdade um pouquinho.

- Mas ele é *velho*. Isso não é estranho?

- Não, não. Não é. Você ficaria surpresa. Ele é ótimo. É realmente inteligente, Katherine, e inacreditavelmente bem-informado. É como se eu tivesse passado esse tempo todo procurando um homem mais velho, sabe? É um milhão de vezes melhor. Ele é muito mais maduro, muito mais aberto, confiante e independente. E não fica na minha cola feito um filhote carente, o que é um grande alívio. - Ela ri. - E é muito bom de cama, muito experiente. É tão inacreditavelmente *competente*.

Tento me concentrar no cardápio. Não estou nem com fome - o alvoroço de estar recém-apaixonada me tirou o apetite -, mas não quero que Alice perceba minha reprovação, minha opinião. Sempre que estou a seu lado ultimamente, tenho me sentido como uma irmã mais velha - uma irmã mais velha recriminadora e rabugenta.

Não estou muito certa de que deva me incomodar com o novo relacionamento de Alice. Afinal, são ambos adultos, e, contanto que ninguém saia ferido, a diferença de idade não deveria realmente importar. O problema é que, com Alice, as coisas nunca são tão simples quanto parecem a princípio.

- Ele não é casado, é? - pergunto, não conseguindo evitar um tom desconfiado.

- Não. - diz Alice ofendida. - Como se eu pudesse fazer algo assim! A garçonete se aproxima e peço um café e um sanduíche. Alice pede

apenas mais um café.

- Não vai comer? - pergunto.

- Não. Estou sem apetite. - Ela se inclina para a frente, pega em minha mão e a aperta. - Acho que estou amando, Katherine. Nunca me senti assim. Nunca. Não consigo comer. Não consigo dormir. Estou com excesso de adrenalina. Não tenho idéia de como vou conseguir enfrentar as malditas provas desse jeito. Mal consigo ler uma revista, que dirá Shakespeare! A única coisa que faço é esperar que ele me ligue. É como se eu estivesse não estivesse viva, quando não estou com ele... numa espécie de limbo esquisito. Sabe, acho sinceramente que talvez ele seja o verdadeiro amor da minha vida.

E, embora eu esteja me sentindo quase da mesma maneira em relação a Mick, para minha surpresa não sinto nenhum impulso de fazer confidências à Alice, nenhum desejo de contar-lhe todas as novas e gloriosas sensações que estão pulsando em minhas veias, nem sobre quanto as coisas mudaram desde a última vez que a vi. Na verdade, fico chocada ao perceber que quero proteger tudo isso dela, guardá-la em segurança, escondido. Só para mim.

Sorrio e ouço enquanto ela me conta tudo - onde se conheceram, como acabaram ficando juntos. Mas não lhe digo nada sobre Mick. Nada.

Capítulo 26

Tenho dez dias para estudar e depois serão mais dez dias de provas antes de ficar livre do ensino médio para sempre, e esses vinte dias parecem os mais longos de minha vida. Não é a expectativa das provas que me parece tão desagradável, nem as próprias provas, mas minha separação auto imposta de Mick. Como não há meio de eu me concentrar nos estudos quando estamos juntos, concordamos que o melhor é não nos vermos de maneira alguma. Só por vinte dias. Parece razoável no momento. Até fácil. Mas não ver Mick é mais difícil do que eu esperava, e a saudade que sinto dele é tanta, que chega a doer.

Instalo-me confortavelmente à minha escrivaninha em casa, com todos meus livros e papéis à minha volta. Vivien em breve vai passar um mês viajando pela Europa a trabalho. Mas agora está em casa, numa rara sequência de semanas sem qualquer viagem, e se incumbe de todas as atividades domésticas enquanto eu estudo. Prepara refeições saudáveis e deliciosas para nós e insiste em lavar tudo, de modo que estou livre para estudar, sem interrupção. Termino de estudar todos os dias por volta das 5 horas da tarde e saio para caminhar e desanuviar a cabeça; depois janto e volto para meu quarto, para mais algumas horas de estudo.

Lá pelas 9 horas da noite, em geral estou cansada demais. incapaz de raciocinar para continuar estudando por muito mais tempo e, depois de tomar uma chuveirada e de vestir meu pijama, pulo na cama e ligo para Mick. Sempre me sinto ligeiramente nervosa antes de ligar, temendo interrompê-lo, temendo que ele se mostre irritado, hostil ou, por alguma razão, não de todo feliz por me ouvir. Cada vez que ligo, porém, ele atende quase imediatamente dizendo meu nome, *Katherine*, e sempre parece aliviado e alegre, como se tivesse ansiado tanto por ouvir minha voz quanto eu por ouvir a dele.

Toda noite ele me pergunta o que estudei, como estou me sentindo, se estou preparada para as provas. Depois me fala sobre o dia dele, como foi o ensaio da banda. Quando tem uma apresentação à noite, sempre parece um pouco mais animado, nervoso. Minhas noites favoritas são aquelas em que ele também está em casa, na cama, e nós conversamos por uma hora ou mais. Conversamos até que nossas vozes fiquem moles e sonolentas, e seu *boa-noite* carinhoso é a última coisa que ouço antes de fechar os olhos.

Na tarde de minha última prova, história antiga, ele está lá à minha espera quando saio da sala. Não esperava vê-Io ali, e sinto que fico vermelha ao andar em sua direção. Sinto-me boba em meu uniforme escolar, pouco atraente e infantil, e tenho aguda consciência de que algumas colegas estão olhando para nós. Mas Mick sorri, pega minha mão, me puxa para junto dele me abraça. Em seus braços, sinto-me subitamente indiferente ao que os outros pensam. Não dou mais a mínima importância para a minha aparência. Ele me ama, e essa é a única coisa que importa. Vamos direto para a casa dele, para sua cama, e quando ele me envolve em seus braços e me beija, sinto-me vencida. Perdida.

Muitas horas depois, quando a noite já caiu e acordei de um sono profundo, satisfeito, Mick me leva um sanduíche, uma xícara de chá e me observa comer. Estou com fome e como depressa, e, depois que termino, ele se deita a meu lado e fazemos amor novamente. Depois, quando estamos deitados lado a lado, face a face, começo a chorar.

- Que foi? - Mick franze a testa. - Que aconteceu? - Isto é bom demais. Estou feliz demais. Dá medo. Ele ri, me beija.

- Não seja boba. Você tem permissão para ser feliz, Katherine. - Será? Não tenho certeza, às vezes acho ...

- Não. - Ele sacode a cabeça e me beija de novo, impedindo-me de falar. Sua voz é incisiva e quase apavorada. - Psiu. Não diga nada. Isso atrai má sorte. Você está feliz. Eu estou feliz. Não é bom

demais para que seja verdade. As pessoas são felizes o tempo todo. É normal. É bom. Não pense em coisas ruins. Não faça isso.

- Está bem - respondo. - Está bem. - E vendo como Mick é supersticioso, vendo seu próprio e óbvio medo, guardo meus receios para mim mesma e finjo acreditar que mereço a felicidade tanto quanto qualquer outra pessoa.

Vou passar essa noite em casa porque Vivien está de partida para a Europa, e quero tomar o café da manhã com ela e me despedir.

- Você se divertiu ontem à noite? - pergunta ela na manhã seguinte, devorando os ovos mexidos que eu insistira em fazer.

- Muito. Foi maravilhoso. - E deve ter havido alguma coisa em minha voz, uma nota extra de felicidade ou entusiasmo, porque ela olha para mim intrigada, com as sobrancelhas arqueadas.

- Tão bom assim, é?

- Foi. - E baixo os olhos para meu prato, esperando que minhas bochechas não estejam vermelhas demais. - É tão bom ter terminado a escola! Tão bom estar livre... - Não lhe conto sobre Mick. Não posso. Tenho medo de que falar sobre ele cedo demais possa dar azar, estragar tudo. E, embora tenha bastante certeza de que ela não cometeria uma indiscrição, não estou pronta para deixar meus pais saberem.

- Você parece muito mais feliz ultimamente - diz ela ao me dar um abraço de despedida. - Muito mais feliz.

- Acho que estou mesmo.

Mick tem uma apresentação esta noite. A banda vai tocar das 10 à 1 da manhã num pub próximo. Passamos o dia juntos no apartamento dele, e às 8 horas ele sai para o trabalho. Fico para trás para tomar um banho, me vestir e esperar Philippa. Ela chega às 9h30 com Danni, uma colega da faculdade. Levam-me um buquê de flores, um presente pelo término das provas para o certificado.

- Parabéns - diz Philippa, inclinando-se para me dar um beijo no rosto - por ter suportado todos esses anos de tortura.

- Escola, nunca mais! - digo. - Nunca. É difícil acreditar. - E então? - pergunta Danni. - Como acha que se saiu? - Acho que fui bem. - Dou de ombros. - Estou contente por tudo estar terminado.

- Aposto que Mick também está contente - diz Philippa com um sorriso, cutucando-me. - Ele sentiu uma falta desesperada de você. Ficou inconsolável.

Embora Mick já tenha me contado quanto sentiu minha falta, ouvir isso de Philippa torna tudo mais real, mais precioso.

A banda já está tocando quando chegamos e nos sentamos à mesa; uma bebida gelada nas mãos, olho para Mick sem nenhuma vergonha. Ele toca concentrado, o semblante tão atento, sério e fechado quanto na primeira vez que o vi. Danni e Philippa tagarelam, tentam me envolver na conversa, mas estou distraída, esperando que Mick perceba minha presença. Danni e Philippa riem. Philippa me dá um apertão na perna, está feliz por mim, feliz pelo irmão.

Finalmente ele se vira para o nosso lado. Abre um sorriso quando me vê; seu sorriso enorme, transformador, e meu coração bate com força no peito, com amor e gratidão. Quero subir correndo no palco e beijá-Lo, abraçá-Lo, ficar coladinha nele. Mas é quase igualmente bom vê-Lo tocar, sabendo que é em mim que está pensando, que eu fiz seu rosto se iluminar daquela maneira, que é para mim que ele virá quando tiver terminado.

Quando a banda toca a última música do primeiro segmento, Mick fica de olho em mim, e, mal ela termina, ele sai correndo do palco e vem até a mesa. Cumprimenta Philippa e Danni, me pega pela mão e me puxa para o palco. Leva-me para os bastidores, onde está escuro.

Empurra-me contra a parede, aperta o corpo contra o meu, põe a mão ao lado da minha cabeça, enterra os dedos em meu cabelo.

- Você veio.

- Sim - respondo, e minha voz é muito macia, ofegante de amor, desejo e de inacreditável alegria.

- Eu estava com saudade. - E ouço aquilo na voz dele também, aquela felicidade louca.

- Sim. - E não há muito mais a dizer, só "sim". *Sim*. Em seguida sua boca está na minha, a língua, procurando, os lábios

macios, o cheiro limpo e doce de seu hálito, agora familiar. E posso senti-Io contra mim, seu desejo, e eu o quero também, e inclino-me para ele, mostrando-lhe que sinto o mesmo. Contudo, não sinto nenhuma grande urgência de que a noite termine. Vou apreciá-Ia minuto a minuto, desfrutar a expectativa, saborear o fato de que ficaremos juntos mais tarde. De que há coisas ainda melhores por vir.

De repente uma música conhecida começa a tocar no *jukebox*. - Rachel costumava ouvir isto. - Dou um passo atrás e rio, balançando

meu corpo no ritmo da batida. É uma música animada, feliz, impossível de ignorar. - Ela a adorava. Sempre dançava.

Mick pega minha mão.

- Então vamos.

Voltamos ao palco e saltamos na pista de dança lotada. Dançamos de mãos dadas, aproximando-nos um do outro e nos afastando. Por vezes nossos lábios se encontram, sentindo o gosto um do outro, salgado, doce, nossos corpos colados. Separamo-nos, e Mick me faz girar até eu ficar tonta e ele ter de me segurar em pé enquanto rio. Dançamos música após música, até ficarmos ambos quentes e suados, nossas palmas pegajosas. Mas não nos importamos, não queremos nos soltar. Nenhum de nós dois consegue parar de sorrir.

Como a música está alta, não consigo ouvir meu celular, mas sinto a vibração contra o quadril. Uma mensagem. Eu a ignoro, deixo para lê-la mais tarde, mas minutos depois a vibração recomeça. Tiro o celular do bolso, mostro-o para Mick. Ele me beija. Vou até o banheiro para ouvir as mensagens.

É Alice.

Katherine. Ligue para mim. Pela voz, parece estar chorando. Onde você está? Nunca consigo encontrar você ultimamente. Por favor, ligue para mim. Por favor. Preciso muito ver você.

Ligo para o celular dela.

- Katherine. Graças a Deus - responde ela.

- O que há? Tudo bem com você?

- Não. Não muito.

- Qual é o problema? Que aconteceu?

- Estou entediada. Não tenho nada para fazer. Meu homem está ocupado e não pode me ver esta noite.

Reviro os olhos. Só Alice poderia fazer o tédio soar tão urgente. E embora eu realmente não queira deixar Mick, digo:

- Quer que eu vá até aí? Que leve um chocolate pra você? - Não sei o que quero. - Ela suspira. - Onde você está? Parece estar divertido aí. Há um eco.

- Estou na rua. Num pub. No William Hotel. Estou no banheiro. A música está alta demais para se ouvir qualquer coisa.

- Ah. - Ela fica em silêncio de novo. - Com quem você está? - Com Philippa. E uma moça chamada Danni. E o irmão de Philippa. -

Evito dizer o nome de Mick. - Mas posso ir embora. Vou à sua casa. Vou levar alguma coisa para alegrar você.

- Não. Não. Não quero estragar sua noite. Eu vou aí. Vou me encontrar com você.

- Mas aqui está muito barulhento. - E, enquanto falo, me dou conta de que não quero de maneira alguma que ela venha. Quero manter Mick e Philippa, minha nova amiga, meu novo amor, longe de Alice. Tenho medo de que ela estrague tudo, que de alguma maneira contamine tudo. - Não vamos conseguir conversar.

- Não faz mal- diz ela. - Não quero conversar. Quero me divertir um pouco.

Volto para o bar e me sento à mesa com Philippa e Danni. A banda está novamente no palco, e Mick pisca para mim detrás da bateria enquanto ocupo meu lugar. Philippa e Danni, que estão ouvindo a música e batem os pés, sorriem para mim. Sorrio de volta. Mas estou me sentindo diferente agora, a sensação de euforia desapareceu. A idéia de que Alice está vindo para cá me deixou cansada, um tanto ansiosa.

Alice está usando o vestido mais curto que eu já vi; é coberto de lantejoulas prateadas e mal cobre sua calcinha. Usa botas que vão até os joelhos. Está fantástica, sexy, atordoante, e vejo cabeças se virarem quando caminha até nossa mesa.

Ela puxa uma cadeira bem perto da minha. Não olha ou não reconhece Philippa ou Danni, mas vira-se de forma que me encara.

- Olá - diz, debruçando-se tanto sobre mim, que consigo ouvi-la. O rosto está maquiado e luminoso, lindo. - Isto aqui é uma espelunca, não é? Vamos para outro lugar. Só nós duas,

Antes que eu tenha a chance de responder, Philippa se inclina sobre a mesa e dá um leve cutucão em Alice.

- Não vai dizer oi? - Precisa gritar para se fazer ouvir sobre o ruído da banda.

- Oi, Philippa.

- Esta é Danni - diz Philippa.

- Oi - grita Danni. - Meu Deus, adorei seu vestido! Você está incrível! E essas botas! Onde compra suas roupas?

A bajulação de Danni obviamente deixa Alice encantada, porque sua linguagem corporal muda de maneira instantânea e radical. Ela se vira para Danni e sorri. E, quando as duas entabulam uma conversa sobre roupas, Alice claramente esquece seu desejo de ir embora. Ela arrasta sua cadeira, chega mais perto de Danni, inclina-se para a frente. As duas estão absortas e animadas. Philippa olha para mim, revira os olhos.

Alice e Danni continuam conversando intimamente enquanto a banda toca. Philippa e eu estamos sentadas lado a lado e ouvimos a música; não conversamos, mas volta e meia nos entreolhamos e sorrimos. O sorriso de Philippa está cheio de orgulho fraterno.

Quando a banda para, Mick corre de novo para nossa mesa. Para diante de mim, inclina-se e me dá um beijo no pescoço.

- Vou pegar uma bebida - diz ele. - Você vem comigo? Ele pega minha mão quando me levanto e empurra minha cadeira para

o lugar. Vejo Alice levantar os olhos para nós, curiosa. Ela para de falar e olha, os olhos arregalados, enquanto me viro.

Quando volto à mesa, Alice está reclinada em sua cadeira, com os braços cruzados sobre o peito. Está sorrindo.

- Então? Você e Mick? - Ela olha bem para mim. - Philippa teve a bondade de me pôr a par.

Tento agir da maneira mais natural possível, embora saiba que provavelmente Alice está contrariada, irritada e ofendida por eu ter escondido isso dela. Sinto que ruborizo.

- Alice, este é Mick - digo. - Mick, Alice.

Mick sorri.

- Como vai?

- Você toca bateria? - pergunta Alice.

- Toco.

- Adoro bateria, simplesmente *adoro*. Mas, na verdade, não posso comentar sua performance. Não tinha nem notado você lá antes. Desculpe-me. Mas ninguém me contou que você conhecia Katherine. Eu nem sabia que você era irmão de Philippa.

Mick não responde; apenas olha para mim, claramente se perguntando quem é essa moça estranha, por que ela se mostra um tanto hostil. Ele pega seu copo e toma um grande gole de cerveja. Estende o braço para pegar minha mão e se levanta, puxando-me para cima com ele. Arrasta-me para a pista de dança.

Ele me puxa mais para perto, enterra o rosto em meu pescoço. Balançamos de um lado para o outro ao som da música, nossos corpos em um ritmo perfeito. Respiro fundo, deixando o cheiro de seu corpo e a batida da música inundarem meus sentidos.

Continuamos dançando, até que Mick volte ao palco para o último segmento. Quando retorno, Alice mudou de lugar. Está sentada numa mesa atrás de nós com dois homens. Está animada - fala e gesticula energicamente. Ambos os homens parecem encantados, fascinados, os dois debruçados sobre ela, disputando sua atenção. Estou espantada com a facilidade com que ela pode esquecer o namorado, o *verdadeiro amor de sua vida*, mas feliz demais para me preocupar com ela, e nesse momento ela me faz apenas sorrir. Tento atrair seu olhar, mas Alice não olha em minha direção, não me nota, está preocupada demais com suas novas conquistas.

Quando o pub fecha, saímos todos juntos, Alice de braços dados com os homens da mesa ao lado. Eles andam a nossa frente, e a voz dela é alta, feliz. Virando-se, ela grita para mim com uma voz cantada, alta o bastante para que todos à nossa volta possam ouvir:

- Vou embora com Simon e Felix.
- OK - respondo, rindo.

Alice, Felix e Simon vão direto para a fila de táxi e se juntam às pessoas que esperam. A moto de Mick está parada um pouco

adiante na rua, e temos de passar bem perto deles para chegar a ela.

- Oooh, vejam, uma fileira de cançã! - exclama Alice bastante alto, dando uma olhada no comprimento da fila. Algumas das pessoas que esperam riem. Ouço alguém murmurar em tom cansado: *Ah, pelo amor de Deus, cale a boca!*

E, ato contínuo, ela começa a chutar as pernas para cima, cantando a música do cançã. Os dois homens a seu lado sustentam seu peso enquanto ela levanta a perna cada vez mais alto. Cada chute revela um pouco mais do alto de suas coxas bem-torneadas, de sua calcinha.

- Nah nah, na-na-na-na, nah nah, na-na-na-na, nah, nah - canta ela, deliciando-se com a atenção geral, indiferente aos olhares irritados e reprovadores de algumas das pessoas da fila.

Quando chega um táxi, ela embarca com os dois companheiros.
- Tchau para todos - grita para o grupo, quando o táxi se afasta do meio-

fió. - Divirtam-se. Tchauzinho.

- Quem é ela? - pergunta Mick, sacudindo a cabeça, com uma expressão de perplexidade no rosto.

- Uma amiga minha - respondo. E me pergunto por que tenho a impressão de estar mentindo.

Capítulo 27

- Foi tão gostoso, mamãe. Tão gostoso. - Sarah levanta os olhos para mim. As bochechas e o nariz estão vermelhos, mas os *olhos* brilham. - Posso ir de novo? Sozinha, dessa vez?

- É claro - respondo.

E vejo-a pegar o trenó com uma das mãos e caminhar lenta e penosamente de volta para o alto do morro. Não é uma encosta muito íngreme, mas é longa o suficiente para que o trenó ganhe um bom impulso na descida e avance bem rapidamente. Sarah berrou o tempo todo na primeira vez, e tive receio de que estivesse apavorada, mas depois ficou claro que gritava de alegria.

Eu tinha me esquecido de como me sinto pesada e lenta quando me visto para a neve. Não gosto muito do frio, nunca o apreciei particularmente. Prefiro a leveza do verão, a sensação de liberdade, alegria e vida que ele inspira em mim. O inverno faz com que me sinta melancólica, me faz lembrar da morte. Mas não quero que Sarah seja influenciada por meus gostos e aversões. Quero que tenha as próprias impressões, faça as próprias escolhas - e por meio de seu entusiasmo consigo sentir um pouco da magia e da maravilha desse mundo frio, gelado.

Em sua quarta ou quinta descida morro abaixo, quando a pele de meu rosto está começando a arder, quando começo a pensar que talvez precise usar o atrativo de um chocolate quente para convencer Sarah de que precisamos fazer uma pausa dentro de casa, eu o avisto.

Robbie.

Ele está parado na base da pista de esqui. Veste a jaqueta de um brilhante tom de azul que todos os instrutores usam e está demonstrando um movimento de parada para um grupo de pessoas.

Parece exatamente o mesmo, tão bonito quanto antes. Ri, jogando a cabeça para trás de uma maneira que reconheço imediatamente.

Está tão perto, que posso ver as nuvens de ar condensado que saem de sua boca quando ri. Posso ver a brancura de seus dentes, as veias nas costas de suas mãos nuas.

É tão chocante vê-*Io*, que por um momento não consigo fazer nada além de ficar ali, plantada, imóvel, o coração batendo forte no peito, os olhos baixos, tentando recobrar algum equilíbrio. Não sei se devo chamá-*Io*, acenar para atrair sua atenção. Por um instante, pergunto a mim mesma se não deveria sair correndo e fingir que não o vi, deixá-*Io* em paz.

Decido simplesmente continuar com meu dia - não fazer nenhum esforço especial para me aproximar dele. Se topar com ele de novo, vou deixá-*Io* decidir como lidar com isso. Levanto-me, chamo Sarah, e ela me convence a levá-*Ia* para mais uma descida no trenó. E, quando pego sua mão e começo a subir de novo para o topo do morro, percebo que Robbie me viu. Ele está imóvel, olhando, o corpo todo rígido com o mesmo espanto que eu sentira momentos antes.

Capítulo 28

- Você não pode ir. - Mick segura minha mão, me puxa de volta para a cama.

Sento-me ao lado dele no colchão, debruço-me e beijo-o nos lábios, no rosto que me arranha, no pescoço.

- Preciso ir. É aniversário de Robbie e eu o convidei para jantar. E, de qualquer modo, preciso voltar para o apartamento de Vivien e dar um jeito nele. A casa está uma bagunça. Não posso deixá-Io daquele jeito. Ela me mataria.

- Mas ela está na Europa, não está? Como vai saber? - Não vai. Mas eu sei, e me sinto mal com isso.

- Mas, e eu, o que eu faço sem você? - pergunta ele, com um beicinho *cômico*.

- Durma - respondo, *rindo*. - Você precisa dormir. - Nenhum de nós dormira *muito* na noite anterior, e Mick tinha outra apresentação naquela noite.

- Não consigo. Não sem você.

- Claro que consegue. Você *sempre* dormiu sem mim. Na verdade, fez *isso* durante a maior parte de sua vida.

- É mesmo? Não consigo me lembrar. Em todo caso, isso *foi* antes que eu soubesse a diferença. - Ele me puxa para baixo, de modo que fico deitada em cima dele, a colcha fazendo uma barreira entre nossos corpos.

- Mick - suplico. - Por favor. Você não sabe como é difícil ir. Está tornando isso impossível. Vamos nos encontrar mais tarde no show. Depois do jantar. Não vou demorar muito.

- Promete?

-Prometo.

- Então está bem.

- Certo. - Mas, quando me debruço para lhe dar um beijo, ele me agarra, me aperta com tanta força, que não consigo me mexer.

- Sabe, o que eu disse antes é verdade. Não sei o que eu fazia antes. Antes de você. Não consigo me lembrar do que gostava, o que esperava. Fosse o que fosse, desapareceu. Agora você é a única coisa que me interessa. Isso é um pouco louco, um tanto estúpido. Mas nunca me senti assim em relação a nenhuma menina antes. Nada parecido com isso.

E meu coração se enche de alegria com a emoção de ouvir que todos os meus sentimentos loucos são correspondidos. Enterro o rosto em seu peito, escondendo as lágrimas que de repente brotam em meus olhos.

- Eu também - digo. - Eu também.

Volto para casa e mergulho na limpeza do apartamento. Trabalho depressa, passando rápido de cômodo em cômodo, guardando coisas, tirando a poeira, passando o aspirador. Isso me toma várias horas. Quando termino, checo as mensagens na secretária eletrônica e encontro uma de Vivien dizendo que chegou a Roma e está se esbaldando. Há também uma de minha mãe, só para dizer olá, e uma de Robbie perguntando se o jantar ainda está de pé.

Ligo primeiro para meus pais. Falei rapidamente com eles na tarde em que terminei a última prova e, embora já tenham me dado os parabéns, sei que vão querer mais detalhes, uma conversa mais longa. Converso com mamãe e depois com papai - e levo quase uma hora fazendo um resumo ponto por ponto das provas. Perguntam quando terei uma chance de passar uns dias com eles e respondo que logo. Não menciono Mick.

Depois de falar com meus pais, ligo para Robbie. - É claro que vamos sair para jantar - digo assim que ele atende. - É seu presente de aniversário, lembra?

- OK. - Ele ri. - Maravilha. Mas provavelmente iremos só nós dois. Alice não deu sinal de vida.

- Então vou ter você todo para mim. Sorte minha. Não digo, mas o fato de Alice não ir me alegra. Não suportaria ver Robbie e ela juntos, quando sei que ela está ficando com outra pessoa. Eu me sentiria cúmplice na traição dela; me sentiria cruel e desonesta, e toda a situação seria extremamente humilhante para Robbie. Ainda não sei ao certo se quero ou não contar a ele tudo o que sei sobre Alice. Só sei que não farei isso esta noite. Não no dia do aniversário dele.

- E meu pai está organizando uma festa para sábado à noite. Você vai? Você e Mick?

- É claro. Talvez cheguemos atrasados porque Mick vai tocar. Mas vai ser ótimo. Vocês vão finalmente se conhecer.

- Não vejo a hora - diz ele, mas não sinto muito entusiasmo em sua voz. Parece chocha. Infeliz. Só posso supor que seu sofrimento tem alguma relação com Alice e mais uma vez desejo que ele a tire da cabeça, que dê a si mesmo uma chance de encontrar outra pessoa.

Combinamos de nos encontrar no restaurante às 7 da noite e desligamos. Escolho as roupas que vou usar - jeans, botas, blusa cor-de-rosa -, vou ao banheiro e encho a banheira de água quente. Passo um longo tempo na água. Fecho os olhos e penso em Mick e na sorte que temos de gostar um do outro, de não nos parecermos nada, nenhum dos dois, com Alice.

Quando chego ao restaurante, Robbie já está sentado a uma mesa de canto e tem um copo de bebida quase vazio diante de si. Está tão entretido lendo o cardápio que tem um sobressalto quando me sento na sua frente.

- Oi - digo. - Chegou cedo?

- Cheguei - respondeu ele, sorrindo. - Faminto. Não consegui esperar. Conversamos brevemente sobre o que temos feito - conto-

Ihe sobre

Mick e sobre minha nova amizade com Philippa e digo como estou feliz - e ele sorri, parecendo genuinamente satisfeito. Diz que está feliz por mim e que eu mereço coisas boas. Está relaxado e alegre, e penso que talvez enfrente bem o rompimento com Alice, e que o novo caso dela pode acabar sendo algo positivo. Finalmente ele será obrigado a enfrentar a verdade.

Robbie pede a comida, e quando ela chega as porções são muito maiores do que esperávamos. Esforçamo-nos para dar conta de tudo, obrigando-nos a continuar comendo quando já estamos saciados, rindo como bobos quando Robbie estufa as bochechas cheias de ar.

- Isto é um absurdo - diz ele, balançando a cabeça diante da quantidade de comida que ainda resta na mesa. - Há o suficiente para dez pessoas aqui.

- Concordo. - Levanto outro pedaço de frango com os dedos e o ponho na boca. - Meu Deus, Robbie. Estou totalmente empanzinada, mas não consigo parar. Eles precisam tirar isso daqui antes que eu exploda. Acho que vou passar pelo menos mais uma hora sem conseguir me mexer. Você não se incomoda de passar a noite toda aqui, não é?

Levanto os olhos para Robbie, esperando que ele ria e continue com a zombaria, mas ele está olhando direto por sobre meu ombro, para alguma coisa ou alguém atrás de mim – e não há mais nenhum vestígio de humor em seus olhos; sua fisionomia está rígida, contorcida numa estranha expressão de perplexidade e medo.

Viro-me para olhar para trás e não vejo nada senão mesas cheias de rostos desconhecidos. Volto-me para Robbie.

- Que foi? - Inclino-me para a frente e pego sua mão. - Robbie? Que aconteceu?

Mas ele é incapaz de me notar. Retira a mão da minha e se levanta. Empurra a cadeira para trás de modo brusco, inclina-se

pesadamente sobre a mesa como se para ganhar força, depois começa a andar em direção a seja lá o que for que esteve olhando.

- Robbie? O que você ... Robbie!

Levanto-me e vou atrás dele, sentindo que estou fazendo papel de boba e chamando a atenção no restaurante cheio. Não sei o que está acontecendo, é como se de repente Robbie não pudesse mais me ver nem ouvir, e tenho medo de que ele esteja tendo algum tipo de ataque ou derrame, algum tipo de colapso mental.

Mas então ele para bem diante de um homem no bar. O homem sorri alegremente e estende o braço para acolhê-lo. Mas o rosto de meu amigo continua frio; seu corpo, rígido; seu jeito, estranhamente agressivo.

- Que porra você está fazendo? - pergunta ele, furioso. - O que você está tentando fazer comigo? Que está fazendo com ela? Onde ela está? Para onde ela foi?

Os olhos do homem se arregalam de surpresa.

- Onde está quem, Robbie? - pergunta ele. - Que está havendo com você? Do que você está falando?

- Acabei de ver vocês juntos, pai! - grita Robbie. Olho para o homem mais atentamente e reconheço os olhos, a linha do maxilar; é o pai dele. - Vocês estavam se beijando! Acabei de vê-Ia aqui. Com você. Eu *vi* muito bem vocês dois juntos.

- Robbie. - Ponho a mão em seu braço, tento acalmá-lo. - O que... ? Mas ele se desvencilha de mim e se inclina, aproximando-se mais do

pai.

- Eu vi você com ela. Eu vi vocês. - E embora ele não esteja mais gritando, sua voz está cheia de raiva, e ele está tão aflito e agitado, que está tremendo, quase chorando.

Mas o pai do Robbie permanece sereno e olha bondosamente para o filho.

- Acalme-se, companheiro. Ela foi só ao banheiro. Você poderá conhecê-la quando voltar. Isso não precisa ser um problema. Você vai gostar dela.

E então entendo o que aconteceu. Robbie viu o pai com uma mulher, a nova namorada dele, pela primeira vez. Sua raiva é uma espécie de lealdade inoportuna e descabida à mãe.

Robbie ri amargamente - um som artificial e infeliz que sai do fundo da garganta - e lança um olhar de desprezo ao pai.

- Conhecê-la? O que você quer dizer com isso? A intenção disso é ser uma espécie de grotesco presente de aniversário?

Ponho a mão nas costas dele.

- Vamos, Robbie. Não faça isso. Por favor. Por que não voltamos para nossa mesa? Deixe seu pai em paz. - E o pai dele sorri para mim, agradecido.

Nesse instante eu a vejo. Alice. Ela está andando em direção a nós, vindo do banheiro. Anda depressa, a cabeça baixa, um sorrisinho no rosto, e por um breve e ilusório momento, passa-me pela cabeça que ela está ali por causa de Robbie que resolveu aparecer para o aniversário dele, afinal. Por um momento fico até feliz em vê-la, torcendo para que sua presença possa distrair Robbie da raiva em relação ao pai.

Mas em seguida Robbie e o pai se viram e a veem também. - Ah - diz o pai de Robbie, sua voz agora cheia de um entusiasmo

forçado. - Aqui está RacheI. Vou apresentá-lo a ela. *RacheI?*, penso eu. *RacheI?* E embora não esteja conseguindo

concatenar meus pensamentos nem compreender o que está acontecendo, meu subconsciente parece ligar os pontos para mim - e, num instante, eu sei exatamente o que ela está fazendo ali, exatamente quem é seu misterioso namorado mais velho e exatamente o que foi que Robbie acabou de ver.

Nesse momento Alice levanta os olhos. Ela para, e seu olhar se move entre Robbie e o pai. Seu sorriso desaparece, e por um brevíssimo momento ela parece chocada, amedrontada, como se pensasse em dar meia-volta e correr. Mas só hesita por um instante, depois tira o cabelo do rosto com um gesto rápido, estica os lábios em algo parecido com um sorriso e segue em frente.

O pai de Robbie põe a mão no ombro de Alice e a puxa para o lado dele. O rosto dela está absolutamente inescrutável - e, embora tenha parecido chocada assim que nos viu, agora aparenta estar perfeitamente à vontade, até ligeiramente divertida, como se toda essa situação fosse só uma brincadeira, e nós, os brinquedos.

- Robs, esta é Rachel. Rachel, este é meu filho, Robbie. - O pai de Robbie tenta se comportar como se tudo estivesse normal, mas posso ver que está confuso e perturbado com o que deve lhe parecer um comportamento muito estranho da parte do filho. É evidente que não faz a menor idéia de quem Alice realmente é.

Robbie não diz uma palavra, não dá demonstração física alguma de que ouviu as palavras do pai. Apenas olha fixamente para Alice - seu semblante está quase irreconhecível de tão transformado pela raiva.

- Ora, vamos, Robbie! - diz Alice. - Não fique tão sério. Onde está seu senso de humor?

O pai do Robbie olha para Alice, depois para Robbie e de novo para Alice. O tom íntimo da voz dela claramente o confundiu.

- Que? Vocês dois...?

Não tem tempo de terminar a pergunta. Robbie solta um soluço rouco, horrível, se vira e sai correndo do restaurante.

- Robbie! Espere!

Começo a segui-Lo, mas logo percebo que ele está rápido demais. E que minha bolsa ainda está na mesa, e que não paguei nosso jantar. Vejo-o ir embora e, relutante, me viro e ando de volta em direção a Alice e o pai do Robbie. Não quero ficar ali e encarar

aquela situação horrenda. Preferiria pegar minha bolsa e sair, ir direto para casa me encontrar com Mick. Não quero falar com Alice. Não quero ver sua cara, ouvir sua voz. Não quero ouvir o pai do Robbie chamá-la de Rachel.

Ele parece chocado. Tem o rosto pálido, os olhos arregalados e úmidos. - Que foi que aconteceu? - pergunta quando me aproximo. - Você tem

alguma idéia?

Olho para meus próprios pés, muda.

- Sinto muito. - Ele suspira, e posso ouvir o tremor em sua voz. - Fui extremamente grosseiro. Nem sequer nos apresentamos. Você deve ser Katherine. Robbie me contou tudo a seu respeito. Eu sou Greg. E esta é Rachel.

Greg e eu trocamos um aperto de mãos, mas me recuso a olhar para Alice ou reconhecer sua presença de alguma maneira. E, quando ela fala, viro-me para o outro lado.

- Acho que devo ir embora - diz ela.

- Como sou idiota - diz Greg. - Pensei que seria uma boa maneira de vocês dois se conhecerem. Eu sabia que Robbie viria aqui hoje. Não contei a você. Também não contei a ele. Pensei que poderia ser bom apenas ... sei lá, fingir um encontro inesperado, e vocês se conhecerem de maneira casual. Não tinha a menor idéia de que ele reagiria dessa maneira; em geral é um garoto tão formidável, só que ... Sinto muito, Rachel, eu devia ter lhe contado.

- Não. Por favor. Não se desculpe - diz ela, e sua voz é diferente do normal. Ela parece mais velha, mais contida, e fico admirada com sua imensa capacidade de enganar. Mas sob a falsa maturidade também posso ouvir urgência e impaciência em sua voz. Ela não vê a hora de sair dali. Criou toda aquela trapalhada e agora quer dar o fora, deixando-me lá para pôr as coisas em ordem. Penso na possibilidade de escancarar a verdade antes que ela tenha a chance de sair, obrigando-a a ficar, a confessar e a enfrentar as

conseqüências, e depois deixar os dois lá para saírem juntos daquela confusão. Mas não acredito que ela vá ser sincera ou justa com Greg, e nada disso é culpa dele. Ele foi iludido, manipulado. Merece uma explicação.

- Vou com você - diz ele.

- Não, não - responde ela. - Prefiro ir sozinha, para ser honesta. Ficar um pouco sozinha.

Preciso desviar o olhar quando eles se despedem. Não suporto ver a inocente ternura de Greg para com ela, seu jeito constrangido. E ouvi-Io chamando-a de Rachel me dá vontade de gritar.

Depois que ela sai, convengo Greg a se sentar comigo à mesa por um instante. Sentamo-nos frente a frente. Fico calada, olhando para minhas mãos. Não sei por onde começar, como partir o coração de alguém.

- Não acredito no que aconteceu - diz ele, quebrando o silêncio.
- Logo quando as coisas começavam a ir tão bem ... Provavelmente foi uma coisa idiota tentar planejar um encontro como esse, mas Robbie não pode realmente esperar que eu nunca ... - Ele se cala e, virando-se, lança um olhar tristonho para a porta pela qual Alice acaba de sair. Suspira. - Provavelmente nunca mais verei Rachel. Depois disso ...

Levanto os olhos para ele.

- O nome dela não é Rachel. - E embora eu esteja me sentindo quase nauseada, de tão nervosa, minha voz é firme, mais forte do que pretendia.

- O quê? - Ele se reclina em sua cadeira, cruza os braços defensivamente sobre o peito. - O que você disse?

E assim eu lhe conto tudo quanto posso, tão rápida e coerentemente quanto possível. A princípio ele não acredita em mim. Fica balançando a cabeça e dizendo: "Não, não, isso simplesmente não é possível", mas acaba parando de protestar e vai ficando mais quieto, mais triste.

- Eu sabia sobre Alice, é claro - diz ele. - Mas não muito. Robbie nunca nos apresentou, obviamente. Sempre tive a impressão de que era um namoro que ia e voltava. Se pelo menos nós tivéssemos nos conhecido. É tudo culpa minha. Eu deveria ter insistido. Se pelo menos eu tivesse me interessado mais. Mas pensei que estivesse fazendo a coisa certa. Respeitando a privacidade dele. - Ele põe a cabeça entre as mãos. - Isso não deveria ter acontecido. Isso nunca deveria ter acontecido.

- A culpa não é sua. Não é. É de Alice. Ela faz isso. - Mas por quê? Por quê?

Fico em silêncio. Não tenho resposta.

- Ela disse que tinha 27 anos - diz ele baixinho, quase sussurrando. - Acreditei nela. Parecia tão segura, tão madura. Não posso acreditar ... Dezoito? Jesus. Acreditei nela, acreditei em tudo. Eu estava começando a amá-la - acrescenta.

Capítulo 29

Não conto a Mick sobre Alice imediatamente. Como não quero contaminar nosso tempo juntos falando sobre ela, espero que ele saia para trabalhar na noite seguinte e ligo para Robbie. Assim não há perigo de que ele ouça nossa conversa.

Greg atende ao telefone.

- Ele foi embora, Katherine. - Parece cansado, derrotado. - Embora? Embora para onde?

- Para a Europa. Suíça. Simplesmente pegou um avião hoje à tarde. Vai tentar arranjar trabalho. Esquiando. Temos parentes lá.

- Mas, e a festa dele? - pergunto estupidamente, como se uma festa tivesse alguma importância. - E o trabalho dele?

Greg ri.

- Não vai haver festa nenhuma, minha querida. E tenho certeza de que o restaurante vai se arranjar. Eles têm pessoal de sobra.

Greg me garante que Robbie ficará bem, que ele é forte, sabe se virar. Sugere que eu lhe dê algum tempo para sarar suas feridas, superar toda aquela humilhação, e depois lhe mande um e-mail. Antes de desligar me diz para não ficar preocupada, que tudo vai se arranjar.

E embora eu continue horrorizada com o comportamento de Alice e a lembrança da noite anterior faça meu estômago revirar, não posso deixar de me alegrar com a idéia de que Robbie finalmente enxergou a verdade. Agora ele não poderia mais aceitar Alice de volta de jeito nenhum. E está bem longe, na Europa. A quilômetros de distância. Está seguro. Livre.

Desligo meu celular e decido deixá-la assim por algum tempo, para que Alice não tenha como se comunicar comigo. Não quero

pensar nela, muito menos falar com ela. Não quero ouvir suas explicações, suas desculpas.

Deixo meu telefone desligado por uma semana, e o tempo passa numa rápida sucessão de dias relativamente felizes, acordando e dormindo tarde por causa das apresentações da banda. Mas a lembrança de Alice está constantemente no fundo de minha mente, e, por mais desagradável que isso seja, sei que acabarei falando com ela. Seria fácil simplesmente evitá-la, até que ela desistisse de entrar em contato comigo; seria fácil nunca mais falar com ela. Mas preciso dizer-lhe o que penso, expressar minha raiva, defender Robbie. Além disso, tenho quase certeza de que ela vai tentar entrar em contato e vai insistir até conseguir - e talvez seja melhor acabar logo com isso .

Assim, quando Mick sai uma tarde para comprar cerveja, ligo meu celular.

Como ele passou a última semana desligado e não chequei as mensagens, há 14 mensagens de voz e muitas de texto. Não me dou o trabalho de ouvi-las ou de lê-las. Tenho certeza de que a maioria é de Alice e de que provavelmente ela está irritada ou perturbada por eu não ter respondido. Mas não estou interessada no que ela tem a dizer. Quero apenas ligar para ela uma última vez e fazê-la saber como estou enojada. Busco depressa seu número, antes que perca a coragem.

Ela atende quase de imediato.

- É a estrangeira misteriosa. *Finalmente*. Sabe, nunca imaginei que você fosse o tipo de menina que descarta uma amiga assim que arranja um homem. Mas com esses tipos quietinhos a gente nunca sabe. - Ri. - É o que dizem, não é?

Reviro os olhos. Só Alice teria a cara de pau de distorcer a situação dessa maneira, quando ela mesma aprontou algo tão grave.

- Sinto muito, Alice. Mas tenho andado um pouco contrariada. Com você. Não sabia o que dizer.

- Contrariada? - Sua voz soa irritada, desdenhosa. - Pelo amor de Deus. Não é aquela história de Robbie e o pai dele, é?

- Conversei com Greg naquela noite. Depois que você saiu. - É claro. Eu sabia que faria isso.

- É, fiz.

- Fez. Sim. Ótimo. Não temos mais dúvida a esse respeito. Mas, e daí? O que você queria me dizer?

Não sei se ela está sendo deliberadamente obtusa, mas sinto-me ligeiramente ridícula, de repente duvido de minha integridade.

- O que você fez foi inacreditavelmente cruel, Alice. - Meu Deus, Katherine! Eu não tinha a menor idéia de que vocês dois

estariam lá, certo? Nenhuma mesmo. Foi tudo uma brilhante idéia de Greg - diz ela. Sua voz é impaciente e abrupta, como se já estivesse entediada com o assunto e indignada por ter de se explicar. - Tem cabimento esperar que eu soubesse o que Greg estava pensando?

- A questão não é o jantar, Alice. Não seja ridícula. Não posso acreditar que você pense que há algum tipo de justificativa. Todo o seu relacionamento com Greg foi cruel. Não apenas naquela noite, não apenas o fato de você ter sido pega em flagrante. Não consigo acreditar que tenha feito isso. Realmente não posso acreditar que tenha podido ser tão perversa ... com Robbie, que sempre foi tão bom pra você.

Ela fica em silêncio por um momento. Suspira.

- OK. Que seja. Amém. Terminou o sermão?

- Não, não terminei, mas é inútil continuar, não é? Você simplesmente não se importa. Mas tudo isso é realmente horrível, Alice. Realmente inquietante.

Ela ri. É uma risada asquerosa, fria, sem humor. - Não entendo - responde por fim. - Não entendo mesmo o que você tem

com isso. Por que diabo minha relação com Greg, ou minha relação com Robbie, deveria deixar *você* perturbada?

E por uma fração de segundo ela me enrola - quem sabe minha reação está sendo excessiva, quem sabe eu deveria estar cuidando de minha vida? Mas não, penso, faz sentido não tolerarmos um comportamento tão estarrecedor de nossos amigos.

- Porque o que você fez foi deliberadamente cruel, Alice. Destrutivo e horrível. Robbie está arrasado. Ele foi para a Europa. Sabia disso? Tudo por sua causa. E você arruinou a relação dele com o pai. Robbie é um dos meus melhores amigos. Espanta-me que você pense que eu não deveria estar contrariada.

- Ah, não encha. Não *arruinei* a relação deles. Eles vão se entender. Afinal, como nenhum dos dois sabia de nada, ninguém fez nada para ninguém. Provavelmente isso vai acabar aproximando os dois. E algum tempo na Europa fará um bem enorme a Robbie. Ele realmente precisa arejar a cabeça. Ele é muito irritadiço, aquele garoto. E absurdamente possessivo. E, de todo modo, ambos deveriam estar felizes por terem se livrado de mim, especialmente se eu for uma pessoa tão má quanto você pensa.

- O que acontecer entre Robbie e o pai dele, seja o que for, não muda o que você fez. Foi simplesmente errado, Alice, totalmente perverso. E por que você disse para Greg que seu nome era Rachel? Por que esse nome? É muito difícil acreditar que tenha sido mera coincidência.

- Não gosto desse seu tom de sermão. Você não é minha mãe, você não é melhor do que eu, não preciso de sua saudável opinião. - Sua voz está subitamente baixa, fria e séria, num contraste notável com o modo indolente indiferente como falava apenas segundos antes. - Eu não quero mais falar *so* bre isso, Katherine. Está ficando entediante. Muito entediante. Você vai querer sair sexta-feira à noite ou não? Avise-me. Estou reservando uma mesa no Giovanni's.

- Não - respondo, e embora esteja indignada e chocada com sua falta de remorso, com sua audácia descarada, minha voz soa

surpreendentemente normal. - Não, obrigada.

- Que tal sábado à noite, então?

- Não. Sim. Isto é, não, Alice, eu não quero sair com você. Estou zangada. Estou chocada. Você não entende como tudo isso é sério? Estou realmente contrariada, realmente enojada. Por favor, pare de me chamar para sair.

- Enojada? Você está enojada?

- Sim. Para ser franca, estou. Estou enojada e envergonhada. - Oh. - Ela ri. - Você está envergonhada também? Está com vergonha por mim?

- Estou com vergonha *de* você. Sim. - Minha voz é fraquinha. - Você não acha que tem bastante de que se envergonhar, Katherine? Só

por você mesma? - E, antes que ela continue, sei exatamente o que vai dizer. Mas não desligo. Deixo o telefone apertado contra meu ouvido e ouço, sinto-me compelida a ouvir suas palavras: - *Posso* ter feito algumas maldades, mas pelo menos nunca deixei minha irmã sozinha para ser estuprada, não é? Pelo menos não sou a covarde insensível que fugiu e deixou a irmã mais nova ser assassinada.

Capítulo 30

Mais tarde naquela noite, Mick, Philippa e eu pedimos uma pizza para o jantar. Assim que nos sentamos para comer, Philippa pergunta se tenho visto Alice ultimamente.

- Não. Mas falei com ela hoje ao telefone.

- E... ?

Então lhes conto, enquanto comemos, o que ela fez com Robbie e Greg e sobre minha conversa com ela ao telefone horas antes.

- Você está brincando. - Mick pousa sua fatia de pizza, limpa as mãos na calça jeans. - Isso é obsceno. Inacreditável. Que tipo de pessoa faria uma coisa assim?

- Uma pessoa doente - diz Philippa. - Uma pessoa muito perturbada, muito infeliz.

- E qual é a desse rapaz, Robbie? Por que ele está com ela? É maluco também?

- De maneira alguma - diz Philippa.

- Robbie é um encanto - digo. - Uma das pessoas mais agradáveis que já conheci. Um verdadeiro cavalheiro. Um excelente amigo.

- Então por que...

- Porque ele se apaixonou por ela - interrompo. - E você não pode imaginar como ela pode ser encantadora, a menos que a conheça. - Falo de caso pensado, querendo que Mick entenda, que não pense que *sou* tola ou que julgue Robbie com muita severidade. - Fiquei muito feliz quando ela se tornou minha amiga. Senti-me lisonjeada. É tão divertida, que as pessoas querem estar perto dela. Poderia ser amiga de qualquer pessoa. E desde que Rachel morreu eu tinha passado muito tempo sozinha. Alice foi como um sopro de ar fresco. Era divertida. Era maravilhoso estar com ela.

Mick e Philippa estão olhando para mim compassivamente, e me dou conta, tarde demais, de que desviei do assunto. Passei a justificar a minha amizade com Alice, não a de Robbie. Na verdade, porém, é tudo a mesma coisa. Eu, Robbie ... nós dois fomos enfeitados.

- Por que você não me contou? - Mick parece magoado. - Quando descobriu tudo isso? Por que não disse nada?

- Não sei - Dou de ombros. - Simplesmente não queria pensar nisso. Tenho me sentido muito feliz. Não queria estragar.

- Isso não iria estragar nada. Eu nem sequer conheço os dois. - Mick lança um olhar de reprovação. Parece bastante contrariado, ofendido por eu ter escondido isso dele, e estou prestes a explicar, quando Philippa se interpõe.

- Não banque o chorão. - Dá uma cotovelada brincalhona no irmão. - Ela está contando para você agora, não está? E você está certo, você não os conhece, então cale a boca. - Mas em seguida olha para mim e fala numa voz fingidamente zangada: - Mas eu os conheço. Por que não me contou? Isso não é justo. Estou totalmente ofendida, e para sempre. Você me negou a oportunidade de perguntar: *Eu não disse?*

- Fiz isso, não foi? - sorrio. - Mas, ei, você ainda pode perguntar. Você estava certa. Eu estava errada.

- Certa sobre o quê? - Mick parece confuso.

- Certa sobre Alice - respondo. - Sua brilhante irmã me avisou para tomar cuidado com ela meses atrás. Disse que ela era um caso psiquiátrico.

- De todo modo, eu *conheci* Alice - diz Mick. - É aquela menina do William Hotel, não é? A do vestido curto?

- Aquela deslumbrante - diz Philippa. - Sim. Aquela de vestido curto de quem todos os homens não conseguiam desviar o olhar.

- Não tão deslumbrante. - Mick faz uma careta, balança a cabeça e, infantilmente, fico satisfeita. - Não faz meu gênero. Muito "cheguei", muito cheia de si. Não é meu tipo de jeito nenhum.

- Hum ... - Philippa revira os olhos para Mick e se volta para mim. - Espero que você tenha dito para ela que não quer mais brincar! Espero que tenha dito a ela para sumir e deixar você em paz para sempre.

- Disse - respondo. - Bem, eu tentei. Ela é ótima em ignorar o que não quer ouvir.

- Mas ao menos você disse - frisa Philippa, sorrindo. - Finalmente você caiu em si. Viu as coisas do meu jeito. Devo admitir que estou muito contente. Ela não merece ser sua amiga. E não quero dizer nada sobre o coitado do Robbie. Mas espero que você não esteja triste. Acha que ele vai sentir falta dela?

- Não. - Cubro os olhos com as mãos. - Todo aquele drama. Eu não suportaria mais aquilo. Ela é tão terrivelmente cansativa. Isso soa cruel, mas eu gostaria de nunca mais ver a cara dela na minha vida. Não quero ter notícia dela, não quero vê-la ou falar com ela. Desliguei meu celular, e ele vai ficar assim durante algum tempo.

- Pelo visto ela foi bastante maldosa ao telefone – diz Mick. - Parece que todos a consideram indesejável.

- Isso mesmo - diz Philippa, pegando mais uma fatia de pizza. - Indesejável. Exatamente. - E em seguida olha para meu prato, para a fatia de pizza em que mal toquei. – Não está gostando?

- Estou, sim - respondo, mas falar sobre Alice me causou um mal-estar; e a pizza também não está ajudando, gordurosa demais, condimentada demais. - Mas estou me sentindo péssima. Pensar sobre o que Alice fez com Robbie me dá enjoo. Vocês deviam ter visto a cara dele. Foi tão inacreditável... - Empurro meu prato ainda cheio pela mesa. – Acho que vou querer só um pouco d'água.- Vou pegar - Mick se levanta de um salto e fecha a cara para mim. - Não permita que ela a faça se sentir mal. Ela não merece isso. Esqueça-a. Você não deve nada a ela.

Depois de acompanhar com os olhos o irmão que vai para a cozinha, Philippa se vira para mim com um sorriso e cochicha:

- Ele realmente ama você.

- Eu sei - digo, sorrindo de volta, mas subitamente me sinto tão cansada e enjoada, que tenho de reprimir uma vontade irresistível de deitar a cabeça na mesa e fechar os olhos.

- Ele nunca foi assim com uma menina antes. Nunca. Em geral é bastante indiferente. Sempre educado, mas indiferente, se é que você me entende. E, se posso dizer isso sobre meu irmão, ele sempre partiu corações. Sempre teve um punhado de meninas interessadas nele.

Estou realmente fascinada pelo que Philippa está dizendo de fato, nenhum assunto poderia me interessar mais neste momento -, mas tenho uma grande dificuldade em me concentrar.

- Com certeza - digo. Posso sentir a bile subindo pela minha garganta. - Você está bem? - pergunta Philippa. - Está branca como um fantasma. - Não. - E de repente tenho de me levantar da mesa. Corro para o

banheiro e chego ao vaso a tempo de vomitar o pouco que comi da pizza.

Capítulo 31

Mick está de folga nos cinco dias seguintes, e nós os passamos juntos. Ele ensaia seu novo solo de bateria e nós dois saímos para comprar comida, mas ficamos o resto do tempo fechados no apartamento. Conversamos - Mick me fala sobre sua infância, sobre seus sonhos para o futuro, sobre seu amor pela música. Eu lhe falo sobre minha infância, sobre a vida antes da morte de Rachel, sobre a vida desde então. Somos ambos intensamente curiosos um pelo outro e, embora eu mal saia do quarto de Mick, não há nem um momento nos cinco dias inteiros em que me sinta entediada, ou inquieta, ou deseje estar com outra pessoa.

No último dia de folga dele, ligamos para Philippa e combinamos de nos encontrar para tomar o café da manhã numa confeitaria próxima. Ela já está sentada a uma mesa quando chegamos. Usa um vestido amarelo e puxou o cabelo para trás num rabo de cavalo. Parece bonita e saudável e imagino que, na minha calça jeans e camiseta amarrotadas, pareço maltrapilha a seu lado.

Philippa está alegre e falante, e seu desejo de conversar, sua energia, me faz perceber que me sinto bastante indisposta – e que venho me sentindo assim há vários dias. Normalmente acho a conversa acelerada de Philippa deliciosa, mas hoje ouvir sua torrente de novidades e responder com o nível requerido de interesse e entusiasmo esgota toda a minha energia. Anseio secretamente por voltar para a casa de Mick e ir direto para a cama.

Quando nossa comida chega - pedimos rabanadas e café -, sinto uma conhecida salivação na boca, o gosto de bile na garganta.

- Ai, meu Deus! - Levanto-me, tapando a boca com as mãos. - Desculpem-me. - Corro para o banheiro, debruço-me sobre a privada e tento vomitar. Mas estou de estômago vazio, e só sai um fio de bile.

- Katherine, você está bem? - Ouço a voz de Philippa bem atrás de mim, sinto sua mão em minhas costas. - Coitada.

Levanto-me, vou até a pia e lavo a boca e o rosto. Olho-me no espelho e fico chocada com quanto pareço pálida e abatida ao lado dela. Por um instante, pergunto-me se não estaria com algum tipo de doença terminal. Talvez seja meu destino morrer cedo, tal como RacheI.

- Você enjoou no outro dia também - diz Philippa. - Será uma intoxicação alimentar? Algum tipo de virose?

- Não sei. - Dou de ombros, levo água à boca com a mão e a engulo na esperança de não a pôr para fora.

- Você realmente deveria ir ao médico.

Faço que sim com a cabeça.

- Talvez seja enjoo matinal - diz ela, rindo. - Talvez você esteja grávida. Grávida. Embora ela esteja só brincando, assim que Philippa pronuncia

essa palavra, sou tomada pela certeza de que meu problema é exatamente esse. Isso explicaria muita coisa: a náusea que vem e vai, o cansaço paralisante, meus seios inchados e doloridos. E, por mais que eu tente, não consigo lembrar quando menstruei pela última vez.

- Que merda! - digo.

- Que merda o quê? - Entreolhamo-nos no espelho. Philippa arregala os olhos quando vê minha expressão. - Quê? Oh, meu Deus. Grávida? Está falando sério? Mesmo? É possível?

- Droga. *Droga*. - Balanço a cabeça. - Não sei. Mas eu ... - Quando foi sua última menstruação?

- O problema é esse. Não consigo me lembrar. Oh, meu Deus, Philippa, não consigo me lembrar de menstruação nenhuma! Pelo menos desde que estou com Mick. Eu me lembraria, não é? Isto é, eu me lembraria porque ele teria notado. Nós não teríamos podido

... - Tento pensar. Mas tenho certeza de que não fico menstruada há meses. Teria sido embaraçoso na cama com Mick, eu teria precisado explicar quando ele tentasse fazer amor comigo ... e eu me lembraria. – Como pude não notar? Como pude ser tão descuidada?

Philippa me puxa para junto dela, me abraça.

- Não se aflija. Vai ficar tudo bem. Depois, talvez você *não* esteja grávida, talvez seja só um alarme falso. O estresse pode perfeitamente fazer a menstruação atrasar um mês. Li isso em algum lugar.

- Mas não andei particularmente estressada.

- E Alice? As provas para o diploma?

- Ai, meu Deus, antes fosse isso! Mas não acho que seja. Tenho me sentido feliz, Philippa, não estressada. - E de repente penso nas muitas mudanças que vêm acontecendo em meu corpo, em como tenho me sentido estranha. - É por isso que de repente todos os meus sutiãs estão pequenos demais. Até meus jeans estão apertados.

- Quem sabe você apenas engordou?

- Não. - Balanço a cabeça. - O que eu vou fazer? Ah, Philippa, e Mick, coitado! O que ele vai pensar?

- Coitado de Mick? Não seja estúpida. Ele não é uma criança. Sabe sobre as cegonhas e as sementes. Coitada de você: é você quem vai ficar com peitos do tamanho de melões! - Ela olha para meu tórax e arregala os olhos. Põe a mão na boca para cobrir o sorriso. - Agora que reparei, eles estão realmente enormes.

Olho para baixo, seguro meus seios, um em cada mão, e ergo-os. Estão pesados, cheios, sensíveis.

- Meu Jesus! Não estão? Como diabo não percebi? - Ocupada demais trepando entusiasmadamente? - É claro.

Debruço-me sobre a pia. Olho-me no espelho. Estou pálida, mas fora isso não pareço nada diferente. Não há nenhuma diferença no

formato de meu rosto, em meus olhos. Parece impossível que eu possa ter uma nova vida crescendo dentro de mim sem que nada transpareça em meu rosto, sem que eu sequer saiba. Sem que dê meu consentimento.

- Um bebê - digo, sacudindo a cabeça.- Philippa. Isso é tão ... como eu pude ... eu não tenho nem 18 anos!

Ela assente.

- Você ainda é uma adolescente.

- O que vou fazer?

- Não sei. - Ela dá de ombros, assume uma expressão solene. - Eu não sei, Katherine.

Baixo os olhos para minha barriga, coloco a mão espalmada sobre ela. É tão difícil compreender. Uma nova vida. Dentro de mim.

De repente Philippa agarra meu braço, alvoroçada. - Você acha que poderia tê-lo? Se estiver mesmo? Seria fabuloso em

muitos aspectos, se você pensar bem. Ele seria tão fofo, tão lindo e inteligente ... E Mick seria um pai maravilhoso. E eu seria uma tia bem coruja. Eu tomaria conta dele para você. Juro. Faria um monte de coisas, ajudaria o máximo possível. Sem dúvida eu seria a melhor titia do universo. Você ainda poderia ir para a universidade. Mamãe e papai ajudariam, eles adoram bebezinhos. E sua mãe e seu pai também, eles ajudariam, não é?

Pensar em meus pais me faz gemer. Cubro o rosto com as mãos. - Philippa! Pare. *Por favor.* Não diga isso. Eu ainda nem tenho certeza.

E preciso antes contar para Mick. Não posso tomar decisões como essa agora. - Não. Claro que não. Desculpe-me. - Depois de passar um minuto

calada, ela diz: - Vamos comprar um teste. Há uma farmácia no caminho para a casa de Mick.

Concordo e me viro de novo para a pia. Philippa está certa, é claro, eu deveria comprar um teste a caminho de casa, descobrir quanto antes, falar com Mick. Mas isso é algo que quero fazer sozinha. Não com companhia, não com plateia. Continuo olhando para minhas mãos enquanto as lavo, perguntando-me como poderia dizer a Philippa que não a quero comigo sem magoá-Ia. Mas quando suspiro e levanto os olhos, é como se ela tivesse lido meus pensamentos.

- Ouça - diz. - Por que você não vai para a casa de Mick na frente? Compre um teste no caminho. Vou segurá-Lo aqui um pouco mais, vamos terminar nosso café. Você pode fazer o teste e, quando ele chegar, conversar com ele. Se for preciso. - Sorri. - Eu não vou. Acho que você não precisa de mim lá.

- Certo. - Sorrio de modo agradecido. - Isso seria bom. Obrigada. - Mas você vai me contar, não é? - diz ela. - Logo? Amanhã? Voltamos para a mesa e digo a Mick que estou enjoada e que vou indo

para casa. Ele se levanta de um salto, preocupado, quer ir comigo. Mas Philippa e eu o convencemos a ficar e terminar o café da manhã.

- É só uma caminhada de três minutos - digo, rindo. - Bobo. Posso ir muito bem sozinha.

Ele parece aflito quando lhe faço um aceno da porta. Sorrio do modo mais tranquilizador que posso e saio. É bom estar ao ar livre, fora da atmosfera abafada, confinada, da confeitaria, que tem um cheiro muito forte de café e bacon. Normalmente esses são cheiros que me dão fome, mas hoje são apenas intensos demais, nauseantes.

Não duvido que esteja grávida. Tudo aponta no mesmo sentido - a náusea, o cansaço estranho que venho sentindo, o inchaço dos seios. E agora tenho certeza de que não menstruei nenhuma vez desde minha primeira noite com Mick. E, embora tenhamos sido bastante cuidadosos, usando camisinha quase sempre, descuidamo-

nos uma ou duas vezes e pensamos que estaríamos seguros se Mick não ficasse dentro de mim até o final. Obviamente estávamos errados.

Entro na farmácia e percorro as prateleiras à procura de um teste. Como nunca precisei comprar um antes, e não sei bem onde ficam ou exatamente o que procurar, ando a esmo por algum tempo, até que uma mocinha se aproxima e pergunta se pode ajudar.

- Sim. Hum, testes de gravidez?

Parte de mim espera que ela fique chocada, que me passe um sermão sobre sexo seguro e contracepção, mas ela não hesita nem manifesta qualquer reação ao meu pedido.

- Claro. Eles estão ali. - E com neutralidade polida me explica as diferenças entre os produtos e me leva ao caixa, onde enfia o teste num saquinho de papel pardo. Mas não consigo evitar imaginar o que ela está pensando. Somos mais ou menos da mesma idade, e suponho que ela se sinta feliz por não estar em meu lugar, feliz por não ter esse problema, satisfeita consigo mesma, superior e segura em seu prático uniforme branco.

Quando estou prestes a pisar fora da farmácia, alguém me dá um tapinha no ombro.

- Bonito, Katherine. - Ouço uma voz alta atrás de mim e sinto a cor fugir de meu rosto quando a pessoa aparece na minha frente e percebo quem é. Alice. - Gostaria de saber o que Helen iria pensar! - diz ela.

Aperto meu embrulho contra o peito, defendendo-me. Sinto-me estranhamente intimidada, até amedrontada, e preciso combater um súbito impulso de sair correndo. Não há cordialidade em sua expressão, e é difícil acreditar, encarando-a assim, que algum dia fomos amigas.

Alice olha para o embrulhinho e o indica com o queixo. - Andou fazendo travessura, é?

Estou prestes a falar - a negar, a explicar, a justificar -, mas decido ficar quieta. Não lhe devo nada. Minha vida pessoal não é mais de sua conta. Dou de ombros e avanço um passo, mas antes que eu consiga me afastar ela põe a mão em meu ombro e se inclina, seu rosto desconfortavelmente próximo do meu.

- Não pense que vai conseguir se safar assim - diz, e sua voz é um zumbido baixo e feroz. - Sei que pessoas como você pensam que pessoas como eu são dispensáveis. Sei disso. Mas você não vai conseguir se livrar de mim tão facilmente.

- *Conseguir me livrar de você?* - Tento rir, mas o som é oco, nada convincente. - Isso é alguma espécie de ameaça? Você está mesmo me seguindo?

Ela apenas sorri.

- Deixe-me em paz, Alice - digo, forçando-me a olhá-la nos olhos. - Deixe-me em paz ou vou ...

- Vai o quê? - Ela arqueia as sobrancelhas numa expressão exagerada de surpresa. - Vai chamar a polícia? Hein? É isso? É isso o que vai fazer?

- Bem, é, vou. Se continuar a se comportar como uma louca, vou tratar você como tal.

- Ah, sim, claro que vai. Mas eu já sei disso. Por que eu a conheço, sabe? Eu a conheço mais do que você pensa. Mas, na verdade, eu não fiz nada, não é? Você não tem nada a dizer à polícia, tem? Não pode jogar a culpa em outro dessa vez. - Ela sorri docemente, inclina a cabeça de lado e adota uma voz falsamente inocente. - E, afinal de contas, somos amigas, não somos? Amigas para sempre?

Balanço a cabeça e dou um passo adiante.

- Vá embora, Alice - digo. - Apenas vá embora. Não sei do que você falando, não faço a menor idéia. Você precisa de algum tipo de ajuda. Precisa consultar alguém. Você está doente.

- Talvez eu esteja - diz ela, rindo, enquanto me afasto rapidamente. - Ou talvez você é que esteja, Katherine. Já pensou nisso alguma vez? Talvez a doente seja você.

Sigo em frente, decidida a não olhar para trás, até o momento de dobrar a esquina para entrar na rua de Mick. Aí, paro e olho. A princípio não a vejo e começo a entrar em pânico, com medo de que ela esteja se escondendo, me seguindo. Mas então a avisto. Ainda está quase em frente à farmácia. Conversa com um homem alto, bonito - flertando, sem dúvida - e parece completamente absorta.

Talvez seja uma precaução ridícula, mas não quero que ela saiba onde estou me hospedando; assim, entro na rua e corro o mais depressa que posso em direção ao apartamento de Mick. Enfio a chave na fechadura, com minhas mãos tremendo, e bato a porta atrás de mim. Dentro, acalmo-me imediatamente - é tudo tão conhecido e usual, tudo tão gasto, confortável e seguramente controlado - e não consigo deixar de rir da histeria que me dominava poucos momentos antes. Isso me lembra de quando eu era criança e tinha medo de ficar sozinha no escuro. Eu sempre corria, aterrorizada, para onde quer que meus pais estivessem - para a luz, o calor, a segurança da companhia deles - e me sentia confortada. Assim como o escuro, Alice não pode realmente me fazer mal. Não se eu não permitir que o faça. Ela pode ser cheia de sombra, mistério e profundezas ocultas, mas não tem nenhum poder real. Não tem.

Vou para o banheiro e me posto diante do espelho. Estou ofegante depois da corrida e meu rosto está pálido. Estou com uma aparência horrível. A ansiedade embrulha meu estômago e levo um momento para me lembrar de que tenho algo maior que Alice com que me preocupar. Algo real. Algo sério. Algo que pode afetar a mim e a Mick pelo resto de nossa vida. E isso não tem absolutamente nada a ver com Alice.

Abro a caixa e urino no bastão do teste, segundo as instruções da bula. Deposito o teste na bancada do banheiro sem olhar para ele. Vou para a sala e ando de um lado para outro até achar que já

se passou tempo suficiente. Volto ao banheiro e pego o bastão de plástico branco. Há duas linhas paralelas cor-de-rosa muito nítidas. Verifico as instruções de novo. Duas linhas é resultado positivo. Estou grávida.

Jogo o teste longe - como se ele estivesse me queimando ou fosse perigoso - e vejo-o bater no chão. Ele cai com a face para cima, duas fortes e definidas linhas cor-de-rosa zombando de mim. Embora eu tivesse quase certeza de que daria positivo, a realidade do resultado é aterrorizante, inacreditável. Posso sentir meu coração aos pulos no peito, o gosto de choque e medo na boca. De repente, não consigo me mexer, não me agüento mais em pé, desabo no chão e me sento, com a cabeça entre os joelhos. Fico ali, imóvel, a cabeça cheia de visões de um futuro arruinado, até que ouço a chave de Mick na fechadura, seus passos, sua voz chamando meu nome. E logo ele está no banheiro com os braços em volta de mim, perguntando se estou bem.

Não levanto os olhos nem digo nenhuma palavra - seria difícil demais falar, difícil demais olhar Mick nos olhos neste momento -, apenas estendo o braço, apontando o bastão do teste.

- Quê? - pergunta ele. Ouço-o pegando-o. E no instante seguinte está de volta, sentado diante de mim. - Você está grávida? - Parece surpreso e chocado, mas não tão apavorado quanto imaginei. Não zangado.

Levanto os olhos. Faço que sim.

- Uau! - Ele esfrega o rosto. Posso ouvir seus dedos raspando na barba por fazer. - Não sei o que dizer.

- Não.

Ele fica quieto por um algum tempo, os olhos estão fixos no teste. Olha para mim.

- Então, hum ... isso é uma coisa tão ruim assim? - É. É claro que é. Eu estou grávida, Mick. Eu tenho 17 anos. - E agora eu

me sento direito, cruzo as pernas e fico de frente para ele, de modo que nossos joelhos se tocam. – Tenho 17 anos, Mick. Dezesete.

Ele põe as mãos em meu joelho e fala com cuidado, como se temesse me contrariar.

- Certo. É chocante. Mas não é o fim do mundo. Isto é, podemos fazer alguma coisa a respeito. Há coisas que podemos fazer. Se você quiser.

- Aborto. Eu sei. Basta dizer a porcaria da palavra. Não sou burra. - OK. Aborto. Podemos fazer isso. Se você quiser. Concordo com a cabeça, dou de ombros, corro os olhos impotentemente

pelos azulejos da parede, pela cortina do chuveiro, por tudo, menos por seu rosto sério, doce.

- Mas você não precisa fazer isso - diz ele, inclinando-se para a frente de tal modo que sou obrigada a encará-lo. - Você não precisa fazer um aborto; Katherine. Não estou dizendo que precisa.

- Qual é a alternativa, Mick? Ter um bebê? Com 17 anos? Você está brincando?

- Essa não é propriamente algo que nunca aconteceu antes. Não é totalmente inédito ou impossível, você sabe.

- Sei que não é impossível. Não sou uma completa idiota. Estou grávida, Mick, não sofri morte cerebral de repente.

Ele suspira.

- Não fique tão irritada. Não sou seu inimigo.

- Desculpe. - Estendo o braço, pego sua mão. – Estou só ... Não posso acreditar que deixamos isso acontecer.

- Eu também não.

- Merda. - Aperto sua mão. Com força. – Meninas como eu não têm bebês, Mick. Meninas como eu vão para a universidade, têm

uma profissão. Meus pais morreriam. Ficariam completamente transtornados.

- Você ainda poderia ir para a universidade. As pessoas fazem isso. Fazem isso o tempo todo. Você não vai ser uma mãe solteira. - Ele aperta minha mão de volta, com mais força ainda, e sorri. - Ouça, esqueça seus pais por um momento. Esqueça o que as outras pessoas poderiam pensar. Você não pode decidir com base em outras pessoas. Isso é burrice.

Ele tem razão. Grande parte de meu horror diante da idéia dessa gravidez está fundamentada no que outras pessoas poderiam pensar. Meus pais, meus colegas de escola, meus professores. Imagino-me com uma barriga enorme e depois com um bebê aos berros - pessoas olhando, cochichando, com pena de mim. É difícil, com toda essa suposta reprovação passando por minha cabeça, saber o que realmente penso, o que poderia realmente querer.

- Vou fazer um chá - diz Mick, levantando-se e me puxando pela mão. - Por que você não volta para a cama?

Faço o que ele sugere e não sei como, apesar de todo o tumulto em minha cabeça, consigo cair num sono profundo. Quando acordo, Mick está sentado a meu lado na cama, folheando uma revista de música.

- Oi.

- Oi.

- Está se sentindo um pouco melhor? - Ele põe a mão em minha testa e eu rio.

- Não estou com febre, seu bobo.

- Eu sei. Eu sei. Mas sua mãe não fazia isso quando você estava doente? E isso não fazia você se sentir bem? Como se tivesse alguma coisa grave e pudesse matar aula uma semana inteira?

- Mas eu não estou doente. Estou grávida.

- É verdade. Mas está triste.

Sento-me.

- Estou?

- Não sei. Está?

- Não sei. E *você*?

Ele ri.

- Estou, se você estiver. Não estou, se você não estiver. - Não tenho certeza. Por alguma razão não parece mais tão ruim. - Dou de ombros, sorrio timidamente. – Talvez eu ainda esteja sonhando. Ele belisca meu braço.

- Dói?

- Dói.

- Então não está sonhando.

- Fale sério. O que você acha? É uma coisa tão ruim assim? Estar grávida?

- Meu Deus, Katherine! Não sei. Talvez não seja o fim do mundo. - Ele abre um sorriso meigo, hesitante, lento, olhando para mim o tempo todo, perscrutando meu rosto. – Mas certamente é algo importante.

- É. - Não sei por que algumas horas de sono mudaram tanto a minha perspectiva, mas de repente essa gravidez se transformou de um desastre chocante em algo que eu poderia até querer. Eu rio ... uma súbita bolha de vibração esperançosa que sobe pela minha barriga, pela minha garganta. - É gigantesca.

- Meu Deus! Um bebê!

- Sim - digo. - Um bebê.

- Nosso bebê.

- Sim.

- Não seria possível matarmos algo que fizemos juntos. É o nosso bebê. Um pouquinho de você e um pouquinho de mim - diz ele.

- Não.

- Isto é, a menos que você realmente queira. Mas você não quer, não é? Abortar? Você quer?

- Não. Não, não quero. - Permito-me sorrir, ter esperança. - Acho que poderia querê-lo. Acho que poderia realmente querer ficar com ele.

Passamos o restante do dia num estado de choque semi-histórico. Contamos para Philippa na manhã seguinte, e ela ficou tão emocionada, tão entusiasmada e cheia de idéias e planos para o futuro, que nos faz rir em tímido encantamento. A náusea não desapareceu, mas agora que sei a causa é muito mais fácil suportá-la. E agora que sei que não estou de fato doente, o cansaço irresistível, minha capacidade de cair no sono a qualquer hora, parece só um sintoma brando e até estranhamente agradável do fato de meu corpo estar ocupado fazendo outro ser humano.

Vamos à biblioteca e retiramos uma pilha de diferentes livros sobre gravidez. Os livros contêm imagens brilhantes de embriões em vários estágios de desenvolvimento. Tentamos calcular exatamente quantas semanas tem nosso bebê e achar uma imagem correspondente. É assombroso pensar que ele provavelmente já tem braços, pernas, olhos, uma boca, um nariz. Batimentos cardíacos.

Mick acha que deveríamos encontrar um apartamento e morar juntos. - É simples - diz ele. - Passei a vida inteira sonhando com uma menina

como você. Não preciso de mais tempo, não preciso conhecê-la melhor. Preciso só estar com você.

E quando pergunto a mim mesma em voz alta se não seria um compromisso sério demais, se não estamos precipitando as coisas, ele ri e sacode a cabeça.

- Vamos ter um filho, Katherine. Não há compromisso maior que esse. Agora é tarde demais para andar devagar com as coisas. Tarde demais para fazermos as coisas da maneira sensata. - Depois me abraça, me beija. - Não se aflija. Vai dar tudo certo. Não se aflija.

No meio da noite ele cochicha:

- Vamos nos casar. Lá no cartório. Amanhã.

Rio e digo:

- De jeito nenhum, eu tenho só 17 anos, não seja maluco. - Mas no fundo fico emocionada com suas idéias românticas, encantada por ele estar tão apaixonado quanto eu. Por ele chegar a pensar em se casar comigo.

Mas alugarmos um apartamento juntos não é uma idéia tão louca. Na verdade, faz muito sentido. Não há a menor possibilidade de Mick se mudar para o apartamento de Vivien, e o dele é muito pequeno. E dificilmente esperaríamos que seu colega de apartamento tolerasse um bebê.

Na manhã seguinte eu acordo cedo, antes de Mick. Levanto-me e faço um bule de chá. Levo o chá e o jornal da véspera para o quarto. Volto para a cama, abro o jornal e começo a examinar os classificados de imóveis.

- Este poderia ser legal - digo, após algum tempo. - Um quarto, assoalhos de madeira, cozinha nova. Não fica muito longe da praia de Bondi. Trinta e cinco por semana.

Mick abre os olhos e sorri lentamente para mim, enquanto entende o que acabo de dizer.

- Leia de novo - diz. - Não ouvi direito.

- Um quarto, assoalhos de madeira, cozinha nova - repito, mas quase imediatamente meu entusiasmo é temperado por pensamentos menos agradáveis. - Vou precisar ligar para meus pais. Eles vão querer conhecer você. É claro que não podemos tratar disso antes que eu converse com eles sobre você. Eles pagam meu

aluguel, meu carro, me dão mesada. Eles me sustentam completamente.

- É claro. - Mick se senta e põe a mão em minha perna. - Mas ficaremos bem. Mesmo que eles não queiram pagar para morarmos juntos. Daremos um jeito. Vou trabalhar durante o dia.

- Não vai precisar fazer isso. Eles não são assim. Não me deserariam nem nada parecido. Fariam qualquer coisa por mim.

- É compreensível.

- Mas, você sabe, há uma coisa que eles não vão aceitar. Nunca. Nem em um milhão de anos.

- O quê?

- Sua moto. Vão simplesmente vomitar se desconfiarem que eu até *andei* nela.

- É. - Ele dá de ombros. - Meus pais têm horror a ela também. Elas são perigosas.

- Se acha que é tão perigoso, por que tem uma?

- É divertido - diz ele, com um sorriso. - Ela é rápida. Você não pode passar a vida tendo medo de tudo.

- Não tenho medo de tudo - contesto, subitamente aborrecida. - E isso não é justo, afinal, andei naquela maluquice montes de vezes. E eu ...

- Eu não disse que você tinha medo de tudo – interrompe ele. - Não estava nem falando de você. Disse "você" no sentido geral, no sentido de "as pessoas". - Ele franze a testa e sua voz é ríspida, hostil. - Não se preocupe, eu estava planejando vendê-la de qualquer maneira.

- Ótimo. Faça isso. Teremos meu carro - digo de modo igualmente abrupto. - Não vale a pena morrer por um pouquinho de prazer. E, afinal, será que isso é um grande problema? Você fala como se fosse um grande sacrifício se livrar dela.

- É um sacrifício. É a minha moto. Eu a amo.

Olho para ele, incrédula.

- Você *ama* a moto?

- Amo.

- É só um objeto! Você não pode amar uma coisa, um simples pedaço de metal.

- Pois bem, eu amo. Estou triste por ter de vendê-la. Vou sentir falta. Jogo o jornal de lado e me levanto, pondo as mãos nos quadris. - Vai sentir falta dela? - pergunto, à beira das lágrimas. Sei que estou

sendo irracional, reagindo de maneira exagerada, mas não consigo me controlar. - Está triste por ter de vender sua moto? - Aponto furiosamente para minha barriga ainda chata. - E eu? O que você diz de todos os sacrifícios que *eu* vou ter de fazer? De todas as coisas que vão me deixar triste?

Mas ele não morde a isca. Em vez de se opor a mim, estende a mão. - Volte para a cama.

- Não.

- Por favor!

- Não.

- Eu detesto a moto - diz ele. - É feia e é vermelha, e eu detesto vermelho. Você é muito mais bonita. E cheira melhor.

Tento continuar zangada, manter uma expressão séria no rosto, mas não consigo evitar um sorriso.

- Você é um bobo - digo, depois subo na cama, me enfito debaixo das cobertas e me aconchoo junto a ele. - Eu também gosto da moto. Não sei por que estou sendo rabugenta. Eu também vou ficar triste quando ela se for.

- Eu sei.

- Mas se meus pais soubessem dela

- Eu sei. Não se preocupe. Gosto mais de você que da moto. Mas só um pouquinho.

- Você vai ter de conhecer meus pais. Logo.

- É. E você vai ter de conhecer os meus também. Será tudo oficial. - Eu sei. - Suspiro, aninho o rosto no peito dele. – Isso não o deixa um

pouquinho nervoso? Medo de eles pensarem que estamos malucos? Tendo um bebê? Já procurando apartamento? Indo morar juntos?

- Não tenho dúvida de que vão achar que estamos malucos. A princípio, ao menos. Teremos de provar que estão errados. E, quando meus pais chegarem a conhecê-la, vão gostar de você.

- E os meus, de você.

Eu gostaria de estar tão confiante quanto pareço. Na verdade, não acho que mamãe e papai vão ficar felizes com a situação. Posso imaginar suas caras quando Ihes contar. A silenciosa reprovação de mamãe. O choque de papai. Não vão dizer muita coisa nem demonstrar raiva, nunca gritariam comigo, mas tenho certeza de que vão considerar isso uma tragédia, uma espécie de desastre, e as expressões de pena em seus rostos vão ser um milhão de vezes mais difíceis de suportar que qualquer demonstração de raiva. Eu preferiria ouvi-Ios esbravejar e gritar.

Além de preocupada com a reação deles à gravidez, também tenho um sentimento de culpa renovado em relação a Rachel. Minha vida está se desdobrando, continuando, tomando forma de maneiras novas e inesperadas. Como meu terapeuta teria dito - aprovadamente -, *estou avançando*. A morte de Rachel não é mais crucial, não me define mais, e agora posso ver que quanto mais eu viver, quanto mais coisas acontecerem comigo, menos significativas serão sua vida e sua morte. Vou esquecer. Não vou mais sentir falta

dela a cada momento de cada dia. Parece, de certo modo, uma traição, mais uma situação em que fujo e a deixo para trás.

E isso é uma coisa que certamente também magoará meus pais. Cada vez que algo grande acontece em minha vida, como concluir o ensino médio, me apaixonar ou ficar grávida, isso só pode servir como um lembrete cruel de tudo o que Rachel nunca terá, nunca fará.

Fecho os olhos e tento não pensar - sobre Rachel ou sobre meus pais. Aconchego-me a Mick, sinto o cheiro agora tão conhecido de sua pele. E embora só tenha passado uma hora acordada, estou cansada e me deixo cair de novo na doce inconsciência do sono.

Capítulo 32

- É bastante bom - digo, olhando novamente à minha volta a sala inundada de sol. - Um pouco pequeno, mas muito agradável e ensolarado. Mick vai gostar, você não acha?

O apartamento é pequeno, mas claro. O piso é de madeira, as paredes são caiadas. Há um quarto minúsculo com um cômodo ainda menor ligado a ele, anunciado como um escritório, que seria perfeito para um bebê. Há uma sala com a menor cozinha que já vi instalada contra uma parede. É realmente pouco mais que uma pia, um fogão e um armário. Mas todo o lugar é limpo e alegre. Philippa, parada ao meu lado, passa o braço em volta de meus ombros.

- Ele vai adorar - diz. - Porque você estará aqui com ele. - Acha pequeno demais?

- É aconchegante.

- Vai caber todo mundo, não é? Eu, Mick e o bebê? - Claro que sim. De quanto espaço um bebê pode precisar? - Será que devo dizer que estou interessada?

- Sem dúvida. E pergunte se pode ver de novo amanhã. Com o Mick. Mas tenho certeza de que ele vai adorar, não se preocupe. - E ela passeia pela salinha, sorrindo. - Posso ver direitinho vocês aqui. Vai ser esplêndido. Exatamente como num conto de fadas. Vocês vão viver felizes para sempre. Uma princesa em seu castelo.

- Um castelo muito pequenininho. Do tamanho de uma caixa de sapato - digo, rindo. Mas gosto da visão que Philippa tem do meu futuro. Gosto que ela seja otimista e acredite que podemos ser felizes.

Preencho os formulários, entrego-os ao corretor; depois desço as escadas do prédio com Philippa e ganhamos a rua.

- Vamos almoçar - diz ela. - Você está com fome? - Estou. Estou sempre com fome. O problema é que muitas das coisas de que eu gostava me dão vontade de vomitar.

E quando Philippa e eu estamos conversando sobre o que seria interessante comer no almoço vejo Alice.

Ela está do outro lado da rua, mas não posso me esconder ou entrar furtivamente na loja mais próxima porque ela já nos viu. Está parada, olhando fixamente, com um sorriso estranho no rosto. Meu coração começa a palpitar. Isso não é uma coincidência. Ela está me seguindo.

- Que foi? - Philippa se vira para ver o que estou olhando. - Que merda. Alice.

Alice acena.

- Katherine! Espere! Espere um minuto.- E, antes que tenhamos a chance de nos afastar, ela atravessa a rua, vindo depressa em nossa direção.

- Como vão vocês? Como se saiu no seu testezinho? Teve o resultado esperado? - Ela se dirige a mim, evita olhar para Philippa.

Sei que deveria ir embora, simplesmente sair andando, mas fico ali, como se estivesse paralisada.

- Aposto que Helen está radiante por se tornar avó. - Ela cruza os braços sobre o peito e me lança um olhar maldoso. - Ah, mas provavelmente você ainda não contou para ela, contou? Você gosta dos seus segredinhos sujos, não gosta, Katherine? Hein, sua santinha do pau oco? - E continua: - Ah, por falar nisso, estou *ótima*; obrigada, muito obrigada mesmo pelo seu interesse. - Depois de um sorriso, um arreganhar apressado e artificial dos lábios, ela fecha a cara de maneira igualmente súbita. - Embora eu tenha de admitir que estou um pouco desapontada também, você sabe, um pouco contrariada com alguém que considerava minha amiga.

- Estamos com pressa, Alice - interrompe Philippa. - Temos de ir andando.

Alice a ignora.

- Embora eu realmente não devesse estar surpresa. Sabendo o que eu sei, não é? A natureza humana não muda. Um covarde é um covarde. Você não concorda, Katherine? - E ri rancorosamente, jogando a cabeça para trás. De repente ela para e olha bem para mim. - Mas você não é só uma covarde, não é, Katherine? Você fugiu e deixou sua irmã para ser assassinada. E, pensando bem, ela provavelmente foi assassinada *porque* você fugiu. Já pensou nisso? Aqueles rapazes provavelmente iriam apenas estuprar vocês. As duas. Provavelmente ficaram apavorados quando descobriram que você tinha escapado. Ficaram apavorados e mataram a pobre da Rachelzinha. Portanto, você é mais do que apenas uma covarde, Katherine, não é mesmo? Você está mais para cúmplice ou algo assim. Afinal, de certo modo foi por sua culpa que sua irmã morreu, não foi? Você salvou a própria pele. À custa de Rachel. Salvou sua própria e preciosa pele.

- *Cale* essa boca, Alice - intervém Philippa, a voz alta, fria e séria. Ela me segura pelo braço, puxando-me para junto de si. - Cale essa porra dessa sua boca imunda, sua cadela, ou parto a sua cara de tal maneira, que você vai levar uma semana para acordar.

Fico tão surpresa com as palavras de Philippa, com sua agressão inesperada, que só consigo ficar ali parada, boquiaberta, olhando.

- Ah. Tudo bem. - Alice olha Philippa de cima a baixo, sorri com desdém. Mas sua segurança insolente desapareceu, e surge uma ponta de incerteza em sua voz. - Então é com esse tipo de gente que você gosta de andar agora, Katherine? Gentalha? Bem, faz sentido. Afinal, os semelhantes se atraem.

Philippa passa o braço por meus ombros e me guia, de modo que nos desviemos de Alice. Começamos a andar rapidamente na direção contrária.

- Até logo, senhoras - grita Alice atrás de nós, a voz falsamente afável. - Foi um enorme prazer encontrá-las. Espero revê-las em breve!

- Não acredito que você disse aquilo - digo, sacudindo a cabeça e sentindo ao mesmo tempo horror de Alice e uma espécie de alegre surpresa diante da inesperada coragem de Philippa.

- Imagino. Não pude evitar, ela me enfureceu. - Ela suspira. - Minha mãe ficaria com vergonha.

- Achei maravilhoso. Foi como a rainha Elizabeth de repente ameaçando socar alguém. Foi ótimo.

Philippa se vira para olhar para trás.

- Podemos ir mais devagar. Ela está seguindo na outra direção. Ela é tão medonha, Katherine. É realmente uma psicopata. Dá um pouco de medo.

- Concordo. Acha que ela está me seguindo? Vejo-a toda hora, quando menos espero. Não pode ser coincidência.

- Ela não me parece incapaz disso. Acho que não suporta que você não queira mais ser amiga dela. Não consegue aceitar isso. Está magoada, provavelmente, ou seu enorme ego está ferido. - Philippa para e se vira para mim. - Mas você não leva a sério, não é? O que ela diz? Todas essas perversidades sobre Rachel? Você sabe que o que ela diz não passa de bobagem.

- É difícil ignorar - respondo. Baixo os olhos para a calçada, falo calmamente. - Porque ela tem razão. Eu *deixei* Rachel. Eu *fugi*. E isso foi uma coisa que a defesa até ressaltou no tribunal. Eles disseram que os rapazes não tinham a intenção de matar ninguém. Que aquilo só aconteceu porque eles se apavoraram. Entraram em pânico quando eu desapareci.

- E daí? É claro que disseram isso. Nunca teriam admitido que os rapazes planejavam o tempo todo matar Rachel. Essa era a única coisa que podiam alegar em defesa deles. Não significa que seja verdade.

Olho para trás e vejo Alice andando na direção contrária. - Mas como ela ficou sabendo disso? Como sempre descobre a coisa

mais maléfica para dizer? Como pode uma pessoa tão obcecada por si mesma ser tão perceptiva?

- Isso acontece porque ela é inteiramente podre por dentro. É uma cachorra supercompetente. Está antenada com o que há de feio no mundo. E, de todo modo, provavelmente andou lendo os jornais. Fazendo sua pesquisa. Descobrimo a melhor maneira de ferir você. Isso não me surpreenderia.

- É. Talvez. Mas isso não muda o fato de que ela pode ter razão. Eu realmente fugi. - Olho bem para minha amiga. - Eu fugi, Philippa.

- Claro que fugiu. - Ela me olha de volta. - Que mais você poderia ter feito?

- Eu poderia ter cuidado melhor de Rachel. Poderia ter impedido que ficasse bêbada a ponto de não conseguir andar. Poderia perfeitamente ter mandado que voltasse para casa, em vez de ir para aquela festa.

- Poderia. Mas não fez. E...

- Exatamente. Não fiz - interrompo. - Mas devia ter feito. Devia ter feito um monte de coisas. E sabe de uma coisa? Tem mais. Uma coisa que eu nunca admiti para ninguém.

- O quê?

- Eu estava danada com a Rachel aquela noite. Estava uma onça por ela ter ido àquela festa. Eu não queria que ela fosse e senti ódio dela por ir. Estava furiosa. Eles eram meus amigos, e ela nem gostava de festa. - E me surpreendo caindo num choro ruidoso. - Ela não devia estar lá!

Philippa me segura pelo braço e me faz atravessar a rua em direção a um pequeno parque onde nos sentamos em um banco. Escondo o rosto nas mãos e choro. Philippa fica ao meu lado, abraça meus ombros e espera.

- Desculpe-me - digo, quando me acalmo o bastante para falar.
- Vivo chorando ultimamente. É patético.

- Não diga isso. Não é patético chorar.

- Não. Provavelmente, não. Só que isso nunca passa. Toda essa coisa com Rachel. Será que tenho de me sentir mal para sempre? Minha vida inteira? Será esse o meu castigo por estar viva?

- É claro que não. - Ela sacode a cabeça. - Mas o que a faz se sentir mal? Talvez devesse me dizer, me explicar. Claro que sei por alto, mas talvez você devesse tentar ser um pouco específica, pôr isso em palavras, tirar isso de seu peito.

E, apesar de minhas sérias dúvidas sobre o valor de falar, tenho um súbito impulso de pôr tudo para fora, de confessar meus mais negros pensamentos.

- Eu estava muito zangada com Rachel por ela ter ido àquela festa - digo. - Antes era ponto pacífico que ela não gostava de festas, jamais tinha gostado. Normalmente, não iria nem que lhe pagassem. Mas foi como se ela estivesse mudando de repente. Pouco a pouco. Ficando mais sociável. Abrindo-se. E eu não gostei disso. Ela devia ser a garota tímida. A boa menina. O gênio. A menina festeira era eu, não ela. Eu era a popular ... Senti como se ela fosse tirar isso de mim. Ela era tão talentosa, tão perfeita. Se começasse a ser sociável, teria ... não sei, ela teria tido tudo. Todos iriam gostar ainda mais dela. Eu ficaria invisível. - Minha voz está baixinha, cheia de vergonha. - Eu a odiei por isso.

Philippa continua calada por um minuto, pensativa, e me pergunto se minha confissão lhe causava repugnância.

- Quando Mick era pequeno - diz ela por fim -, era um caso absolutamente perdido na escola. Ficava atrasado em tudo. Leitura. Matemática. Tudo. Precisava ter professores particulares, o diabo a quatro, só para não repetir o ano. Eu era o gênio, e costumava fingir que tinha pena dele. Mas secretamente gostava daquilo. Gostava de ser muito mais inteligente que ele, porque ele era melhor em todas as outras coisas. Era bom nos esportes, era engraçado, era bonito e

tinha um monte de amigos. E eu era aquela nerd total, com um horróroso cabelo ruivo e sardas, que ele não tinha de jeito nenhum, o que era uma grande injustiça, mas ... ei! - Ela olha para minha barriga. - Ele tem os genes todos, de modo que é melhor você ficar de olho no seu guri. De qualquer maneira, voltando ao que eu dizia, na décima primeira série Mick começou a mudar de repente. Ficou seriíssimo em relação aos deveres da escola, passou a estudar e tudo o mais. E de um minuto para outro virou um dos primeiros da classe, com as melhores notas em quase tudo. - Ela balança a cabeça. - Fiquei muito irritada. Com um ciúme ridículo ... e eu nem estava mais na escola. Não conseguia suportar aquilo. Embora eu deva dizer - diz, abrindo um sorriso - que ele nunca foi eleito capitão da escola como eu.

Começo a rir.

- O que acontece, porém - continua ela -, é que agora estou felicíssima por ele ser inteligente. Acharia péssimo se ele não gostasse de livros, de ler e de pensar sobre as coisas. Seria um horror se fosse um idiota. Não teríamos nada em comum. Seria uma tragédia.

- Uma terrível tragédia - concordo.

- Está vendo? Deixei tudo melhor com minhas divagações sem sentido, não é? Provavelmente você nunca mais vai chorar. - Philippa me aperta com mais força, fala com mais seriedade. - Então você não era a irmã perfeita. E daí? Você não matou ninguém. O que aconteceu não foi culpa sua. E você fez exatamente o que qualquer pessoa com cinco neurônios teria feito em sua situação. Ouça, como acha que sua mãe e seu pai teriam se sentido se vocês duas tivessem sido mortas? As duas filhas deles mortas? As coisas teriam sido melhores? Porque seria isso o que teria acontecido se você não tivesse fugido, se tivesse tentado enfrentá-los. Isso só teria tornado as coisas piores.

- Talvez - digo. - Talvez não. Nunca vamos saber, não é? Mas fui eu que levei minha irmã à festa. E talvez, se eu tivesse ficado onde

estava, naquele barracão, eles tivessem estuprado Rachel e ido embora. Talvez, se eu não tivesse fugido, ela não tivesse sido assassinada. Talvez ainda estivesse viva.

- Mas se você quer pensar assim, se você quer se culpar por ter fugido ou por ter levado Rachel à festa, então que dizer de seus pais? Eles teriam de se culpar por deixá-la tomar conta dela, para começar. E aquele menino, seu namorado, que deixou você entrar no carro? Ele teria de se culpar também. A culpa se espalharia por todos os lados, atingindo todo mundo ... como um veneno. E, sim, talvez todos os que foram envolvidos sintam *de fato* algum remorso, perguntem a si mesmos se as coisas teriam sido diferentes se tivessem feito isso ou aquilo. Mas uma má decisão não transforma uma pessoa num assassino. Você era uma menina de 15 anos e foi a uma festa. Infringiu uma regra. E daí? Você não fez nada que qualquer outra menina de 15 anos no mundo não teria feito. Você não tinha como saber o que iria acontecer. Precisa parar de pensar assim. É maluquice. Os únicos responsáveis pela morte de Rachel foram aqueles rapazes. Você foi uma vítima, Katherine. Você, Rachel, seus pais, todos vocês foram vítimas. Foram postos numa situação aterradora, inesperada, e você fez a melhor coisa em que pôde pensar naquele momento.

Concordo amavelmente com a cabeça e sorrio, deixando Philippa pensar que ela fez com que eu me sentisse melhor, que disse alguma coisa que eu nunca ouvira antes. O problema com as palavras é que, por mais que façam sentido, em teoria, elas não conseguem mudar o que sentimos. E o que estou começando a entender é que isso nunca vai realmente ter fim: não pode haver nenhuma absolvição completa. A morte de Rachel e minha parte nela são coisas com que vou ter de viver. O melhor que posso esperar é que eu consiga aprender a me perdoar por ter sido uma irmã imperfeita.

Capítulo 33

Quando volto para casa naquela tarde, Mick já está lá, à minha espera. Ele abre a porta antes que eu precise bater – todo feliz e sorridente - e me abraça assim que entro.

- Acabamos de receber um telefonema - diz, rindo. - Conseguimos o apartamento. Podemos nos mudar na semana que vem. Ele me pega pela mão e me arrasta para a cozinha, puxa um tamborete e me entrega um copo de suco de laranja recém-feito. Ele está preparando comida. Há legumes cortados empilhados num prato - pimentões, cogumelos, vagens -, e a minúscula cozinha, que normalmente está num estado desleixado de caos, está limpa.

- Pensei que deveríamos celebrar com algo saudável. Legumes *sauté*. - Parece ótimo.

- Podia ser um desastre, mas estou tentando. Ah, Philippa disse que vocês toparam com Alice. - Ele me olha, preocupado. - Você está bem?

- Estou - respondo. - Estou muito bem. - Sento-me pesadamente no tamborete e apoio os cotovelos na bancada.

- Philippa contou que Alice disse umas coisas bastante perversas. Contou que você ficou perturbada.

- É, acho que fiquei. Mas não foi realmente o que Alice disse. Não mesmo. Eu só ... bem, ela não disse nada que eu mesma não tenha pensado um milhão de vezes antes. Portanto, acho que não foi realmente Alice quem me perturbou.

- O que você quer dizer?

- Bem, é claro que ela é uma cachorra e tudo o mais. E está tentando deliberadamente ser cruel, sei disso. E a maldade dela dá medo, a gana que tem de me ferir. Mas o que ela disse já estava girando em minha cabeça, de qualquer maneira. Eu realmente fugi

de Rachel e de fato a deixei lá para ser assassinada. - Levanto a mão e elevo o tom de minha voz quando vejo que Mick está prestes a contestar. - É tudo verdade. São fatos incontestáveis. E eu a levei à festa e a deixei beber. Ela estava sob *minha* responsabilidade. E esses pensamentos já estavam aqui. Dentro de mim. São parte de mim. Alice não os pôs aqui. Na verdade, parece que Alice é a única pessoa que foi completamente sincera. A única pessoa que ousou dizer essas coisas que todos devem ter pensado em algum momento.

- Mas você não podia ...

- Por favor, Mick - interrompo-o. - Apenas ouça. Não terminei. - OK - diz ele. - Continue.

- Desculpe-me. É que compreendi uma coisa hoje. Uma coisa boa, eu acho.

Ele concorda.

- Antes eu achava que finalmente chegaria um momento em que tudo pareceria melhor. Como uma espécie de magia. Eu achava que um dia eu acordaria e não me sentiria mais triste. Não me sentiria mais culpada. Teria superado tudo num piscar de olhos. E tenho esperado esse dia. Tenho pensado comigo mesma que assim que esse dia chegasse eu iria me sentir melhor e começaria a levar minha vida adiante da maneira certa, aproveitando-a plenamente de novo. - Sorrio, um pouco embaraçada pela emoção em minha voz. - Mas o que finalmente compreendi hoje é que não vai ser assim. Isso vai ficar comigo. Para sempre. E tudo bem. Não há problema. Posso aceitar isso.

- Isso é ótimo, Katherine, mas você não acha ...

Não chego a ouvir o que ele está prestes a dizer porque de repente ouvimos fortes batidas à porta.

- Jesus. - Mick olha para mim e sacode a cabeça. - Quem diabo ... - Katherine! Katherinel Você está aí? - Um homem está gritando

desesperadamente do outro lado da porta, batendo com tanta força, que as paredes estão tremendo. – Katherine Abra!

- Ai, meu Deus. - Reteso-me no tamborete, sinto a cor sumir de meu rosto. - Acho que é meu pai.

- O quê? Por quê?

- Não sei. - Corro até a porta e abro-a no instante em que meu pai começa a gritar meu nome de novo.

Mamãe e papai estão parados lado a lado no alpendre. Parecem surpresos quando me vêem, como se realmente não o esperassem. Entreolham-se e depois me encaram. Parecem estranhamente empertigados e tensos.

- Mamãe! Papai! Que aconteceu? O que vocês estão fazendo aqui? - Oh, Katherine! - Mamãe se joga para a frente e me puxa para seu peito.

- Como você está? Você está bem?

- Estou. - Aperto-a contra mim e depois me afasto. - Estou ótima. Está tudo ótimo. Mas por que vocês estão aqui? Que está acontecendo?

Nesse momento meu pai põe a mão sob meu queixo, levanta meu rosto e me olha nos olhos atentamente.

- Você tem certeza de que está tudo bem? - pergunta. - Tem certeza? Afasto-me dele, a testa franzida.

- Qual é o *problema*? - pergunto, meus olhos indo de um para outro. - Vocês estão me assustando. O que estão *fazendo* aqui?

No instante seguinte Mick está a meu lado, uma das mãos na minha, a outra estendida num gesto de boas-vindas aos meus pais.

- Olá. Eu sou Mick. Querem entrar?

Ignorando a mão estendida de Mick, meu pai o examina, os olhos indo do rosto até os pés e voltando, numa avaliação óbvia e grosseira que eu nunca o vira fazer.

Minha mãe dá um passo à frente, sorri - mas é um sorriso forçado, artificial, que não envolve os olhos - e aperta a mão dele.

- Mick, sou Helen. Este é o meu marido, Richard. E, sim, gostaríamos de entrar. Obrigada.

Mick e eu recuamos para permitir que meus pais passem pela porta. Entramos atrás deles, Mick me lançando olhares intrigados pelas costas deles. Mas só posso dar de ombros. Estou tão perplexa com a presença deles, com esse comportamento estranho, quanto ele.

Vamos para a cozinha, que está clara, reluzente, limpa e cheia de coisas que estamos preparando para o jantar. Percebo uma troca de olhares entre meus pais. Parecem quase tão confusos quanto eu.

Mamãe se vira para nós:

- É melhor sermos francos - diz. - Alice nos telefonou. - Oh! - digo, e o sentimento de apreensão que esse nome suscita me

deixa instantaneamente cansada. - Por quê? O que ela queria? - Ela estava preocupada com você, querida - começa mamãe, mas papai

a interrompe, a voz rouca.

- Ela disse que você estava usando drogas. Disse que você estava morando com um ... - Ele aponta para Mick com um gesto de cabeça. - Bem, nas palavras de Alice, *um músico marginal motoqueiro, traficante de drogas*. - Depois papai olha para mim, e ele parece tão miserável, tão triste e amedrontado, que mal suporto olhá-lo. - Disse também que você estava grávida.

Eu teria podido me defender facilmente. Afinal, não estou usando drogas e Mick não é um marginal. Há provas suficientes aqui - apartamento limpo, comida saudável, nossos copos de *suco de laranja*, pelo amor de Deus - de que isso não é verdade. Mas a coisa da gravidez fica entalada em minha garganta e me deixa muda e envergonhada.

- Alice é uma mentirosa - diz Mick, e olha para ele com gratidão. É tão repleto de decência, equidade e honradez. Eles têm de ver isso. - Katherine não usa drogas. Isso é um absurdo. - Ele olha diretamente para o rosto de meu pai, e sua expressão é completamente franca, seus olhos não hesitam. - Eu também não.

Ninguém fala por um momento, mas mamãe e papai se entreolham, e fica óbvio, por suas expressões, que estão aliviados. Querem acreditar no que Mick está dizendo, pelo menos isso está claro.

- Mas por que cargas-d'água Alice diria essas coisas? - pergunta mamãe, e já posso discernir um tom mais leve em sua voz, a esperança.

- Porque ela tem problemas - diz Mick. - Sérios problemas mentais. - É mesmo? - Meu pai está olhando para mim, com as sobrancelhas

levantadas. Toda a tensão que tornava seu rosto tão rígido, hostil e intimidador, apenas segundos antes, desapareceu. - Katherine? É verdade? Você jura? Não está usando drogas?

- Não, papai. - Balanço a cabeça, sorrio. - É claro que não. Eu juro. Não acredito que você tenha pensado que isso era verdade nem mesmo por um minuto.

- Estávamos sem notícias suas - diz mamãe. - Você não estava atendendo ao telefone da casa de Viv, e não conseguíamos entrar em contato com você pelo celular. Deixamos várias mensagens, querida. Pelo menos dez. Nós só ... bem, já estávamos realmente começando a ficar preocupados antes do telefonema de Alice.

- Oh, Deus! Sinto muito, mamãe. Deixei meu celular desligado. Fiz isso porque queria evitar falar com Alice. Não me passou pela cabeça que ela fosse ligar para vocês. Inventar todas essas mentiras. Isso é tudo louco demais. Sinto muito. Foi minha culpa. Eu devia ter ligado, devia ter informado a vocês onde eu estava.

- Isso não tem importância agora. - Minha mãe sacode a cabeça e, antes que ela tenha a chance de piscar, vejo que tem lágrimas nos olhos. - Contanto que você esteja bem, eu realmente não me importo.

Em seguida, quase simultaneamente, minha mãe e meu pai dão um passo à frente e me abraçam. Beijam minha cabeça, meu rosto e riem de alívio e felicidade. Depois se afastam e se recompõem, e nós três ficamos ali parados, parecendo ligeiramente constrangidos, até que Mick puxa cadeiras de debaixo da mesa, sugere que nos sentemos todos, serve novos copos de suco de laranja.

- Estou me sentindo uma boba agora - diz mamãe, estendendo o braço e pousando a mão na minha. Ela olha para Mick. - Você deve estar nos achando pavorosos, aparecendo assim. Com todas essas acusações insanas.

- Não. Só apavorados. Como a maioria dos pais estaria. - Ele sacode a cabeça, olha para minha mãe, abre seu sorriso maravilhoso ... e posso ver pela reação dela que está encantada.

- Acho que sim. - E em seguida ela olha para mim e ri, apertando minha mão antes de soltá-la. - Estou tão contente por você estar bem, minha querida. Estava tão preocupada! Com tanto medo. Você não faz idéia.

E a hora seguinte, embora ocasionada por circunstâncias muito bizarras, transcorre numa atmosfera estranhamente feliz, quase de celebração. Mick insiste em que meus pais fiquem para jantar. Nós quatro nos sentamos à mesa juntos e comemos os legumes *sauté* de Mick, enquanto papai nos conta detalhes do telefonema de Alice.

E embora me pareça difícil acreditar que ela teve a ousadia de contar aquelas mentiras - e ligeiramente alarmante que alimente tamanha animosidade a mim - sinto-me bastante benevolente em relação a ela. Suas ações só fizeram trazer meus pais mais para perto, e, embora eu nunca tivesse duvidado do amor deles por mim, sinto-me comovida pela óbvia preocupação, pelo pânico que manifestaram. Sinto-me amada. Querida.

Mas meus pais não me perguntam se estou grávida ou não. Ou estão supondo que tudo o que a Alice disse era mentira, ou estão amedrontados demais para perguntar, e nem eu nem Mick mencionamos o assunto.

Enquanto comemos, conversamos e rimos, penso em diferentes maneiras de lhes dar a notícia. *Ah, mamãe e papai, a propósito, nem tudo o que Alice disse era mentira. Estou realmente grávida! Não estão extasiados porque vão ser avós?*, mas essa é uma coisa importante demais para jogar na conversa, uma coisa tão forte, séria e permanente, que não digo nada. Cada vez que Mick abre a boca, imagino que vai lhes contar, e o ritmo do meu coração se acelera, mas ele não conta, e nosso jantar transcorre em conversas sobre Alice. E sobre música. E sobre como e quando Mick e eu nos conhecemos.

Quando terminamos de comer, Mick insiste em lavar a louça. Olha insistentemente para mim quando meus pais estão de costas e indica com as mãos que devo levá-los para a sala. Sei o que ele está fazendo. Está tentando me dar um pouco de privacidade, para eu poder lhes contar sobre a gravidez.

Mas quando os convido para se sentarem um pouco comigo _ sob o pretexto de lhes mostrar algumas fotos das últimas semanas de escola -, papai não aceita. Diz que gostaria de ficar e ajudar Mick a lavar a louça. Mamãe dá de ombros e sorri, pegando minha mão.

- Vamos deixar seu pai aí - cochicha. – Provavelmente quer conhecer seu namorado.

E embora eu tenha ensaiado diferentes maneiras de dizer isso suavemente, com tato, acabo deixando a coisa escapar assim que ficamos longe de meu pai e de Mick.

- Estou grávida.

- O quê? O que você disse? - Mamãe para e se vira para mim, com a testa franzida. - Não entendi.

- Estou grávida.

- Grávida? Oh, meu Deus! Bem, então isso era verdade. -
Afasta-se, mas não antes que eu veja a umidade reveladora em seus olhos, o tremor do queixo.

- Por favor, mamãe. Por favor. Sei que você está decepcionada. Sei que isso não é o que você esperava ou desejava para mim. Não é o que eu queria também. Mas eu juro para você, mamãe: vou ficar bem. Eu juro. Não se preocupe. Mick é fantástico. Ele não vai fugir, nada disso. Vamos fazer tudo dar certo. Vamos mesmo. Vai dar certo. Eu ainda posso ir para a universidade. Ainda posso ter uma formação, juro. Vai dar tudo certo, mamãe. Tudo vai se ajeitar.

- Grávida? - Repete, como se estivesse tendo dificuldade para compreender. Anda até o sofá e se senta pesadamente. - Grávida.

Sento-me a seu lado. Mantenho os olhos baixos, olho para minhas mãos, repuxo nervosamente o tecido dos meus jeans.

- Você está decepcionada comigo, não é?

- Não – diz ela. – Não.

- Está envergonhada.

- Não. – diz ela. – Não estou. – E agora a voz de mamãe é firme, indignada. – Katie, você não está entendendo. Não estou decepcionada, não é isso. De maneira nenhuma. Ah, querida, a palavra envergonhada nem faz parte do meu vocabulário! É um pouquinho chocante, é claro, que você esteja mesmo grávida, e é um pouco difícil assimilar. Mas, pelo amor de Deus, Katherine, algumas horas atrás estávamos com medo de que você estivesse se drogando! Pensamos seriamente que poderíamos perder você. – Ela suspira e balança a cabeça. – Uma de minhas filhas morreu. Estou acima desse... nem penso mais assim.

Olho para ela. Estou confusa. Não tenho a menor idéia do que ela está pensando, a menor idéia do que dizer.

- Katie. Meu bem... – Ela sorri. – Eu provavelmente não deveria dizer isso, nem mesmo pensar assim, tenho certeza de que não está

no manual da maternidade responsável, mas você precisa entender que para mim é muito difícil ver isso como uma catástrofe.

- Mas e então? O que você pensa?

Ela põe o dedo nos lábios, fixa os olhos arregalados no teto por um instante, depois olha de novo para mim e sorri. É um sorriso radiante, travesso, culpado.

- Acho que, na verdade, estou me sentindo eufórica! Devo ter parecido tão chocada quanto realmente estou, pois ela ri, chega

mais perto de mim no sofá e põe o braço á minha volta. Fala de maneira calma, intensa.

- Talvez seja errado de minha parte, ou até egoísta, mas só consigo pensar em como isso é maravilhoso. Você está aumentando nossa família, está criando uma nova pessoa para amarmos. Você está criando vida, querida, está... está vivendo a vida . para ser sincera, acho isso maravilhoso. Vou ganhar um neto, uma nova pessoa para amar... e será que alguém poderia me dizer por que eu deveria pensar que isso é ruim? E acho esse rapaz um encanto, realmente, um perfeito cavalheiro. E tem uma conversa tão boa, é tão inteligente... – Em seguida tira um lenço do bolso e enxuga os olhos, assoa o nariz. – Eu me lembro perfeitamente de quando engravidei de você. Toda aquela esperança inocente, maravilhosa, todo aquele alvoroço.

- Então não está mesmo decepcionada? Não está abalada? - Não. Não. Não estou.

- Não acha que é loucura nossa querer ter essa criança, quando mal nos conhecemos?

- Talvez. Não sei dizer. Mas acho que vocês têm a mesma chance que qualquer casal de continuar juntos. Algumas pessoas se casam depois que se conhecem há anos e acabam se divorciando. Não há garantias na vida.

- Mas eu sou muito nova. – E não sei bem por quê, mas de repente estou expressando todas as dúvidas e temores que mal

confessei para mim mesma. Quero que minha mãe continue me tranquilizando, é tão bom ouvi-la dizer essas coisas positivas. Nunca fico satisfeita. Quero que ela me diga que tudo vai dar certo. – Ninguém da minha idade tem filho. Ninguém.

- Eu não sabia que você era tão preocupada com o que as outras pessoas fazem ou deixam de fazer.

- Não sou. Não é nesse sentido que estou falando. Só que... - Sei o que você quer dizer, querida. Sim, é uma coisa imensa; sim,

significa que você vai perder muitas das liberdades que outras pessoas de sua idade têm. E isso vai ser mais difícil do que você imagina. Mas vai abrir uma dimensão mágica, maravilhosa, transformadora, à sua vida. A maternidade faz isso. - Ela põe a mão em meu rosto. - E seu pai e eu vamos estar aqui para ajudá-la. Tanto quanto pudermos. Isso será um imenso prazer para nós.

- Estou tão feliz por você não estar zangada nem perturbada! - Perturbada, não. Meu Deus, não! - Ela sorri novamente. - Na verdade

sinto-me ridiculamente empolgada. Empolgada por você e por Mick. Empolgada por seu pai e por mim. E nervosa. E emocionada. E faço questão de contar eu mesma para seu pai. Posso?

- É claro.

Não estou acostumada a vê-la assim - tão aberta e generosa com suas emoções -, e a surpresa deve estar estampada em meu rosto.

- O que é, querida? - pergunta ela. - Qual é o problema? Você está com uma expressão engraçada.

- Desculpe-me. É só que ... você está parecendo muito diferente. Realmente feliz. Você e papai. Isso é muito bom, é claro, estou só ... acho que não estou mais acostumada com isso.

- Eu sei, meu bem. - Em seguida ela põe a mão em minha cabeça e me puxa para si, de modo que minha face repousa contra

seu peito. Enquanto ela fala, sinto o ronco de sua voz, o ritmo regular das batidas de seu coração. - Eu sei. Não tenho sido justa, não é? E sabe de uma coisa? Na verdade, a tola da sua amiguinha nos fez um grande favor. Estávamos tão preocupados, eu e seu pai, quando ela ligou e disse aquelas bobagens sobre você ... Ficamos tão apavorados, com tanto medo de perder você! E agora, quando descobrimos que você está bem - ela respira fundo, suspira -, é como ganhar uma segunda chance. E eu *sei*, querida, eu sei como você se sentiu em relação a Rachel. Sei que se sente culpada por aquele dia, que se sente culpada por ainda estar viva, quando Rachel está morta. E espero que possa me perdoar por nunca ter mencionado isso, por nunca ter deixado claro que, a meu ver, você não tem razão nenhuma para se sentir culpada, que você certamente *deve* tocar sua vida para a frente. Precisa haver algum tipo de fim, algum tipo de ... ah, não sei ... como é mesmo que se diz?

- Desenlace?

- É. É isso. Tem de haver algum desenlace. Pelo menos para você, minha querida. Ela era sua irmã, não sua filha. Não está certo que você sofra para sempre. Não está certo que isso arruíne sua vida.

- Mas... - Quero lhe contar sobre o que andei descobrindo, explicar por que não preciso que ela diga isso.

- Não. - Ela me interrompe, pondo a mão sob meu queixo e olhando ternamente para mim. - Fui injusta. Sabia que você estava sofrendo e fiquei tão mergulhada em minha própria dor, que não me restou energia para fazer nada a esse respeito. Sei há muito tempo que podia ajudar você a se sentir melhor, precisava apenas tomar coragem para lhe dizer algumas coisas simples. E não tomei. Estou profundamente envergonhada de mim mesma. Mas eu posso dizê-las agora, minha querida. - Mamãe limpa a garganta e continua. - Seu pai e eu não culpamos você pelo que aconteceu com Rachel. Nunca, nunca culpamos você. Na verdade, culpamos a nós mesmos. E não imagine nem por um segundo que teríamos desejado que

aquilo acontecesse com você em vez de com RacheI. Amávamos vocês duas igualmente. Sempre amamos.

Aceno com a cabeça, concordando, mas não consigo falar. Tenho medo de cair em prantos. De soluçar como um bebê.

- E por mais que seja absurdo pedir, preciso que você me faça um ou dois favores.

- É claro, mamãe, qualquer coisa.

- Em primeiro lugar, preciso que você me perdoe por meu egoísmo. O fato de eu não ter sido uma mãe adequada para você nos últimos anos, ter até deixado que você alimentasse a idéia de que seu pai e eu poderíamos culpá-la de algum modo. Porque absolutamente não culpamos. Nunca culpamos.

Nesse momento, começo de fato a chorar. Não consigo evitar. Tudo em que eu acreditava com tanta certeza apenas momentos antes de repente parece tão distante e sem importância ... Saber que ela não me culpa me proporciona um alívio imediato e glorioso e me dá mais alegria do que eu poderia ter imaginado ser possível. Agarro minha mãe e soluço, arquejando, contra seu peito. Ela me abraça apertado, mas continua falando.

- A segunda coisa que preciso que você faça: que viva sua vida. Que viva vida da melhor e mais feliz maneira que puder. E você não deve nunca, se sentir culpada por ser feliz. Não se atreva. E se não puder fazer isso por você mesma, faça isso por nós. Por mim e por seu pai. Porque se você não for feliz, minha querida, se você não viver sua vida, teremos perdido tudo. Teremos perdido vocês duas.

Acabo não contando para meu pai que estou grávida. Mamãe quer contar a ele quando estiverem sozinhos - dar-lhe uma chance de digerir reservadamente por algum tempo. Ela acha que, a princípio, ele vai ficar chocado, abalado.

- Completamente normal para um pai - diz. - Afinal, você será sempre o bebezinho inocente dele. Mas ele vai mudar de opinião, vai se acostumar com a idéia e acabar tão entusiasmado quanto eu.

E, como eu previa, antes de sair, meu pai nos passa um sermão sobre a moto. Fica aliviado quando lhe contamos que ela está à venda, me faz jurar nunca mais voltar a andar nela e faz Mick prometer que irá dirigir com cuidado, se é que tem mesmo de andar nela.

Depois que eles vão embora, Mick e eu apagamos as luzes e vamos para Cama. Ele se mostra particularmente terno e carinhoso, diz que me ama muitas e muitas vezes, e ficamos muito juntos, minha cabeça no peito dele.

- Sei que você deve estar enjoada de falar sobre Alice - diz ele.
- Mas você está bem? Não está apavorada com ela?

- Não - respondo. - Estou feliz demais para pensar nela. - E embora isso estivesse longe da intenção de Alice, essa noite com meus pais me deixou extasiada. Fazia anos que mamãe não se mostrava tão abertamente emotiva, e foi maravilhoso vê-la tão efusiva e afetuosa, um inesperado deleite ser tranquilizada por ela, não só com relação ao bebê, mas também com relação a RacheI. - Isto é, Alice é claramente uma maluca, e estou feliz por não sermos mais amigas. Mas, na verdade, ela só está fazendo mal a si mesma. Está fazendo papel de boba. Tenho pena dela.

- É - responde Mick com um bocejo. - Eu também tenho. Ela deve ser um caso muito grave. Desesperado.

- É. Mas, de qualquer forma, o que ela pode fazer? Quando nos mudarmos, ela não vai nem saber onde estamos. E vou mudar o número do meu celular. Ela não vai conseguir me ligar. Que mal pode me fazer agora?

- Nenhum - diz ele. E, debruçando-se sobre mim, ele apaga a lâmpada de cabeceira e, no escuro, me dá um beijo nos lábios. - Você está completamente segura. Ela não pode fazer nada de mal para você.

Capítulo 34

No dia seguinte, chega um pacote para Mick quando ele está fora, em um ensaio da banda. Ele só o vê quando volta, tarde da noite, mas, em vez de abri-Lo imediatamente, como eu faria, só o olha com desinteresse e o deixa na mesa de centro.

- Você deveria abri-Lo - digo, pegando-o. - Pode ser alguma coisa espetacular. Um presente de aniversário, por exemplo.

- Duvido. Faltam séculos para meu aniversário.

- Ora, vamos lá! Não sei como você aguenta não saber o que há aí dentro. Depressa, passei o dia inteiro esperando. - Empurro o pacote em suas mãos. - Abra.

Mick dá de ombros, revira o pacote. Está embrulhado em papel pardo comum, sem o endereço do remetente.

- É só uma chatice qualquer, garanto. Um manual de instruções da Receita Federal ou algo assim. A menos ... - ele abre um sorriso de repente - que tenha sido mandado por você. Foi você, não foi? Foi por isso que ficou esperando, que está tão impaciente.

- Não. Não fui eu. Juro.

É evidente que ele não acredita em mim. Sacode a cabeça e continua sorrindo enquanto abre o pacote. Dentro há uma espécie de livro ou álbum de fotografias. Na capa há uma em foto preto e branco e alguma coisa escrita. Mick o afasta de mim.

- Sabe com quem você está? - lê em voz alta e ainda sorri, mas começa a parecer intrigado. Vira as páginas, mantendo o álbum tão alto, que não consigo ver o interior.

- Mick - digo, rindo. - Eu não mandei isto. Não fui eu. Não sei quem ... - Mas paro quando vejo sua expressão. Seu sorriso se transformou numa carranca, seu rosto está lívido. - O que é? - pergunto. - Mick? O que é isso? O que é?

- Meu Deus - diz ele. E subitamente eu sei quem mandou o pacote. Alice.

- Deixe-me ver - digo, estendendo o braço. – Quero ver isso. - Não. Você não precisa ver. Não. Por favor. Não. - Não seja bobo, Mick. Deixe-me ver essa porcaria. - Minha voz é mais

cortante do que eu pretendia. - Desculpe-me - digo. - Por favor. Só me deixe ver isso. Não adianta esconder de mim.

Ele me entrega o álbum com relutância.

- Katherine - diz ele, sacudindo a cabeça. - Isso é bobagem. Só ... Ela está louca. Não deixe isso ...

- Eu sei, eu sei. Sei de tudo isso.

- A capa está coberta com uma foto antiga de jornal. É uma foto minha e de Rachel, um retrato de família que de algum modo foi parar nas mãos da imprensa depois que ela morreu. Estamos na praia, de pé uma ao lado da outra, com sorrisos enormes, o cabelo úmido e alvoroçado pelo vento. Estamos abraçadas. Parecemos tão felizes, tão inocentes ...

A foto foi rasgada ao meio de uma maneira deliberadamente irregular e colada na capa do álbum. Acima dela, letras - uma mistura aleatória de caixa-alta e caixa-baixa – foram recortadas de um jornal e coladas de modo a formar a frase: "Você RealMente SabE coM QUem eSTá?"

A página seguinte está coberta com uma seleção aleatória de trechos de artigos publicados logo depois que Rachel foi morta. Embora sejam claramente de matérias diferentes, Alice os recortou e colou juntos, de modo a formar uma peça longa e digressiva. Ela também construiu sua própria manchete perturbadora:

aS peSSoas ERraDas CondeNaDas?

A CulPaDa fica LiVrE?

Mas quem realmente é o responsável aqui? Nestes tempos pretensamente esclarecidos, certamente não podemos esperar que

um grupo de jovens desfavorecidos e de baixo nível educacional assumam toda a responsabilidade por um crime que põe em xeque a lamentável noção vigente no século XXI sobre os cuidados que devemos dispensar àqueles mais jovens que nós.

Grant Frazer sofreu maus-tratos quando criança. Era regularmente espancado pelo pai alcoólatra e não recebeu o amor da mãe toxicômana. Não surpreende que tenha crescido sem nenhuma consciência social.

As irmãs Boydell tiveram uma vida de riqueza e privilégio. A casa da família é enorme e sobriamente elegante, com jardins que são um reino encantado, onde não faltam pátios secretos, quadra de tênis e piscina.

Uma educação cara não impediu Katie Boydell de levar a irmã de 14 anos para uma festa ilegal e não supervisionada e permitir que ela se embebedasse até perder os sentidos.

Quem realmente é o responsável aqui? De quem é realmente a culpa?

E depois de tanto tempo, fico surpresa ao perceber que essas palavras ainda têm o poder de ferir. Ainda sinto o desejo irresistível de protestar aos gritos, de me defender, de explicar e justificar.

As páginas que se seguem estão cheias de fotos e artigos de diferentes jornais - foram recortados, retalhados e espalhados aleatoriamente pelas páginas, parecendo haver pouca lógica em seu arranjo. São as letras graúdas coladas acima das fotos e dos artigos que mais impressionam: "COVARDE, ASSASSINA, RIVALIDADE ENTRE IRMÃS, TRAIÇÃO, IRRESPONSÁVEL, INVEJA."

Na quarta capa está colada uma foto colorida minha. É uma foto verdadeira, e muito recente - a única que não foi recortada de um jornal. Estou com a cabeça jogada para trás, rindo. Pareço radiante.

"KatHeriNE PatTerSon AgoRA. A ViDa sem a IRmã", diz a legenda com letras de jornal recortadas que a atravessa.

Na última página lê-se apenas: "kAtherInE paTteRsOn / KAtiE bOydeLL - víTBla ou AsSassiNA?"

- Para o diabo com isto! - Mick arranca o álbum de minhas mãos, fecha-o com força e o joga violentamente do outro lado da sala, de modo que bate na parede e cai no chão. Pare de olhar isso. É nojento.

Não digo nada. Não consigo falar. Posso sentir o gosto da bile que sobe por minha garganta. Afasto-me e vou para nossa cama, deito-me de lado, encolho-me em posição fetal.

Mick me segue e se senta ao meu lado. Põe a mão em meu ombro. - Talvez a gente devesse chamar a polícia - diz mansamente. - Ela está

indo longe demais. Isso é uma espécie de assédio. - Não.

- Mas a gente tem de dar um basta nisso.

- Não quero a polícia metida nisso. - Tenho medo de trazer tudo à tona de novo, de que desenterrem meu passado como um cadáver fedorento, a polícia inútil e desastrada, os jornalistas avançando sobre a carne podre como abutres. Eles não vão fazer nada. Não podem.

Ele se deita a meu lado e me abraça.

Acabamos adormecendo, bem abraçadinhos. Quando acordo na manhã seguinte, o álbum desapareceu.

Capítulo 35

Nos dias que se seguem, enquanto Mick está trabalhando, passo algumas horas cada noite preparando minha mudança. Volto para a casa de Vivien e embalo minhas coisas. Já não me sinto tão cansada quanto antes e gosto de organizar meus pertences, sonhando com minha nova vida com Mick. O fato de meus pais terem tão obviamente gostado dele – e de mamãe ter ficado surpreendentemente feliz com o bebê - dissipou a maior parte de minhas dúvidas. Estamos fazendo a coisa certa. Gostamos um do outro. Vai ser maravilhoso.

Comunico a Vivien por um e-mail que estou me mudando. Prometo pegar sua correspondência e ficar de olho nas coisas até que ela volte. Termino a mensagem me desculpando pelo aviso de última hora. Ela responde:

Não se desculpe! Eu sabia que sabia uma razão para você parecer tão feliz, e acho absolutamente maravilhoso que tenha encontrado alguém que a faça se sentir assim. Não vejo a hora de vê-la (e de conhecer Mick), quando voltar para casa.

Cuide-se. Muito amor, bjs,

Tia Viv

Preciso de três noites de trabalho para terminar de empacotar minhas coisas na casa de Vivien e apagar todos os vestígios de minha passagem pelo apartamento. Quero deixá-lo imaculado, reluzente, como uma maneira de agradecer à Vivien por ter me acolhido ali. Termino na sexta-feira, às 10h30 da noite, e me pergunto se ainda tenho tempo para ver o fim do show do Mick. Ele pretendia me ligar quando terminasse, pegar uma carona com o vocalista até a casa de Vivien e me dar uma ajuda, caso eu ainda estivesse arrumando as malas. Como ele não ligou, suponho que tiveram casa cheia e ainda estão tocando. Decido ir buscá-lo, fazer-lhe uma surpresa.

Está chovendo, e, como as ruas estão molhadas e escuras, dirijo devagar e só chego às 23 horas. O pub está silencioso, quase vazio, os instrumentos todos guardados.

Não vejo Mick esperando no bar, e vou até os bastidores. Ouço sua voz e dirijo-me para uma porta iluminada. Paro e dou um passo atrás quando a vejo no cômodo. Alice.

Ela está encostada numa mesa, as longas pernas cruzadas à sua frente. - Ah, pelo amor de Deus - ouço-a dizer, a voz pastosa e arrastada por

causa do álcool. - Que mal pode haver nisso? Que mal pode haver? Como alguém ficará sabendo?

Mick está de costas para ela. Está enrolando cabos elétricos. Sacode a cabeça.

- Você está louca. Não vou conversar sobre isso. Vá embora. - Ora, *vamos*. - Ela ri, joga o cabelo para trás provocativamente. O gesto

é inútil, Mick não está nem olhando para ela. - Sexo grátis. É isso o que estou oferecendo. Sexo incondicional da melhor qualidade. Por que você negaria? Que tipo de homem você é?

Mick solta uma risadinha curta.

- Acho que a questão é que tipo de pessoa é você. Que tipo de amiga ... - E, quando ele se vira para ela, me vê e para. - Katherine.

Alice se volta na minha direção. Por um brevíssimo instante parece alarmada, mas se recupera imediatamente e sorri, estendendo o braço.

- Katherine!

Fico parada no vão da porta, olhando para ela.

- O que você está fazendo aqui?

- Ah, vi um anúncio no jornal. Pensei que devia dar uma força, ouvir meu amigo tocar. - Ela estende o braço para Mick e sorri. - Na

verdade, pensei que você estaria aqui, Katherine. Estava com a esperança de que pudéssemos pôr nossos assuntos em dia. Tem sido muito difícil encontrar você ultimamente.

Por um instante penso em enfrentá-la, perguntar por que está tão decidida a me ferir, mas desisto rapidamente. É inútil. Não quero ouvir suas explicações - não há desculpa racional ou aceitável para o que ela fez - e não quero ouvir uma de suas justificativas insinceras. Só quero que saia daqui.

- Está pronto? - olho para Mick.

- Estou. - Ele para de enrolar os cabos e os joga numa pilha desordenada. Em geral é meticulosamente ordeiro, mas está tão desesperado por se livrar de Alice quanto eu.

- Que legal. - Alice bate palmas, se levanta, cambaleia um pouco. - Para onde vamos?

- Não sei para onde você vai. - A voz de Mick é gelada. Ele passa os braços por meus ombros. - Nós vamos para casa.

- Então eu vou com vocês. Na verdade, pode ser muito divertido. Nós três. - Ela continua perto de nós quando saímos do bar e seguimos pela rua até onde o carro está estacionado. - Três é melhor que dois. Você não acha, Katherine?

Junto ao carro, Mick abre a porta do passageiro para mim, mas antes de entrar eu me viro para Alice.

- Vá pra casa. *Vá embora.* E, de agora em diante, me deixe em paz. Fique fora da minha vida. Você está doente. Você me dá pena. Realmente precisa de alguma ajuda.

Ela balança a cabeça e dá uma risadinha de desdém com uma careta de nojo.

- Eu estou doente? Eu? Isso é estranho. Pensei que era você que tivesse problema, Katie. Pensei que fosse você, você que deixou sua irmã ...

- Katherine! - A voz do Mick é firme. Ele já está no banco do motorista, já deu a partida no motor. - Entre já. Entre e bata a porta.

Obedeço. Mick trava as portas, liga a seta e olha o retrovisor à espera de uma oportunidade para arrancar. Alice mantém os olhos grudados nos meus através do para-brisa, e me parece impossível deixar de fixá-la, olhar para o outro lado. E no instante em que Mick se afasta do meio-fio, Alice sorri um esticar frio e vazio dos lábios - e dá um passo adiante, bem em frente à sarjeta.

Dou um grito.

- Mick! Pare! Espere! - Mas é tarde demais, e ouvimos um baque pavoroso, assustador, enquanto Alice cai.

- Droga! Jesus! Droga! - Mick freia e num instante está fora do carro. Não consigo me mexer, não tenho coragem de olhar. Meu coração quer

sair do peito e olho perplexa pelo para-brisa o tráfego que se aproxima. *Acabou*, penso. *Ela conseguiu o que queria. Arruinou tudo. Acabou. Acabou.*

- Alice! - Ouço Mick gritar, e posso ouvir o pânico em sua voz. - Você está bem? Está ferida? Alice!

E o que ouço em seguida é o som agudo e histérico da risada dela.

Capítulo 36

Estou esvaziando caixas em nossa nova cozinha quando a coisa acontece. Levanto-me e sinto um pequeno corrimento de líquido entre as pernas. A princípio não sei o que é e por um momento me pergunto se urinei. Corro ao banheiro e baixo a calça. Sangue. Seco-me da melhor maneira possível com papel higiênico e vou direto falar com Mick. Ele está arrumando livros em nossas estantes improvisadas, cantarolando, balançando a cabeça no ritmo da música. Sorri quando me aproximo. - Estou sangrando.

- O quê? - Ele se levanta de um salto. - Merda. Isso é grave? Isso é grave, não é?

- Não sei. Acho que é.

- Vamos para o hospital.

Enrolo uma toalha na cintura, Mick passa a mão nas chaves e andamos cautelosamente até o carro.

A emergência está latada, e a enfermeira nos informa que teremos uma longa espera antes de sermos atendidos por um médico.

- Mas ela pode estar perdendo o bebê! - diz Mick. - Precisa ser atendida agora.

- Sinto muito. Temos um sistema de triagem. E, sinto dizer, mas nesse estágio inicial, se você estiver sofrendo um aborto, não há mesmo nada que possamos fazer. Só poderemos monitorar. - Ela me dá um sorriso bondoso. - Mas talvez esse não seja o caso. Muitas mulheres sangram durante a gravidez e depois têm bebês perfeitamente saudáveis. Sentem-se e tentem se acalmar.

Mick e eu caminhamos devagar em direção às cadeiras. Não há dois lugares juntos, mas uma mulher percebe que somos um casal e muda de lugar para que possamos nos sentar lado a lado. Mick lhe

agradece e, embora ela me olhe nos olhos e me dê um sorriso solidário, desvio o rosto. Não quero solidariedade nem bondade de estranhos. Se vou ter de sofrer, que seja reservadamente. A sala está cheia, e todos os presentes devem ter ouvido nossa conversa com a enfermeira. Com a toalha em volta da cintura, sinto-me exposta, chamando a atenção.

Sento-me, fecho os olhos e apoio a cabeça no ombro de Mick. Quarenta minutos depois uma enfermeira chama meu nome. Ela pede a

Mick que espere, mas, quando caio no choro e me agarro ao braço dele, deixa-o ir comigo. Leva-nos até uma cama e me pede para sentar.

- Quanto sangue você perdeu?
- Não sei bem. Mas pareceu muito.
- Um absorvente cheio, você acha? Mais?
- Talvez. Sim. Só um absorvente cheio.

Ela anota num pedaço de papel.

- Você ainda está sangrando? Agora?

- Acho que não. Não tenho certeza. Não sinto nada. - Ótimo. Se não pode sentir, provavelmente não está. Ela faz mais anotações e depois mede minha pressão arterial e minha temperatura.

- Está tudo bem. O médico não vai demorar. Deite-se. Descanse. Antes de se afastar, ela põe um cobertor sobre minhas pernas e puxa as cortinas.

Mick senta-se na cadeira ao lado da cama e segura minha mão.
- Eu não devia ter deixado você esvaziar aquelas caixas, não é? - Ele parece desamparado.

- Não. Não foi isso. Eu nem levantei nada pesado. Grávidas não devem ser tratadas como inválidas. - Aperto-lhe a mão. - Depois, não vamos supor o pior. Não ainda.

- Desculpe-me. Não. Claro que não. Só quero que tudo fique bem. Não quero ...

- Nem eu. - Mordo o lábio, tento não chorar.

Nesse momento a cortina se abre e uma mulher alta e magra entra. Ela tem cabelos ruivos e duros e me lembra vagamente Philippa, o que, irracionalmente, me deixa mais tranqüila na hora. Está puxando uma máquina grande. Nota que olho para aquilo.

- Ultrassom. - Para ao lado da cama, afaga minha perna. - Sou a Dra. King. Vamos tentar dar uma olhada nesse bebê?

Sinto-me aterrorizada enquanto ela move a sonda por minha barriga. Olho para a tela, que mostra uma porção de bolhas cinzentas obscuras e sombras que não fazem sentido para mim.

- Ahá! - Ora. King deixa a sonda parada, aponta para a tela e sorri. - Pulsação. Está vendo? Boa e forte. E o tamanho do bebê está perfeito para a idade gestacional.

Vejo a pulsação do coração do bebê e ouço-me fazer um barulho esquisito, estrangulado, parte riso, parte soluço.

Mick aperta a minha mão.

- Uau!

A médica nos diz que acha que está tudo bem – provavelmente foi só um sangramento isolado, inexplicável. Uma dessas coisas estranhas que acontecem. Ela diz a Mick para me levar para casa, cuidar de mim durante alguns dias e me levar de volta ao hospital imediatamente se isso acontecer de novo.

- Procurem não se preocupar, não foi nada muito sério - diz. - Mas vão com calma por alguns dias - conclui com um sorriso. - Só por segurança.

Passo os três dias seguintes na cama. Mick vai à biblioteca e pega para mim uma pilha de livros sobre gravidez, que leio de ponta a ponta. Felizmente o tempo está perfeito para isso - tempestuoso e frio -, e sinto-me segura, aconchegada e perfeitamente contente debaixo das cobertas de nossa cama. Mick ensaia em sua bateria digital com o volume tão baixo, que mal a ouço, e me leva café da manhã, almoço e jantar na cama. Quando fico enjoada de ler, ele arrasta a televisão e assistimos juntos a uma novela vespertina, rindo das tramas absurdas, da representação inexpressiva. Não há mais sangue.

Na quarta manhã, acordo sentindo-me esplendidamente bem e cheia de energia, como não me sentia havia várias semanas. Deixo Mick dormindo na cama, levanto-me e preparo uma xícara de chá para mim. No térreo há um pequeno jardim comum partilhado pelos quatro apartamentos de nosso bloco. Saio com meu chá e me sento nos degraus que levam ao jardim.

Embora ainda esteja cedo, o sol está quente e o céu, alto e enorme, de um azul intenso e magnífico - é um céu que sempre pareceu particularmente australiano, um céu como nunca vi na Grécia, na Indonésia, na Europa nem em qualquer país que costumávamos visitar antes que Rachel morresse -, e de repente me sinto invadida por uma sensação de felicidade tão grande, uma gratidão tão imensa por estar viva, que sorrio. Um sorriso enorme e espontâneo que ninguém vê. Os degraus de madeira estão cálidos sob meus pés, o chá está doce e delicioso, e o sol bate suavemente em minha pele, dando-me um beijo de bom-dia.

No passado, perdi muito tempo impedindo-me de sentir esse tipo de felicidade, o prazer simples e sensual de estar viva. Tudo isso me parecia injusto para com Rachel - uma indulgência egoísta, uma espécie de traição -, já que ela nunca mais desfrutaria momentos assim. Mas penso no que minha mãe disse, em como é importante que eu viva minha vida, que me permita apreciá-la, e de repente me ocorre, com esmagadora certeza, que Rachel teria desejado que eu fosse feliz. Ela nunca, nunca me invejaria por ter uma vida plena e

feliz. E instantaneamente tenho aguda consciência do fato de que posso escolher como me sinto, e que escolher ser infeliz significa deixar os homens que assassinaram Rachel destruírem minha vida de maneira quase tão efetiva quanto fizeram com a dela.

- Estou feliz, Rachel - digo em voz alta, como numa espécie de oração. - Verdadeiramente feliz.

Mas o sol não brilha por muito tempo, e no meio da manhã nuvens de tempestade já se acumularam de novo e o céu está escuro. Passo mais um dia em casa, lendo, enquanto Mick vai ao ensaio da banda. Quando ele chega, às 6 horas da tarde, estou agitada, entediada e desesperada por sua companhia.

Assim que ouço sua chave na fechadura, corro até a porta e dou-lhe um abraço.

Ele ri, mas não retribui meu abraço. Está escondendo alguma coisa nas costas. - Surpresa! - diz. E me entrega um grande envelope branco.

Dentro há um enorme maço de notas de cem dólares. Olho para ele, curiosa.

- O que é isto?

- Vendida. A moto. Três mil pilas.

- Oh, Mick! - Envolvero-o em meus braços. - Você está triste? - Está louca? - Ele me aperta, beija meu pescoço. - Seu pai me deixou

totalmente apavorado. Ele me convenceu de eu que seria morto instantaneamente se algum dia encostasse naquela maldita coisa de novo. Não quero morrer. E, ei, hoje estamos ricos, vamos comemorar, pedir comida!

- Não. Não. Vamos sair. Estou ficando maluca enclausurada aqui. - Mas você acha que não tem problema? Acha que devemos? - Vai ser ótimo. - Tiro minhas roupas rapidamente e me dirijo para o

chuveiro. - A médica disse que eu deveria ir com calma por alguns dias. Não disse que deveria passar os próximos seis meses na

cama. Eu não me mexi. Vou enlouquecer se não sair logo daqui.

- Vamos de carro, então.

- Não seja ridículo. Nunca vamos conseguir vaga. - É verdade. - Ele suspira. - Mas você tem certeza de que está bem? Eu poderia sair e comprar alguma coisa para nós.

- Vou ficar muito bem. Vamos andar devagarzinho digo, rindo. - Como velhos.

O restaurante não é longe e vamos pela rua que margeia a praia. Não está chovendo, mas há nuvens escuras de tempestade no céu e a praia está deserta, as ondas, encapeladas e espumosas. É uma visão espetacular e vamos devagar, de braços dados, passeando calmamente. Estamos gostando de sair do apartamento, tomar ar fresco, contemplando a beleza da vista.

Depois jantamos sem pressa alguma. Mick fala sobre a banda, conta que quer compor. Nós imaginamos uma futura turnê pelo mundo - dinheiro, fama, milhares de fãs aos berros. Digo, rindo, que vou arrancar as meninas de cima dele.

- Vou ser aquela mulher gorda e ciumenta, uma bruxa em casa. Com seis pirralhos.

- Isso mesmo - zomba ele. - Posso imaginar você assim. Pensamos em voltar para casa de táxi porque parece que vai chover, mas decidimos ir andando. Está agradável ao ar livre, é só uma caminhada curta. E um pouco de chuva não poderá nos fazer mal.

Capítulo 37

Você ouve passos às suas costas - o dique, dique, dique estalado de saltos no concreto -, mas não dá importância a isso. Quando os passos ficam mais ruidosos, mais próximos, você e ele chegam para um lado da calçada, dão passagem à mulher. Ela passa, mas então para e se volta para vocês, com as mãos nos quadris. Como está escurecendo, você leva um momento para perceber quem é. Alice.

Ela inclina a cabeça de lado e sorri.

- Katherine - diz ela. E pelo modo arrastado e cuidadoso como fala, você pode perceber que está bêbada. Ela pende para a frente. - Eu sabia que encontraria vocês aqui. Sabia que se esperasse o bastante daria de cara com você e o bateristazinho.

Ele lhe dá um puxão, segurando com força sua mão. Você continua andando.

- Está uma noite tão bonita, tão tempestuosa para se caminhar por aí, não é? - Ela está nos seus calcanhares, falando com uma voz artificialmente amistosa. - Estou tão feliz por ter topado com você. Bem, na verdade com vocês dois. Temos tanto que conversar.

Você acelera o passo, não se vira. Não responde. - Ora, vamos, vocês dois. Não querem bater um papinho? Ele aperta sua mão. Você continua andando.

- Tudo bem, então. Talvez não queiram falar. Eu entendo. Mas eu quero. Na verdade, preciso falar. Há muita coisa que não foi dita, Katherine, muita coisa que você não sabe sobre aquela noite. - Ela solta uma risada maldosa. - E sei que você sabe de que noite estou falando. Aquela noite.

Você para.

Ela ri atrás de você.

- Ah, isso chamou sua atenção, não foi? Você não pode fugir para sempre, não é, Katie? Tem de enfrentar a verdade em algum momento.

Você se vira para encará-Ia.

- Do que está falando? A que está se referindo?

Ela põe as mãos nos quadris, examina você de cima a baixo. - Como é ter a vida perfeita, Katherine? A família perfeita? Deve ser

bom ser tão mimada, tão cega ao sofrimento dos outros, não é? - A família perfeita? Ignorante do sofrimento? – repete você, incrédula.

- Está brincando, Alice? Minha irmã foi assassinada. Minha família está longe de ser feliz, longe de ser perfeita.

- Mas seus pais a amam, não amam? - pergunta ela com desdém. - Sei que amam. Estive com eles. Você é a princesinha deles. Adoram o próprio ar que você respira. É por isso que você é tão presunçosa. É por isso que não se importa.

- Não me importo com o quê? Você está louca, Alice. Está falando por códigos.

- Não se importa com gente como nós.

- Gente como nós? - Olho em torno dela. - Nós quem, Alice? Do que está falando?

- De mim e de meu irmão. É disso que estou falando. De mim e de meu irmãozinho.

Você balança a cabeça, confusa.

- Mas que diabo tem ...

- Tudo é fácil para gente como você, Katherine. Seus pais amam você. O mundo ama você. Você nunca precisou provar nada para ninguém. E, se sua irmã é assassinada, então é claro que todo o mundo fica do seu lado, todo o mundo acredita que você é inocente, que não foi culpa sua.

- Mas não foi culpa minha. - E, apesar do pânico que está tomando conta de você, do sentimento de raiva que a faz querer gritar e partir para cima dela, sua voz soa calma, quase normal. - Como se atreve a dizer isso? Além disso, você está errada, Alice. As pessoas foram horríveis quando Rachel foi morta. Foi horrível. Eu lhe contei isso.

- Horrível? Que palavrinha patética. Acho que não pode ter sido tão horrível quanto diz. Você não foi jogada na cadeia, foi? Não foi acusada de assassinato, foi?

Mick dá um puxão em seu braço e manda que pare com aquilo, que vá embora, mas agora você está irritada demais, envolvida demais para sair dali. Você afasta a mão dele e fica onde está.

- Claro que não fui! - E, apesar de todas as dúvidas que ainda a assaltam, de todos os erros que cometeu na noite do assassinato de Rachel, você de repente se enche de uma fúria abrasadora contra Alice, contra a imprensa, contra os próprios assassinos, e a raiva é óbvia em sua voz. - Eu não fiz nada!

- Ah, você fez, fez sim, não fez? - E agora ela está sorrindo, a voz falsamente íntima. - Acho que à primeira vista você podia parecer inocente. Para alguém que não estivesse por dentro das coisas. Mas você e eu estamos, não é?

- Não, Alice. Não. Não estamos. - E embora no fundo compreenda que essa conversa não leva a nada, você se sente compelida a se defender, a lutar. - Você está errada. O que está dizendo é repulsivo. É injusto. Falso. Eu fiquei apavorada. Vi luz e corri para pedir ajuda. Não tinha escolha.

- Ah, mas você tinha escolha, Katherine, tinha sim. Você pôde escolher muitas vezes naquela noite. E escolheu errado. Absolutamente. Todas as vezes.

- Não. - Você balança a cabeça, tenta não chorar. - Não! Você está errada!

Ela se debruça mais sobre você. Fala calmamente. - Você não tinha de fugir, Katherine.

- Tinha - responde você. - Eu não tinha escolha.

- Não. - Ela se endireita, cruza os braços sobre o peito, fala com autoridade. - Você deixou os rapazes sem escolha ao sair correndo. Obrigou os rapazes a fazer uma coisa que não queriam.

- Por que está dizendo isso? - E agora você está gritando. Você agarra o braço dela, aperta-o. - Por quê? Por que diz que eu podia escolher? Eles nos levaram contra nossa vontade. Eles foram os únicos que tiveram alguma escolha. Não eu! Não minha irmã! Fomos vítimas. Por que quer defender aqueles animais?

- Animais? - Ela sacode a cabeça. - Está vendo como você fala deles, Katherine? Nada gentil, não é? Você nem os conhece!

- Eles são animais. - Você quase cospe essas palavras. - Eles mataram minha irmã. Espero que apodreçam no inferno.

- Meu irmão não é um animal. - E o rosto dela se contorce numa expressão de tal amargura, que, por um instante, ela fica feia. - Ele não é um animal.

- Seu irmão? - Você sacode a cabeça. - Do que você está falando? A fisionomia dela muda novamente, e de repente ela está chorando, a

voz aguda e trêmula.

- Ninguém gostava dele. Ninguém. Nem nossa mãe de verdade. Nem as cachorras que nos separaram. Ninguém. Você não acha que isso o deixava magoado? Você não acha que ficaria maluca se sua mãe não quisesse saber de você? Não acha que ele podia ser desculpado de fazer uma cagada, de se atrapalhar?

- Alice. - Você continua segurando o braço dela. Quer que ela olhe para você, que se acalme, que pare de dizer esses disparates. O comportamento dela é amedrontador, irracional, insano. Você se

pergunta se deveria levá-la a um médico. - Não sei do que você está falando. Não está dizendo coisa com coisa.

Ela se desvencilha e olha para você. Está possessa. - Você transformou meu irmão num assassino - diz. - Você pôs meu irmão na cadeia.

- Ah, pelo amor de Deus!

- Você pôs meu irmão na cadeia - repete ela, enunciando cada palavra lenta e precisamente. Depois sorri ... um sorriso frio e malévolo, que gela seu coração. - Como posso falar mais claramente? Sean. Meu irmão mais novo. Você pôs Sean na cadeia por assassinato.

E de repente você entende. Entende tudo. A amizade dela com você. A crueldade dela. Era isso o tempo todo. O irmão dela. A sua irmã. Isso.

Sean Enright. O rapaz no banco de trás do carro. O rapaz obeso e bonito de rosto. Ele estava tão nervoso; parecia tão apavorado ...

Mesmo assim. Ele feriu sua irmã. Deliberadamente e sem misericórdia. Fez a escolha dele.

Você se recorda de pensar, no julgamento, como ele parecia incapaz de cometer um assassinato. Mas foi. Qualquer um dos quatro que tenha acabado com a vida de Rachel foi culpado, do mesmo modo. O juiz declarou. Até o último momento Sean ficou olhando, enquanto Grant Frazer estuprava e matava sua irmã. Deliberadamente e sem piedade. Ele poderia ter tentado impedi-lo, mas não tentou. Ele fez a escolha dele.

Você fica ali parada, quieta e muda como um poste, olhando para ela. Sente os impulsos conflitantes de agredi-la e de lhe pedir desculpas ao mesmo tempo. Ela olha de volta para você, sorrindo triunfantemente, regozijando-se, e você está prestes a estender o braço, dar-lhe uma bofetada, mas Mick está tentando puxar você, obrigando-a a andar.

- Katherine. Vamos. Vamos embora. - Ele abraça você pelos ombros e a força a se virar, a continuar, a rumar para casa. Começou a chover e a água molha o seu rosto, seu cabelo. Você vai chegar em casa encharcada.

Ela continua atrás de vocês.

- Boa ideia, Mick. Está chovendo muito, não é? O melhor é irmos todos para a casa de vocês. Conversar melhor sobre isso.

Ele para. Você pode ver a raiva dele no modo como segura o seu ombro, ouvi-la no tom de voz dele.

- Vá embora, Alice! Desapareça de nossa frente! Deixe-nos em paz, ou vou chamar a polícia. Estou falando sério. Suma. Agora!

- A polícia? Mas que bem eles poderiam fazer? Nunca fizeram nenhum bem para o meu irmão. - Ela vira a cabeça para o lado e faz beicinho. - Ah, mas eles gostam de gente como vocês, não é? Tipinhos privilegiados de classe média como vocês. Sempre ficam do seu lado, não é?

E continua a vociferar contra a polícia enquanto você dá meia-volta e continua andando, até que de repente a voz dela muda de tom.

- Ora, não vamos brigar. Ei! Já sei! Por que não tiramos a roupa e vamos nadar todos nus? Assim a gente passa a se conhecer um pouco mais intimamente.

E no instante seguinte ela está correndo na sua frente pelo declive coberto de capim em direção à praia. Abaixa-se, arranca fora os sapatos e os joga na areia. Deixa o casaco cair e tira o vestido pela cabeça num movimento rápido.

- Venha, Katherine! - grita, o cabelo jogado desordenadamente no rosto pelo vento. - Não seja uma banana a vida inteira! Esta é a sua chance de mostrar um pouco de coragem. Venha!

Corre direto para a água, transpõe a arrebenção até ficar com água na altura das coxas e em seguida mergulha, desaparece.

Mick olha para você. Tem uma expressão apavorada. - Droga - diz ele. E num segundo sai correndo declive abaixo rumo à praia. Você vai atrás.

Vocês param juntos na praia e gritam o nome dela: - Alice! Alice!

- Alice! Onde você está? Alice!

Vocês dois correm pela beira da água, de sapato e tudo, ambos gritando o mais alto que podem, mãos em concha em volta da boca.

- Essa doida vai se afogar. Alice! - grita ele.

E de repente você ouve.

- Socorro! - O som é muito débil, vem de muito longe. Está ventando tanto perto da água, faz tanto frio, é tão úmido, as ondas arrebatam tão incessantemente. Mas você ouve de novo. - Socorro!

- Ali. Alice! Alice! Acho que estou conseguindo vê-la. Você sabe o que tem de fazer. Sabe, por experiência, o que é certo. Dessa

vez não será uma covarde. Não vai fugir, não vai cometer o mesmo erro de novo. Dessa vez vai mostrar alguma coragem. Você tira os sapatos, joga-os de lado e começa a avançar mar adentro, em direção à voz.

- Katherine! - Ele a puxa para trás, grita com você. - Que porra você está fazendo?

- Ela vai se afogar - responde você. - Ela vai se afogar. Ele arrasta você para fora da água, dá-lhe um empurrão, de modo que você cai sentada na areia.

- Espere aí! - grita ele. - Espere! - E em seguida tira a camiseta pela cabeça, os sapatos, as meias e corre para a água aos tropeções.

- Não - diz você. - Não. Espere. - Mas é tarde demais, ele está correndo, e, antes mesmo que você tenha a chance de lhe dizer para tirar os jeans, desapareceu.

Você se levanta e vai atrás dele, mas está tão escuro, o mar está tão agitado, que você o perde de vista de imediato. Você segue direto para a água, andando lentamente, gritando o nome dele vezes sem conta, porque não sabe onde ele está, como encontrá-lo. Você anda até que a água começa a arrastar suas coxas, a corrente é tão forte, que você pode senti-Ia puxar, arrancando seus pés do chão. Você se deixa arrastar para o fundo, sente-se render às águas negras e profundas. A água está em seu rosto, seu nariz, sua boca - e dentro de sua cabeça você grita o nome dele sem parar, mas não adianta nada, você não pode encontrá-lo, ele não pode ser encontrado.

Depois você sente alguém puxá-Ia, machucá-Ia, puxar-lhe o cabelo. Há luzes e vozes. Gritos.

Há ar.

Você passa a noite no hospital. Seu peito está apertado, a garganta e os olhos estão ardendo, esfolados.

- Você vai ficar bem - dizem eles. - Logo, logo. Cem por cento. Mas quando você chama por ele, desviam os olhos. - Você foi muito corajosa - respondem.

Você não vai ficar bem. Não vai ficar tudo bem.

Você põe a mão no rosto dele e retira-a imediatamente. A pele do morto não parece mais pele. Não parece humana. É fria

demais, dura, inerte. Ele se foi - essa coisa cinzenta, rígida e imóvel na cama é só um recipiente vazio, uma casca -, e você não sente nenhum desejo de beijar esses lábios roxos nem de tocar essa face gélida. Não há nada para você nesse quarto de hospital desolado, senão um vazio que não tem resposta alguma, não pode dar nenhuma paz, não proporcionará nenhum conforto aos vivos.

Capítulo 38

Mamãe, papai e os pais do Mick retiram as coisas do apartamento. Fico na casa de meus pais, na cama, enterrada debaixo das cobertas. É impossível que eu tenha de ajudar a desfazer a nossa vida em comum, nosso futuro, nossos sonhos, e ninguém espera isso de mim. Eles o fazem com tanta eficiência, que terminam o serviço em menos de um dia. Quando voltam para casa, mamãe sobe a meu quarto e se senta em minha cama.

- Ficamos com a bateria do Mick. E com os discos dele. Os pais dele acharam que você poderia querer guardá-Ios.

Não suporto pensar na bateria silenciosa de Mick, na música que ele não toca, mas agradeço com um aceno de cabeça e me viro para o outro lado, a mão apertada contra a boca.

Mamãe pousa a mão sobre meu cobertor, minha coxa, e, correndo-a suavemente para cima e para baixo por minha perna, diz:

- Contamos para eles sobre o bebê, é claro.

- Ah - respondo, tentando ser polida, mostrar algum interesse, mas só quero que ela vá embora e me deixe em paz. Deixe-me gemer a sós. Parece estranho que apenas poucos dias atrás eu desse tanta importância ao que todos iriam pensar sobre o bebê. Agora isso parece completamente irrelevante; e o próprio bebê, uma impossibilidade.

- A princípio, obviamente, eles ficaram muito chocados. É natural. Mas acho que acabaram gostando. É o filho de Mick, é claro, e isso é alguma coisa. Algum consolo - diz ela. E concordo com a cabeça, esperando que ela vá embora, mas ela não se move, e percebo pela pressão de sua mão, pelo modo como suspira, que há algo mais que quer dizer. Viro-me para olhar para ela, tento um sorriso.

- Eles me pediram para lhe dizer quanto reconhecem o que você fez - diz ela. - Tentar ajudá-Io, arriscar sua vida.

Viro-me para o outro lado.

- Você fez tudo o que podia.

Mas não foi o bastante, penso, nem de longe foi o bastante. Encontro-os pela primeira vez no enterro de Mick. O pai se parece com Philippa, a mãe é assombrosamente parecida com Mick. Ela me puxa para junto de si e me abraça apertado. Eu me agarro a ela, sinto seu cheiro e finalmente sou obrigada a soltá-Ia.

Passo os seis meses seguintes vivendo como um robô. Faço tudo o que deve ser feito - como bem e me exercito bastante caminhando nas vizinhanças -, mas me sinto desconectada do que está acontecendo, sem interesse pelo bebê. Os pais de Mick vão me visitar algumas vezes, Philippa também, e é só quando estou com eles, quando sinto alguma conexão com Mick, que tenho a sensação de algo parecido com estar viva. O restante do tempo me sinto uma espécie de zumbi. Uma morta-viva.

Entro em trabalho de parto um dia antes da data prevista, e o começo da dor me deixa feliz - é só física, muito mais fácil de suportar que a dor emocional-, e sinto uma sensação perversa de satisfação à medida que ela piora.

Mas a dor dura dois dias e duas noites e finalmente torna-se tão imensa e esmagadora, que imploro aos deuses para que parem, e berro e grito com as parteiras, suplicando que me ajudem, mas elas só sacodem a cabeça e sorriem, pedindo para eu me agachar, e finalmente estou empurrando, empurrando o Universo por entre minhas pernas, e depois ela está ali. Sarah. A filha de Mick. Minha bebezinha.

E não sei se é o glorioso cessar da dor ou algum tipo de descarga hormonal, mas sou invadida por um sentimento profundo e avassalador de amor e gratidão. Por meu bebê, por mamãe e Philippa, que me ajudaram a trazê-La ao mundo, pelas parteiras, pelo mundo inteiro. Sinto - como nunca mais senti desde que Mick

morreu. E levanto minha filha nos braços, ainda viscosa e molhada, seguro-a contra o peito e sussurro uma prece serena para Mick, uma promessa solene de protegê-La e amá-Ia para sempre. De mantê-Ia segura.

Capítulo 39

Robbie sorri. A princípio seu sorriso é hesitante, quase temeroso, mas quando sorrio de volta e inclino a cabeça, ele abre um sorriso exultante, sacode a cabeça, ri. E no momento seguinte está diante de mim, com a mão na minha.

- Meu Deus, Katherine! É você. Não posso acreditar. É realmente você. De perto, posso ver que ele parece mais velho - claro que parece, cinco

anos se passaram - e isso lhe cai bem. Seu rosto ficou mais masculino, mais quadrado, mais vigoroso, de certo modo.

- Mamãe, mamãe, quem é esse homem? - Sarah está puxando minha perna e olhando para Robbie, curiosa. Ele se agacha, de modo a ficar com a cabeça na altura da dela.

- Olá. Eu sou Robbie. Sou um velho amigo de sua mãe. Sarah inclina a cabeça de lado, olha para o Robbie com simpatia. - Mas você não parece velho. Não parece com a vovó e o vovô. Robbie ri e Sarah, incapaz de resistir ao fascínio do monte, passa a mão

no seu trenó e começa a arrastá-la para cima.

Robbie e eu ficamos parados lado a lado, observando-a. - Ela é bonita - diz ele. - Linda.

- Ela se parece com o pai.

- E com você.

Há mil e uma coisas que eu gostaria de lhe dizer - uma conversa que poderia se prolongar por horas -, mas aqui, agora, não consigo pensar em nada, nem uma palavra sequer. E ficamos ali, nós dois em silêncio, até que ele põe a mão em meu braço.

- Preciso voltar ao trabalho. Não posso mesmo parar assim. - Ele se vira para olhar o grupo de pessoas atrás de nós. - Eles estão

esperando.

- É claro - digo, sem olhar em seus olhos. - É claro. - Foi ótimo vê-la. Causou um certo impacto.

- Completamente inesperado. - Agora que ele já está indo embora e estou segura, consigo olhar para ele diretamente nos olhos. - Mas foi um impacto delicioso. Foi ótimo vê-lo também.

Ele aperta meu braço e se afasta. Estou prestes a sair andando e a subir o monte de novo atrás da Sarah quando ele chama meu nome.

- Sim? - respondo, virando-me.

- Vai estar ocupada mais tarde? À noite? Quer jantar comigo? Concordamos que seria melhor jantarmos em minha cabana, para que a

rotina da Sarah não seja perturbada.

Robbie chega às 18h30 com os ingredientes para uma refeição. Sarah já jantou, tomou banho e está aninhada no sofá, de pijama, assistindo a um DVD.

Robbie se senta ao lado dela e conversa sobre os personagens do filme, enquanto eu abro uma garrafa de vinho. Sentamo-nos à mesinha redonda de jantar, um em frente ao outro.

A princípio estamos constrangidos, excessivamente polidos, e nossa conversa parece forçada. Falamos sobre o tempo, sobre trabalho, sobre coisas com que não nos importamos, mas finalmente Robbie menciona o nome de Alice.

- Você sentiu falta dela? Naquele primeiro ano que passou na Europa? - pergunto-lhe.

- Senti. - Ele assente com a cabeça. - Senti, apesar de tudo o que ela fez. A princípio, antes de ela morrer, eu me sentia tentado a voltar. Não tirava da cabeça a ideia de que tudo o que eu queria era estar com ela, o que quer que ela tivesse feito. Depois não tinha

mais por que voltar. Não vim nem para o enterro. Não consegui enfrentar isso.

- Não. Eu entendo. Eu também não fui. - Baixo os olhos para minhas mãos, fortemente fechadas em meu colo. Agora sinto vergonha de meu rancor, de minha raiva. – Eu estava com tanto ódio dela, que teria sido muita hipocrisia. Fiquei feliz com a morte dela. Não podia ir ao enterro e fingir que estava sofrendo. Eu a odiava.

- Katherine - diz Robbie, e levanto os olhos para ele. Sacudindo a cabeça, ele sorri ternamente e diz: - É claro que você a odiava. É mais que natural. Foi por culpa dela que Mick morreu, todo mundo sabe disso. Você estava grávida e realmente feliz pela primeira vez em anos, e ela destruiu tudo. É claro que você a odiava. Eu a odiei por isso também.

- Você chegou a pelo menos pensar em voltar para o enterro dela? - Não. Na verdade, não. Meu pai me telefonou e contou que ela tinha

morrido afogada. Ele leu isso nos jornais e acabou ligando para sua mãe. Ela contou tudo e ele ... sobre Mick, sobre o irmão de Alice, Sean, e toda a conexão com Rachel, e foi tão chocante, tão repugnante ... eu não conseguia encarar os fatos. Isso me fez questionar tudo, toda a minha relação com Alice, todos aqueles meses em que nós três fomos amigos. Será que tudo foi só uma espécie de jogo doentio? Alguma coisa era verdade naquilo? Fiquei tão furioso com ela! Não poderia ter vindo.

- Eu perguntei isso a mim mesma também. Se havia alguma verdade naquilo ou não. Toda aquela amizade ... será que ela me odiava secretamente o tempo todo? Será que estava só esperando até conseguir se vingar? - Dou de ombros, sorrio com amargura. - Não há dúvida de que escolhi a escola errada, não foi? De todas as escolas de Sydney, eu tinha de ir para a Drummond, onde Alice estudava.

- Mas como ela ficou conhecendo você? Como soube quem você era? - Deve ter me reconhecido. De alguma fotografia, imagino. Os

pais de

Alice encontraram todas aquelas coisas no apartamento dela depois que ela morreu. Um arquivo inteiro sobre o caso judicial. Recortes de jornal, transcrições de sessões do tribunal, tudo. Havia fotos minha e de Rachel nos jornais. Provavelmente ela me viu entrando no colégio e pensou que todos os seus sonhos tinham se concretizado. Ela sabia o tempo todo quem eu era e o que tinha acontecido.

- Jesus! É tão horripilante! Tão mau ...

- É...

- Sinto muito - diz ele, inclinando-se para a frente de repente e me olhando fixamente. - Sinto muito agora não ter voltado. Eu deveria ter voltado e ajudado você, deveria ter sido um amigo melhor. Deveria ter voltado por sua causa.

- Não. - Balanço a cabeça. - Você não poderia ter feito nada. Não poderia ter ajudado. Isso não teria feito a menor diferença.

Robbie baixa os olhos. Está silencioso, e tenho medo de ter ferido os sentimentos dele.

- Robbie? - pergunto. -Tudo bem com você?

- Tudo bem. Estou só pensando em todo o tempo que desperdicei por causa dela. Todo o tempo que desperdicei sentindo falta de Alice, querendo Alice, quando nada daquilo, absolutamente nada, era verdadeiro. Eu estaria em melhor situação se amasse uma pedra.

Ri-o.

- Pelo menos você não teria esperado nada de uma pedra. Ela não poderia decepcionar você.

- É verdade. - E embora ele esteja sorrindo, seus olhos estão cheios de lágrimas. - E meu pai, você sabe. Fiquei um ano sem falar com ele por causa dela. Foi uma coisa idiota, um completo desperdício; o relacionamento com Alice nem tinha sido culpa dele,

ele foi vítima de uma armação, como nós. E eu continuei com raiva dele, mesmo depois de saber que Alice tinha morrido. Agora, nem sei mais por quê. E isso ainda me deixa furioso, sabe, esse ano em que não fomos amigos. Por causa dela.

- Mas é engraçado - digo, e olho para Sarah, que agora dorme no sofá, com o polegar na boca. - Lamento tanto aquele tempo e penso, quase todos os dias, em como seria bom se as coisas tivessem acontecido de outra maneira. Mas não posso realmente lamentar o fato de ter conhecido Alice, não é? Se não tivesse conhecido Alice, nunca teria conhecido Mick. Não teria tido Sarah. Como posso lamentar isso? Não posso desejar que minha própria filha não existisse.

- É. Sei lá. É óbvio que você tem de lamentar que Mick tenha morrido. Ele era inocente. Não tinha nada com aquilo. Mas não pode lamentar o nascimento de Sarah. É estranho, não é? Tudo o que se relacionava com ela era estranho – diz ele, com a voz amarga. - Ficava tudo atrapalhado.

- Você ainda está com raiva? Ainda odeia Alice?

- Um pouco - diz ele. Abre um sorriso triste. – Mas só quando penso nela. O que não acontece mais com tanta frequência. E você? Ainda sente raiva?

E quando penso nisso, olho para dentro de mim, examino meus pontos sensíveis e procuro o núcleo duro e profundo de cólera que ardeu por tanto tempo, percebo que ele desapareceu.

- Não mais. Acho que sinto só uma piedade enorme dela. Robbie levanta as sobrancelhas.

- Verdade?

- Sei que isso pode soar muito falso. Muito „nova era'. Mas ela não sabia gostar de ninguém senão de si mesma. Não aprendeu a amar. A própria mãe não a amava. Você imagina como deve ser isso? - Olho para Sarah, a quem amo mais que a própria vida. - Ela era vazia por dentro. Sem coração. Viver assim devia ser um horror.

Robbie faz que sim com a cabeça, mas não parece convencido.
- Eu posso ver isso em Sarah - continuo. - Ela me observa, me copia. Se sou bondosa, ela é bondosa. Se sou carinhosa, ela também é. Imagine não ter nenhuma influência como essa. Imagine não ter quem o ensine a amar os outros. Isso deve fazer um mal horrível para a pessoa.

- Talvez - Robbie dá de ombros. - Talvez isso explique algumas coisas. Mas não a absolve completamente. Não a meus olhos. Outras pessoas crescem em circunstâncias ainda piores e se tornam seres humanos decentes.

Ficamos algum tempo em silêncio, cada um mergulhado nos próprios pensamentos.

- Seja como for, senti falta de você - digo por fim. - Não tinha percebido o quanto até esta noite. Mas realmente senti sua falta. Muito.

- E eu, a sua - diz ele. - A única diferença é que eu sabia quanta falta você me fazia. Desde o dia em que fui embora.

- Mas não tentou manter contato comigo, não é? - Não. - Ele dá de ombros. - Antes da morte de Alice, não entrei em

contato com você de propósito. Eu achava que com isso ficaria difícil demais continuar longe. Falar com você. Sentir saudade de você. Sentir saudade de Alice. Mais tarde, depois que ela morreu, fiquei muito chocado. Fiquei deprimido, eu acho. E depois de algum tempo eu simplesmente não sabia mais se você queria ter notícias minhas. Mas tinha vontade de dizer uma montanha de coisas para você. Escrevi uma centena de longos e-mails, que acabei deletando.

- Como seria bom se tivesse me mandado esses e-mails! - Eu também acho.

E sorrimos, seguramos as mãos um do outro, tomamos nosso vinho. Robbie faz o jantar e conversamos por tanto tempo, até tão tarde da noite, que o convido para passar a noite comigo e com Sarah na cabana. Ele dorme a meu lado na cama grande, e isso não

envolve sexo. Robbie usa uma camiseta e a calça de um dos meus pijamas. Eu visto uma recatada camisola de inverno. Mas ficamos de mãos dadas até adormecer, e é agradável ter um corpo tépido de adulto na cama junto de mim, é bom me sentir um pouco cuidada. E quando Sarah chega no meio da noite, ri deliciada ao encontrá-lo ali e insiste em se aninhar entre nós.

Observo Robbie - os olhos semicerrados - ajeitar o travesseiro de Sarah, puxar os cobertores sobre ela, sorrir ternamente.

Robbie prepara o café da manhã - ovos mexidos e torrada - e nós três comemos juntos à mesa amigavelmente.

- Você vai ser meu novo papai? - pergunta Sarah inesperadamente, a boca cheia de ovo.

- Sarah! - Tento rir, como se aquilo fosse uma bobagem qualquer. - Não seja boba.

Mas Robbie não se faz de espantado nem a contradiz. Simplesmente sorri. E fico feliz por ele não olhar para mim, porque sinto meu rosto pegar fogo.

Quando chega a hora de ele ir embora, acompanho-o até o carro. Sarah se agarra à perna dele, implora que fique.

- Não posso - responde ele, rindo. - Tenho de ensinar pessoas a esquiar. Elas precisam de mim para ficar seguras na montanha.

- Quando você volta? - pergunta ela. - Eu deixo você ir, se me disser quando volta.

Ele olha para mim - e em seu olhar há uma pergunta, uma escolha -, mas eu já fiz minha escolha, eu a fiz no dia em que Mick morreu: não vou deixar o mundo me machucar de novo.

Viro-me, abaixo-me para levantar Sarah e enterro o rosto no cabelo dela, evitando o olhar dele.

- Robbie é muito ocupado, querida. Ele não tem tempo para voltar.

- Tia Pip, tia Pip! - Sarah abre a porta e, deixando-a bater atrás de si, sai correndo pela entrada da garagem ao encontro de Philippa, que abre um sorriso radiante e a suspende, envolvendo-a num enorme abraço.

- Meu docinho! - diz ela. - Que saudade de você! Philippa vai levar Sarah para passar o dia no Jardim Zoológico

enquanto eu preencho requerimentos de ingresso na universidade. Sarah vai entrar na escola ano que vem, e, finalmente, terei tempo para continuar meus estudos.

Philippa caminha até a porta e nos abraçamos. Entramos, e ela apanha as coisas de Sarah - a garrafa de água, a boneca favorita.

- Vou trazê-la de volta lá pelas 15 horas. Talvez a gente almoce no McDonald's, alguma coisa assim. Um agrado - diz.

- McDonald's? - Sarah quica de entusiasmo. - Verdade? A gente pode ir, mamãe? A gente pode?

- Que boa idéia! - respondo. - Que sortuda, você! Levamos Sarah até o carro de Philippa e a afivelamos na cadeirinha de

criança que está lá só para ela. Depois de me despedir de Sarah e fechar a porta, Philippa estende o braço, um pedaço de papel na mão.

- Foi Robbie quem mandou - diz. - É o telefone dele. Quer que você ligue para ele.

- Ah. - Em vez de pegar o papel, enfio as mãos nos bolsos do casaco. - Você esteve com ele?

- Ele me ligou. Quer ver você. Quer muito ver você, Katherine. - Não. - Balanço a cabeça. - Não. Não quero. Não posso. - Por que não?

- É que ... É que eu não quero.

- Não quer? Ou está com medo?

- Não sei. - Dou de ombros. - Com medo, eu acho. - Por quê? - Philippa levanta as sobrancelhas. – Porque ele poderia morrer?

- Não. Claro que não. Não. - Balanço a cabeça e esfrego os olhos. Eu só queria que ela se apressasse e fosse embora. Que me deixasse sozinha. - Talvez. Pode ser. É. Não sei.

E então ela se aproxima, pega minha mão e fala calma e suavemente. - Alguma vez você já pensou no tipo de exemplo que está dando a

Sarah?

- O que você quer dizer?

- Nunca correndo nenhum risco. Sendo tão cautelosa e medrosa o tempo todo.

- Medrosa? Você acha? - Viro-me para olhar para Sarah no carro. Ela está distraída conversando com a boneca, arrumando o cabelinho dela. - É assim que ela me vê?

- Ainda não, mas será, quando ficar mais velha. – Philippa aperta minha mão, sorri com bondade. - Se você não tentar ser feliz. Se não tentar viver sua vida com alguma coragem.

E é essa palavra que me move. Coragem. Tiro o pedaço de papel da mão dela e o enfio no fundo do bolso. Curvo-me e jogo um beijo de despedida para Sarah pelo vidro do carro.

Coragem.

- Alô? - Ele atende quase imediatamente. Mas sou incapaz de dizer uma única palavra. Sinto-me aterrorizada de repente. Tapo o bocal com a mão e uso toda a minha energia só para continuar respirando.

- Alô? - diz ele de novo, e depois: - Katherine? É você? Katherine? Levo um momento para encontrar minha voz, mas, quando falo, ela está

mais controlada, é mais encorpada do que eu esperava. - Você pode vir até aqui, Robbie? - pergunto. - Hoje? - Posso. Vou estar aí daqui a pouco. Vou o mais depressa que puder. -

Ele não tenta parecer *blasé* nem esconder seu entusiasmo, e eu me lembro de quanto gosto dele, de como é engraçado, doce, bom e generoso. E sei, com absoluta certeza, que fiz a coisa certa.

Agradecimentos

Um sincero agradecimento a Jo Unwin, que não só é um agente literário brilhante e incansável, mas também um editor de talento e uma pessoa inspiradora, afetuosa e fantástica.

A meus editores - Sarah Brenan, na Austrália; Kate Miciak, nos EUA e Julia Heydon-Wells, no Reino Unido -, muito, muito obrigada por me ajudarem a tornar este livro tão melhor.

A Erica Wagner, na Allen and Unwin - muito obrigada por ter sido corajosa o suficiente para ser a primeira editora estrangeira a adquirir os direitos de publicação de *Bela maldade*. Imagino que deva ter sido assustador arriscar-se a publicar um autor desconhecido.

Um milhão de agradecimentos também à minha irmã, Wendy James, por sua generosa e proveitosa leitura de tudo o que já escrevi e por ser a primeira pessoa a me dizer que eu seria capaz de escrever.

E às pessoas que tiveram a bondade de ler os rascunhos de meu livro: mamãe e papai, Prue James, Haidee Hudson, Sam Ackling e Kath Harris: muito obrigada! O estímulo de vocês foi - e é - inestimável.

Um agradecimento especial a Jake Smith-Bosanquet, por todo o árduo trabalho na venda do livro no mundo todo, e mais um muito obrigada à agente Sally Harding, por seu estímulo e confiança. Agradeço também à minha irmãzinha, Emma James, pela leitura, e por ser sempre tão incrivelmente otimista.

Um zilhão de muito obrigadas, é claro, e um milhão de beijos para o sujeito maravilhoso com quem eu vivo, Hilary Hudson. Ele merece uma medalha por suportar toda a minha louca obsessão nestes últimos anos e por me levar xícaras de chá tão perfeitamente preparadas.

E a nossos filhos, Charlie, Oscar,Jack e Jimmy – agradeço pela alegre confusão.

F I M



JÚLIO CESAR

facebook

<https://www.facebook.com/julioCWmaciel>

julioCWmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -